

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
CENTRO DE CIÊNCIAS APLICADAS E EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ANTROPOLOGIA

EDILZA MARIA MEDEIROS DETMERING

“MEU PROJETO DE VIDA HOJE É MORRER AOS 90 ANOS OU MAIS”

Etnografia realizada em um núcleo para a terceira idade na UFPB

João Pessoa – Paraíba
2024

EDILZA MARIA MEDEIROS DETMERING

“MEU PROJETO DE VIDA HOJE É MORRER AOS 90 ANOS OU MAIS”

Etnografia realizada em um núcleo para a terceira idade na UFPB

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia do Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes da Universidade Federal da Paraíba, como requisito para obtenção do título de Doutora em Antropologia.

ORIENTADORA: Prof^a. Dr^a. Márcia Reis Longhi

COORIENTADORA: Prof^a. Dr^a. Mônica Lourdes Franch Gutiérrez

LINHA DE PESQUISA: Corpo, Saúde, Gênero e Geração

João Pessoa – Paraíba
2024

Ata da Defesa da Tese de DOUTORADO da Aluna Edilza Maria Medeiros Detmering

Aos seis dias do mês de agosto do ano de dois mil e vinte e quatro, às nove horas, realizou-se na sala de Reuniões do CCHLA, a sessão pública de defesa da Tese intitulada: “MEU PROJETO DE VIDA HOJE É MORRER AOS 90 ANOS OU MAIS” - Etnografia realizada em um núcleo para a terceira idade na UFPB, apresentada pela aluna Edilza Maria Medeiros Detmering, Mestre em Antropologia Social pela Universidade Federal da Paraíba, que concluiu os créditos exigidos para obtenção do título de DOUTORA EM ANTROPOLOGIA, área de Concentração em Antropologia Social, segundo encaminhamento do Prof. Dr. Marco Aurélio Paz Tella, Coordenador do Programa de Pós-Graduação em Antropologia da UFPB e segundo os registros constantes nos arquivos da Secretaria da Coordenação da Pós-Graduação. A Profa. Dra. Marcia Reis Longhi (PPGA/UFPB), na qualidade de orientadora, presidiu a Banca Examinadora da qual fizeram parte os professores doutores: Monica Lourdes Franch Gutierrez (PPGA/UFPB), coorientadora, Marco Aurélio Paz Tella (PPGA/UFPB), examinador interno, Maria Patrícia Lopes Goldfarb (PPGA/UFPB), examinadora interna, Tereza Correia da Nobrega Queiroz (PPGS/UFPB), examinadora externa e Russell Parry Scott (PPGA/UFPE), examinador externo. Dando início aos trabalhos, A Senhora Presidente, Profa. Dra. Marcia Reis Longhi convidou os membros da Banca Examinadora para comporem a mesa. Em seguida foi concedida a palavra à doutoranda para apresentar uma síntese de sua Tese, após o que foi arguida pelos membros da Banca Examinadora. Encerrando os trabalhos de arguição, os examinadores deram o parecer final sobre a Tese, à qual foi atribuído o seguinte conceito: APROVADA. Proclamados os resultados pela Profa. Dra. Marcia Reis Longhi, Presidente da Banca Examinadora, foram encerrados os trabalhos, e para constar eu, Dra. Marcia Reis Longhi, (Secretário(a) ad hoc), lavrei a presente ata que assino juntamente com os demais membros da Banca Examinadora.

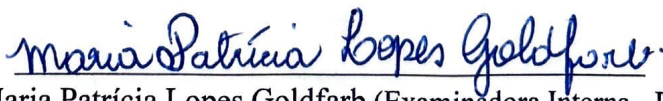
João Pessoa, 06 de agosto de 2024.

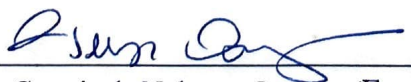

Edilza Maria Medeiros Detmering (Doutoranda)


Profa. Dra. Marcia Reis Longhi (Orientador - PPGA/UFPB)


Profa. Dra. Monica Lourdes Franch Gutierrez (Coorientadora - PPGA/UFPB)


Prof. Dr. Marco Aurélio Paz Tella (Examinador Interno - PPGA/UFPB)


Profa. Dra. Maria Patrícia Lopes Goldfarb (Examinadora Interna - PPGA/UFPB)


Profa. Dra. Tereza Correia da Nobrega Queiroz (Examinadora Externa – PPGS/UFPB)



Documento assinado digitalmente

RUSSELL PARRY SCOTT

Data: 08/10/2024 08:59:16-0300

Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Dr. Russell Parry Scott (Examinador Externo - PPGA/UFPE)

Catálogo na publicação
Seção de Catalogação e Classificação

D481m Detmering, Edilza Maria Medeiros.

Meu projeto de vida hoje é morrer aos 90 anos ou mais : etnografia realizada em um núcleo para a terceira idade na UFPB / Edilza Maria Medeiros Detmering. - João Pessoa, 2024.
275 f. : il.

Orientação: Márcia Reis Longhi.

Coorientação: Mônica Lourdes Franch Gutiérrez.

Tese (Doutorado) - UFPB/CCHLA.

1. Velhice. 2. Envelhecimento humano. 3. Projeto de vida. I. Longhi, Márcia Reis. II. Gutiérrez, Mônica Lourdes Franch. III. Título.

UFPB/BC

CDU 364.6-053.9(043)

Dedico esta tese às pessoas que mais amo na vida,
minha filha Priscilla e meu filho Jeison.

“Nunca serei velho.
Para mim, a velhice começa 15 anos depois
da idade em que eu estiver”
(Bernard Baruch)

AGRADECIMENTOS

Ao Deus Todo-Poderoso que a tudo e a todos rege, por permitir a conclusão de mais uma etapa na minha existência.

Aos meus pais, José Luna de Medeiros e Luíza Erina Borges de Medeiros (*in memorian*), pelo amor, pelo exemplo, pela vida e pela dedicação, sem os quais, eu não conseguiria chegar aonde cheguei.

Aos meus filhos, por seu amor e carinho, e por entenderem minhas ausências nos últimos cinco anos da nossa caminhada.

Aos colegas e às colegas do curso com quem compartilhei momentos dessa jornada acadêmica. Em especial, ao meu amigo Artur Costa, grande parceiro, por compartilhar angústias, alegrias e conhecimentos.

Aos meus inimigos, a quem sempre agradeço, por me ajudarem a perceber meus defeitos, e por me desafiarem todos os dias a ser uma pessoa melhor e mais resiliente.

Aos profissionais do NIETI, sobremaneira à Prof^a Dr^a Fátia Rego e ao psicólogo Júlio Américo, grandes parceiros na jornada acadêmica e profissional. Aos bolsistas Bernardo Soares e Márcia França pela parceria na condução das aulas de francês, a fim de que eu pudesse me dedicar à tese.

À Coordenação e ao corpo docente do Programa de Pós-Graduação em Antropologia da UFPB, pelos seus ensinamentos e pelo exemplo, vitais para a conclusão do Doutorado. Também, à secretária e ao secretário do programa, por todo o serviço prestado, com responsabilidade e simpatia.

À minha orientadora, Márcia Longhi, por me suportar sempre, exercendo o cuidado nos momentos mais difíceis da jornada, e por ser um exemplo de pessoa e de profissional. À minha coorientadora, Mônica Franch, pelo apoio e incentivo ao longo desses anos do curso.

À minha banca de defesa de Doutorado, Prof Dr Marco Aurélio Paz, Prof^a Dr^a Patrícia Goldfarb, Prof Dr Russell Parry Scott e Prof^a Dr^a Tereza Queiroz pela honra que me deram em fazer parte da minha caminhada acadêmica.

Em especial, aos anfitriões, interlocutores desta pesquisa, por toda a colaboração, dedicação, amizade, paciência e incentivo no desenvolvimento da pesquisa. Vocês moram no meu coração.

“MEU PROJETO DE VIDA HOJE É MORRER AOS 90 ANOS OU MAIS”

Etnografia realizada em um núcleo para a terceira idade na UFPB

RESUMO: O objetivo principal e fundador deste estudo é investigar e compreender o processo de envelhecimento de pessoas 60+ que frequentam os cursos do Núcleo Integrado de Estudos e Pesquisa da Terceira Idade da UFPB, o NIETI, a partir de seus cotidianos e projetos de vida. Interessa ainda investigar e identificar a ‘visão de idoso’ ou a ‘perspectiva de velhice’ que está presente nas propostas da instituição, e a visão que aquelas pessoas têm do espaço onde estudam. A partir do ano de 2020, foi ampliado o objetivo deste estudo, pois surgiu o interesse em conhecer as estratégias desenvolvidas no enfrentamento aos desafios impostos pelo isolamento social (principal estratégia de prevenção contra a Covid-19 à época), e em investigar os impactos da pandemia nos seus cotidianos e na construção de seus projetos de vida. As categorias de maior interesse deste estudo são: ‘projetos de vida’, ‘terceira idade’, ‘velhice(s)’, ‘geração’, ‘juventude’. O campo de pesquisa se desenvolveu entre os anos 2019 e 2023, e fez usos de ferramentas presenciais e virtuais. Como aporte metodológico, foram utilizadas: a participação observante, a observação participante, as conversas informais, as entrevistas, os recursos tecnológicos (*WhatsApp, Telegram, Google Meet*), o teatro e a produção do grupo estudado (panfletos informativos e o *blog* da turma de francês). Em termos de malha teórica, um amplo espectro foi utilizado, abarcando a literatura antropológica, cênica e pedagógica. Dentre as colaborações mais determinantes, encontram-se Debert (1994, 1999), Camarano (2002, 2016), Goldenberg (2013, 2016, 2020), Lins de Barros (1997, 2006, 2018), Britto da Motta (2010), Longhi (2018, 2019) e Gilberto Velho (1994), no que tange às reflexões antropológicas; Boal (1980, 2002) e Grotowski (1971) no que concerne ao fazer teatral; Chianca (2010) e Cardim & Santos (2014) no âmbito pedagógico. Após as devidas análises, verificou-se que as pessoas que formam o grupo pesquisado aproximam-se do termo *ageless* (sem idade). Elas sonham, planejam e projetam suas vidas para a frente, em direção ao futuro.

Palavras-chave: velhice(s); envelhecimento humano; projeto de vida; pandemia.

“MY LIFE PROJECT TODAY IS TO DIE AT 90 OR OLDER”

Ethnography carried out in a senior center in the Federal University of Paraíba

ABSTRACT: This study aims at investigating and understanding the aging process of people who attend courses from the *Núcleo Integrado de Estudos e Pesquisa da Terceira Idade* (NIETI – Integrated Center for Studies and Research on the Third Age) in the Federal University of Paraíba, within the scope of their daily lives and life projects. It is also interesting to investigate and identify the ‘views about the elderly’ or the ‘perspectives regarding aging’ in the institution’s mission, and the perspective that these people have of the space in which they study. From 2020 onwards, the objective of this study underwent an expansion, as there was a newfound interest in unveiling the strategies to which the subjects have developed in order to face the challenges imposed by social isolation (the main preventive strategy against Covid-19 at the time), as well as investigating the impacts of the pandemic in their daily lives and in the construction of their life projects. The categories of greatest interest in this study are: ‘life projects’, ‘third age’, ‘old age(s)’, ‘generation’, ‘youth’. The field of the research was developed between 2019 and 2023, and it was used in-person and virtual tools. As methodological contribution, the following modalities were implemented: observant participation, participant observation, informal conversations, interviews, technological resources (WhatsApp, Telegram, Google Meet), theatrical presentations and the group’s own production (informational pamphlets and the class blog). In terms of theoretical framework, a broad spectrum was used, encompassing anthropological, scenic and pedagogical literature. Among the most determining collaborations are Debert (1994, 1999), Camarano (2002, 2016), Goldenberg (2013, 2016, 2020), Lins de Barros (1997, 2006, 2018), Britto da Motta (2010), Longhi (2018, 2019) and Gilberto Velho (1994), regarding the anthropological reflections; Boal (1980, 2002) and Grotowski (1971) in terms of theatrical production; Chianca (2010) and Cardim & Santos (2014) in the pedagogical context. After the necessary analyses, it was found that these people have approached the term ageless. They dream, plan and project their lives forward, towards the future.

Keywords: old age(s); human aging; life project; pandemic.

“MON PROJET DE VIE AUJOURD’HUI EST DE MOURIR À 90 ANS OU PLUS”

Ethnographie réalisée dans un centre de jour pour des personnes âgées
à l'Université Fédérale de Paraíba

RÉSUMÉ: Cette étude vise à examiner et comprendre le mouvement de vieillissement des personnes qui suivent des cours au *Núcleo Integrado de Estudos e Pesquisa da Terceira Idade* (NIETI – Centre Intégré d’Études et de Recherches sur le Troisième Âge) de l'Université Fédérale de Paraíba, dans le cadre de leur vie quotidienne et de leurs projets de vie. Il est également intéressant d’étudier et d’identifier les “points de vue sur des personnes âgées” ou les “attentes concernant le vieillissement” dans les missions de ces institutions, ainsi que la vision que ces sujets portent de l’espace dans lequel ils étudient. À partir de 2020, l’objectif de cette étude a subi une expansion, afin de répondre à l’intérêt à connaître les stratégies développées pour faire face aux défis imposés par l’isolement social (la principale stratégie de prévention contre le Covid-19 à l’époque), et à étudier les impacts de la pandémie dans leur quotidien et dans la construction de leurs projets de vie. Les catégories les plus intéressantes dans cette étude sont celles de “projets de vie”, “troisième âge”, “vieillesse(s)”, “génération”, “jeunesse”. Le domaine de recherche a été développé entre 2019 et 2023 et a été utilisé avec des outils en personne et virtuels. Comme apport méthodologique, on a utilisé la participation observatrice, l’observation participante, les conversations informelles, les entretiens, les ressources technologiques (WhatsApp, Telegram, Google Meet), les présentations théâtrales et des productions du groupe (prospectus d’information et blog de classe). En termes de cadre théorique, un large éventail a été mobilisé, englobant la littérature anthropologique, scénique et pédagogique. Parmi les collaborations les plus déterminantes figurent celles de Debert (1994, 1999), Camarano (2002, 2016), Goldenberg (2013, 2016, 2020), Lins de Barros (1997, 2006, 2018), Britto da Motta (2010), Longhi (2018, 2019) et Gilberto Velho (1994), concernant les réflexions anthropologiques ; Boal (1980, 2002) et Grotowski (1971) en termes de production théâtrale ; Chianca (2010) et Cardim & Santos (2014) dans le contexte pédagogique. Après les analyses nécessaires, il s’est avéré que ces personnes se rapprochent le terme sans âge (*ageless*). Elles rêvent, planifient et projettent leurs vies en avant, vers l’avenir.

Mots-clés : vieillesse(s) ; le vieillissement humain ; projet de vie; pandémie.

LISTA DE SIGLAS

AVC	Acidente Vascular Cerebral
CCI	Centro de Convivência do Idoso
CCS	Centro de Ciências da Saúde
COEP	Coordenação de Educação
CONSUNI	Conselho Universitário
COVID 19	<i>Corona Virus Disease 2019</i>
CRAS	Centro de Referência da Assistência Social
CREAS	Centro de Referência Especializado da Assistência Social
DRH	Departamento de Recursos Humanos
DRT	Delegacia Regional do Trabalho
EA	Envelhecimento Ativo
ENEM	Exame Nacional do Ensino Médio
EUA	Estados Unidos da América
FLUEX	Fluxo Contínuo de Extensão
GIEPERS	Grupo Internacional de Estudos e Pesquisas sobre Envelhecimento e Representações Sociais
GIPRSAA	Grupo Internacional de Estudos e Pesquisas sobre Representações em Saúde e Áreas Afins
GIPSEF	Grupo Internacional de Pesquisas em Saúde, Envelhecimento e Funcionamento
HU	Hospital Universitário Lauro Wanderley
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IDH	Índice de Desenvolvimento Humano
IFPB	Instituto Federal da Paraíba
ILPI	Instituição de Longa Permanência para Pessoas Idosas
INAMPS	Instituto Nacional de Assistência Médica da Previdência Social
IPE	Instituto Paraibano de Envelhecimento
LAGEFON	Liga Acadêmica de Gerontologia em Fonoaudiologia
LOAS	Lei Orgânica da Assistência Social
NAI	Núcleo de Atenção ao Idoso
NETI	Núcleo de Estudos da Terceira Idade
NIETI	Núcleo Integrado de Estudos e Pesquisas da Terceira Idade

NUPPO	Núcleo de Pesquisa e Documentação da Cultura Popular
OMS	Organização Mundial de Saúde
ONG	Organização Não-Governamental
ONU	Organização das Nações Unidas
PMPG	Programa de Mestrado Profissional em Gerontologia
PNI	Política Nacional do Idoso
PPGA	Programa de Pós-Graduação em Antropologia
PRAC	Pró-Reitoria de Extensão e Assuntos Comunitários
PROBEX	Programa de Bolsas de Extensão
PROEX	Pró-Reitoria de Extensão
PUC-SP	Pontifícia Universidade Católica de São Paulo
SEAD	Superintendência de Educação à Distância
SENARC	Secretaria Nacional de Renda de Cidadania
SESC	Serviço Social do Comércio
STI	Superintendência de Tecnologia da Informação
TCLE	Termo de Consentimento Livre Esclarecido
TELPA	Telecomunicações da Paraíba S/A
TJRJ	Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro
Uati / UEPG	Universidade Aberta para a Terceira Idade / Universidade Estadual de Ponta Grossa
UCG	Universidade Católica de Goiás
UECE	Universidade Estadual do Ceará
UERJ	Universidade do Estado do Rio de Janeiro
UFAM	Universidade Federal do Amazonas
UFJF	Universidade Federal de Juiz de Fora
UFMT	Universidade Federal de Mato Grosso
UFPB	Universidade Federal da Paraíba
UFSC	Universidade Federal de Santa Catarina
UFT	Universidade Federal do Tocantins
UFSM	Universidade Federal de Santa Maria
UNATI	Universidade Aberta à Terceira Idade
UNIPÊ	Centro Universitário de João Pessoa
UnTI	Universidade da Terceira Idade

UTA	<i>Université du Troisième Âge</i>
UTI	Universidade da Terceira Idade
U3I	Universidade da Terceira Idade

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Convidada para passeio com a turma.....	060
Figura 2 – Passeio ao Forte Santa Catarina-Cabedelo em 2019.....	061
Figura 3 – Aula com a professora em 2021.....	066
Figura 4 – Aula com o bolsista em 2021.....	067
Figura 5 – Boletim informativo da turma	081
Figura 6 – Relação das U3I identificadas no Brasil entre os anos de 1983 e 2016.....	107
Figura 7 – Características dos projetos em atividade no ano de 2014.....	108
Figura 8 – Comemoração do Ano Internacional do Idoso – 1999.....	112
Figura 9 – Turma do francês avançado após conceder entrevista.....	155
Figura 10 – JPB-TV Cabo Branco entrevista alunos em uma das nossas aulas.....	156
Figura 11 – Blog da turma.....	156
Figura 12 – Jovens e idosos em cena – 2019.....	251
Figura 13 – Jovens e idosos em cena – 2023.....	251
Figura 14 – Interação entre jovens e idosos no camarim.....	252
Figura 15 – Foto oficial da peça Le Noël de Gari.....	253

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	016
CAPÍTULO 1 – O PERCURSO METODOLÓGICO, O CAMPO DE PESQUISA E A PESQUISADORA.....	047
1.1 A pesquisadora (se) descobrindo (em) um campo.....	047
1.2 Percurso metodológico.....	058
1.2.1 Aproximações/Desenho metodológico.....	059
1.3 O teatro como técnica de pesquisa.....	072
1.3.1 Técnica versus tecnologia: um debate necessário.....	074
1.4 Restituindo os dados da pesquisa.....	090
CAPÍTULO 2 – APARATOS INSTITUCIONAIS PARA A EDUCAÇÃO CONTINUADA DE PESSOAS IDOSAS.....	100
2.1 As U3Is e os projetos universitários para a terceira idade – no mundo e no Brasil.....	105
2.2 Projetos universitários para a terceira idade – na Paraíba e na UFPB.....	113
2.2.1 IPE	114
2.2.2 LAGEFON.....	117
2.2.3 NIETI.....	119
2.2.4 Perspectiva de velhice nas propostas da UFPB.....	128
2.2.5 O ponto de vista das pessoas atendidas.....	133
2.3 Estudando após os 60 anos de idade.....	142
2.3.1 Mundo virtual. Mundo novo?.....	152
CAPÍTULO 3 – AS “VELHICES” E A VELHICE DE “VELHOS” E “VELHAS” ANFITRIÃS DA PESQUISA.....	162
3.1 Diálogo entre velhice e projetos de vida.....	168
3.2 Pensando autonomia, independência e o processo de envelhecimento.....	181
3.3 “Envelhecer é muito ruim”	192
3.4 “Essa é a melhor idade para viver”	199
CAPÍTULO 4 – PANDEMIA E ENVELHECIMENTO.....	209
4.1 Envelhecendo em tempos de pandemia.....	211
4.2 Velhice e cuidado: pensando o cuidado frente a corpos e espaços precarizados....	225
4.2.1 “Quem cuida de mim é Deus. Maus tratos de vida, eu tenho”: corpos e espaços precarizados.....	227
4.2.2 Cuidados, políticas públicas e religiosidade.....	236
4.3 O fazer teatral antes e depois da pandemia.....	245
4.3.1 Teatro e velhice: possibilidades com a terceira idade em cena.....	249
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	255
REFERÊNCIAS.....	268
ANEXO 1 - Formulário de inscrição do NIETI.....	277

INTRODUÇÃO

*Le temps me surprend,
semble s'accélérer
Les chiffres de mon âge
m'amènent vers ce moi rêvé¹*
(LES PASSANTS, Zaz)

Iniciar a apresentação deste trabalho com um trecho de música francesa se justifica pelo fato de o idioma estar intrinsecamente relacionado à pesquisa que ora será delineada. O estudo tem como pano de fundo o envelhecimento, o avanço no tempo de vida e as surpresas que ele guarda. Como diz a letra da música, *Le temps me surprend*. Com esse pano de fundo, destacam-se no cenário um grupo de pessoas 60+ apaixonadas pela língua francesa, que compartilharam suas vivências e colaboraram com os estudos sobre as idades e o curso da vida humana.

Foi pensada uma etnografia sobre envelhecimento, desenvolvida em uma instituição federal de ensino² do Nordeste do Brasil, passível de dialogar com outros trabalhos que pesquisem o tema e/ou encontrar “paralelos potenciais com outros contextos brasileiros” (HENNING; FERREIRA; SCARTEZINI, 2023, p. 37), colaborando para os estudos sobre envelhecimento. Porém, aconteceu de ir mais além, provocando a pesquisadora a problematizar seu próprio processo de envelhecimento, e a questionar as construções socioculturais atreladas ao avanço dos anos de vida – concordamos que “a velhice é uma construção social ou, melhor dizendo, que as formas como as etapas da vida são divididas variam conforme o tempo e a cultura, estando esse processo relacionado a saberes, instituições e valores de ordem social” (GROISMAN, 2015, p. 15-16). Daí, partimos do princípio de que existem ‘velhices’ e não apenas ‘uma única velhice’ ou uma única maneira de envelhecer, e que além da questão etária,

¹ PROPOSTA DE TRADUÇÃO: “O tempo me surpreende, parece estar acelerando. Os números da minha idade me trazem em direção ao que sonhei” (Transeuntes, ZAZ). Isabelle Geffroy é conhecida pelo nome artístico Zaz, e é uma cantora francesa que mescla música francesa com o *gypsy jazz*. Ficou famosa com a canção “*Je veux*”, tema de seu primeiro álbum, Zaz, que foi lançado em 10 de maio de 2010.

² Por se tratar de uma pesquisa conduzida numa instituição de ensino, e de um trabalho realizado com uma turma de alunos da pesquisadora, em alguns momentos, reflexões sobre educação e didática permearão o texto, podendo dar a impressão de fugir das discussões do campo antropológico. Contudo, justifico tais reflexões pelo interesse em verificar a visão de pessoa idosa que a instituição apresenta e como esta influencia os projetos de vida daquela, o que dialoga diretamente com os objetivos traçados para o estudo.

marcadores sociais da diferença (a exemplo de gênero, classe, raça, escolaridade) estão sempre presentes nessa construção.

Dentre as tantas conquistas humanas ao longo da história, podem ser destacadas: avanço dos anos de vida; melhoria na saúde da população considerada idosa; criação de políticas públicas voltadas para pessoas acima dos 60 anos; quebra de estigmas em relação a esse avanço da idade cronológica. Mirando a história recente da humanidade (mesmo os séculos XVIII e XIX tão próximos de nossa contemporaneidade), observamos que a longevidade sempre foi um privilégio de poucos, mas também e de grande relevância, percebemos que este cenário vem apresentando mudanças significativas.

Nos primeiros estudos censitários realizados no Brasil, ao longo do século XIX, a medição das idades não era considerada importante e apenas era realizada de forma rudimentar. Nas contagens populacionais realizadas no Rio de Janeiro em 1838 e 1856, por exemplo, só eram empregadas duas classes de idade: os “menores” e os “maiores” de 21 anos, um sinal de que a velhice não representava um assunto com relevância suficiente para ser investigado enquanto característica social (GROISMAN, 2015, p. 30).

Assim, não podemos nos esquecer que o envelhecimento em algumas sociedades passou por momentos de invisibilidade, e que a adoção de categorias etárias se encontra intensamente relacionada a um processo de arranjo das sociedades ocidentais, como pontua Hareven (1995). Numa pesquisa sobre envelhecimento realizada na Comunidade da Guia, situada no estado da Paraíba, Duarte (2017) traz uma interessante reflexão sobre essa delimitação dos períodos da vida, trazendo a infância como contraponto.

De acordo com Ariès, a delimitação do surgimento da infância como período da vida distinto da idade adulta, é resultado de transformações ocorridas na esfera familiar e da distinção entre espaço público e privado. Partindo desta perspectiva o surgimento da categoria infância é entrelaçado ao surgimento da família moderna. Tais apontamentos inspiram os estudos históricos sobre as categorias etárias que por sua vez é estendida aos estudos sobre a velhice (DUARTE, 2017, p. 50).

Segundo Ariès (1981), entre os séculos V e XV, o papel da criança era mínimo, ela era vista e tratada como ‘adulto em miniatura’, e podemos dizer que inexistia o sentimento de ‘infância’. “A criança era, portanto, diferente do homem, mas apenas no tamanho e na força, enquanto as outras características permaneciam iguais” (ARIÈS, 1981, p.14).

Segundo informações divulgadas pelo IBGE, em 2018 (ano em que iniciei meu contato com o NIETI), havia no Brasil 26 milhões de pessoas idosas (o que equivalia a 13,7% da população da época), ou seja, pessoas com idade acima de 60 anos. De acordo com pesquisas do ano de 2023, a porcentagem de idosos subiu para 15,1% da população. Projeta-se para o ano de 2050, uma porcentagem de 29,7 o que significa que, daqui a vinte e seis anos, um em cada três cidadãos será idoso. Portanto, nas últimas décadas, pensar e problematizar o envelhecimento populacional, no Brasil e no mundo, nunca esteve tão em voga. Há preocupação em se gerar conhecimento científico sobre o aumento da longevidade e sobre as diversas implicações que tal fenômeno acarreta – é preciso ter em mente: as construções sociais acerca da idade e das categorias envolvidas, infância, juventude, adultez³ e velhice; assim como, os direitos e os deveres que acompanham as referidas construções.

De acordo com Silva (2017, p. 38), “no contexto da sociedade ocidental contemporânea, a aposentadoria é um dos elementos que define legal e convencionalmente a entrada na velhice”. E entendemos que a categoria ‘aposentado’ “é construída historicamente e, portanto, passível de mudanças, uma vez que é articulada a condições materiais e culturais múltiplas” (*idem*, p. 41). As proposições de Groisman (2015) se somam à ideia de construção social da ‘aposentadoria’, colocando em relevo, inclusive, que a velhice enquanto problema social é percebida a partir do aumento do número de aposentados no sistema de seguridade social.

O advento das aposentadorias e a sua posterior universalização teve um enorme impacto para a criação de uma imagem pública para o segmento dos idosos, ao reunir, sob uma mesma regra institucional, pessoas que anteriormente compunham um segmento heterogêneo da população. É a partir da invenção da aposentadoria que os (trabalhadores) idosos passam a existir politicamente, tanto como sujeitos de direitos como grupo populacional, para os quais políticas específicas passam a ser formuladas (GROISMAN, 2015, p. 29).

O portal do Jornal da Paraíba em sua edição do dia 15 de março de 2023 trouxe uma reportagem sobre pessoas maduras idosas no estado, trazendo dados do IBGE. O Jornal informava que, “Na Paraíba, são 536 mil habitantes nessa faixa etária. Entre 2012 e 2021, a população da Paraíba, de 60 anos ou mais, passou de 11,7% para 13,5%.” O

³ “Adultez” é um termo utilizado por Müller (2009) para se referir à ‘vida adulta’. Neste trabalho, utilizo ambas as formas que remetem ao momento da vida posicionado, cronologicamente, entre a adolescência e a velhice.

mesmo portal apresentava a visão de uma instituição especializada no tema, a OMS, e sua definição de etapas dentro de uma categoria ampla como a velhice: “De acordo com a Organização Mundial da Saúde (OMS), existem quatro estágios do envelhecimento: meia idade (45 – 59), idoso (a) (60 – 74), ancião (75 – 90) e velhice extrema (+ 90)⁴.” Ainda, na reportagem, foi pontuado que o assunto subjaz uma reconstrução, e que é preciso “ver e rever o sentido das palavras”.

Fica posta a necessidade de contínua reflexão, de se buscar entender como essa fatia da população se pensa e é pensada. Concordamos com a proposição de que envelhecimento populacional “gera profundas alterações na dinâmica socioeconômica dos países, impactando tanto a sustentação da vida individual quanto comunitária, estratégias políticas, regulatórias e legais em matéria de cuidado” (ALVARADO; SALAZAR, 2014 *apud* MORENO & FLORES, 2023, p. 2)⁵. As autoras acrescentam que “é preocupante a rapidez com que a população idosa da América Latina cresce, o que exige a construção de políticas públicas que se antecipem às transformações que este fenômeno ocasiona” (MORENO & FLORES, 2023, p. 2).

Mudanças vêm ocorrendo a olhos vistos. No entanto, além da carência de políticas que se antecipem aos fatos, destacam-se os estereótipos e preconceitos nas nomenclaturas utilizadas para se referir às pessoas que completam 60 anos de idade. Uma vez que a população brasileira vem envelhecendo cada vez mais ao longo das décadas, vamos testemunhando a inversão da pirâmide etária, o que nos mobiliza a pensar mais e mais o envelhecimento humano e seus desafios sociais. O que visualizávamos como conquista acerca do tema se transforma em um dos grandes desafios para o século XXI, até porque as conquistas se distanciam veementemente do que se possa apontar como ideal. É sabido que nas décadas finais do século XX, ciências como a Geriatria e a Gerontologia ganharam destaque nos estudos sobre velhice e envelhecimento, alcançando legitimidade para abordar o tema e discutir a elaboração de políticas públicas e de programas orientados a este segmento populacional, apoiadas também pela instauração das aposentadorias. Vale lembrar, contudo, que a “experiência da passagem de uma condição de trabalhador assalariado para aposentado, destituído da identidade que era atrelada ao trabalho, é significativa” (SILVA, 2017, p. 37), e aquelas ciências não davam conta de discutir essa experiência.

⁴ Disponível em: <<https://jornaldaparaiba.com.br/>>. Acesso em: 12 mai. 2023.

⁵ Texto originalmente escrito em espanhol. Nesta tese, algumas citações foram lidas no idioma original (inglês, francês, espanhol, italiano) e apresentadas aqui em português com traduções de minha autoria.

De acordo com Groisman (1999, p. 68), “No Brasil dos anos 70, era preciso divulgar e explicar o que eram a Geriatria e a Gerontologia. A velhice mobilizava interesses, mas de poucos, aparentemente.” O autor aponta também que “os anos 90 assistem a uma espécie de ‘boom gerontológico’ [...] A terceira idade tornou-se uma espécie de moda, com a constituição de um mercado de consumo específico.” (*idem*). Debert (1999) também menciona esse fenômeno, atentando para o fato de a velhice ganhar espaços cada vez maiores no nosso país ao longo da segunda metade do século XX. Aquelas duas ciências se destacaram cada uma de uma forma particular, sobremaneira após a Segunda Guerra Mundial. Recordemos que a velhice costumava ser associada à pobreza e à inatividade e que, só a partir da década de 1960, novas discussões passaram a associar o processo de envelhecimento à saúde, à atividade física e mental, à aprendizagem, dentre outros aspectos positivadores deste momento da vida humana (DARDENGO & MAFRA, 2018). De acordo com Groisman (1999),

[a] idéia de uma história da velhice parte do pressuposto de que as formas com que são distribuídas e significadas as diferenças etárias, na sociedade, variam de acordo com o tempo e a cultura. Assim como na abordagem de Phillippe Ariès (1981), que relativizou a noção de infância, é possível pensar, também, a velhice como estando intimamente relacionada a processos sociais (GROISMAN, 1999, p. 68).

No tocante à Geriatria, o enfoque se deu nos corpos dos seres humanos que ela considerava velhos e velhas e que apresentavam limite de longevidade, levando-se em conta as marcas visíveis da passagem do tempo. O que demarcava a velhice era como o corpo se comportava. O discurso médico direcionou políticas sociais nessa virada para o século XXI, mas principalmente veio influenciando as representações sociais acerca da chamada velhice, moldando comportamentos e formas de tratamento para com as pessoas maduras mais velhas. No senso comum, entendia-se que aquele indivíduo que passava a ser visto muitas vezes como improdutivo, estava a caminho de sua finitude e necessitava de cuidados especiais, o que o afastava, inclusive, do contato com pessoas de outras faixas etárias.

Com a Gerontologia, houve uma breve mudança na abordagem, acrescentando o conceito de velhice bem-sucedida. O enfoque se ampliava do corpo para o social, para a construção daquele ser em processo de envelhecimento, mas ainda entendendo, assim como na Geriatria, que aquele seria um momento negativo da vida do ser humano, permeado por doenças/patologias clínicas. No cenário pós-guerra, o ser doente e

improdutivo não condizia com a ascensão do capitalismo, não tinha proeminência econômica nem social, era deixado a cargo da família e comparado a pacientes psiquiátricos, ambos condenados à marginalidade.

A partir do surgimento da gerontologia social, as discussões evoluíram no sentido de perceber que nem tudo no processo de envelhecimento era permeado por enfermidades e limitações físicas. Nesse momento, por volta dos anos 1990, aparecem termos como ‘envelhecimento normal’, ‘envelhecimento positivo’, ‘envelhecimento ativo’, propondo a otimização das perspectivas (FREITAS, QUEIROZ & DE SOUSA, 2010). Em 2005, a Organização Mundial da Saúde (OMS) apresenta o documento ‘Envelhecimento ativo: Uma política de saúde’. Vale lembrar que “A proposta de envelhecimento ativo propõe ampliar o conceito de ‘envelhecimento saudável’ ” (SCHUCH, VÍCTORA & SIQUEIRA, 2020, p. 3), também promovido pela Organização. No Capítulo 2, discuto o ‘envelhecimento ativo’ e apresento uma definição para o termo.

[E]nvelhecer é um processo “natural”, individual, mas sobretudo, social, uma vez são necessárias políticas públicas para essa nova fase da vida, isto é, temos que tomar cuidado para que ao responsabilizarmos os idosos por sua velhice, não levemos em consideração todo o contexto sociocultural que estamos inseridos (SANTOS, 2021, p. 66).

Segue-se então e se acentua bastante na atualidade, o discurso de que se pode reverter/minimizar as marcas do tempo, numa cobrança e num controle quase neuróticos pelo prolongamento da juventude (ou pela negação da velhice). Goldenberg (2020) e Debert (2004) alertam, em seus estudos, para essas armadilhas que aprisionam os corpos e as mentes das pessoas em processo de envelhecimento, apesar de toda a discussão que hoje envolve as ‘fases da vida’. Observa-se essa ideia de ‘eterna juventude’ associada ao mercado de consumo.

Seria, contudo, ilusório pensar que essas mudanças são acompanhadas de uma atitude mais tolerante em relação às idades. A característica marcante desse processo é a valorização da juventude que é associada a valores e a estilos de vida e não propriamente a um grupo etário específico. A promessa da eterna juventude é um mecanismo fundamental de constituição de mercados de consumo (DEBERT, 2010, p. 66).

Observem-se a seguir algumas nomenclaturas. Cada uma delas foi criada para referenciar pessoas com mais de 60 anos. Todas carregam um significado que não é aleatório, destacando estilos de vida diversificados, e revestidas de ideologia. Termos como ‘terceira idade’, ‘melhor idade’, ‘idoso’, ‘senil’ apenas demonstram como esse momento da vida do ser humano é visto. Segundo Schuch, VÍctora & Siqueira (2020, p. 5), com o seu advento, “a categoria ‘idoso’ passa a reunir, com base no critério etário (60 anos ou mais), diversas outras como, por exemplo, ‘aposentados’, ‘pensionistas’, ‘velhos’, ‘terceira idade’, ‘melhor idade’, em um mesmo segmento da população”.

Foi na França do século XIX que, de acordo com Peixoto (1998), surgiu *personne âgée* (idoso) como termo mais interessante para diferenciar pessoas de classes sociais elevadas, denotando outro estatuto social. A autora destaca que buscava-se evitar a conotação negativa impregnada no termo ‘velho’, fugindo do estereótipo. *Vieux* (velho) e sua variante *vieillard* (velhote) eram vocábulos destinados à classificação da população pobre, fisicamente incapacitada e sem aposentadoria que alcançava 60 anos de idade. Na França, em documentos oficiais, aparecia o termo ‘idoso’, nomenclatura que chegou também ao Brasil. Aqui, seguiu-se a tendência europeia e atualizou-se os termos de acordo com as mudanças verificadas naquele continente. Em nosso país, na literatura das ciências sociais, verificou-se a evolução dos termos: “envelhecetes” (BRITTO DA MOTTA, 1999), “velho” (DEBERT, 2004), “pessoa idosa” (MINAYO, 2014), “pessoas maduras” (CAMARANO, 2016). Estes termos, utilizo nesta tese sempre que necessário, com exceção de “envelhecetes”, por não ter aparecido nas narrativas dos interlocutores.

Assim, nas últimas décadas do século XX, vê-se ampliado o debate sobre envelhecimento e começam a surgir novas nomenclaturas, como por exemplo, ‘terceira idade’ (PEIXOTO, 1998; HENNING, 2014; BIRMAN, 2015). Interessante destacar, e até questionar: ‘terceira idade pressupõe que há duas idades, anteriores (primeira idade e segunda idade), então estamos falando de um mundo sem juventude? Antes da terceira idade, quais etapas seriam percebidas? Infância e vida adulta apenas?

Segundo Birman (2015), a ‘condição social simbólica’ da velhice passa por reformulação, e o ser a quem não era permitido viver o presente, e que tampouco teria futuro, testemunha uma nova perspectiva com as discussões sobre ‘terceira idade’ que tem seu foco numa visão mais positiva do envelhecimento. Ou seja, o ser humano que se encontrasse na terceira idade (o jovem velho), estaria vivenciando, segundo este

autor, um ‘tempo outro de vida’, ainda com o discurso médico em alta, e desta feita, com a “medicalização do espaço social”⁶ (*idem*, p. 1270).

Os idosos passam a ser um grupo com maior disponibilidade de tempo livre, ao mesmo tempo em que esse tempo é colocado à margem do sistema produtivo, isto é, desvalorizado. O tempo livre, então, é visto como um perigo para essa idade, pois remete a questões como solidão e depressão, que – por sua vez – não dão conta da diversidade de situações vivenciadas pelos idosos, sobretudo, as mulheres idosas. Além disso, com o marco do envelhecimento ativo, o tempo livre passa a ser entendido como uma oportunidade de promoção da saúde, logo, é um tempo medicalizado. Assim, a sociabilidade, no seu sentido sociológico, encontra seu espaço tanto nas atividades espontâneas como nas programáticas, mas que enquanto nas primeiras ele é motivação principal dos encontros, nas segundas ele é instrumentalizado e ocorre nas brechas. Nesse sentido, podemos dizer que a sociabilidade nesses espaços se funde numa biossociabilidade, de modo que o vínculo que se estabelece é feito a partir do corpo e suas definições biomédicas e que, mesmo nos espaços mais livres, o lazer na terceira idade tende a ser segregado, do ponto de vista geracional e que isso reflete o etarismo da nossa sociedade (SANTOS, 2021, p. 152).

Na verdade, essa expressão (terceira idade) objetivava se referir às pessoas aposentadas que passavam a praticar atividades com foco no bem-estar e na qualidade de vida. Isso nos leva a questionar quais pessoas seriam representadas por tal nomenclatura, uma vez que percebemos que nem todas as pessoas aposentadas desejam realizar atividades com esse foco, ou mesmo, nem todas elas podem fazê-lo se o valor monetário da aposentadoria não permitir, por exemplo. Portanto, a heterogeneidade da população abarcada por essa nova categoria vai desde a condição socioeconômica até o lastro temporal etário de seus componentes, que é de pelo menos trinta anos. É preciso, então, concordar com Groisman (1999, p. 69) que “toda sociedade tem uma forma de divisão do curso de vida e usa de algum modo a idade – seja cronológica ou não – para demarcar diferentes status sociais”.

Como possível substituto do termo ‘terceira idade’ surgiu a ‘melhor idade’ (CAMPOS, 2003), uma tentativa de catalogar positivamente a velhice, de valorizar as oportunidades que a aposentadoria apresenta para algumas pessoas, aquelas que podem descansar, viajar etc., dando mais destaque aos aspectos positivos do que aos negativos daquele momento da vida. Essa acaba não sendo a realidade de todo o universo populacional com mais de 60 anos, como já discutido, não sendo possível estabelecer

⁶ De acordo com Tesser (2006, p. 62), “o processo de medicalização social pode ser visto como a expansão progressiva do campo de intervenção da biomedicina por meio da redefinição de experiências e comportamentos humanos como se fossem problemas médicos”.

qual seria a melhor idade na vida do ser humano. Num movimento oposto, o termo ‘senil’, com maior foco nos aspectos negativos da existência humana, faz menção a um indivíduo mais velho, que apresenta patologias, e direciona a atenção à finitude do ser. Então, como esta poderia ser a melhor idade? A senilidade traz mudanças patológicas, modificações inerentes ao envelhecimento, influenciadas por hábitos de vida – hábitos pelos quais o ser idoso não deveria ser o único responsabilizado.

Há uma conjuntura de fatores que podem levar a pessoa idosa a encarar a velhice como um momento de realizações ou como um momento de patologias debilitantes. A própria OMS vislumbrou, durante a pandemia, a possibilidade de colocar ‘velhice’ como uma categoria de doença, o que permite uma reflexão sobre como as concepções são resultantes de uma tensão entre diferentes instâncias de poder⁷. Atualmente, o termo ‘idoso’ é um dos mais aceitos socialmente, aparecendo em documentos oficiais, ou seja, é juridicamente adotado, tendo surgido na França para substituir a nomenclatura ‘velho’, como já mencionado. Naquele país, foi criada outra nomenclatura, a ‘quarta idade’, englobando idosos 75+, posicionando-os em um lugar de decadência e/ou incapacidade física, afastando-os daqueles idosos ainda ativos representantes da terceira idade. Criam-se termos, os que estão em uso caducam, e vamos nos propondo a estudar e discutir os que se adequam ao nosso propósito acadêmico, que é a problematização das construções sociais das idades.

[A] manipulação de categorias de idade envolve uma verdadeira luta política, cujo interesse está na redefinição de poderes sobre grupos sociais distintos em cada fase do ciclo de vida. Portanto, ao tratar das divisões por idade, devemos lembrar que elas são uma criação arbitrária (ANDRADE, 2017, p. 27).

Apesar de a chamada velhice ser considerada um problema social no Brasil, observa-se uma tendência de mudança nas práticas sociais, uma busca por ampliar o pensamento coletivo no entendimento de que existem implicações sociais e psicológicas no reconhecimento desse momento da vida como continuidade e não como finitude. Como pondera Longhi (2018), são muitos os enfoques a serem considerados por se

⁷ O Jornal da USP publicou, no início de 2022, a matéria de título ‘Após pressão, OMS recua em classificar a velhice como doença’, informando que “no momento que se cria ou se adota um novo código na CID, significa que isso será visto como um problema de saúde e necessitará de um tratamento”. Texto completo disponível em: <<https://jornal.usp.br/atualidades/apos-pressao-oms-recua-em-classificar-a-velhice-como-doenca/>>. Acesso em: 11 jun. 2024.

tratar de um vasto campo de experiências com que nos deparamos quando adentramos o estudo do envelhecimento humano. Faz-se necessário refletirmos sobre esse tema que suscita inúmeras versões de entendimento, não nos deixando conduzir a lugares comuns disseminados por distintos setores da sociedade. Observemos o que está veiculado em um *blog*, o Boi Tempo, a respeito dessa ‘evolução’ sofrida pelos termos que tratam de pessoas com 60 anos ou mais.

Velho, antigamente, era velho. Quando se falava de um velho respeitosamente, como um sábio, podiam chamá-lo de ancião, “amenizando” o peso da palavra velho. Depois “amenizaram” também para os velhos comuns, velho passou a ser idoso. Aí surgiu o eufemismo “terceira idade”, e parecia que os eufemismos parariam aí, mas em seguida veio outro pior: “melhor idade” (MOUZAR BENEDITO, 2015).

As diferentes nomenclaturas que apareceram ao longo da história não são obra do acaso, tampouco o preconceito que as acompanha, e acabaram gerando memes⁸ nas redes sociais. Há uma mescla do posicionamento das ciências, das famílias, dos próprios seres humanos de variadas faixas etárias, mas também do poder público e do mercado. Stepansky (2012) nos alerta:

Se esta imagem não é tão bonita quando desejaríamos que fosse porque a velhice não é tão feliz quanto o progresso poderia fazê-la, não há como mudá-la. Mas há que mudar a vida e as estruturas que assim a fizeram. O modo como uma sociedade trata a velhice é um dos espelhos que mais fielmente a reflete. (STEPANSKY, 2012, p. 166).

É sumamente importante estar sempre alerta para os discursos e para o que aparece nas entrelinhas, buscando compreender o que subjaz a realidade como a vivenciamos para, com consciência, contrapor ditados pejorativos como os denunciados e elencados no *blog* Boi Tempo já citado.

Há muitos ditados e pensamentos “construtivos” e elogiosos sobre velhos e a velhice. Mas quase sempre me soam um tanto falsos. Na nossa sociedade, o

⁸ O meme de Internet é uma expressão usada para descrever uma ideia/mensagem geralmente relacionado ao humor que se espalha via Internet usando imagem e vídeos. Descrição disponível em <[https://pt.wikipedia.org/wiki/Meme_\(Internet\)](https://pt.wikipedia.org/wiki/Meme_(Internet))>. Acesso em: 15 mai. 2024.

“normal”, ou pelo menos o comum, ao se falar de velhos, é usar frases como “já pendurou as chuteiras”, “está mijando nos pés”, “é bananeira que já deu cacho”, “já está de cachimbo apagado”, “é do tempo em que se amarrava cachorro com linguiça”, “é mais velho do que cagar de cócoras” ou que “foi garçom da Santa Ceia”. E mais: “quem gosta de velho é reumatismo, vento encanado, cadeira de balanço, rede e fila do INSS”, “lugar de velho é na igreja” e “se eu gostasse de velho ia trabalhar em museu”. E, se alguém acha que merece respeito apenas por ser velho, há um ditado arrasador: “Os canalhas também envelhecem” (MOUZAR BENEDITO, 2015).

Além da Geriatria e da Gerontologia, principalmente a partir da segunda década do século XXI, várias outras ciências engrossaram o debate. Porém, a antropologia, a partir da qual este trabalho se desenvolve, já discute sobre velhice há muito tempo, com inúmeros autores que estudaram outras culturas investigando a respeito. No caso, o atual estudo é realizado por uma estudante do gênero feminino, que durante o período da pesquisa passou da condição de ‘mulher adulta’ para a de ‘mulher da terceira idade’, e que a partir das personagens que investiga, buscando o estranhamento tão necessário e caro à antropologia, se descobre pensando e problematizando seu próprio momento de vida.

A pesquisa em exame tem por objetivo principal e fundador investigar e compreender o processo de envelhecimento de pessoas que frequentam os cursos do Núcleo Integrado de Estudos e Pesquisa da Terceira Idade⁹ da UFPB, o NIETI, a partir do seu cotidiano e dos seus projetos de vida (VELHO, 2003, 2006). Para pensar a categoria ‘projeto de vida’ (fio condutor da pesquisa) e problematizá-la a partir das narrativas da população 60+ que estudei, me amparei basicamente em Gilberto Velho (2003, 2006) e Miriam Goldenberg (2021), autores que pensam a sociedade urbana e a população da terceira e quarta idade, respectivamente. Porém, vou trazendo outros autores e autoras para incrementar o diálogo. Essa categoria (projeto de vida) não costuma ser atrelada a pessoas em processo de envelhecimento.

[A]s expectativas e as convenções relacionadas ao envelhecimento e a velhice [...] se transformam social e temporalmente, fazendo do que era ‘típico’ e ‘esperado’ para a velhice há algumas décadas, ser muito diferente, por exemplo, de uma geração para outra. Essa plasticidade abre um espaço

⁹ Este termo aparece no nome do núcleo que promove ações para as pessoas 60+ com quem a pesquisa foi desenvolvida, porém não foi encontrado em campo um número considerável de discursos que associassem o momento de vida dos interlocutores a esta categoria. Ela não é utilizada aqui como representante das pessoas que o núcleo atende, por elas não se identificarem com o termo. A categoria ‘velhice’ parece representar os participantes do grupo com mais propriedade, com base no que é divulgado pela OMS.

subjetivo e criativo para agenciamentos, novas possibilidades e projetos de vida inovadores em momentos mais avançados da vida nos dias atuais (HENNING; FERREIRA; SCARTEZINI, 2023, p. 36).

Velho (2003, p. 101) define projeto como sendo “a conduta organizada para atingir finalidades específicas”, que influencia a futura trajetória e a própria biografia do sujeito. Segundo este autor, o sujeito faz uso da memória, sobre a qual o presente e os acontecimentos passados exercem influência. Goldenberg (2021), por sua vez, fala dos cuidados necessários neste momento da vida, mas enfoca o lado positivo após os 60 anos e bem mais além, quando se tende a enxergar os ganhos que o envelhecimento pode proporcionar e que são resultantes da construção de projetos desde sempre. Beauvoir (1976) enfatizaria mais a liberdade, dando a ideia de escolhas, de projetos e planejamentos pessoais e não arbitrados.

Lembremos que conforme Bosi (1979), fica o que significa. Essa rememoração, ou o uso da memória no presente, se daria a partir do significado que os acontecimentos passados tiveram para o sujeito. O indivíduo seria um ponto de intersecção entre dois mundos (VELHO, 2006), passado e presente, e nesse presente ele consegue criar seus projetos, limitado por um campo de possibilidades atrelado ao seu contexto de vida.

O projeto no nível individual lida com a performance, as explorações, o desempenho e as opções, ancoradas a avaliações e definições da realidade. Estas, por sua vez, nos termos de Schutz, são resultado de complexos processos de negociação e construção que se desenvolvem com e constituem toda a vida social, inextricavelmente vinculados aos códigos culturais e aos processos históricos de *longue durée* (VELHO, 2003, p. 28).

Também é objetivo desta pesquisa investigar a visão que aquelas pessoas idosas têm da instituição onde estudam, e identificar a ‘visão de idoso’ ou a ‘perspectiva de velhice’ que está presente nas propostas criadas naquele espaço. Discute-se a categoria ‘idoso’ de objeto histórico a objeto social¹⁰, trazendo análises sobre as construções em torno desta noção e suas variações – esta categoria é usada neste estudo como representante de pessoas 60+ apenas com base na idade, como divulgado pela OMS, sem o caráter depreciativo que possa suscitar. Adota-se a classificação da OMS, por conta de o estudo partir dessa classificação para escolher seu público – uma classificação ‘de partida’, para definir o campo –, embora se entenda que há outras

¹⁰ ‘Idoso’ e outras categorias associadas a esta voltarão a ser discutidas no Capítulo 3.

formas de compreender, de descrever e de classificar a velhice e o envelhecimento ao longo da pesquisa.

O objeto de estudo é um grupo de pessoas que participou do curso presencial de língua francesa no citado projeto de extensão na UFPB, entre os anos de 2019 e 2023 e/ou participaram do curso virtual nos anos 2020 a 2023. *Le temps me surprend*. O curso me fez conhecer pessoas que estudam e se dedicam ao aprendizado da língua francesa após os 60 anos de idade cronológica. Ao todo são 07 pessoas (núcleo duro), 05 mulheres e 02 homens, que frequentaram pelo menos um dos cursos presenciais (o de língua francesa) oferecidos pelo NIETI no período, sabendo-se que algumas delas participavam de outros cursos para a terceira idade no citado Núcleo e, de outras iniciativas da UFPB. A idade dos interlocutores variou entre 63 e 83 anos (idade que tinham quando foi encerrado o trabalho de campo em 2023). O núcleo duro é composto por pessoas residentes na grande João Pessoa, porém também colaboraram com a pesquisa pessoas residentes em Pernambuco, Rio de Janeiro, Bahia, Goiás, Rio Grande do Norte, São Paulo. A capilaridade alcançada pela pesquisa só foi possível pelo uso de tecnologias de acesso à internet, a partir do ano de 2020.

Ao todo, mais de sessenta pessoas da terceira idade¹¹ já estiveram matriculadas nas aulas de francês do NIETI nos anos de desenvolvimento da pesquisa, mas foram eleitas para interlocução as que se mantiveram frequentes às aulas de francês (presenciais ou virtuais) ao longo do período de campo, ou que tiveram interesse em participar da pesquisa, cedendo um expressivo material para análise. Um ponto importante que me levou a escolher essas pessoas para estudo foi o fato de elas se interessarem pelo curso de língua francesa – este foi um gatilho para pensar que motivações as levavam a fazer essa escolha pelo idioma e, em consequência, o que isso teria a ver com ‘projetos de vida’ (reforço que esta categoria é pouco discutida quando nos debruçamos sobre este grupo etário), categoria que apareceu com muita frequência nas conversas e interações do grupo.

Algumas das pessoas idosas estudadas são aposentadas, mas há outras que ainda estão trabalhando, são de classe média ou média alta. Todas elas tomaram a iniciativa de

¹¹ A ‘terceira idade’ é delimitada pela idade cronológica dos 60 e dos 65 anos, para os países em desenvolvimento e para os desenvolvidos, respectivamente, de acordo com a Organização das Nações Unidas (ONU). Esse marco ficou definido na Resolução nº 39/125 da Assembleia Mundial sobre o Envelhecimento de 1982 (ONU, 2003). Ao longo do texto, veremos que se trata de uma construção social.

se matricularem no NIETI a partir, basicamente, do conhecido ‘boca a boca’, ou da divulgação que é feita periodicamente pela mídia televisiva local ou ainda através de *lives* no *YouTube* (plataforma de divulgação de vídeos, também utilizada para palestras virtuais) realizadas pelo Núcleo. Em sua maioria, mas não na totalidade, o grupo estudado é formado por pessoas do gênero feminino. Dentre as sete pessoas que formam o que chamei de núcleo duro, três residem com seus cônjuges e possuem filhos/as e netos e quatro são solteiras – i.e., dentre as do gênero feminino, duas são casadas e três são solteiras, e dentre as do gênero masculino, uma é solteira e mora sozinha, e uma é casada.

Em suma, a pesquisa é qualitativa de cunho explorativo. A etnografia aconteceu inicialmente de forma presencial (de março de 2019 até fevereiro de 2020), mas se adaptou ao modo virtual (de julho de 2020 até o final do ano de 2023), experimentando o modo híbrido no ano de 2023. Como aporte metodológico, foram utilizadas: a participação observante¹², a observação participante, as conversas informais (inclusive por telefone), as entrevistas, os recursos tecnológicos (*WhatsApp*, *Telegram*, *Google Meet*), o teatro e a produção do grupo estudado (panfletos informativos e o *blog* da turma de francês). Não serão aprofundadas neste estudo questões como sexualidade e posicionamento político, por exemplo, o que não significa que não existam ou não sejam relevantes, apenas não afloraram durante o trabalho de campo ou não pareceram dialogar diretamente com o objetivo principal delineado.

O universo populacional do presente estudo é pensado a partir da definição do que se entende por ser ‘idoso’ na legislação vigente, e da definição de ‘terceira idade’ (por este termo externar uma noção positiva em torno do envelhecimento e estar presente no nome do Núcleo onde a pesquisa se realizou, apesar de não ter aparecido de forma contundente nas verbalizações em campo). Destaco que no Brasil, a Política Nacional do Idoso (PNI), Lei nº 8.842, de 4 de janeiro de 1994, e o Estatuto do Idoso, Lei nº 10.741, de 1º de outubro de 2003, definem como idosos as pessoas com 60 anos ou mais de idade (BRASIL, 2003) – em 2022, o Congresso Nacional editou a Lei nº 14.423 de 2022 para substituição dos termos “idoso” e “idosos” por “pessoa idosa” e

¹² Participação observante (utilizada, principalmente, no fazer teatral junto ao grupo pesquisado) é um neologismo que a distingue da observação participante. Trata-se de um enfoque que admite e pressupõe um nível mais elevado de participação ou envolvimento do investigador no grupo pesquisado, mas não atinge os níveis do envolvimento previsto pela pesquisa-ação. O pesquisador atua como parte do grupo investigado ao mesmo tempo em que o observa.

“pessoas idosas”, respectivamente. Dessa forma, o então ‘Estatuto do Idoso’ passa a se chamar ‘Estatuto da Pessoa Idosa’. A mudança se justificou pelo maior peso demográfico das mulheres na sociedade e pela necessidade de chamar a atenção para a dupla vulnerabilidade associada à velhice feminina.

Relembro que partimos do princípio de que não existe uma única velhice, mas múltiplas, e que não é possível nos debruçarmos sobre o envelhecimento sem considerarmos os marcadores sociais que atravessam a construção da pessoa idosa. Com isso em mente, algumas perguntas serviram de norte para o desenvolvimento da pesquisa, quais sejam: 1) Como se dá o processo de envelhecimento das pessoas que frequentam os cursos do NIETI-UFPB?, 2) Como essas pessoas estruturam seu cotidiano e constroem seus projetos de vida?, 3) Qual a visão que as pessoas idosas têm da instituição?, 4) Qual a ‘visão de idoso’ ou a ‘perspectiva de velhice’ que está presente nas propostas criadas para as pessoas que a UFPB atende?, 5) O que levou aquelas pessoas a participar do curso de francês do NIETI?

A partir do ano de 2020, surgiram outros questionamentos: 5) Que estratégias são desenvolvidas no enfrentamento aos desafios impostos pelo isolamento social (principal estratégia de prevenção contra a Covid-19 à época)?, 6) Que impactos a pandemia causou nos cotidianos das pessoas em foco e na construção de seus projetos de vida?

Elejo o texto de Guita Debert (1999) – A Reinvenção da Velhice: Socialização e Processos de Reprivatização do Envelhecimento – como o que serve de justificativa para o trabalho que desenvolvo. O motivo é o fato de ele estar inserido numa discussão sobre velhice que é privilegiada, mas que tem todas as características da velhice enquanto categoria mais ampla, entendendo-se aí um conceito macro, ‘velhices’, num “reconhecimento da pluralidade de experiências de envelhecimento” (DEBERT, 1994, p. 51).

Concordamos que a sociedade brasileira, “altamente estratificada em termos etários e consciente do valor das diferentes idades, adota atitudes complexas e variáveis para com os seus cidadãos mais velhos” (GOLDANI, 2010, p. 414), e um bom exemplo disso é a ‘invenção da terceira idade’. Daí, interessa ouvir e dar visibilidade a idosos e idosas que buscam realizar seus sonhos, que “não se aposentaram de si mesmos” (GOLDENBERG, 2021, p. 12), e que nos falam da singularidade das formas de

envelhecer, pois não se pode padronizar a categoria ‘velhice’, dado que as pessoas não envelhecem da mesma forma, nem no mesmo ritmo, nem sob as mesmas condições.

A invenção da terceira idade, como mostra Laslett (1987), revela uma experiência inusitada de envelhecimento, cuja compreensão não pode ser reduzida aos indicadores de prolongamento da vida nas sociedades contemporâneas. De acordo com esse autor, essa invenção requer a existência de uma “comunidade de aposentados” com peso suficiente na sociedade, demonstrando dispor de saúde, independência financeira e outros meios apropriados para tornar reais as expectativas de que esse período é propício à realização e satisfação pessoal (DEBERT, 2010, p. 56).

As ciências sociais vêm produzindo uma quantidade relevante de pesquisas, sobretudo nas últimas quatro décadas, que apontam para um movimento de desconstrução de estereótipos e da percepção da ‘velhice’ como experiência homogênea, tentando dissociar este conceito da questão etária unicamente. Nos deparamos, dessa forma, com aspectos individuais e coletivos do envelhecer nos nossos encontros com a alteridade.

No Brasil, há diferentes categorias etárias de terceira idade, se por exemplo, considerarmos as regiões que ficam em extremos do país, a Sul e a Nordeste, quanto aos aspectos de qualidade de vida, trabalho, saúde, acesso às tecnologias, gênero, escolaridade, condição econômica, local de moradia, entre outros. A turma ora estudada ocupa posição privilegiada perante a população regional e estadual. Isto porque, mesmo dentro do estado da Paraíba, as diferenças podem ser percebidas quando comparados grupos de terceira idade em João Pessoa, a capital, em relação a outros grupos de algum pequeno município do sertão paraibano. Stepansky (2012, p. 167) põe em destaque que “ao menos nas grandes cidades, a população idosa se torna visível, sai às ruas, discute seus problemas, bronzear seu corpo, faz ginástica e dietas, frequenta filas, reclama, e se coloca na vida social como uma categoria afirmativa”. Entretanto, não é possível generalizar/transportar a colocação desta autora para nossa realidade, pois não é possível saber até que ponto a população idosa é invisível nos pequenos municípios do sertão paraibano – podem, apenas, estar ocupando outros espaços e realizando outras tarefas.

Muito do que Stepansky (2012) aponta, eu observei em meu campo, pois os interlocutores trazem relatos em que se percebe sua inserção na vida social da forma que ela descreve, e muitas vezes, eles têm essa percepção de si. No entanto, precisamos ter

em mente que essa população é representante de uma velhice que vive em condições favoráveis, e que os diversos modos de se perceber e entender o que é ser ‘terceira idade’ perpassam todos esses questionamentos.

Então, novas formas de se pensar as maneiras de envelhecer vêm se constituindo. O envelhecimento nas metrópoles pós-modernas é complexo, diversificado, construído e reconstruído pela permanente construção/reconstrução do corpo e de suas imagens. É o envelhecimento de mulheres e de homens que “assumiram o corpo, o prazer, a profissão e a individualidade como componentes de uma nova identidade, menos dependente dos vínculos familiares e socioculturais” (STEPANSKY, 2012, p. 166). Ainda, vale registrar que a modernidade euro-americana universalizada se prolifera enquanto “efeito provinciano e contingente das histórias vernaculares híbridas de raça, classe, gênero, expansão imperial, governo estatal e muito mais” (TSING, 2019, p. 217), com efeitos profundos nos corpos e nas vidas das pessoas idosas na pós-modernidade.

Vimos apresentando algumas formas como o envelhecimento foi tradicionalmente pensado e enfrentado, e interessa agora observar os relatos de um grupo que nos apresenta possibilidades outras de encarar a chamada velhice – ou melhor dizendo, encarar o processo do envelhecer. Pensar a velhice e as questões sociais que a acompanham, conforme Lins de Barros (2006), permite que se elaborem novas linguagens que permitam a reconstrução do passado e uma crítica reflexão sobre trajetórias e construções sociais. Não podemos esquecer que as pessoas 60+ “suprem necessidades do mercado, negociam seus relacionamentos, e aderem aos principais propósitos difundidos pela emergência de uma vida ativa” (ANDRADE, 2017, p. 91). Dentre tantas variáveis que permeiam o universo da pessoa idosa, um mercado direcionado à terceira idade eclodiu na sociedade brasileira. Entendendo que esta é uma categoria heterogênea, são criados e atualizados produtos de beleza e gastronômicos, roteiros turísticos exclusivos, atividades voltadas à saúde mental e ao bem-estar, moradias pensadas para proporcionar uma nova forma de viver após os 60 com autonomia.

As noções aqui postas trazem a ideia de uma construção da velhice a partir das vivências do indivíduo e de políticas públicas que o alcancem. Observa-se, ainda, que a categoria ‘idoso’ dialoga seriamente com ‘classe social’, ou é seriamente atravessa por ela. Estas são proposições que precisamos ter em mente quando nos confrontamos com

iniciativas que pensam a pessoa idosa no contexto de um projeto universitário, entendendo que um público bem específico (em sua maioria, privilegiado economicamente) é alcançado e beneficiado pelas ações desenvolvidas naquele espaço. Assim, destaco que o recorte da minha pesquisa se dá sobre a pessoa idosa que frequenta a instituição federal de ensino, a qual oferece educação continuada para aquele público, em projetos de extensão.

Foi na década de 1960 na França que se iniciou um debate sobre universidades de tempo livre que promovessem atividades e estimulassem a saúde de pessoas de mais idade, maduras e idosas. A primeira iniciativa de destaque registrada naquele país foi a *Université du Troisième Âge* (UTA) em Toulouse, no ano de 1973. Em paralelo, na Inglaterra, esse movimento ganhou espaço. Esses dois países se fixaram como precursores do que veio a se instalar no restante do mundo quanto à implantação das iniciativas, servindo de modelos. No Brasil, as instituições escolheram seguir o modelo francês, como discutiremos no Capítulo 2.

A década de 1990 foi, indubitavelmente, protagonista no crescimento de universidades da terceira idade em todo o país, mas mesmo hoje, elas não se fazem presentes em todas as regiões (ASSIS, DIAS & NECHA, 2016). Senão, vejamos: em 1990, criação da Universidade da Terceira Idade na PUC-Campinas; em 1992, Universidade Aberta à Terceira Idade na Universidade Católica de Goiás (UCG) e Universidade Aberta à Terceira Idade na Universidade Estadual de Ponta Grossa (Uati/UEPG)¹³; em 1993, Universidade Aberta à Terceira Idade na Universidade de São Paulo (USP), Universidade Aberta da Terceira Idade na Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UNATI/UERJ), Universidade Aberta para a Terceira Idade na UFMG e Universidade Aberta ao Idoso (Unai) na PUC Minas.

Na UFPB, houve uma tentativa de abertura de uma U3I (Universidade da Terceira Idade) no ano de 1992, porém a proposta nunca veio a se consolidar. O que se firmou à época foi um núcleo que abrigou projetos de extensão para a terceira idade, dando os primeiros passos no estado da Paraíba para a instalação de atividades que pensassem a pessoa idosa. Foi nesse núcleo que a pesquisa se desenvolveu a partir do ano de 2019.

¹³ Mesmo ano da criação do NIETI-UFPB – o que destaca a relevância da iniciativa de docentes da instituição paraibana, já antenados com os movimentos identificados em outros estados do país.

Entendendo que no presente estudo pesquisamos com pessoas que fazem planos a curto, médio e longo prazos, ‘projeto de vida’ é a categoria em destaque, pensada e problematizada no contexto da ‘velhice’ – categoria discutida em paralelo com ‘terceira idade’, ‘velho’, ‘idoso’, dentro de suas especificidades, mostrando como a literatura as diferencia. A partir da compreensão de que estas denominações estão relacionadas a marcadores sociais, ensejo trazer reflexões que ampliem o olhar sobre o campo de pesquisa. Reflito ainda sobre ‘geração’, por ser esta uma discussão importante quando se quer pensar ‘velhice’ na dinâmica social, e apresento narrativas que mostram o público estudado ocupando um espaço criado para ele pelo mercado, especificamente o do turismo, uma vez que a população estudada costuma planejar viagens nacionais e internacionais. Após analisar como a literatura diferencia as várias nomenclaturas existentes para definir a pessoas 60+, interessa a este estudo saber como as pessoas que colaboraram com esta pesquisa se autodenominam nesse sentido.

Assim sendo, para ajudar as leitoras e os leitores a se situarem a partir deste texto introdutório, gostaria de apresentar agora as minibiografias dos interlocutores cujas narrativas são apresentadas ao longo de todo o texto. Objetivando o aprofundamento deste estudo, foram escolhidas para serem entrevistadas, ou estudadas mais estritamente, sete pessoas que formam o que chamei de ‘núcleo duro’ – a seleção se deu por serem elas as que, via de regra, permaneceram durante todo o período do campo (desde 2019 até 2023), e que por suas características pessoais, pelo interesse pela pesquisa e/ou por sua aproximação com a professora/pesquisadora, permitiram o estudo mais centrado e a realização de entrevistas, auxiliando a reflexão sobre as categorias analisadas. São uma amostra do universo de pessoas que frequentam o NIETI e a partir de quem busquei desenvolver um conhecimento científico. No entanto, outras pessoas foram aparecendo, complementando as observações acerca da velhice, da terceira idade, dos projetos para o futuro etc.

Dessa forma, o núcleo duro é composto por essas 7 pessoas, 2 homens (José Carlos e Marinaldo) e 5 mulheres (Anamari, Almira, Ercília, Lenir e Sônia), que apresento na sequência, destacando que todas elas relatam constantemente que fazer parte dos cursos do NIETI modificou suas vidas para melhor e dinamizou suas rotinas. Iniciarei esta apresentação com os anfitriões, José Carlos e Marinaldo.

O José Carlos, referido como CARLOS71_anf1¹⁴, é um homem negro, muçulmano, que nasceu em 19 de abril de 1952 na cidade do Recife. Já residiu em vários locais do Brasil e está estabelecido atualmente em apartamento num condomínio do bairro dos Bancários, em João Pessoa. É solteiro, mora sozinho, não tem filhos, porém tem contato com familiares que moram no estado da Paraíba. Bancário aposentado, ele cursou Bacharelado e Licenciatura em História pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), cidade onde residiu por várias décadas. Declara-se homem negro, idoso.

Segundo informou, costuma “cuidar bastante da saúde física, mental e espiritual”. Faz uso de medicamento para o diabetes e de relaxante para próstata e bexiga. Cozinha o próprio alimento, evita industrializados, consome bastantes chás, e costuma ser atuante no prédio em que reside, do qual é subsíndico. Declara que a pandemia não o afetou tanto, pois já vivia sozinho, e não observou grandes mudanças em seu cotidiano naquele tempo de isolamento. Sofreu um infarto no início de novembro de 2021, o que o levou a rever alguns dos seus planos. Inclusive, esteve sob os cuidados de uma irmã na cidade de Campina Grande-PB até se recuperar.

Seus projetos para o futuro envolvem comprar um imóvel em João Pessoa e voltar a morar em Portugal nos próximos anos, por ser um país que lhe agrada, possui lá muitos conhecidos, e se identifica com a vida noturna das cidades que conheceu. Seus planos de voltar a morar na Europa o estimulam a aprender o idioma francês, o que “facilitaria o contato quando for visitar Paris novamente”, afirmou o anfitrião. Com relação ao estudo do idioma, ele declara que sente dificuldade de assimilação nas aulas. Apesar disso, foi um dos alunos mais assíduos às aulas desde 2019 e um dos que mais colaboraram com minha pesquisa.

Uma das características do CARLOS71_anf1 é gostar de morar sozinho, embora em constante contato com seus familiares. Costuma elogiar a UFPB, o NIETI, o IPE,

¹⁴ No Capítulo 1, seção 1.2.1, eu explico como escolhi os termos ‘anfitriãs’ e ‘anfitriões’ para identificar as pessoas que colaboraram com a pesquisa. Neste trabalho, anfitriões e anfitriãs pertencentes ao ‘núcleo duro’ serão sempre referenciados desta forma [NOMEidade_anfNúmero] para diferenciar de outros colaboradores (estes últimos serão apresentados apenas por seus primeiros e verdadeiros nomes). A idade que aparece nesta nomenclatura é a que a pessoa completou em 2023, ano de encerramento do campo; ‘anf’ é a abreviação de ‘anfitrião’ ou ‘anfitriã’; o Número depende da sequência em que suas minibiografias foram apresentadas. Daí, por exemplo, as narrativas do José Carlos que é o primeiro a ser apresentado, serem identificadas como CARLOS71_anf1 ou (CARLOS71_anf1) – no caso de haver parênteses, estes são utilizados ao final de citações intercaladas com o texto.

sendo aluno de vários cursos e atividades promovidas por estas instituições. Participou de três peças teatrais encenadas pelo grupo.

O outro anfitrião que apresento é o José Marinaldo, referido como MARINALDO82_anf2. Homem paraibano, nascido a 30 de junho de 1941, católico, casado, tem uma filha (de seu primeiro casamento), 1 neta, e 2 filhos solteiros (de seu segundo e atual casamento). Reside em um condomínio no bairro da Torre, em João Pessoa com a atual esposa e os dois filhos. Possui graduação em Ciências Contábeis, é escritor e aposentado pela TELPA (Telecomunicações da Paraíba S/A), onde trabalhou como Diretor da Divisão de Patrimônio. Declara-se homem pardo, com “juventude acumulada” – não se considera velho. Ao ser convidado a explicar de onde tirou a ideia de “juventude acumulada”, o anfitrião relatou o seguinte:

– Quando eu era criança, me lembro que gostava de brincar com uma garota. Na fase de adolescente, continuava sempre com a mesma atitude. E na terceira idade, ainda me lembro dela. Assim, todos nós temos aqueles fatos que já passamos intimamente e continuamos a retratá-los quando alguém diz que somos velhos, idosos. O corpo até aceito, mas o nosso espírito continua presente naqueles bons momentos do passado (MARINALDO82_anf2).

Dessa sua explicação, deduzo que para ele, o ser humano vai acumulando anos de vida, e que no corpo vai sendo registrada essa passagem, mas o espírito permanece imbuído daqueles momentos vividos na juventude. Assim, o espírito não envelhece, segundo seu entendimento.

MARINALDO82_anf2 se considera uma pessoa bastante saudável. Esporadicamente, faz uso de medicamentos para gastrite. Pai falecido em 2007, mãe completou 102 anos em 2023, ano em que faleceu. Estuda francês por esta ser uma língua que sempre teve facilidade para aprender, desde quando cursou o ‘ginasial’ (correspondente ao Ensino Fundamental 2). Foi o idioma que ele escolheu como língua estrangeira por ocasião do vestibular (correspondente ao ENEM). Seus planos para o futuro envolvem continuar frequentando os cursos do NIETI, escrever e viajar – coisas que ele não deixou de fazer, mesmo durante a pandemia. Participou de três peças teatrais encenadas pelo grupo.

Darei continuidade a essa apresentação com as anfitriãs. Dentre as que compõem o núcleo duro da pesquisa, trago inicialmente a Anamari, referida como ANAMARI74_anf3. Ela é uma mulher paraibana, nascida em 26 de maio de 1949,

católica, residente em condomínio à beira mar do bairro de Cabo Branco, em João Pessoa. Casada com Jório (também aluno do francês) com quem reside, tem uma filha casada, e não tem netos.

Graduou-se em medicina, com especialidade em pneumologia. Estudou na UFPB desde o terceiro ano científico (Colégio Universitário). Logo em seguida, cursou Medicina e lecionou a disciplina Pneumologia pelo Departamento de Promoção da Saúde do Centro de Ciências da Saúde por 25 anos, quando então se aposentou. Em paralelo, trabalhou como plantonista em alguns hospitais privados e possuía consultório particular. Também, trabalhou como médica do Instituto Nacional de Assistência Médica da Previdência Social (INAMPS).

Atualmente, ANAMARI74_anf3 não trabalha. Faz uso de medicação para controlar o colesterol e o diabetes, e para prevenir reincidência do câncer (de mama), do qual está curada. É muito interessada nas aulas e na pesquisa que faço. Estuda francês porque sempre gostou do idioma e nunca pode se aprofundar por conta de outras demandas, mas agora se dedica inteiramente a esse aprendizado. Seus projetos de futuro incluem continuar frequentando os cursos do NIETI e viajar (projeto que adiou durante a pandemia). Declara-se mulher parda, idosa. Participou de três peças teatrais encenadas pelo grupo.

A segunda anfitriã que apresento é a Almira, referida como ALMIRA76_anf4. Empresária do setor de equipamentos médico-hospitalares, evangélica, casada, 2 filhos. Reside como o esposo, um dos filhos, nora e um neto em uma chácara no bairro do José Américo, em João Pessoa. Tem ao todo 3 netos. Nasceu em 06 de maio de 1947 e tem graduação em Pedagogia, com habilitação em Supervisão Escolar. Cursou pós-graduação em Supervisão Escolar e em Técnicas Didáticas.

Trabalhou (e se aposentou) como Supervisora Escolar em escolas de Segundo Grau (atual Ensino Médio). Aluga imóveis localizados em condomínios da região litorânea da grande João Pessoa. Declara-se mulher branca, idosa.

A aluna queixava-se constantemente de falhas da memória, quando foi detectado um aneurisma cerebral em 2022, passando por cirurgia para solucionar o problema. Frequentava o curso de francês por este ser um idioma pelo qual é apaixonada, mas costumava esquecer conteúdos vistos em anos anteriores, sendo essa sua maior queixa. Seus projetos de futuro incluem continuar frequentando os cursos do NIETI, dar conta de todas as suas atribuições atuais, mas principalmente, sair vitoriosa de um processo

que moveu contra o Governo do Estado da Paraíba. Participou de duas peças teatrais encenadas pelo grupo.

A terceira anfitriã que apresento é a Lenir, referida como LENIR65_anf5. Mulher carioca, solteira. Residia com o filho (bolsista da turma de francês do NIETI, que se mudou para a França) em um condomínio do bairro de Jardim Luna, em João Pessoa. Nasceu em 15 de outubro de 1958. Possui graduação em Pedagogia, tem especialização em Gestão Educacional e ainda trabalha como Auxiliar em Administração na UFPB. Não pretende se aposentar, por enquanto.

A anfitriã faz uso de remédios no tratamento de hipotireoidismo e no controle da pressão arterial. Devido a um trauma sofrido há anos, faz terapia. Nunca se sentiu à vontade para relatar o trauma, apenas confidenciou que era algo pessoal. Declara-se mulher branca, adulta – entende que pela convenção é idosa, mas não se sente assim, não tem “espírito de mulher velha”, acrescenta.

Estudava francês por dois motivos. O primeiro motivo foi para ter noção do idioma, já que o filho pretendia morar definitivamente na França, e ela desejava visitá-lo. O segundo motivo foi para combater os problemas de memória que vinham trazendo dificuldade na execução de suas tarefas diárias, por isso seguia a recomendação médica de tentar manter a mente sempre ativa. Seus projetos de futuro são basicamente continuar trabalhando, frequentar os cursos do NIETI e viajar. Participou de duas peças teatrais encenadas pelo grupo.

A quarta anfitriã que trago é a Sônia, referida como SONIA66_anf6. Mulher paraibana que se declara sem religião (mas se diz monoteísta: “creio em um só Deus”). Nasceu no dia 7 de março de 1957, é viúva, tem Segundo Grau completo – profissionalizante em Contabilidade (correspondente ao atual Ensino Médio Integrado). Aposentada como costureira, mora sozinha em casa própria na região central de Santa Rita, na grande João Pessoa. Tem três filhos e vários netos que a visitam com frequência. Costuma e gosta de viajar, mesmo sozinha, tanto pelo Brasil como para o exterior.

Faz uso apenas de medicamento para controle de pressão arterial, e esporadicamente para alergia. Uma das alunas mais assíduas às aulas presenciais, ela se matriculou no inglês e no francês no NIETI pela oportunidade de aprender outros idiomas (já tinha familiaridade com o espanhol) e pela integração social (algo que ela valoriza bastante). Participou de três peças teatrais encenadas pelo grupo.

A quinta anfitriã que desejo apresentar é a Ercília, referida como ERCILIA80_anf7. Mulher paraibana, sertaneja, nascida no dia 1º de março de 1942, divorciada, 3 filhos e 4 netas. Reside sozinha em um condomínio próximo à praia no bairro de Manaíra, e conta com o apoio de uma secretária do lar. Declara-se mulher parda, idosa.

É aposentada como médica ginecologista, graduada pela UFPB, professora universitária e educadora do Programa Jovem Aprendiz da Unimed João Pessoa, de onde foi médica cooperada, coordenadora e mediadora da equipe interdisciplinar nos grupos de educação e promoção da saúde. Possui também formação pedagógica básica e capacitação em dinâmica de grupo. Desenvolveu atividades clínicas, educativas e sociais ao lado de estudantes de medicina no ambulatório de ginecologia do HU no ensino prático humanizado da docência em ginecologia, atendendo à população carente feminina na assistência à saúde integral e específica da mulher. Foi idealizadora e ginecologista do primeiro ambulatório de ginecologia pediátrica no serviço público de saúde da Paraíba com sede no HU, além de incentivadora do primeiro serviço multiprofissional para atendimento ao adolescente, PROAMA.

ERCILIA80_anf7 faz psicanálise há mais de 10 anos, também tratamento da garganta e acompanhamento com fonoaudióloga, pois vem apresentando dificuldade de fala há algum tempo. Mostra-se sempre muito interessada nas aulas de língua francesa, uma de suas “grandes paixões”, relata. A anfitriã é, de fato, uma das mais dedicadas alunas da turma. Grande incentivadora da minha pesquisa, ela cedeu um vasto material escrito e fotográfico com seu histórico pessoal e profissional. Participou de duas peças teatrais encenadas pelo grupo.

São esses anfitriões e anfitriãs que considero centrais na minha pesquisa, representantes do grupo que venho estudando desde 2019. São pessoas que estão comigo desde o primeiro ano do curso de francês, e que vêm demonstrando interesse em colaborar com a pesquisa sobre o processo de envelhecimento humano. No entanto, outras pessoas do grupo tiveram papel fundamental nos nossos encontros, cedendo importantíssimo material para análise que eu não poderia desprezar pela riqueza das informações e por conta do meu desejo de entender o que pensam sobre este momento de suas vidas.

Assim, os perfis a seguir se somam aos que já apresentei, e serão mencionados em minha tese sempre que suas narrativas e/ou comportamentos colaborarem com meu

estudo. São 3 mulheres e 1 homem, cujos perfis se aproximam dos anteriores em alguns aspectos, mas que se distanciam seriamente em outros.

Apresento, inicialmente, o anfitrião Jório, referido como JORIO82_anf8. Homem católico, casado com ANAMARI74_anf3 com quem tem 1 filha, residente no bairro de Cabo Branco, em João Pessoa. Nasceu em 18 de outubro de 1941. Médico pneumologista formado pela Faculdade de Medicina da Paraíba, aposentado do Ministério da Saúde, antigo INAMPS, trabalhou também em hospitais particulares. Mesmo aposentado, continuou fazendo atendimento ambulatorial até a chegada da pandemia. Declara-se homem pardo, idoso.

O anfitrião relatou fazer caminhadas na orla em companhia da esposa e de um cãozinho, animal de estimação do casal. Faz uso de medicação apenas para hipertensão. Em 2019, ao buscar a esposa em uma das aulas de francês, participou e resolveu se matricular no meio do período. Suas palavras: “Gostei da didática”. Desde que entrou no curso, foi um dos alunos mais frequentes nas aulas e um dos anfitriões mais acessíveis. Seus projetos de futuro são majoritariamente continuar frequentando o curso de francês do NIETI e viajar. Participou de três peças teatrais encenadas pelo grupo.

Agora, entre as mulheres, destaco a anfitriã Maria das Graças, referida como GRAÇA68_anf9, membro de uma instituição não religiosa (denominada Eubiose) há mais de 20 anos. Recifense que residiu no Rio de Janeiro desde os seus 3 anos de idade, se considera carioca. Esteve morando em João Pessoa desde que se aposentou em 2013 até meados de 2022. Nasceu em 20 de junho de 1955, é viúva, tem 1 filho solteiro. Com o falecimento de sua mãe, em 2021, ficou morando sozinha em um apartamento no bairro de Tambaú, em João Pessoa, até retornar para o Sudeste do país no início de 2022.

Quando necessita, faz uso da medicina integrativa. Coursou universidade e se formou na área da educação, possui cursos de especialização na formação técnica judiciária exigida pelo Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro (TJRJ), órgão em que trabalhou até se aposentar. Declara-se mulher parda, idosa.

No tocante a seus planos para o futuro, relatou não ter nada definido. Após a perda da mãe, tentava se equilibrar emocionalmente para poder pensar os próximos passos. Para preencher o tempo e em busca de crescimento, se inscreveu em alguns cursos oferecidos pelo NIETI, afastando-se deles em 2022 por conta de sua mudança de

endereço. Não participou de peças teatrais encenadas pelo grupo, pois era aluna nas aulas virtuais.

Outra anfitriã que desejo apresentar é a Maria Lúcia, referida como LUCIA80_anf10. Ela se considera católica não praticante, é viúva, mora sozinha, tem 1 filho estabelecido no exterior há vários anos, e não tem netos. Paraibana, reside no bairro do Flamengo, na cidade do Rio de Janeiro desde a juventude. Médica ginecologista/oncologista, aposentada por tempo de serviço, continuou trabalhando. Passou a fazer atendimento/orientação médica virtualmente após o início da pandemia. Fez “um Acidente Vascular Cerebral (AVC)” anos atrás, segundo ela própria relata, o que a levou a refazer sua rotina de trabalho, por não poder mais atuar como cirurgiã.

Decidiu estudar francês no NIETI no ano de 2021 a convite da aluna ERCILIA80_anf7, sua amiga de longa data, com o objetivo de se comunicar melhor com as pessoas com quem se encontra quando viaja ao exterior – anualmente passeia pela Europa e visita vários países em companhia do filho e da nora. Declara-se mulher branca, idosa.

Esta anfitriã é uma grande colaboradora desta pesquisa. Envolvida com vários cursos *online* desde o início de 2021, costuma e gosta bastante de viajar. Em várias de nossas conversas, proferiu a frase que aparece no título deste trabalho: “Meu projeto de vida hoje é morrer aos 90 anos ou mais”. No auge de seus 80 anos, LUCIA80_anf10 demonstra jovialidade e vontade de conhecer lugares e pessoas de todas as idades. Não participou de peças teatrais encenadas pelo grupo, pois era aluna nas aulas virtuais.

Por último, e não menos importante, desejo apresentar a anfitriã Martha, referida como MARTHA70_anf11. O seu perfil destoa do restante do grupo, no que se refere à classe social e aos projetos de vida. Ou seja, está fora da curva. Esta é uma mulher de 70 anos de idade, nascida em 02 de outubro de 1953, que tem o Segundo Grau completo (profissionalizante – formação em Pedagogia), evangélica, solteira, e deu à luz doze filhos. Destes, apenas cinco se encontram vivos (a respeito dos demais, quatro foram abortados espontaneamente, dois nasceram prematuros e não sobreviveram, e um faleceu já adulto em um acidente de trânsito na capital, João Pessoa). Com apenas dois deles, ela ainda mantém contato mais frequente.

A anfitriã reside em um “barraco que precisa de melhoras urgentes”, de acordo com suas próprias palavras, numa comunidade periférica situada na divisa entre os municípios de João Pessoa e Cabedelo. Até o meu último dia de trabalho de campo, ela

ainda não havia conseguido se aposentar, vivendo dos trabalhos informais que desenvolvia, abrigava o filho caçula e três netos órfãos de mãe. A religiosidade se mostrou bastante presente em sua narrativa.

MARTHA70_anf11 relatou, certa feita, que sempre desejou estudar francês e que aproveitava a oportunidade oferecida pelo NIETI e, esporadicamente, aceitava uma carona de outra aluna para se deslocar à UFPB – esta outra aluna seria voluntária de uma Organização Não-Governamental (ONG) que auxiliava a população carente da comunidade e que também frequentava cursos presenciais no NIETI. A anfitriã frequentou os cursos de francês e de inglês no ano de 2019. Depois disso, abandonou as aulas, não conseguiu acompanhar o curso *online* do francês, por vários motivos, sendo a tecnologia o mais determinante deles.

Seus planos para o futuro eram basicamente ajudar o filho, cuidar dos netos, e tentar se aposentar. Ela demonstrou o desejo de voltar a frequentar o curso de francês, quando este voltasse a ser presencial. Declara-se mulher negra, idosa.

A anfitriã mencionou ainda que gosta da língua francesa, porém nunca posicionou o idioma como estando relacionando aos seus projetos futuros, apenas esclareceu que sempre quis estudar, mas não podia pagar um curso de idiomas. Ela dizia achar o francês uma língua muito bonita – assim como outras pessoas do grupo também diziam – e admirava as canções que estudávamos em sala de aula. Apesar de todas as suas dificuldades, se esforçava e apresentava um bom rendimento na aprendizagem. Sempre muito querida pelos colegas, dividia com outras alunas as tarefas de costura e confecção dos figurinos e dos cenários para os esquetes que apresentávamos. Participou de três peças teatrais encenadas pelo grupo.

Em suma, são esses anfitriões e essas anfitriãs que colaboraram mais diretamente com minha pesquisa, com quem realizei entrevistas semiestruturadas e conversei informalmente, buscando conhecer suas histórias de vida. Porém, as mais de 60 pessoas com quem consegui conversar nesses quatro anos de contato, também são contempladas/representadas na pesquisa, de alguma forma. Sempre que os dados coletados dialogarem com as análises que eu trouxer, as narrativas dessas outras pessoas irão compor meu texto, e nem teria como ser diferente. Assim desejo fazer, por entender que alguns relatos ajudam a alargar a compreensão de como essas pessoas constroem suas histórias, e que sentido elas dão ao processo de avanço nos anos de vida.

Observa-se que o grande grupo estudado (do qual se destaca o núcleo duro), composto por pessoas que vão dos 63 aos 90 anos de idade cronológica (idosos [60 – 74] e anciãos [75 – 90], de acordo com a OMS), se encontra em atividade, em busca de conhecimento. Aquelas pessoas estão na chamada terceira idade, mas não se consideram velhas. Pelo menos, não se enquadram no estereótipo do “velho típico”, nos termos de Bosi (1979, p. 49), aquele que “já não aprenderia mais nada, pois sua vida psicológica já estaria presa a hábitos adquiridos, inveterados; e, em compensação, nos longos momentos de inação, poderia perder-se nas imagens-lembrança” a partir das quais o seu passado sobreviveria.

Para finalizar, as reflexões e os apontamentos são apresentados a partir desta Introdução e de quatro capítulos, como segue. Nesta apresentação, além de apresentar os interlocutores, faço um esboço da pesquisa sobre envelhecimento realizada entre os anos de 2019 e 2023, ao acompanhar pessoas acima dos 60 anos de idade que frequentam um curso de extensão da universidade federal, oferecido nas modalidades virtual e presencial. A partir dessa incursão, os leitores vão se familiarizando com a trilha demarcada pelo estudo que foi atravessado pelo contágio por coronavírus, o que suscitou uma explanação sobre o antes, o durante e o (quase) pós-pandemia, e como esses três momentos afetaram o campo em questão.

No CAPÍTULO 1 – O PERCURSO METODOLÓGICO, O CAMPO DE PESQUISA E A PESQUISADORA, em que trago procedimentos metodológicos, inicialmente, faço uma auto apresentação identificando meu lugar de fala, dissertando sobre como a pesquisadora foi se descobrindo em um campo próximo ao seu local de trabalho, que ela já conhecia e costumava frequentar – o conhecimento que tinha sobre aquele espaço se dava a partir dos atendimentos que realizava na área de tecnologia da informação em todo o Campus I, e a descoberta das atividades realizadas no NIETI despertou o interesse na investigação antropológica. Neste primeiro momento, as abordagens teóricas incluem mais diretamente: Rocha & Eckert (2008) para pensar discursos e estruturas de poder; Fonseca (2008) e Strathern (1999) no que concerne a questões éticas da pesquisa; Bonetti & Fleischer (2007) na discussão sobre ‘saías justas’ no campo.

Um segundo momento dentro do capítulo detalha o percurso, as aproximações e o desenho metodológico, a partir não unicamente, mas principalmente, das proposições de: Müller (2006) com reflexões sobre idades da pesquisadora e dos pesquisados;

aproximando-me ainda de Viveiros de Castro (2002) e Minayo (2010) para pensar a observação participante; a participação observante com Wacquant (2002) e Krohling Peruzzo (2017); e a entrevista com Minayo (2010) e Franch (2018); com contribuições de Carneiro e Fleischer (2020); e refletindo sobre a metodologia virtual com base em Hine (2000), Kozinets (2010) e Miranda (2020).

No momento seguinte, trago o teatro como técnica de pesquisa e me proponho a diferenciar ‘técnica’ de ‘tecnologia’. A partir da discussão sobre esse recurso metodológico vieram à tona outros elementos que nos mostram a multiplicidade de questões que convivem simultaneamente. Se por um lado, os interlocutores falavam sobre depressão e medicamentos, por outro falavam sobre figurinos, cenário, personagens, aprendizagem etc. Com discussões sobre cultural material, corpo, técnica e tecnologia, apresento teorizações de Tsing (2019), Miller (2013), Foucault (1994, 2013), Buckingham (2010), Mauss ([1934] 2003) e McLuhan (1964).

Aproximando-me do final do capítulo, vi como pertinente trazer uma discussão sobre o anonimato dos interlocutores, devido ao fato de publicar no texto final os seus nomes verdadeiros. E concordando com Fonseca (2008, p. 40), “apesar de despontar mais cedo ou mais tarde em praticamente todas nossas pesquisas, a questão do ‘sim ou não’ do anonimato, até pouco tempo atrás, parecia um mero detalhe técnico”. Para finalizar, reflito sobre a devolutiva dos dados, ainda pensando aspectos éticos e metodológicos da pesquisa a partir dos trabalhos de Damásio (2022), Scorsolini-Comin (2020) e Knauth & Meinerz (2015).

O CAPÍTULO 2 – APARATOS INSTITUCIONAIS PARA A EDUCAÇÃO CONTINUADA DE PESSOAS IDOSAS apresenta informações e reflexões sobre a instituição onde a pesquisa se desenvolve. A explanação se inicia com um histórico das políticas públicas e tomadas de decisões que moldaram as instituições, como foram pensadas no mundo, no país e no estado da Paraíba. Apoiando-me em trabalhos de Debert (1994, 1999), Camarano (2002), Goldenberg (2020), Schuch, VÍctora & Siqueira (2020) e Silva & Rocha (2019), tento compreender e problematizar a relevância da iniciativa de criação das U3Is e UNATIs (Universidades Abertas à Terceira Idade) em território nacional, estadual e municipal (mais precisamente na instituição em que pesquisei), trazendo relatos com o ponto de vista do alunado idoso, a quem desejo dar visibilidade nesta pesquisa. Não só neste capítulo, apresento trabalhos de colegas

pesquisadores do PPGA e da UFPB mais abrangentemente, quando dialogam com o objeto de estudo desta pesquisa, a pessoa idosa.

Penso, em seguida, a terceira idade sob o prisma da educação, e discorro sobre o mundo virtual, ainda sobre as tecnologias digitais com base nas assertivas de Buckingham (2010) e Carneiro & Fleischer (2020). A discussão se faz pertinente pelo fato de a pesquisa se desenvolver em uma instituição de ensino, mas também pelo duplo papel da pesquisadora em campo (pesquisadora-professora). Leccardi (2005) e Nowotny (1992, 1993) ajudam a pensar o tempo para si que é dedicado ao estudo, aos projetos de vida, à realização dos sonhos, e com Goldenberg (2011) discuto o termo *ageless* ('sem idade', em tradução livre), que se aproxima ou parece representar a população objeto deste estudo antropológico, "os sem idade".

O CAPÍTULO 3 – AS “VELHICES” E A VELHICE DE “VELHOS” E “VELHAS” ANFITRIÃS DA PESQUISA objetiva discutir categorias centrais da pesquisa sobre envelhecimento, acessando um amplo espectro teórico. Apresento o conceito de projetos de vida (categoria central de todo o estudo), a partir de proposições de Velho (1994) e de Bosi (1979). Trago ainda trabalhos autorais que desenvolvi ao longo da pesquisa de campo, por auxiliarem nas discussões propostas.

Após uma apresentação histórica das nomenclaturas e suas modificações ao longo do tempo, discuto 'velhice(s)' em constante diálogo com outros segmentos etários, tendo como ponto de partida, e ao longo do capítulo, as discussões de Beauvoir (1976) e Debert (1992, 1994, 1999, 2004). Contudo, um arcabouço teórico mais dilatado se fez fundamental, num diálogo com as teorizações de Goldenberg (2013, 2016, 2020), Longhi (2018, 2019), Lins de Barros (1997, 2006, 2018), Britto da Motta (2010), Müller (2009), Camarano (2002, 2016), Hareven (1995, 1999) e outros.

Segue uma explanação sobre autonomia e independência dentro do processo de envelhecimento com a colaboração de Longhi (2018, 2019), e discutindo mais amplamente a categoria 'tempo' a partir de Nowotny (1992), e o 'tempo para si' a partir de Goldenberg (2016, 2021). No momento posterior, duas seções se complementam "Envelhecer é muito ruim" e "Essa é a melhor idade para viver", trazendo os pontos de vista e os posicionamentos de alguns colaboradores do estudo nessas duas visões que parecem se opor.

O CAPÍTULO 4 – PANDEMIA E ENVELHECIMENTO traz como determinante problematizar o período que afetou mais agudamente a vida de quem

compunha um dos grupos de risco de maior destaque à época, pessoas 60+. Utilizo as colaborações de Tronto (2020) e Hirata (2016) ao dialogar com a categoria ‘cuidado’ dentro da discussão sobre envelhecer em tempos da pandemia da Covid-19. Acrescento as teorizações de Moreno & Flores (2023) ao questionar a ausência de uma distribuição equânime do trabalho do cuidado, e sigo pensando o cuidado na velhice frente a corpos e espaços precarizados. Nesse ponto, continuo dialogando com Tronto (2020), acrescentando outros autores, dentre eles Frangella & Rui (2018), Butler (2011), Fleischer & Franch (2015) e Mol (2008), ao trazer fragmentos da história de vida e os relatos de uma interlocutora fora da curva identificada no campo pesquisado, e ao pensar a relação entre cuidados e políticas públicas.

Numa abordagem sobre o fazer teatral e o aflorar das subjetividades, trago ideias que discuti em um artigo publicado em parceria (Leipnitz *et alli* [2022]). Questões pedagógicas e didáticas são elencadas sob as teorizações de Certeau (1983) e Chianca (2010), além de serem apresentadas reflexões sobre o uso de encenações teatrais enquanto ferramenta didática. Retornam as contribuições de Goldenberg (2016, 2021) e Debert (1994, 1999) sobre as construções sociais da velhice, e são apresentadas análises sobre a terceira idade em cena com foco em Boal (1980, 2002), na tentativa de se pensar o corpo e suas expressões em diálogo com o ambiente educacional contemplado por Freire (1987, 2000, 2006).

Após os quatro capítulos, são apresentadas as considerações finais a partir do estudo empreendido e, uma conclusão das ideias apresentadas e analisadas. Por fim, são sugeridas possibilidades de pesquisas futuras, a partir dos questionamentos não finalizados durante o período do curso, pois mesmo sendo ampliado por mais doze meses, o doutorado foi suscitando mais e mais questionamentos e provocações e, mesmo desejando vencê-las todas, em um dado momento, foi preciso desapegar.

CAPÍTULO 1 – O PERCURSO METODOLÓGICO, O CAMPO DE PESQUISA E A PESQUISADORA

*Será que a cabeça
Tem o mesmo tempo que a mão?
O tempo do pensamento
O tempo da ação*
(TEMPO, Arnaldo Antunes)

Este primeiro capítulo está dividido em tópicos que demarcam a pesquisa e suas personagens. Apresento, detalhadamente: o percurso metodológico trilhado; o campo pesquisado; a pesquisadora; o teatro enquanto técnica; e a restituição dos dados da pesquisa. Iniciemos pela descoberta do campo.

1.1 A pesquisadora (se) descobrindo (em) um campo

No começo desta seção, apresento a descoberta do campo a ser pesquisado apenas para orientar o leitor sobre a sequência dos passos percorridos. E esclareço que, ao longo da pesquisa sobre o processo de envelhecimento de um grupo da terceira idade, sempre me perguntei que contribuição eu poderia dar aos estudos antropológicos a partir do campo que pesquiso. Sempre me preocupei em convencer primeiro a mim mesma de que o meu trabalho junto a pessoas com 60 anos ou mais de idade tinha algo a esclarecer em colaboração com os estudos sobre o envelhecimento e o curso da vida¹⁵, gerando conhecimento científico dentro dos alicerces da antropologia social, e tudo isso a partir do olhar sobre as atividades de uma instituição federal de ensino. O que eu não imaginava é que esse campo e o interesse em pesquisá-lo falavam muito mais sobre mim do que eu supunha. Enquanto estudava esse público e sua percepção sobre a velhice, entrei na chamada ‘terceira idade’, vi-me em processo de envelhecimento junto com ele e sentindo na pele o que é estar vivenciando esse momento – ouvindo de pessoas da minha própria família que eu “poderia estar fazendo outras coisas”, que não tenho “mais idade para estar estudando”.

¹⁵ Em vez de ‘fases da vida’, que pressupõe um panorama estático, faço uso neste texto do termo ‘curso da vida’, compreendendo o fluxo dinâmico dessa instituição social relevante segundo aponta Debert (1999).

Tomei conhecimento de duas pesquisas, realizadas numa universidade do Centro-Oeste do Brasil, que abordavam o tema do envelhecimento de pessoas que frequentavam o ambiente universitário, seja como servidor, seja como discente. E em um desses estudos, o pesquisador adentrava esse universo etário estando ele tão próximo de seus interlocutores. No caso daquela pesquisa, o cenário era uma U3I.

Minha investigação examina as experiências narradas por interlocutores com 60 anos de idade ou mais que estão realizando os seus cursos de graduação na UFG nesse momento. Considerando dados de 2019, temos, como universo da pesquisa, apenas cinquenta e três estudantes matriculados/as nos mais diversos cursos de graduação da UFG e com os mais variados perfis pessoais. E, dentre tais interlocutores/as, há pessoas entre sessenta e setenta e nove anos. Destes/as, vinte e sete se declaram homens e vinte e seis se declaram mulheres. E sinto-me muito à vontade em trabalhar, dialogar e interagir com estes interlocutores/as, pois faço parte deste grupo etário aos meus sessenta e cinco anos de idade, embora, no meu caso, como estudante de pós-graduação (doutorado). Assim sendo, não trabalho a partir de uma perspectiva distanciada em relação aos meus interlocutores, mas sim “de perto e de dentro”, como afirma Magnani (2002) (HENNING; FERREIRA; SCARTEZINI, 2023, p. 38-39).

Foi assim que realizei meu estudo sobre envelhecimento, ‘de perto e de dentro’. Voltando o olhar para o meu eu interior, identifiquei que vinha tentando entender minha própria subjetividade, meu próprio processo de envelhecimento, reconhecendo que o meu trabalho acadêmico reflete a minha própria vida.

É preciso fazer um retrospecto para que se entenda de onde parti e o porquê dos questionamentos que me acompanharam. Com formação em psicologia, o meu olhar sobre o que desejava estudar possuía já outras perspectivas quando iniciei o mestrado em 2016, pesquisando sociabilidade de torcidas organizadas do futebol. Portanto, antes de iniciar o doutorado, eu nunca havia pesquisado envelhecimento em nenhuma das minhas formações acadêmicas.

Tudo começou quando, em busca de um curso de idiomas que ajudasse a aprimorar meu nível de língua francesa, frequentei, como aluna ouvinte, os dois últimos meses do curso gratuito de francês intermediário oferecido pelo Núcleo Integrado de Estudos para a Terceira Idade da Universidade Federal da Paraíba (NIETI-UFPB). Foi nessa oportunidade que participei de algumas aulas do nível intermediário, ao lado de pessoas que tinham entre 60 e 75 anos de idade à época. Enquanto educadora, percebi que algumas pessoas da turma sentiam muita dificuldade na aprendizagem do idioma.

– Gosto bastante da língua francesa e quero aprender a conversar, a ler. Mas é preciso que as aulas sejam revisadas, porque muito material dificulta a memorização. Quanto mais vezes revermos os conteúdos, melhor (ALMIRA76_anf4).

– Cada dia fico mais deslumbrado com o francês. Eu só acho que dificilmente vou conseguir aprender tudo que a professora passa na sala de aula (HAROLDO, 73 anos).

Após o final do ano letivo, e estando a par das opiniões dos meus colegas de sala, abandonei o curso que estava aquém do que eu desejava, a nível de língua francesa, e tomei a iniciativa de me voluntariar para dar aulas no NIETI. Foi então que abri uma turma com 35 vagas para o Francês Básico I. No primeiro dia de aula, percebi que metade dos colegas que estudaram comigo no ano anterior havia feito inscrição para a minha turma. Agora, eu seria a professora dos meus/minhas antigos/as colegas de classe, mesmo que um ou outro já demonstrasse um nível mais avançado de aprendizagem.

– Quero participar desta turma também. Vou ficar assistindo aula com as duas professoras. A outra está mais adiantada com o Intermediário I, mas quero reciclar tudo o que aprendi, se você vai ensinar desde a base do francês. Isso me interessa (ANAMARI74_anf3).

– Eu percebi que você fala muito bem, melhor do que a gente. Nem sei por que você estava na nossa turma. Então, vou ser sua aluna. Preciso aprender do zero e ir mais devagar também (ALMIRA76_anf4).

Com o decorrer dos meses, a minha tentativa de dividir a turma em dois grupos (mais avançados e iniciantes) foi frustrada, pois preferiram ficar unidos e seguir juntos por se considerarem uma “família”. Resolvi então manter a turma unida durante o tempo que se seguiu. Um novo universo se abria para mim, e aquele espaço do NIETI começou a me interessar mais e mais. Ao adentrar o curso, em meados de 2019, já sabia quem eu queria ter como orientadora, a Professora Márcia Longhi, e já havia conversado para que ela me auxiliasse nas leituras.

Durante o mestrado e, principalmente no doutorado, acabei reconhecendo que estar em campo fazendo etnografia era uma vivência das mais gratificantes e desafiadoras da minha vida. Recordo-me de um texto de Rocha e Eckert (2008), o qual

me fez perceber o quanto eu precisava me envolver com meus interlocutores para desenvolver uma pesquisa e alcançar os objetivos propostos.

O observar na pesquisa de campo implica na interação com o Outro evocando uma habilidade para participar das tramas da vida cotidiana, estando com o Outro no fluxo dos acontecimentos. Isto implica em estar atento(a) as regularidades e variações de práticas e atitudes, reconhecer as diversidades e singularidades dos fenômenos sociais para além das suas formas institucionais e definições oficializadas por discursos legitimados por estruturas de poder (ROCHA & ECKERT, 2008, p. 4).

Lancei mão da observação, de conversas e de 3 (três) entrevistas com cada um dos 07 (sete) membros escolhidos, para conhecer cada vez mais suas realidades. Apoiando-me em Bosi (1979, p. 38), ao realizar entrevistas, “a veracidade do narrador não nos preocupou”, o que importava era ouvir suas opiniões, conhecer suas histórias. Interessante ressaltar que todos e todas sempre fizeram questão de permitir que eu fizesse uso de seus verdadeiros nomes e de suas imagens para fins acadêmicos. Daí, me encontrei envolvida com essa questão ética na pesquisa: dar a visibilidade que as pessoas desejavam ou preservar o anonimato?

Tendo conhecimento de que as autoras Strathern e Fonseca discutiram o tema da ética na pesquisa, socorri-me, então, nas reflexões de Fonseca (2008) – pesquisadora brasileira que dialoga com Strathern em seus textos – em busca de respostas. Não me agradava a ideia de utilizar pseudônimos, “especialmente na época atual em que a ‘revelação’ parece ser um valor auto-evidente” (STRATHERN, 1999 *apud* FONSECA, 2008, p. 04) pelo desejo de atender às suas demandas de publicar os nomes verdadeiros. A autora lançava algumas outras assertivas acerca dessa questão, e elas me provocavam seriamente.

[S]eria questionável uma orientação profissional que traçasse uma distinção sistemática entre as situações etnográficas em que mantêm-se os nomes reais dos informantes (subentendido, dos cidadãos honestos) e as outras em que mascaram-se as identidades (dos, subentendidos, bandidos). Tal política discriminatória serviria apenas a reforçar os estereótipos que procuramos questionar (FONSECA, 2008 p. 41).

Em meio ao conflito que vivenciei, levei em conta o desejo de visibilidade dos membros do grupo, a permissão que me deram para usar nomes, relatos e imagem para fins acadêmicos, além do compromisso de que nem tudo o que eu vi e ouvi poderia

trazer para análise. E me tranquilizava o fato de não estar desenvolvendo uma pesquisa na área médica que necessitaria de aprovação do Conselho de Ética. Pensei, então, que estaria diante de uma decisão simples. Qual nada. Um questionamento que me sobreveio, e que foi levantado por minha orientadora ao ler minha produção textual, dizia respeito ao entendimento que o público estudado teria do trabalho que eu desenvolvia a partir do material que estavam me fornecendo. Sem dúvida, eu vivenciava um grande conflito.

Colocar o verdadeiro nome produz um acréscimo nada desprezível à verossimilhança de nossos dados etnográficos. Ainda abre a possibilidade de outros pesquisadores incorporarem estes dados em estudos subseqüentes do mesmo local, usando a monografia precedente como tijolo no edifício de uma história universal (FONSECA, 2008, p. 08).

Então, usar os seus verdadeiros nomes acusaria “verossimilhança”, como aponta Fonseca (2008). Ótimo. Mas afinal, que expectativas o público que estudei alimentava ao participar da pesquisa? “Como podemos imaginar que os informantes prevêem todas conseqüências de seu consentimento informado?” (*idem*, p. 44). Lidamos aqui com uma questão ética que vai além do simples consentimento dos interlocutores, como Fonseca (2008) debate e até apresenta posicionamentos críticos à posição de ‘expor’ os narradores. Contudo, a autora problematiza: “quais coisas ‘repreensíveis’ estava contando sobre eles que sentia-se dessa forma incumbido a esconder suas identidades?”, e ainda esclarece os questionamentos que enfrentou no seu próprio percurso dentro das ciências sociais, o que me auxiliou a refletir sobre essa questão ética do meu trabalho para poder tomar, enfim, uma decisão.

Minhas primeiras dúvidas sérias surgiram só recentemente e num contexto particular – quando, pela primeira vez, encontrei resistência ao tentar convencer uma orientanda a usar nomes fictícios na sua descrição de uma comunidade pleiteando direitos de quilombolas. Senti que a inquietação dessa aluna ia muito além de questões acadêmicas de forma, ela externava um compromisso ético com seus informantes e com a própria pesquisa antropológica (FONSECA, 2008, p. 41).

Entendendo que este é um ponto sensível do trabalho, a partir da reflexão a respeito do compromisso ético com os/as informantes, tomei a decisão de apresentar a cada um/a os trechos das suas narrativas trazidos para análise, e então pedir permissão

para publicar¹⁶. Contudo, concordo com Fonseca (2008, p. 5) que “ ‘dilemas’ são, por definição, sem solução e a discussão deles serve antes de tudo para ajudar a enfrentá-los honestamente”. E então “achando que o peso no debate – em determinado momento – tende mais para um lado, e ciente (ou crente) quanto às conseqüências políticas de tal pendor, o pesquisador se posiciona” (*idem*, p. 51).

Essa foi a maneira que encontrei de minimizar os conflitos que vivenciei e resolver essa questão ética no meu trabalho, sendo o mais transparente possível com os/as informantes. Foi preciso então relembrar a cada um/a que este não se trata de um trabalho histórico nem biográfico, mas sim, pautado na teoria antropológica. Discuto a problemática por entender a relevância do tema, e para me distanciar do que Fonseca (2008, p. 40) denuncia: “o anonimato parece ser uma questão de pouca importância, estranhamente ausente nos debates acirrados em torno dos problemas éticos e políticos da prática antropológica, merecendo no máximo um rápido rodapé nos textos”. Obviamente, não falar o nome de um interlocutor não significa não dar visibilidade à sua reflexão, mas eu quis respeitar a vontade dos membros da turma de verem seus nomes citados. Importante mesmo é tornar conhecido o que eles pensam, e mostrar como eles vivem.

Como já informei, os alunos que chegavam ao curso de francês do NIETI tinham o conhecimento de que eles seriam objetos de estudo da minha pesquisa, o que os deixava ainda mais motivados e assíduos às aulas. Então, quanto mais satisfeitos, mais ativos e proativos se tornavam – um evento, um acontecimento ou uma eventualidade estruturava o cotidiano daquela turma 60+. Observem-se alguns relatos colhidos a partir de conversas informais, em que fica evidente a vontade de verem seus nomes e suas narrativas destacadas na publicação, o que se configurou como um forte motivador para a colaboração.

– Escreva isso aí, professora. Eu vou ler sua pesquisa e ver se você escreveu mesmo [risos] (ERCILIA80_anf7).

– Tenho o maior prazer de colaborar com a sua pesquisa. Coloque pseudônimo, não. Ponha meu nome mesmo (SONIA66_anf6).

– Que chique... pode colocar meu nome, não tem problema nenhum (HAROLDO, 73 anos).

¹⁶ No caso da interlocutora falecida, a permissão foi requisitada ao ex-esposo.

- Que coisa maravilhosa. Tenho muito orgulho de ter meu nome na sua pesquisa (ALDEÍZA, 78 anos).
- O meu nome vai aparecer, não vai? Quero que apareça, por favor. Faço questão (ALMIRA76_anf4).
- Tranquilamente, quero participar da sua pesquisa. Acho importante as pessoas conhecerem nosso modo de pensar. Tem muita coisa que podemos ensinar às outras gerações (CARLOS71_anf1).
- Você vai colocar nosso nome no seu trabalho, não é, professora? Você não imagina o orgulho que eu sinto em poder estar colaborando (MARINALDO82_anf2).
- Pode botar meu nome mesmo. Essas coisas que falo, que escrevo, pode colocar na sua pesquisa, no *blog*. Quero ler tudo o que você escrever. Nunca pensei que um dia fosse participar de uma pesquisa assim. E vou assistir a sua defesa, esteja certa disso (LUCIA80_anf10).

Essas são falas que se somam a tantas outras, e demonstram a vontade de as pessoas falarem sobre si e sobre suas vivências, de serem ouvidas ativamente, de saberem que suas histórias serão conhecidas por outras pessoas a partir de um estudo acadêmico sério, e que isso vai gerar conhecimento para outros indivíduos, e poderá até “ensinar às outras gerações”, como verbaliza o CARLOS71_anf1. Sua fala faz um resgate do tempo em que a sabedoria adquirida pelo idoso podia ser compartilhada com “outras gerações”. Aquelas pessoas idosas que estudamos se sentem orgulhosas de suas trajetórias e desejam vê-las divulgadas. Ancorando-me em Fonseca (2008, p. 16), “a etnografia adquire força justamente ao mostrar a complexa circunstancialidade de casos singulares”, mesmo que a alguns não interesse conhecê-los, eu acrescentaria.

Até se reconhece, atualmente, que a pessoa idosa vive mais e melhor que em décadas passadas, porém parece não interessar o que ela tenha a ensinar, num mundo imediatista, tecnológico, em que se olha para o futuro, para o novo, em detrimento do que já passou. O capital que sustenta o poder não é mais a sabedoria adquirida ao longo de décadas de existência, mas sim a conectividade e a rapidez com que se assimila o novo. Discussões sobre imediatismo são apresentadas por Sennett (2015) que questiona: “Como decidimos o que tem valor duradouro em nós numa sociedade impaciente, que se concentra no momento imediato? Como se podem buscar metas de longo prazo numa economia dedicada ao curto prazo?” (SENNETT, 2015, p. 18-19)¹⁷. O autor discorre sobre o problema do caráter no capitalismo moderno: “Há história, mas não narrativa

¹⁷ Por se tratar de arquivo eletrônico, não são adotadas páginas numeradas, mas posições – este vocábulo pode ser encontrado em diversos comentadores do autor. Entretanto, decidi adotar o estilo paginação na escrita, a partir da contagem de páginas no arquivo em PDF.

partilhada de dificuldade, e portanto tampouco destino partilhado. Nessas condições, o caráter se corrói; a pergunta “Quem precisa de mim?” não tem resposta imediata” (*idem*, p. 647).

Ao pesquisar o processo de envelhecimento do grupo, fui sujeita (pesquisadora que faz perguntas e se interessa pela vida das pessoas) e objeto (servi de instrumento para que suas narrativas cheguem a ser transmitidas para a comunidade acadêmica). Escolha do campo de pesquisa, aproximações, métodos, abordagens, enfim, escolhas tantas feitas no trabalho de campo para gerar conhecimento sobre o ‘outro’, foram peças de um grande quebra-cabeça nesse fazer antropológico. Ele foi permeado pela subjetividade da pesquisadora, pelas particularidades do tema estudado, pelos vários atores e atrizes que se encontram em cena. Assim como informa Peirano (2008, p. 3-4), “a personalidade do investigador e sua experiência pessoal não podem ser eliminadas do trabalho etnográfico. Na verdade, elas estão engastadas, plantadas nos fatos etnográficos que são selecionados e interpretados”. Daí, a possibilidade de um mesmo espaço estar suscetível a vários tipos de análises e pontos de vista diferentes, e a várias possibilidades de interpretação, dada essa pluralidade de aspectos que atravessam a observação. Por isso, achei fundamental trazer neste capítulo minha trajetória no campo, demarcando claramente meu local de fala.

Nas palavras de Marli André (2013, p. 101), “o que faz um etnógrafo não é um retrato – ou uma reprodução – da realidade, mas uma interpretação, a sua interpretação da realidade”. A autora acrescenta ainda que “a descrição etnográfica é marcada pelos traços distintivos do pesquisador – idade, sexo, cor, classe social, instrução. Não é, portanto, isenta de valor” (*idem*). Consequentemente, como já venho discutindo até aqui, o olhar que lanço sobre o público estudado é permeado pela minha própria subjetividade, é uma dentre tantas perspectivas de observação que o campo possibilitou. Por isso, creio ser importante mencionar que sou uma mulher de classe média que: se tornou idosa ao longo da pesquisa; entre outras graduações, tem licenciatura e bacharelado em psicologia; com mestrado em antropologia; pela primeira vez em sua carreira acadêmica pesquisando envelhecimento e acessando literaturas e discussões específicas para pensar esse momento da vida do ser humano, em um campo com o qual teve um duplo relacionamento (para dizer o mínimo).

Algumas afetações do campo foram registradas desde o início da pesquisa no diário de campo. Como nos traz Tornquist (2007), registrar a subjetividade no diário

constitui “um espaço importante na reflexão antropológica acerca do impacto psíquico que o trabalho de campo nos aporta, e que, tanto quanto os dados mais ‘objetivos’, é parte do trabalho de campo” (TORNQUIST, 2007, p. 67). Acrescento que, no início, alimentar o diário não foi tranquilo nem frequente, por conta das atividades próprias da docência. Daquele período, pouco ou quase nada tenho em registro escrito, muito mais fotos e lembranças.

Precisei fazer uma busca por trabalhos que versassem sobre essa condição de pesquisador/a que também exerce o papel de professor/a, ou vice-versa, por entender que esse tipo de relacionamento se reflete/impacta na apresentação desse meu contexto de pesquisa. Com o auxílio da minha coorientadora, a Professora Mônica Franch, acessei algumas literaturas, referências nacionais e internacionais. Selecionei, dentre elas, dois autores que me ajudaram a pensar a questão – François Dubet (1998) e Alexandre Pereira (2008).

François Dubet foi um sociólogo francês que realizou pesquisas direcionadas à juventude marginalizada na França, e passou pela experiência de ser professor de história e de geografia em um colégio da periferia de Bordeaux (PERALVA & SPOSITO, 1997). Seu trabalho me ajudou a refletir sobre minha realidade em campo, apesar de ele ter lecionado para pessoas jovens que não tinham interesse nas suas aulas (realidade diferente da minha). O meu alunado, por sua vez, sempre dizia amar as aulas e fazia questão de estar presente, atuando de forma ativa, tanto nos encontros presenciais quanto nos virtuais – o que explicitarei mais adiante.

Por outro lado, Dubet, assim como eu, sentiu dificuldades em realizar a observação participante, por estar envolvido com dois papéis distintos. Ao final, ele entendeu que nem conseguia ser um bom professor (chegando a utilizar de autoritarismo com os estudantes), nem estava conseguindo ser sociólogo (apesar de ter produzido um volume considerável de material de campo). Se para ele a tarefa foi difícil, penosa, extenuante, para mim, foi prazerosa, gratificante, edificante. Contudo, para ambos, o desafio foi considerável.

No meu caso, de certa forma, a facilidade se deu, possivelmente pelo componente geracional (pesquisados e pesquisadora trafegando pela terceira idade), pela vontade que o grupo tinha de participar da pesquisa, pelo amor e admiração que diziam sentir pela língua francesa, e pela didática inclusive; por outro lado, a escuta atenta em momentos difíceis, a proximidade que tive com aquelas pessoas, também

foram facilitadores da aceitação. Houve momentos de grande dificuldade em separar cada um dos papéis em campo, que marcaram e delimitaram a compreensão que obtive do universo que pesquisei e acredito que essa condição veio a influenciar o trabalho final. Caso outra pessoa venha a pesquisar esse mesmo público e desenvolva outros vínculos que não os de professora e amiga, certamente terá outra visão do grupo e fará observações diversas das minhas. Acho pertinente apresentar, neste ponto, alguns breves relatos obtidos em conversas informais, que podem ratificar essas impressões e conclusões.

– Gente idosa é sempre tão largadinha. Ainda bem que você decidiu nos ouvir, dar atenção às nossas experiências (MAJU, 73 anos).

– Você como professora foi a base pra eu continuar na turma – ser paciente, amiga, bondosa e ao mesmo tempo professora, isso é fundamental na nossa idade. Estamos num nível em que não precisamos de muito pra desistir de alguma coisa, concorda? (JOSELINO, 63 anos).

– Eu sou do tempo da palmatória, acho que você alcançou esse tempo [dirigindo-se à professora]. Se não soubesse a tabuada de cór, levava na mão. Lembra? E o castigo era ficar de joelho em cima de arroz e feijão, virado pra parede, lembra? (MARINALDO82_anf2).

– Sou muito grata a você, professora, que através da sua fé em Deus, deu força e vida em minha vida. Gratidão infinita por ser aluna do francês em minha velhice e no contexto da pandemia. Você cuidou de mim com suas mensagens e vídeos, reacendeu meus ânimos, ensinou a linguagem universal da solidariedade (ERCILIA80_anf7).

Pereira (2008) foi o outro autor que encontrei em minha busca por cientistas sociais atuando no ofício de professor. Lecionando em escolas públicas e privadas paulistas, esse professor vivenciou toda a tensão do ambiente do ensino básico, o que refletiu em sua pesquisa com “uma descrição tensa [... e] não apenas densa, no sentido colocado por Geertz (1989)” (PEREIRA, 2008, p. 8). Em sua experiência, teve que lidar com alunos desinteressados, da mesma forma que aconteceu com Dubet, e então acabou por desistir de lecionar, abandonando as aulas por não conseguir conciliá-las com sua pesquisa. Pereira (2008) faz a seguinte observação em defesa do duplo papel em campo:

Uma pesquisa etnográfica deve, portanto, tentar situar-se nestas múltiplas posições. Ao invés de situar-se em torno de um e apenas um ponto de vista, é preciso buscar uma etnografia. Quando o antropólogo quer saber o que é ser professor, uma descrição tensa multilocalizada, como expõe George Marcus (1995), não apenas nos espaços, mas também entre os vários atores sociais que ocupam um mesmo espaço. Assim, pela etnografia dentro da escola é possível levantar questões da realidade cotidiana e obter a experiência-

próxima de que fala Geertz (2003). Já pela articulação das observações das relações na escola com questões mais amplas da realidade educacional e social talvez seja possível aproximar-se do outro conceito enunciado por este autor: o da experiência-distante (PEREIRA, 2008, p. 8-9).

Também para este professor-pesquisador, a observação participante trouxe muitos desafios, e poucas anotações ele fez em seu diário (assim como aconteceu comigo no início do campo), mas buscou um lado positivo de toda essa situação. Nesse ponto, nossas vivências se assemelham, pois sempre é possível buscar o lado positivo das coisas. Para mim, o desafio existiu, porém o apoio que recebi do corpo técnico do NIETI e de seu alunado facilitou minha atuação, na ministração das aulas e na condução da pesquisa – me deu liberdade para agir. Todo esse contexto me leva, então, a fazer essa ‘descrição extensa’ (me espelhando em Geertz e em Pereira), e tão carregada de subjetividades, da minha realidade em campo. Observo que diferentemente de Dubet e de Pereira, o que vivi nas salas de aula do NIETI reforça em mim o desejo de continuar lecionando a língua francesa para pessoas da terceira idade, mesmo após a defesa da tese. Apesar de este trabalho não objetivar a análise do relacionamento pesquisadora-pesquisados, faz-se necessário apresentar algumas ocorrências significativas para ampliar o entendimento sobre aquele cenário.

Após me aprofundar na literatura sobre o duplo papel em campo (poderia até destacar os múltiplos papéis em campo: pesquisadora, professora/educadora, além de psicóloga), consegui compreender a complexidade da empreitada em que estava inserida. As dificuldades que senti em separar e exercer os papéis foram únicas e são difíceis de expressar. Arrisco-me a afirmar que meus interlocutores e interlocutoras não conseguiam separar os papéis, e para eles, estava muito bem assim, a professora-pesquisadora sempre foi muito bem-vinda.

Até aqui, mencionei como me inseri no campo de pesquisa, o início do contato e alguns desafios enfrentados, refletindo sobre minha condição em campo, o que poderá retornar ao longo do texto, sempre que se fizer necessário. Isso posto, gostaria de introduzir, em sequência, e com toda minha subjetividade, os métodos que utilizei e os demais caminhos que precisei percorrer na condução da pesquisa e na sala de aula do NIETI.

1.2 Percurso metodológico

Venho apresentando o esboço metodológico do meu campo de pesquisa, desde o despertar do interesse em estudá-lo, até o porquê de fazer a tese centrada no grupo que frequenta um projeto de extensão da UFPB, esmiuçando ainda como foram as aproximações. Reflito sobre o uso de recursos (observação participante, conversas informais, entrevistas semiestruturadas e construtos do próprio grupo) e como, a partir deles, pude chegar a informações que nutrem as reflexões sobre ‘projeto de vida’ na velhice – projeto de vida é também uma categoria êmica, o que coincidiu com meu ponto de partida na investigação. Tais reflexões serão aprofundadas através do arcabouço teórico-metodológico da Antropologia, pensando projeto de vida e sua relação com as noções de velhice, juventude, curso da vida e geração. A discussão busca delimitar e definir aquela categoria (êmica e de pesquisa), acionada na produção da análise sobre a construção da terceira idade, atentando para os elementos que caracterizam o projeto de vida e a história pessoal de cada indivíduo, na busca por demarcá-los no campo.

É digno de destaque que o desenho metodológico que vinha sendo adotado nos anos de 2019 e início de 2020 – como a observação participante, as conversas informais e as entrevistas, todas presenciais – foi alterado no período da pandemia de Covid-19 e do isolamento social, fazendo-se necessário o uso de tecnologias de acesso à internet (HINE, 2000; KOZINETTS, 2010; MIRANDA, 2020; estas são literaturas sobre pesquisa a partir de aparatos tecnológicos), o que impactou na quantidade de pessoas que compunham o núcleo duro¹⁸ inicialmente escolhido para o estudo.

Apesar de ter conhecimento de outras iniciativas da UFPB (a exemplo de: Instituto Paraibano de Envelhecimento, IPE, inaugurado em 2019; Liga Acadêmica de Gerontologia em Fonoaudiologia, LAGEFON, criado em 2018) que promovem ações para pessoas com mais de 60 anos, o NIETI é a única iniciativa que se encontra em pleno e contínuo funcionamento desde os anos 1990. Neste estudo, o referido Núcleo foi contemplado como espaço/campo de pesquisa, estudado dentro da linha Corpo, Saúde, Gênero e Geração, no Programa de Pós-Graduação em Antropologia (PPGA) da UFPB. No Capítulo 2, referente às ações para a terceira idade identificadas na instituição, encontram-se informações detalhadas sobre espaços para pessoas 60+.

¹⁸ Termo cunhado por Lakatos, significa “eu me identifico com isso”. Atualmente, é empregado em diversas áreas do conhecimento humano.

1.2.1. Aproximações/Desenho metodológico

Desde o início do meu contato com o alunado do francês no NIETI, eu ficava observando aquelas pessoas e especulando o porquê de estarem ali. O que as motivava? Será que achavam difícil estudar naquela idade, ainda mais uma língua estrangeira? E identifiquei que se tratava de um grupo com privilégios em sua maioria, que tinha condições de estudar o idioma para viajar ao exterior com possibilidade de se comunicar em língua francesa, e que costumava fazer muitos planos para o futuro. Então, o que todo esse contexto poderia informar sobre pessoas acima dos 60 anos, que frequentam um curso de extensão universitária, que são majoritariamente de classe média e com curso superior completo, que identificavam o francês como um idioma de status e ao mesmo tempo muito belo?

Relembro aqui que defini este espaço das aulas de francês do NIETI como o meu campo de pesquisa no doutorado, aproveitando a facilidade de acesso e a localização, o que me permitiu conciliar o desenvolvimento da pesquisa no NIETI com o meu trabalho na universidade. No final de 2019, pedi afastamento das minhas funções na Superintendência de Tecnologia da Informação (STI) para poder dar continuidade à pesquisa e às aulas, que passavam a exigir cada vez mais a minha atenção. Estive afastada por quatro anos. Entendo que o fato de eu estar me aproximando da terceira idade no início do contato facilitou a aceitação da pesquisa por parte da turma, pois, entre outras coisas, gerou identificação por conta das experiências vividas, constantemente dialogadas em nossos encontros.

As linguagens utilizadas por nós (pesquisados e pesquisadora) demarcavam a geração à qual pertencemos. “Os sujeitos de nossas pesquisas são de fato sujeitos, e assim como nós lidamos com categorias classificatórias a partir do diálogo que estabelecemos com eles, eles também elaboram suas categorias para nos classificar”, como alerta Müller (2006, p. 3). Eles me percebiam como alguém de faixa etária semelhante, próxima à deles o suficiente para compreender seus códigos, tanto linguísticos quanto corporais / culturais como destacam Margulis & Urresti (1996, p. 3): *“Cada generación puede ser considerada, hasta cierto punto, como perteneciente a una cultura diferente, en la medida en que incorpora en su socialización nuevos códigos y destrezas, lenguajes y formas de percibir, de apreciar, clasificar y distinguir”*.

Havia uma facilidade de comunicação entre pesquisadora e pesquisados/as. E segundo nos informa Müller (2006, p. 5), “não apenas o trabalho de campo sobre idade ou curso da vida pode instituir relações em que a idade importa, como também a idade do/a pesquisador/a é importante para a leitura que ele/a faz de seu objeto”. A autora traz ainda a “leitura das idades da vida como sendo relacionais e em constante negociação” (*idem*). As pessoas foram convidadas a participar do estudo, sendo informadas do que tratava afinal o meu trabalho, qual o meu objetivo, e sobre o anonimato dos e das informantes caso desejassem (o anonimato nunca foi interesse de nenhum deles/as, como já explicitado). Inclusive, assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) ou deram permissão por áudio ou texto via aplicativo de mensagens para uso de suas narrativas.

Com o tempo, comecei a ser confidente de algumas mulheres (interlocutoras) em suas aventuras amorosas, convidada para festas e encontros em finais de semana (ver Figura 1)¹⁹, procurada via telefone para conversar, me aproximando cada vez mais de suas rotinas. Sem esquecer o campo de pesquisa, eu tentava ser companheira, exercendo a empatia, num constante exercício de memória para lembrar detalhes de conversas e interações, no intuito de anotar no diário de campo o que se fizesse pertinente.

Figura 1 – Convidada para passeio com a turma.



Fonte: Arquivo Pessoal.

¹⁹ Nos meses que antecederam a finalização da escrita da tese, ainda havia uma dúvida sobre incluir ou não no texto as fotos que mostravam o campo e os diversos atores envolvidos. A partir de uma leitura atenta do texto das autoras Carneiro & Fleischer (2020), tomei a decisão de incluir apenas algumas imagens bastantes representativas, segundo o meu ponto de vista. A leitura atenta da página 13 do texto das autoras e o exemplo que trouxeram de Marilyn Strathern em campo foram fundamentais para que eu entendesse a importância que as fotos têm para o meu trabalho e que a visibilidade tem para os meus interlocutores.

Naquele período em que utilizei o recurso metodológico da participação observante (WACQUANT, 2002), pude dar andamento a conversas informais nas suas residências, em restaurantes onde nos encontrávamos para almoçar ou jantar, em inúmeros passeios que realizamos em grupo para ampliar o conhecimento da língua francesa (ver Figura 2), ou mesmo nas entradas e saídas da sala de aula etc. A maior parte dos passeios e encontros eram sugeridos pelos/as interlocutores/as, que convidavam a turma e a pesquisadora/amiga para ‘curtir’ um dia em suas residências, casas de praia, ou para conhecerem suas propriedades em condomínios afastados do centro da cidade com inúmeras oportunidades de lazer. Os interessados dialogavam sobre a viabilidade da ida aos destinos sugeridos e chegávamos a um consenso. O convite se estendia aos familiares das pessoas convidadas. As conversas giravam em torno de vários temas, desde questões próprias da vida diária, passando pelos planos para os dias e semanas seguintes, religiosidade, histórias de vida das pessoas presentes, detalhes da vida profissional, culinária (sempre), até o estudo de idiomas.

Quanto aos passeios que objetivavam ampliar o conhecimento da língua francesa, a escolha era minha enquanto professora, porém havia um diálogo em que todos se posicionavam quanto à importância do destino escolhido para alcançar o objetivo. A infraestrutura do deslocamento ficava sob minha responsabilidade – reservar o ônibus; verificar se era preciso pagar o motorista ou se sua diária seria paga pela universidade, o mesmo acontecendo com o combustível para abastecer o ônibus; entrar em contato com o local de destino, pois houve situações em que era preciso agendar uma visita e verificar as condições do local para o acesso de pessoas idosas; organizar o lanche que seria servido nos locais visitados; etc.

As interações era sempre riquíssimas por proporcionar momentos de interação entre o alunado, e também entre ele e os nossos familiares que acompanhavam os passeios. Durante o trajeto, a animação era garantida com muito barulho, cantoria e registro fotográfico no ônibus. A turma sempre perguntava qual seria o próximo destino, cobrando essas ‘saídas’ da universidade, pois gostavam bastante. O que os interlocutores narravam e narram até hoje sobre esses momentos vividos é que são “inesquecíveis”.

Figura 2 – Passeio ao Forte Santa Catarina-Cabedelo em 2019.



Fonte: Arquivo Pessoal.

Cada forma de interação trazia consigo um tipo de dado, pois enquanto professora e observadora em campo, eu tive a possibilidade de apreender comportamentos, relações, diálogos entre colegas de turma (e seus diálogos com familiares), e enquanto confidente, pude acessar outro tipo de informação que envolvia emoções, fluxos de pensamento, o imaginário de cada interlocutor/a, conteúdos mais íntimos etc., acionando intuições, inclusive. Por exemplo, em um de seus relatos, Maria das Graças se queixava de não ter tempo para estudar, pois se inscrevera em muitos cursos de uma vez, e nem sabia o porquê. Quando me detive em sua narrativa, imaginei que uma possível via explicativa para esse acúmulo de cursos seria preencher o vazio deixado pela sua recém-falecida mãe, buscando ocupar todo o tempo livre. Tanto as mulheres quanto os homens da turma me procuravam para conversar sobre diversos assuntos como a saúde, a dificuldade com o aprendizado, os planos que estavam fazendo a curto e médio prazo, o andamento da pesquisa, entre outros.

– Depois que você explicou aquilo tudo na aula, eu ainda fiquei sem entender, viu? Me desculpe, mas eu não quis perguntar antes. Essa tua pesquisa termina quando? E fala de que mais ou menos? (SONIA66_anf6).

– Eu entendo uma coisa aqui, outra li, mas francês não é fácil. Não vou desistir, mas tenha paciência. Vou com calma, sei que tem gente na turma que sabe muito. Eu fico lá no fim da fila (MARTHA70_anf11).

– Eu tenho depressão há muitos anos e faço tratamento para ter uma vida mais ou menos normal. Sem a medicação, minha filha, não dá. (ALDEÍZA, 78 anos).

Observa-se um entrelaçamento que transbordou as relações – porém, como lembram minhas orientadoras, “todo pesquisador vai se deparar com isso”. E ao longo do meu texto vou trazendo situações que ratificam esse entendimento. A pesquisa científica não costuma ocorrer de forma linear, previsível, programada, pela própria dinâmica das relações e dos acontecimentos. Aí reside a riqueza do fenômeno que permite inúmeras interpretações e abordagens. As relações vão se misturando, entrelaçando e mudando – tanto as relações entre os colaboradores, como as relações entre eles e quem conduz a pesquisa. Por isso, cabe nesse trecho da escrita trazer uma questão central para se procurar entender as relações em um campo que se estendeu por vários anos, e que foi atravessado por uma pandemia. De fato, estive em campo (presencial/virtual) antes, durante e após aquele fenômeno – e questiono esse ‘após’, porque tecnicamente, o coronavírus ainda continua infectando e matando pessoas ao redor do mundo que testemunha a evolução das cepas num ritmo bem menos agressivo, é preciso reconhecer.

O nosso cenário mudou drasticamente após março de 2020, e se prolongou até o ano de 2022, quando deixamos de nos encontrar pessoalmente e o contato ocorreu com mais frequência via ligação telefônica ou por mensagens de texto no celular. Destaco a estranheza sentida por aquelas pessoas e por mim no período de afastamento. Era muito estranha a mudança radical das rotinas e a falta de informações claras sobre o tempo que levaria aquele contágio por coronavírus.

Em paralelo, todo o conceito sobre metodologia das aulas de língua francesa e da condução da pesquisa, necessitou ser repensado com a chegada da COVID-19 ao nosso país e às nossas realidades. O maior questionamento à época foi “como as atividades seriam afetadas com a mudança do modo presencial para o remoto?”. O NIETI, inicialmente, cancelou toda a sua programação. Diante da dificuldade de acesso aos interlocutores da pesquisa, e em se tratando de assunto tão sério e emergente como a manutenção da vida, busquei na literatura um suporte para refletir sobre tão adverso panorama para aquele grupo, o da atividade remota.

Sendo a literatura disponível um tanto limitada, socorri-me naquelas que debatem sobre Ensino à Distância (EaD) – área que divide com a modalidade remota a dependência da esfera tecnológica como instrumento didático-comunicacional ao promover a realização de ações educativas. Nesse sentido, e de acordo com os apontamentos de Cardim & Santos (2014, p. 11), a didática no espaço virtual atua de

forma “híbrida realizando uma transposição de recursos e estratégias didáticas do ambiente presencial para o ambiente virtual e utilizando-se de recursos computacionais e de comunicação atuais, gerando a possibilidade de diálogos simultâneos”.

Um ponto importante que as autoras destacam é essa “possibilidade de diálogos simultâneos” – aqueles que não se restringem aos empreendidos pelas falas de alunos e professores, mas que englobam os mediados por ferramentas tecnológicas que, ao aderir a uma ação colaborativa, fomentam o processo de ensino-aprendizagem. Exemplo disso são os diálogos ocorridos a partir de grupos de *WhatsApp*, uma vez que permitindo a troca de mensagens, o aplicativo disponibiliza o envio de conteúdos que mantêm o processo de aprendizagem sem fronteiras, fora da sala de aula tradicional, sem o confinamento a um espaço físico. Foi possível observar como o uso de aplicativos se tornou instrumental para a continuação do aprendizado. Da mesma forma, os *apps* foram decisivos na condução da pesquisa para manutenção do diálogo com os interlocutores e para realização de entrevistas.

A partir do mês de julho de 2021, com a participação do aluno bolsista, comecei a gravar as aulas pelo *Google Meet* (enquanto o aplicativo permitiu gravações). Inicialmente, a intenção era compartilhar o material gravado com quem perdesse as aulas e desejasse revê-las ou aprofundar os estudos. Então, percebi que aqueles eram registros riquíssimos de interação do grupo, e passei a usá-los como ferramenta para coleta de dados, alimentando o diário de campo. Vou trazendo ao longo do texto o material obtido lá, quando dialoga com o raciocínio perpetrado em cada capítulo. A título de nota, todas as aulas virtuais (as aulas principais e as de reforço), desde quando iniciadas em 2020, foram sempre registradas em fotos com o recurso *PrtSc (Print Screen)* do computador, com anuência de todos e todas as participantes.

Naquele momento tão singular, a incerteza e o medo tomaram conta de todos/as nós, nos deixaram num certo estado de letargia até, por não saber o que fazer. Alguns mais otimistas diziam que logo aquilo tudo passaria. Os mais realistas imaginavam um cenário bastante assustador à frente, em especial, os médicos pneumologistas do grupo. Daquela turma inicial do francês, quase metade era formada por médicos.

– Vamos aguardar o que as autoridades sanitárias recomendam. Quando a gente menos esperar, estaremos de volta à universidade (MARINALDO82_anf2).

– Uma epidemia não acaba do dia pra noite. Vamos precisar de um bom tempo de quarentena para poder voltar a sair, sem máscara, e vai demorar esse uso de máscara. Nem pode ser qualquer máscara (ANAMARI74_anf3).

Os diálogos, agora acontecendo com mais frequência do que antes no grupo de *WhatsApp*, marcavam a preocupação com a saúde e o bem-estar do alunado que ali permaneceu. Quando o NIETI cancelou as atividades que oferecia naquele ano de 2020, e eu decidi manter as aulas e a pesquisa através de dispositivos virtuais de interação, alguns idosos acharam por bem se afastar e aguardar o retorno presencial. Os motivos variavam desde a falta de experiência e intimidade com a tecnologia oferecida à época, até o humor que costumava oscilar, levando à dificuldade de interação. A composição do grupo foi seriamente alterada naquele momento em que alguns alunos tomaram a decisão de não mais participar (nem das aulas nem da pesquisa) através dos recursos tecnológicos. Alguns diálogos daquele momento nos mostram o cenário que enfrentávamos.

– Não devemos acreditar em tudo o que falam na televisão e nas redes sociais. Não devemos tomar medicação por conta própria, mas apenas receitada por médicos (LENIR65_anf5).

– Na Tailândia, toda a população se mobilizou e confeccionou máscaras para todos, indiscriminadamente. Aqui, não sei que hospital foi, solicitou à população que fizesse doação por falta de máscara no mercado. Absurdo! (NATHAN, 66 anos).

– Esse coronavírus está me deixando desmemoriada com o idioma francês... kkkk (JORASLANE, 72 anos).

– Quando essa crise passar, vou tentar adquirir um dicionário. Eu ainda não tenho. O Google é minha única ferramenta pra traduzir (SONIA66_anf6).

– Edilza, eu e Jorio vamos continuar participando da sua pesquisa pelo virtual. Conte com a gente (ANAMARI74_anf3).

Observar o grupo através da tela do computador trouxe vários desafios. A tecnologia, que mesmo facilitando o acesso de pessoas de todo o país aos cursos do NIETI, trouxe dificuldades por não nos permitir o contato com os corpos como um todo, apenas partes deles numa janela virtual – desde que as câmeras estivessem abertas –, num único vetor da percepção, fazendo com que muito do contexto nos escapasse, aqueles “imponderáveis” a que se referia Malinowski (1976).

Como mencionei, nem todas aquelas pessoas da terceira idade tinham intimidade ou facilidade para aprender o manuseio de alguns dispositivos, e isso causou alterações na metodologia que vinha sendo utilizada no meu estudo. Entrevistas que estavam programadas para durar uma hora, acabaram durando 30 minutos, pois o tempo excedente era destinado a ensinar ao alunado como acessar o *link* do *Google Meet*, posicionar a câmera, abrir o áudio, desconectar da sessão etc., isso tudo após tentar convencer a pessoa a participar e a conceder uma entrevista semiestruturada na modalidade virtual. Nada disso aconteceria em um encontro presencial, o que demonstra que cada abordagem metodológica apresenta desafios específicos, umas parecendo ajudar mais outras menos, mas de toda forma, cada uma com suas particularidades.

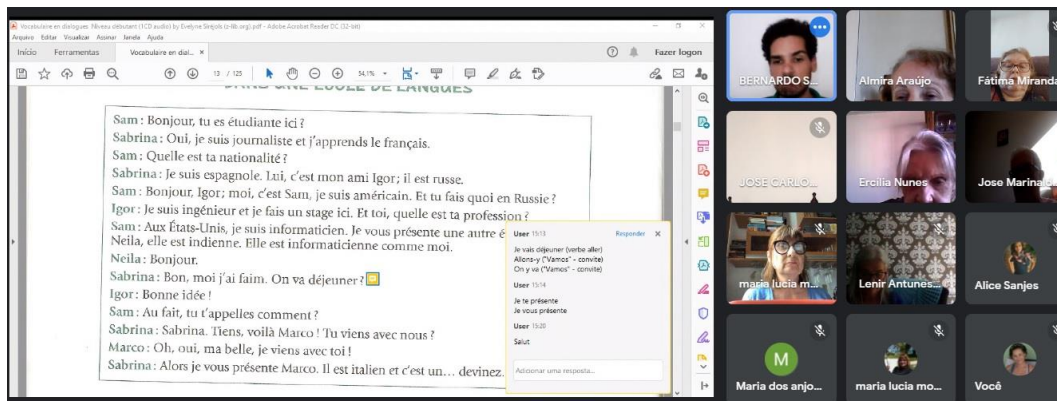
As dificuldades mencionadas não apareciam em seus relatos como estando relacionadas à idade. Eles diziam não ter intimidade com o manuseio dos dispositivos requisitados, pois nunca precisaram usar e não havia “uma pessoa por perto” para auxiliá-los, por conta do isolamento. Contudo, aqueles eram desafios a serem vencidos em prol do fazer etnográfico, que não deveriam desestimular a pesquisadora. As mesmas dificuldades das entrevistas foram enfrentadas nas aulas com o *Google Meet* (ver Figuras 3 e 4), porém potencializadas pela quantidade de acessos. Mencionavam o constrangimento em “atrapalhar a aula para pedir explicação de como fazer” determinadas coisas, para manter a conexão ou para interagir virtualmente. O constrangimento foi a explicação usada por grande parte das pessoas que acabaram desistindo de participar das interações *online*. A pesquisa se manteve em progresso via telefone e/ou *WhatsApp*.

Figura 3– Aula com a professora em 2021.



Fonte: Arquivo pessoal.

Figura 4 – Aula com o bolsista em 2021.



Fonte: Arquivo pessoal.

Definitivamente, o maior desafio do mundo virtual enquanto aporte metodológico esteve relacionado com a habilidade ou o hábito daquelas pessoas manusearem as diversas tecnologias demandadas, mesmo não se considerando leigas no assunto. Andrade, Detmering & Araújo (2019), a partir de entrevistas realizadas com a referida turma de francês do NIETI, acerca do uso de dispositivos de acesso à internet, informam os seguintes dados:

Entre as pessoas que disseram que usam o computador no cotidiano, 45% foram afirmativas. As principais queixas dos que não utilizam tal dispositivo são em relação à dificuldade no uso. Sobre a facilidade com as novas tecnologias, 89% disseram que não têm problemas, apesar de precisarem da ajuda de filhos, netos e amigos quando surgem dúvidas (ANDRADE, DETMERING & ARAÚJO, 2019, p. 201).

No entanto, boa parte da turma do francês encarou o desafio tecnológico e continuou participando das aulas e da pesquisa, respondendo ao meu apelo de realizar entrevistas *online*. Reconheço o esforço e fico grata por aquela turma ter perseverado, desmistificando muitas crenças. Algo bem próximo disso pude verificar na dissertação de Santana (2023), uma netnografia²⁰ com interlocutoras negras e idosas que frequentavam uma U3I (Universidade da Terceira Idade).

[D]evido ao contexto pandêmico, identificou-se que é necessário superar os preconceitos relacionados à velhice e a tecnologia. Apesar de existir algumas

²⁰ Trata-se de etnografia que utiliza o meio virtual para conhecer e analisar fenômenos socioculturais.

limitações apresentadas pelas interlocutoras, a vontade de aprender aliada a troca de saberes intergeracionais podem colaborar para avanços das utilizações das ferramentas digitais (SANTANA, 2023, p. 60).

Foi apenas no ano de 2023 que as aulas presenciais retornaram, com a obrigatoriedade de uso de máscaras em sala de aula no primeiro semestre. A partir de agosto daquele ano, a máscara passou a ser item opcional em todas as nossas interações, até mesmo nas apresentações teatrais do mês de dezembro, quando a Covid-19 ainda nos assombrava. Como esmiuçarei nas seções 1.3 e 4.3, o teatro foi usado como ferramenta pedagógica (para aprofundamento do estudo da língua francesa) e como aporte metodológico na pesquisa (dando oportunidade de observar a sociabilidade do grupo). No nosso retorno ao modo presencial, realizamos duas apresentações teatrais, uma em João Pessoa e outra em Bayeux. Recordo que a pesquisa com o grupo se manteve ativa até o final de 2023.

Escutar, e dar visibilidade, às pessoas da terceira idade que frequentavam o NIETI, e permitir que falassem de si são ações que me aproximaram da realidade vivida por elas, pois ancorando-me em Bourdieu (1986, p. 61), “o relato de vida tende a aproximar-se do modelo oficial da apresentação de si” (tradução nossa). Dessa forma, busquei estabelecer relações entre o discurso oficial da instituição e a fala dos meus interlocutores sobre temas relacionados à velhice e a projetos de vida (ponto central de interesse no estudo), o que apresentarei nos capítulos que seguem.

Uma insatisfação ou incômodo que senti desde o mestrado foi não encontrar um termo preciso para me referir às pessoas que participavam da minha pesquisa. Cheguei a usar (também nos artigos que produzi) palavras como participante, interlocutor, informante, que nem sempre refletiam a realidade da relação estabelecida em campo. Foi então que, agora no doutorado, escolhi me referir a elas como minhas ‘anfitriãs’. Isso mesmo. Por todo o contexto mencionado até agora, as pessoas que participaram da minha pesquisa eram meus anfitriões e minhas anfitriãs, e assim serão chamados/as ao longo da tese (o que não me impede de usar esporadicamente aqueles outros termos dos quais já fiz uso no passado).

Justifico a escolha do termo: essa nova terminologia que adoto tem mais a ver com a maneira como me senti perante o grupo, a partir dos vínculos que estabelecemos. Fui acolhida por aquelas pessoas, convidada a frequentar suas residências, seus espaços privados, me tornei conselheira e amiga. Fui convidada a penetrar sua intimidade de

vida, e até levar comigo pessoas da minha família e agregados (pelo que sou imensamente grata) em inúmeras ocasiões nas quais nos reunimos, nos confraternizamos. Não conseguiria escolher vocábulo mais apropriado do que ‘anfitriões’ para representar os seres humanos que tornaram possível meu estudo sobre envelhecimento, e que tão calorosamente me receberam desde o primeiro contato, com um sorriso e uma palavra de carinho, de incentivo, de amizade. Sublinhe-se, pois, o pressuposto de Grossi (1992, p. 55) “de pensar a relação entre o antropólogo e seus informantes em campo como central na construção de etnografias, conceitos e teorias na Antropologia”. Sem essa ambiência *unique*, o trabalho final seria outro.

A primeira vez que ouvi o termo “anfitriões” ser mencionado foi na *live* promovida por ocasião da comemoração dos 10 anos do PPGA-UFPB em 2021. Na palestra proferida pela convidada Prof^a Dr^a Silvana Nascimento, a docente nos presenteou com uma admirável explanação sobre sua relação durante anos com a instituição e com o programa, e fez uma breve menção ao uso daquele termo. Suas palavras ‘me atingiram em cheio’, e fui conversar com minha orientadora, a qual aprovou a ideia que lhe apresentei. Posteriormente, procurei a Professora Silvana para tentar entender o uso do termo. Ela mencionou que o vocábulo ‘anfitriões’ está posto no prólogo do livro *A Queda do Céu* (KOPENAWA & ALBERT, 2015), sendo dessa forma que Bruce Albert se refere aos Yanomami com quem esteve por décadas. Na página 51 do livro, consta o trecho em que o antropólogo francês Bruce Albert apresenta o seu amigo, Davi Kopenawa, e a si mesmo como autores do livro: “um xamã yanomami versado no mundo dos brancos e um etnógrafo com longa familiaridade com o de seus anfitriões”. A partir do entendimento do uso do termo, comecei a utilizá-lo em minha escrita, e aqui o farei sempre que se fizer pertinente.

Até o momento, venho mencionando em alguns trechos os recursos que utilizei sem apresentar a linha teórica em que me apoiei, e o farei agora, encerrando este tópico da tese. Para pensar a observação participante busquei Viveiros de Castro (2002) e Minayo (2010); para a participação observante, Wacquant (2002) e Krohling Peruzzo (2017); e para a entrevista, Minayo (2010) e Franch (2018).

Minayo (2010, p. 65) destaca que “pelo fato de captar formalmente a fala sobre determinado tema, a entrevista, quando analisada, precisa incorporar o contexto de sua produção”. A autora assevera também que a entrevista deve “sempre que possível, ser acompanhada e completada por informações provenientes de observação participante”

(*idem*). Emaranhei-me nos escritos de Viveiros de Castro (2002), para compreender metodologicamente a observação participante. Busquei o estranhamento em todos os momentos possíveis, para captar o máximo possível de cada informação compartilhada, entendendo que cada experiência é única. Cada pessoa enxerga uma mesma situação segundo seu prisma pessoal, mas afinal, estão todos ali compartilhando algo em comum.

Quanto à participação da pesquisadora no ambiente investigado, além da observação participante, encontra-se também a participação observante. Com base em Wacquant (2002), este tipo de método destaca o papel do pesquisador que passa a ter um envolvimento diferente com o campo, se compararmos à observação participante. Segundo o autor, o pesquisador (observador) torna-se um experimentador (experenciador) da realidade vivida pelos seus interlocutores. Como assinala, Krohling Peruzzo (2017), à parte do que está posto

nos manuais de metodologia sobre a pesquisa participante, ela comporta diferentes modalidades cujas especificidades se relacionam ao tipo de participação consumada pelo investigador e o nível de envolvimento do sujeito pesquisado, seja um grupo, uma comunidade, um movimento social ou uma instituição (KROHLING PERUZZO, 2017, p 162).

Para Krohling Peruzzo (2017), há várias formas de se fazer uma investigação participante – ou participativa. Uma delas é exatamente a participação observante, que surge como método na década de 1980 e no início dos anos 1990: pressupõe a presença constante do observador no ambiente investigado, para que ele possa ‘ver as coisas de dentro’, e o compartilhamento das atividades do grupo de modo consistente e sistematizado. Pelo envolvimento que tive no campo, em alguns momentos, realizei a participação observante, que não se assemelha à chamada pesquisa-ação, pesquisa militante ou pesquisa ativa – pelo menos, não foi essa a minha intenção. Apenas entendi ser necessário participar da vida daquelas pessoas e conhecer mais de perto as problemáticas vivenciadas, sempre que fui convidada por elas ou atuando nas peças que encenamos. Apoiando-me em Wacquant (2002), ao descrever meu campo, eu me inseria nele como objeto da observação, pois enquanto observava e analisava as vivências e as narrativas daquele grupo de pessoas acima dos 60 anos, eu reconhecia no meu trabalho a minha própria vivência de mulher que entrava na terceira idade – uma antropóloga fazendo trabalho de campo e, ao mesmo tempo, uma idosa refletindo sobre seu próprio entorno.

Quando optei por entrevistar algumas daquelas pessoas, o objetivo era aprofundar as informações que me cediam. Pela importância que determinadas entrevistas tiveram para a pesquisa, foi possível definir o núcleo duro que compõe a etnografia realizada. Nas entrevistas, que identifiquei como sendo do tipo biográfico, eu acessava o passado, fragmentos da história de vida de entrevistados/as. De acordo do Franch (2018),

[e]ste tipo de entrevista permite aos sujeitos da pesquisa a organização das suas experiências de vida atribuindo-lhes uma ordem própria, o que favorece a emergência de suas representações temporais. Neste sentido, a aproximação biográfica é importante não apenas pelo conteúdo, mas, sobretudo, pela forma como os acontecimentos são narrados e ressignificados (FRANCH, 2018, p. 118).

Resumindo, no desenho metodológico da pesquisa, fiz uso de recursos como a participação observante, a observação participante²¹ (permitindo a chegada de informações que nutriam reflexões sobre os projetos de vida, a importância do curso de francês para o grupo estudado etc.), também me propus a fazer entrevistas semiestruturadas, podendo acessar informações que vão além do momento em sala de aula, e que são fundamentais para o alcance do objetivo delineado. Contudo, o planejamento metodológico precisou ser refeito a partir do ano de 2020, por conta do isolamento necessário e impositivo. O meio tecnológico foi acessado, recursos virtuais precisaram ser incluídos em aulas, conversas e entrevistas. Apenas por alguns meses do primeiro semestre de 2020, devido à pandemia, fiquei afastada das aulas, mas não do campo, pois o contato via aplicativo de celular foi se mantendo constante desde o ano de 2019.

À época, fui impulsionada a refletir mais incisivamente sobre “virtualidades, presença, relações : A produção de um ‘campo estendido’ ” (CARNEIRO E FLEISCHER, 2020, p. 5), a partir do ano de 2020. Então, o *WhatsApp*, que desde sempre estava sendo usado em campo, passou a ser usado como campo, pois as interações passaram a ser mediadas pelo aplicativo, por estarmos privadas de encontros presenciais. Foi a partir das plataformas que acabava de conhecer que “uma presença

²¹ Busquei apreender com este método a imponderabilidade da vida real, pensando em Malinowski (1976).

conseguiu ser criada e mantida a partir e através da virtualidade que estabelecemos entre nós” (CARNEIRO E FLEISCHER, 2020, p. 6), meus/minhas anfitriãs e eu.

Cheguei a questionar o tipo de etnografia que passava a fazer, a partir da virtualidade. Entretanto, o contexto pandêmico suscitou a utilização dos aparatos tecnológicos para a manutenção da pesquisa de campo, tornando necessário que fossem utilizadas aquelas ferramentas *online*, e repensados os métodos etnográficos tradicionais, buscando-se os mais adequados à coleta de dados nessa nova modalidade (HINE, 2000; KOZINETTS, 2010; MIRANDA, 2020).

A tecnologia pode afetar pesquisadores e pesquisadoras, mas a descoberta de um mundo mediado por computador amplia a compreensão desse mundo, a compreensão de si e do outro, e vem tornando seu uso obrigatório há muito na antropologia e na etnografia. A partir do momento em que tive acesso a outros trabalhos que se utilizam de, e pensam a, metodologia virtual (HINE, 2000; KOZINETTS, 2010; MIRANDA, 2020), entendi que esta seria uma possibilidade e não um problema para o meu percurso metodológico. Nesses trabalhos a que tive acesso, os autores afirmam que as investigações no modo *online* são mais acessíveis, de uso fácil, oferecem vantagens no manuseio do tempo, e os resultados não diferem significativamente se comparados a outros tipos de investigação. Considerando que vivemos um longo período de pandemia enquanto pesquisava, foi necessário expandir o uso de tecnologias de acesso virtual no campo, inclusive com o *Google Meet*, para dar continuidade à pesquisa e às aulas para o público do NIETI.

Estes foram então os recursos metodológicos, instrumentos formais que acessei durante a pesquisa. Porém, o campo mostrou toda uma dinâmica própria, e com isso proporcionou outras possibilidades de observação. Uma delas, que permite expandir o que venho expondo sobre o uso de tecnologias, eu trago a seguir, pela relevância que acabou adquirindo, e por ter surgido com frequência nas verbalizações do grupo, permitindo sua análise enquanto técnica de pesquisa.

1.3 O teatro como técnica de pesquisa

Nesta seção, me dedico a pensar o fazer teatral ou as apresentações teatrais realizadas nos anos de 2019 e 2023. Inicialmente pensadas como aporte didático para o curso de francês, permitiu a observação da sociabilidade do grupo, da interação entre seus integrantes, dos seus corpos em cena, entre outras possibilidades que apresentarei

com mais detalhes ao longo do texto. Neste capítulo, pelo fato de o teatro ter sido acessado enquanto recurso metodológico e utilizado em diversos momentos no campo, desejo refletir sobre ele enquanto técnica, e diferenciar ‘técnica’ de ‘tecnologia’, termos passíveis de serem confundidos em alguma medida.

De início, menciono as tecnologias digitais. Pontuo que o acesso a elas dentro do universo escolar, pensado por inúmeros autores a exemplo de Buckingham (2010), permeia as formas como os sujeitos se constituem enquanto seres imersos no processo de uso dessas novas mídias nos saberes cognitivos, com consequências na maneira como se individualizam. Pereira (2008) vê o uso dos dispositivos como processos na construção de linguagens e sentidos corporais dentro da diversidade de discursos. Tal ênfase tangencia as multiplicidades de canais comunicativos acessados pelo grupo com o qual pesquisei, acerca da interação com ferramentas que funcionaram como pedagogias no processo de aprendizagem do idioma francês, e como ferramenta de observação para a pesquisa. Como exemplo, pode ser citado o teatro como tecnologia, ao qual a maioria dos anfitriões foi apresentada pela primeira vez durante o curso de língua francesa, fazendo com que refletissem sobre quão prazerosa foi a experiência.

Entendemos que no mundo globalizado deste novo milênio, tecnologia está em tudo. Em termos da cientificidade contemporânea, podemos citar o aparelho celular e o uso que o grupo costumava fazer dele, tanto no curso do NIETI como em sua rotina diária. McLuhan (1964), ao contextualizar os meios de comunicação como extensões do corpo humano, traz interessantes reflexões acerca dos reprocessamentos que fazemos dos aparatos tecnológicos, problematizando o dispositivo enquanto prolongamento do corpo e possibilitando questionamentos sobre o homem-máquina.

Podemos, mesmo, pensar o corpo como técnica, a partir do acesso do grupo pesquisado às tecnologias visuais (internet, teatro e TV, espaços em que seus corpos são veiculados desde 2017 nas ações do NIETI), com fotos e filmagens de suas atividades, ou relacionadas às atividades do Núcleo. Para Miller (2013), a mídia possui consequências no processo de formação da sociedade, abrangendo vários aspectos, como rádio, televisão etc. A presença da turma de francês nos espaços midiáticos influenciou sobremaneira a forma de cada pessoa se comportar, se vestir, se fotografar. Seus corpos têm acesso também às tecnologias médicas (ou dos medicamentos que fazem parte do seu cotidiano), às tecnologias linguísticas (como quadro negro, textos escritos etc.), dentre várias outras tecnologias que vão sendo identificadas ao longo do

processo de ensino-aprendizagem e de pesquisa, até alcançar o corpo, agora enquanto tecnologia de individuação e de identificação pessoal.

Ao tentar entender o ‘corpo como técnica’, socorro-me na definição de Mauss, [1934] 2003, p. 401): “Entendo por essa expressão as maneiras pelas quais os homens, de sociedade a sociedade, de uma forma tradicional, sabem servir-se de seu corpo. Em todo caso, convém proceder do concreto ao abstrato, não inversamente”. E conforme o entendimento de que “toda técnica propriamente dita tem sua forma” (*idem*, p. 403) se faz necessário o debate que apresento na próxima seção.

1.3.1 Técnica versus tecnologia: um debate necessário

Faz-se mister buscar uma diferenciação entre os termos ‘técnica’ e ‘tecnologia’ para o melhor entendimento da proposta de análise sobre o fazer teatral e o processo de construção que ele envolve, mas também por isso permitir que eu apresente outros aspectos que surgiram em campo e que se conformam como técnica ou como tecnologia a depender do enfoque. Entenda-se que a ‘técnica’ seria originalmente um saber fazer inerente à presença de uma cultura humana. Segundo Vargas (1994, p.19), “a técnica sempre teve um caráter mágico e simbólico [...] todas as técnicas tiveram origem mágica.” Foucault (1994), por sua vez, tratou das técnicas de si, afirmando que elas:

[...] permitem aos indivíduos efetuarem, sozinhos ou com a ajuda de outros, um certo número de operações sobre seus corpos e suas almas, seus pensamentos, suas condutas, seus modos de ser; de transformarem-se a fim de atender um certo estado de felicidade, de pureza, de sabedoria, de perfeição ou de imortalidade (FOUCAULT, 1994, p. 783).

A tecnologia, em contrapartida, é entendida, no senso comum, como um conjunto de conhecimento proveniente de fontes diversas. Quando o sociólogo francês Marcel Mauss ([1934] 2003) discutiu a tecnologia no campo da psicologia, tratava-se de um domínio até então sombreado pela noção tradicional do termo. Foucault (1994), que tratou de ‘poder’ em relação a este conceito, pensava a tecnologia como um sistema de práticas e ações investidas de uma racionalidade estratégica – lembremos aqui que segundo o escritor inglês Francis Bacon, saber é poder. Para fins desta pesquisa, dimensiona-se como tecnologia todo e qualquer meio e instrumento pelo qual a pessoa humana age, reage e interage com o meio. Numa tentativa de resumir o entendimento dos dois conceitos discutidos nesta seção, e refletindo sobre a citação que trago na

sequência, entendo que a técnica seria a forma influenciada pelo contexto social e a tecnologia, o instrumento da ação. Ao longo da reflexão proposta, e por várias vezes, serão mencionados imbricamentos dos dois conceitos, que ajudam a problematizá-los.

Uma espécie de revelação me veio no hospital. Eu estava doente em Nova York [em 1926] e me perguntava onde tinha visto moças andando como minhas enfermeiras. Eu tinha tempo para refletir sobre isso. Descobri, por fim, que fora no cinema. De volta à França, passei a observar, sobretudo em Paris, a frequência desse andar; as jovens eram francesas e caminhavam também dessa maneira. De fato, os modos de andar americanos, graças ao cinema, começavam a se disseminar entre nós. Era uma idéia que eu podia generalizar (MAUSS, ([1934] 2003, p. 403).

Parece-me que o andar de minhas anfitriãs em cena moldava as personagens a quem davam vida. Por exemplo, a anfitriã Eliane, apresentava um andar característico das modelos de alta costura europeia, influenciada por sua vivência enquanto estilista/modista da Vila Romana (empresa que é uma referência nacional no segmento de alfaiataria e moda masculina). Em cena, seu caminhar nos remetia ao movimento das *top models* desfilando e apresentando as peças de vestimenta à plateia. Ainda como exemplo, o andar pomposo do anfitrião Haroldo de um lado para o outro do palco refletia sua postura clássica diante de uma audiência, postura essa influenciada pelas décadas em que esteve em sala de aula como professor de língua estrangeira, impondo sua forte presença sobre o alunado, e talvez fosse também resquício da elegância de seus familiares londrinos. Percebemos que os corpos são marcados por vivências pregressas e pelos contextos sociais em que se inserem, denunciando suas histórias nas personagens a quem dão vida, ampliando “a noção do que seria um corpo extracotidiano” (BARBA, 2009 *apud* RANGEL, VARGAS & BUSSOLETTI, 2016) – o conceito de ‘corpo extracotidiano’ é estudado por antropólogos/as e profissionais das artes cênicas, ambos se baseando nos princípios da antropologia teatral.

O estudo do comportamento do ser humano quando ele usa sua presença física e mental numa situação organizada de representações e de acordo com os princípios que são diferentes dos usados na vida cotidiana. Essa utilização extracotidiana do corpo é o que chamamos de técnica (BARBA & SAVARESE, 1995 *apud* RANGEL, VARGAS & BUSSOLETTI, 2016, p. 197).

Uma questão pontual a ser mencionada neste debate é a geracional, por ser uma realidade encontrada em campo. O sujeito jovem já emerge dentro do contexto

tecnológico (aqui, como instrumento de inovação), em que os dispositivos digitais são uma extensão do próprio corpo, considerando-se as definições de McLuhan (1964). A pessoa idosa, por outro lado, vai sendo apresentada a esse universo de forma gradual, à medida em que surge a necessidade ou o desejo de nele ser inserida. Em outras palavras, ao se abordar a problemática a partir dos 60 anos, em que se verifica toda uma mudança estrutural física e intelectual, os usos das tecnologias em todas as suas manifestações (sobretudo as digitais) nas instituições de aprendizagem podem modificar e ampliar o arcabouço do sujeito da terceira idade enquanto participante na busca por novos conhecimentos, como se comprovou na pesquisa.

Algumas inquietações perpassam esse diálogo com corporeidade, técnicas, tecnologias e envelhecimento, referentes à maneira como o corpo na terceira idade circula no espaço acadêmico, atento às inovações tecnológicas. É fundamental ressaltar a problemática do corpo na construção social da pessoa idosa, por ser “no corpo que se vai gravando a história da cultura a que aquele corpo pertence” (CAMPELO, 1996, p. 66).

A terceira idade, enquanto identidade, passa por diversas modificações conceituais por meio das mudanças tecnológicas e sociais. O corpo enquanto técnica, vai sendo montado, alterado a cada performance teatral, e “novos desafios surgem com novas perturbações” (TSING, 2019, p. 370), pois cada nova apresentação traz consigo mais exigências por parte de cada discente. Essas exigências são em nível linguístico, mas também em nível corpóreo. É preciso falar francês, se expor para um público bastante heterogêneo, empostar a voz, caminhar de determinada forma, interagir com outras pessoas em cena (pessoas nem sempre da mesma faixa etária), se deslocar nos mais variados espaços com um figurino específico, e assim indefinidamente. Isso permite, como apontado por Miller (2013, p. 66), “uma visão mais integrada dos objetos e de seu ambiente social e cultural.” Destaca-se o próprio corpo agora como um exemplo de tecnologia em diálogo com o seu entorno, com base no entendimento das palavras de Preucel (2006, p. 79): “a identidade pessoal não se limita à consciência do corpo ou à consciência carnal. Em vez disso, estende-se à consciência social”.

Dito isto, entende-se os objetos como reveladores da cultura material de uma população. O corpo enquanto objeto é consumido. Evocando Miller (2013), o consumo como cultura material demonstra que as coisas possuídas estão carregadas de bagagem simbólica e devem ser trabalhadas como forma de compreensão social. Então, é preciso

pensar o teatro como espaço de representação corporal que permite experimentar e viver algo novo como pontuado pelos anfitriões.

– O teatro pra mim foi outro ponto de inflexão na minha busca, porque me deu oportunidade de me conhecer fora de mim, em outra situação. Um gato mágico, fazendo magia em frente a um público. Nunca passei por isso antes. Nem imaginava que poderia acontecer na minha trajetória de vida chegar nessa posição. Pra mim, foi ótimo. Adorei tudo o que eu fiz. Me senti livre, uma pessoa renovada ali no palco, provocando aqueles sorrisos, sentindo aquele carinho do público, e ao mesmo tempo, eu passando a minha humanidade para o público. Foi uma troca. Emocionante. Eu guardo isso para sempre (JOSELINO, 63 anos).

– Uma peça sobre gatinhos me deixou meio receoso num primeiro momento. Achei que seria um problema. Fazer performance de gato, eu? A sorte é que a Diretora, sabiamente, me colocou na personagem com as características idênticas ao pretenso Ator, me deixando mais confiante que seria possível. Acho que estamos todos de parabéns, por sermos um grupo como esse de idosos que nunca tiveram experiência em teatro, e sempre com pouco tempo de preparação e ensaios (JOSEMIR, 64 anos).

Depoimentos como estes nos lembram que é impossível falar sobre teatro no Brasil sem uma menção ao dramaturgo Augusto Boal (1931-2009), para quem “o teatro pode ser uma arma de libertação, de transformação social e educativa” (BOAL, 2002, p. 28). A pedagogia desenvolvida por ele costumava ser acessada nas aulas de língua francesa do NIETI. Boal foi diretor, dramaturgo, conhecido no mundo inteiro e criador do Teatro do Oprimido. Para este autor, a atividade teatral se constituiria um dispositivo para o autoconhecimento, um “instrumento eficaz na compreensão e na busca de soluções para problemas sociais e interpessoais” (*idem*, 29).

Também não é possível falar de teatro sem referenciar Constantin Stanislavski (1863-1938), cujas propostas cênicas são utilizadas por artistas de teatro, cinema e televisão. Seus ensaios e estudos são literatura obrigatória para qualquer pessoa que estude as artes cênicas ou que seja profissional delas. De acordo com Benedetti (1988), Stanislavski (ator, diretor, pedagogo, escritor russo de grande destaque entre os séculos XIX e XX e fundador do Teatro de Arte de Moscou) desenvolveu o sistema de preparação de atores que leva seu nome. O primeiro aspecto do sistema por ele criado se baseava em colocar o inconsciente para trabalhar, buscando a criação das personagens a partir de jogos que refletissem o que vem na mente do artista, como um *brainstorm*, estratégia trabalhada com a turma de idosos. O imprevisto aparece nas falas de alguns anfitriões.

– As peças foram sempre muito interessantes, muito legais. Pra mim, foi uma ótima experiência. Na primeira peça lá em 2019, eu estava muito inseguro, não conseguia falar um texto e fiquei num papel mais pra compor o contexto, o cenário. Mas fui evoluindo e na nossa última peça, eu já subi bastante de patamar, consegui improvisar. Já consegui falar em francês, me divertir, porque era algo que eu tava fazendo com muito prazer, me divertindo com as cenas (CARLOS71_anf1).

– Nunca participei de teatro antes do curso de francês, nem mesmo em escola, e até como espectador, acredito que só assisti a duas peças modestas, nada de clássicos do teatro. Mas os ensaios foram me dando confiança. Minhas duas apresentações foram momentos bem distintos; a primeira, por ser estreia, havia muita tensão entre nós, mas acho que superamos de forma brilhante, por isso gostei mais. Já na segunda estávamos mais calejados, nos permitiu até improvisar, superando um pouco os medos, evitando os deslizos, somando a isso foi uma interação maravilhosa com a plateia de crianças e mães (JOSEMIR, 64 anos).

Stanislavski e suas teorizações foram propagadas por inúmeros discípulos, dentre os quais, o mais renomado foi Grotowski (1933-1999), um diretor polaco que se tornou figura central no teatro do século XX ao criar o chamado ‘Teatro Pobre’. Em sua proposta, destacam-se a sinceridade e a autenticidade com disciplina. Para ele, o ator não deve representar para a plateia, mas confrontá-la, deve cumprir um ato autêntico, experimentando o lugar de espectador que participa de cada ato. Ele deve se doar, sem se controlar, se abrir sem se fechar em si mesmo, o que seria característico do narcisismo. É assim que, a partir desses ícones do teatro mundial, foi pensada inicialmente a atividade teatral para os indivíduos da terceira idade em foco. Num primeiro momento, usado como ferramenta didática, nesta pesquisa, o teatro se apresenta como espaço para reflexões sobre o envelhecimento humano, que vou apresentando em outros momentos neste texto.

Constatamos que o teatro mobiliza o grupo em estudo e contribui para a aquisição de novos conhecimentos e novas habilidades. A partir daí, podemos problematizar, refletir sobre o envelhecimento e a autopercepção sobre ‘ser velho’. Para tanto, procuramos nos apoiar em textos produzidos por antropólogos que desenvolveram trabalhos com teatro, a exemplo de Labate & Cesarino (2010). Como publicado na revista eletrônica Ponto Urbe, o antropólogo Pedro Cesarino, doutor pelo Museu Nacional (UFRJ) e professor da Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP), preparou uma livre recriação para dramaturgia de uma narrativa mítica cantada, Kaná Kawã, do povo Marubo, população do Vale do Javari, na fronteira com o Peru. Na

entrevista concedida à revista, o antropólogo fala da experiência com o trabalho de dramaturgia para uma companhia de teatro de grupo de São Paulo, comentando ainda outros assuntos tais como a relação entre vivos e mortos, os limites da finitude e do humano e a relação entre tradição e modernidade.

A relação entre teatro e antropologia não é nova, teve um grande impulso das décadas de 60 e 70 com os trabalhos de Victor Turner, Jerzy Grotowski, Peter Brook, Eugenio Barba, Richard Schechner, entre outros. O encenador inglês Robert Wilson produziu recentemente um grande espetáculo teatral que parte de um ciclo mítico indonésio (I La Galigo). Antes disso, Peter Brook adaptou o Mahabharata para o cinema. Ainda antes disso, toda a cultura de vanguarda da passagem do século XIX para o XX estava voltada para a recriação de referenciais extraocidentais. Todo esse debate está de certa forma fora de moda na antropologia atual: creio que se torna agora possível reavaliar a relação entre teatro, performance e antropologia, ampliando os horizontes já lançados pelos autores acima mencionados. A circulação de um espetáculo teatral se dá por ambientes bastante distintos do conhecimento antropológico [...] e representa portanto uma contribuição importante para a sociedade e a cultura brasileiras (LABATE & CESARINO, 2010, referência eletrônica).

O antropólogo destaca em sua entrevista que o grupo de teatro profissional com o qual trabalhou “parte de um conhecimento que, infelizmente, ainda se restringe à produção de etnologia e o faz circular em um ambiente artístico [...] toma conhecimento do que se produz em antropologia e oferece um espetáculo original” (LABATE & CESARINO, 2010, referência eletrônica). A partir dos apontamentos de Rangel, Vargas & Bussoletti (2016), profissionais que também pensaram o imbricamento entre antropologia e teatro, podemos entender que a autopercepção e ressignificação do ‘ser velho’ na nossa sociedade perpassa a expressão e utilização corporal no cotidiano, seja a partir de atividades do dia a dia, seja no escopo da atividade teatral (profissional ou amadora).

As pessoas se movimentam por uma necessidade, ou seja, caminham, fazem suas obrigações, trabalham, exercitam-se, mas, quando expandimos essa noção para o prisma do aprofundamento da expressividade do movimento, existem muitos fatores para serem observados. [...] Um corpo que não somente se movimenta para viver, mas que se percebe para, então, chegar a ter verdadeiras possibilidades de expressão no teatro (RANGEL, VARGAS & BUSSOLETTI, 2016, p. 197).

Pensando, então, a expressividade do movimento e suas possibilidades a partir do estudo com alunos/as do NIETI, um ótimo exemplo de tecnologia construída pelo grupo são os figurinos, alguns dos quais confeccionados por cada ator ou atriz, com

base em suas respectivas personagens. Já ficou constatado que observando os corpos em interação na prática teatral, se consegue analisar a presença de diversas tecnologias, e para dissertar sobre isso, uma proposta seminal é o trabalho de Miller (2013) pontuado ao longo desta seção. Cada qual opina, pesquisa, escolhe, participa da construção daquilo que vai ser sua indumentária nas apresentações, ressaltando o sentido de equipe e a sociabilidade do grupo. Miller (2013, p. 21) mostra que “escolhemos as vestimentas por tal motivo” [grifo nosso], e no teatro isso se verifica. Então, as escolhas feitas por cada pessoa não se dão apenas porque a diretora (no caso, a professora) diz que tal peça de roupa é adequada, mas porque “é preciso parecer o mais verídico possível em cena” (anfitriã VIRGÍNIA).

A técnica utilizada na construção do figurino é pessoal (embora a diretora oriente, encaminhe a proposta, e os colegas opinem), cada ator e atriz dá uma repaginada a partir de sua subjetividade. Analisando as afirmações de Miller (2013), a indumentária, o figurino, as vestimentas seriam “uma pseudolinguagem” que muito pode revelar sobre cada indivíduo, estando essas coisas materiais relegadas “ao estudo da linguagem, uma forma não falada de comunicação, capaz de dizer [...] como as coisas fazem as pessoas” (MILLER, 2013, p. 21), sendo preciso ficar atento ao que tais coisas comunicam.

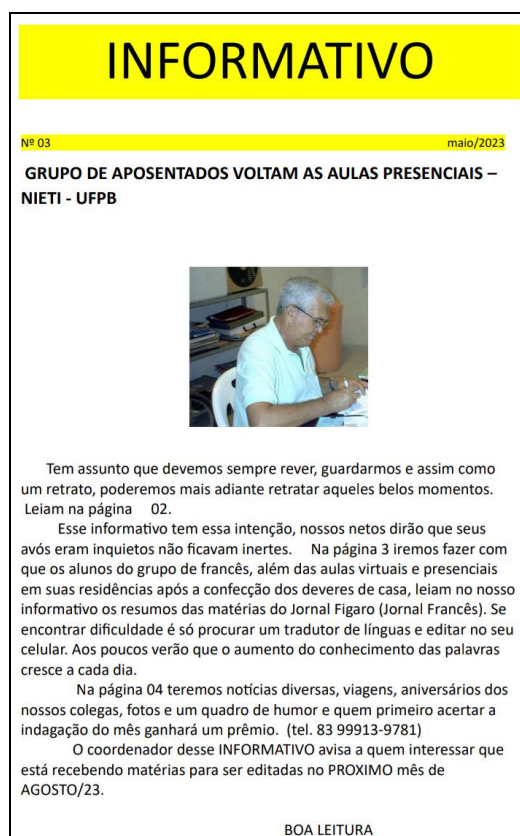
– Eu me diverti em cena ao ver meus colegas atuando, e algumas pessoas desabrocharam e brilharam no palco. Eu destaco algumas pessoas como a Eliane, a Sônia, que estavam ótimas, e seus figurinos enriqueceram as personagens, estavam fabulosas. O Josemir e o Joselino se destacaram muito, com figurinos imponentes, estavam ainda mais confiantes. A Anamari e o Jório estavam uma graça, cheios de charme, participações muito importantes dos dois (CARLOS71_anf1).

– Comprei minha fantasia como essa da foto aí. Quando ela chegar, eu me arrumo pra você ver. Mas como você disse que não poderia ser branca, escolhi listrado vermelho e azul. Tem uma armação de tule por baixo da saia, e o sapato não vai ser alto. Os acessórios vou providenciar... vai ficar diferente do que você queria, tudo bem? (ANAMARI74_anf3).

Além do que trouxemos até este ponto, buscando em Miller (2013) material teórico como suporte, as assertivas de Lemonnier (2012) também se constituem como ótimo pilar teórico para as análises. As colaborações deste filósofo francês são relevantes para este trabalho, principalmente por mostrarem que os objetos (quaisquer objetos) podem ser usados em dado momento, por dada comunidade, como uma forma

de resumir e tornar compreensíveis várias normas fundamentais das relações sociais, de uma maneira que as palavras não podem. É isso que acontece também com a criação de um informativo mensal de um aluno da turma: ele comunica relações sociais construídas e reforçadas, com suas regras e características próprias. O informativo seria, então, fruto da vivência com as imagens criadas. Assim como Boal (2002) assevera em relação às construções teatrais, também naquele boletim a memória se fez presente nas imagens e nos relatos provocados pelas próprias imagens (ver Figura 5) das cenas teatrais publicadas.

Figura 5 – Boletim informativo da turma.



Fonte: Arquivo Pessoal.

Outros bons exemplos do que entendemos como ‘tecnologia’ e que merecem destaque na observação da turma em foco são os medicamentos e sua relação com o próprio teatro. Percebeu-se, entre algumas pessoas do grupo, a mudança da tecnologia ‘remédio’ para a tecnologia ‘teatro’ (principalmente, entre as mulheres, as anfitriãs – isso não exclui a presença dos homens nessa mudança, porém foram as mulheres as que mais verbalizaram os benefícios do fazer teatral em suas rotinas, se compararmos às

verbalizações dos homens). Dito de outra forma, a participação nas peças teatrais, o fazer teatral, pode demonstrar o uso de uma tecnologia que minimiza a relação com outros objetos – haja vista o entendimento de que há troca, de que é realizada uma transferência de função do medicamento para o teatro, e passando aí pelas pessoas. Observa-se inclusive a autonomia do objeto ‘remédio’ através da ‘tecnologia cênica’.

Vários foram os relatos de pessoas que entraram no curso (fazendo uso constante de medicamentos pesados e controlados) para combater a depressão ou a falta de perspectiva pessoal, e que em outros momentos já consideravam ter encontrado ‘motivos para sair de casa’ (demanda de familiares) e se agrupar, criando relações e elos afetivos com colegas de turma, diminuindo com isso a ingestão de alguns medicamentos, ou mesmo subtraindo-os de seu cotidiano, ou ainda substituindo-os por chás, gerando qualidade de vida (a diminuição da ingestão de medicamentos foi identificada apenas antes da pandemia). Destaco que se em algum momento se mostravam com dificuldade de interação com o grupo, em outro estavam mais otimistas e buscando a construção de planos com o sentido de equipe. Essas pessoas, embora uma parcela reduzida do público em questão, costumavam ser as mais motivadas a participar do curso e das exposições programadas, assinalando que o estudo da língua francesa e as apresentações teatrais abriram portas para a construção de novos projetos em seus cursos de vida. Juntam-se a seus relatos outros tantos, de colegas que percebem a importância daquelas atividades em suas rotinas.

– Usava e ainda uso medicamento para pressão alta. Mas minha saúde melhorou depois que comecei a frequentar as aulas, as peças, um universo desafiador e maravilhoso ao mesmo tempo (ALDEÍZA, 78 anos).

– Do nada, a gente conseguiu fazer uma peça linda. A gente não esquece mais o que viveu. Valeu muito a pena, um figurino lindo. A gente tem muito o que agradecer. Não tenho palavras pra dizer o que significou pra mim, pra minha saúde, pra minha mente. Quero fazer cada vez melhor, depois que o medo da primeira apresentação passou, é só ir melhorando cada vez mais. Sou muito grata (ELIANE, 72 anos).

– A peça dentro do estudo do francês foi um casamento perfeito... uniu a linguística, a voz sendo expressa através da música sobretudo. Essa harmonia nos trouxe grandes conhecimentos, em conjunto, grandes benefícios. Conseguimos aprender francês, treinar o palco, o lado emotivo, humano, emocional, a criatividade, a vontade de fazer as coisas. Um conjunto de vários sentimentos reunidos, que é raro acontecer. É raro ter essa oportunidade depois dos 60 anos, quando as perspectivas, aparentemente, dizem o oposto. Nunca havia tido experiência com o palco, e foi motivador (JOSELINO, 63 anos).

Os relatos mostram que algo que acontece no presente pode promover mudanças, e estas podem ser projetadas para o futuro. Relacionando esse ponto com a categoria ‘projeto de vida’ que é o fio condutor desta pesquisa, deduzo que projetos vão sendo construídos ao longo do curso da vida, a partir de um ‘campo de possibilidades’, como nos fala Velho (2006). Essa construção se dá a nível individual, influenciado por nossas vivências pessoais, mas também a nível grupal, neste caso, influenciado ou apoiado pela comunidade onde se está inserido.

O espaço cênico que era construído, montado, previamente concebido e pensado em conjunto, se modificava a cada performance, por acréscimos ou subtrações a depender do local da apresentação. Trabalhando sempre com a proposta do Teatro Pobre de Grotowski (1971), importava mais desenvolver a personagem, o improviso e o figurino do que o cenário em si. Cada vez mais se sentindo artistas, as pessoas se empoderavam e iam se habituando aos diferentes cenários e paisagens – ambientes fechados ou ar livre –, se adaptando e crescendo enquanto pessoas que diziam se sentir jovens por dentro, cheias de energia, em oposição a aspectos puramente estéticos, frequentemente associados à velhice. O trabalho em equipe é um ponto a ser destacado, pois houve uma constante troca de ideias e de materiais cênicos entre as pessoas do grupo. Algumas delas muito habilidosas com os trabalhos manuais se disponibilizavam a confeccionar objetos do cenário, detalhes de seus figurinos e dos colegas também.

– Houve sempre um conagraçamento, uma energia muito boa, todo mundo unido, se ajudando na construção de tudo, figurino, cenário. As que costuravam não cobravam nada pelo seu trabalho, e como elas diziam, faziam por amor mesmo. Pra mim, isso tudo funciona como uma terapia, é muito legal. Os personagens dialogando um com o outro. Todo mundo se divertindo e curtindo as cenas (CARLOS71_anf1).

– A Virgínia foi muito proativa, tanto sobre os nossos personagens, quanto sobre o figurino; acredito que ela foi assim com todos os colegas. E as dicas da professora sobre postura me ajudaram muito; a alteração da minha fala, dando mais visibilidade à personagem me agradou bastante (JOSEMIR, 64 anos).

Chamava a atenção a maneira como interagiam com o figurino, mas também com o cenário. Algumas dessas pessoas chegavam a dar sugestões de cores, texturas, luzes, até intervir nos diversos objetos que compunham os espaços em que teriam a oportunidade de objetivar as performances. E isso fala bastante sobre como se percebiam, que importância atribuíam ao que estavam fazendo, como valoravam as

atividades. São os objetos em si, é a técnica utilizada, é a linguagem não verbal, é o não dito, comunicando muito além do que está posto, nos mostrando que não se pode enquadrar/fechar ninguém em uma caixinha com o rótulo ‘velho’.

– Estou conseguindo algumas coisas que possam ser úteis. Vou te mandar fotos... Encontrei essas máscaras, e são bem em conta. Vou levar no nosso próximo ensaio. Mas a maquiagem deve ficar ótima também, né? Bem, tem que estar em harmonia, imagino, com os outros colegas (JOSELINO, 63 anos).

– Vou trazer uns materiais de espuma colorida de uma colega que trabalha com teatro. Vou trazer pra gente usar na apresentação, e ver se funciona. Eu achei muito bonito e tem tudo a ver com a nossa peça (ROSÂNGELA, 63 anos).

O anfitrião se preocupava em encontrar os adereços que estivessem em conformidade com a proposta da peça, sendo proativo, e avaliando entre as possibilidades o que seria mais viável para estar em “harmonia” com os demais integrantes do grupo. Da mesma forma, a anfitriã vislumbrava a possibilidade de abrilhantar o cenário com algo que vira em outra peça, dirigida por uma colega sua, que nos cedeu o material cênico para uma apresentação. Revisitando Miller (2013), os “trecos” são parte necessária de existência humana. Esse autor constrói um alicerce para o que denominou de “humanidade das coisas”. A importância dos objetos estaria na capacidade de parecerem invisíveis ou não mencionados. Se as pessoas têm consciência deles, estes determinam cada vez mais as expectativas daquelas, e garantem o comportamento mais adequado da coletividade de seu entorno.

Miller (2013) mostra que os objetos ensinam o indivíduo a agir de forma ajustada às situações, ou seja, os objetos moldam as pessoas e estão intimamente ligados aos relacionamentos humanos, assumindo o papel de formadores da vida psíquica e social dos indivíduos. Nas atividades realizadas com o grupo do NIETI, era frequente se perceber um determinado objeto sendo preterido ante outro, porque, como destacava o anfitrião, o primeiro “não condiz com a personagem” (CARLOS71_anfl), o que revela muito mais do artista em si do que da personagem à qual ele dá vida. Nos informa Tsing (2019):

Estamos continuamente desenvolvendo novas maneiras de aprender sobre os outros, estendendo nossos modos de viver e conhecer. Somos participantes, bem como observadores [...]. Nós não apenas identificamos os não humanos

como os outros estáticos, mas sim aprendemos sobre eles e sobre nós em ação, através de atividades comuns (TSING, 2019, p. 34).

Trata-se, como pode ser depreendido a partir dessa citação, de uma contínua troca, um contínuo movimento entre humanos entre si e entre estes e os não-humanos. Esse movimento dizendo sobre quem são, como se veem, como veem os outros, se construindo afinal.

Toda troca comunicativa subentende que os participantes desta troca ajam uns sobre os outros através da utilização da língua e dos códigos para-verbais e não-verbais. É necessário, ainda, que eles se engajem reciprocamente nesta “interação verbal” para que haja uma troca. Não é suficiente que eles se falem alternadamente, mas que eles estejam efetivamente ‘engajados’ na interação e que se façam compreender através de sinais de engajamento mútuo (CHIANCA, 2010, p. 180).

Portanto, a discussão apresentada nesta seção foi permitindo não só perceber a construção de relações afetivas e sociais, como também a construção e a consciência de si em um contexto lúdico acadêmico através da técnica e da tecnologia. O sentimento de realização pessoal foi esboçado pelo grupo, e seus membros verbalizaram a gratidão por estar ali, a exemplo do que segue.

– Você viu como a gente foi super aplaudido? Que maravilha. Deus é bom. O cenário tava em ordem, os figurinos muito elogiados. Só Deus pra fazer isso na vida da gente (MARTHA70_anf11).

– Vai ficar marcado, deu um novo impulso na minha espiritualidade e me fortaleceu muito na minha caminhada daqui pra frente... Aquelas crianças, seus aplausos, o sorriso, a festa que faziam, foi realmente mágico (JOSELINO, 63 anos).

– Essa última peça foi algo tão maravilhoso, tão inusitado na minha vida que até o presente momento eu ainda não saí do efeito dela, continuo rindo cada vez que eu lembro. Com você sabe, eu tenho o riso muito frouxo. Eu fico rindo, assim, me deliciando com a atuação de cada amigo nosso, de todos em geral. Foi uma coisa muito bonita, muito interessante, e só fez acrescentar na minha vida. Muito interessante mesmo. Eu fiquei assim... tanto é que eu ficava contemplando a atuação dos meus colegas e esquecia que tava na peça também. Realmente foi algo pra gente se orgulhar, nos trazer gratidão, felicidade. Apesar de toda trabalhadeira que passamos, hoje a gente nem lembra mais disso. Só lembra do quanto foi maravilhoso (SONIA66_anf6).

Conclui-se, portanto, que as artes cênicas influenciaram as práticas sociais da terceira idade em foco, conformando-se como pedagogia, tecnologia e técnica nesse intenso processo de construção de relacionamentos afetivos, quando da busca por individuação e pertencimento a um espaço educacional e social. Como pontua Tsing

(2019), precisamos ser capazes de diferenciar entre formas de perturbação que são inimigas para toda a vida e essas que oferecem oportunidades multiespecíficas.

Pensar e problematizar o contexto teatral dentro de uma etnografia na área de antropologia envolve desafios que tentamos vencer com as discussões teóricas apresentadas. Por isso, desejo pensar entrecruzamentos que envolvam essas duas atividades humanas, sem aprofundar, apenas tangenciando a antropologia do teatro, conceito desenvolvido por Eugenio Barba nos anos 1970, e que tende a se afastar das provocações trazidas pelo campo de pesquisa. Barba considera o Teatro Antropológico baseado na pergunta “quem sou eu?”, enquanto pessoa de um determinado tempo e espaço. Ele considera também a capacidade de trocas e compartilhamentos com pessoas estranhas e distantes no espaço e no tempo. É nesse intercâmbio que vai ser possível enxergar além do universo conhecido, e encontrar um novo ‘território’. É nesse intercâmbio que uma cultura pode desenvolver-se e transformar-se organicamente (BARBA, 1970).

É uma ciência pragmática que estuda as técnicas do trabalho do ator a partir de um processo comparativo com os vários estilos de interpretação teatral, da oriental a ocidental. Para Eugenio Barba “a Antropologia do Teatro é o estudo do comportamento pré-expressivo do ator no palco, que está na base dos diferentes gêneros, estilos e papéis, e das tradições pessoais ou coletivas. Ou seja: “Numa situação de representação organizada, a presença física e mental do ator é modelada segundo princípios diferentes dos da vida cotidiana. O uso extra-diário do corpo-mente é o que se denomina técnica” (ESCOLA DE TEATRO DE SÃO PAULO, 2021)²².

Em sua proposta de pensar as aproximações entre o fazer teatral e o fazer antropológico, o pesquisador Schechner (2011) muito nos auxilia a compreender a importância e as possibilidades dos campos de abrangência de ambas as ciências. Professor de Estudos da Performance na *Tisch School of the Arts* da Universidade de Nova Iorque, Schechner dedica seus trabalhos a pensar a performance em suas mais variadas manifestações.

A antropologia está focada na ação humana [...] Eu me volto para a antropologia não por ser uma ciência que resolve problemas, mas porque eu percebo uma convergência de paradigmas. Assim como o teatro está se antropologizando, a antropologia está sendo teatralizada. Esta convergência é a ocasião histórica para todos os tipos de trocas. A convergência de

²² Disponível em: <https://www.spescoladeteatro.org.br/noticia/o-que-e-antropologia-teatral>. Acesso em: 10 jan. 2024.

antropologia e teatro é parte de um movimento intelectual mais amplo no qual a compreensão do comportamento humano está mudando de diferenças quantificáveis entre causa e efeito, passado e presente, forma e conteúdo, etc. (e os modos lineares de análise que explicam tal visão de mundo) a uma ênfase na desconstrução/ reconstrução de atualidades: os processos de enquadramento, edição, e ensaio; o fazer e manipular faixas de comportamento – o que eu chamo de “comportamento restaurado” (SCHECHNER, 2011, p. 234-235).

A partir deste autor, trago algumas considerações para fechar esta seção, por entender a importância de suas colocações e por ter vivido em campo, desde a época do Mestrado, as inquietações de uma pesquisadora que sentia insegurança quanto ao seu mover em campo. Lá, eu me movi entre pessoas jovens de torcidas organizadas. Aqui, me movi entre pessoas idosas que desafiavam o meu entendimento prévio sobre velhice, sempre tentando não influenciar comportamentos com a minha presença – como se isso fosse possível. Hoje entendo que performance em campo é tudo.

A beleza da “consciência performática” é que ela ativa alternativas: “isto” e “aquilo” estão ambos simultaneamente operativos. Na vida ordinária as pessoas cumprem destinos – tudo parece predeterminado: há uma chance remota de dizer: “Corte, refaça isso”. Mas a consciência performática é subjuntiva, cheia de alternativas e potencialidade. Durante os ensaios especialmente, alternativas são mantidas vivas, o trabalho é intencionalmente não fixado. A celebração da contingência – um triunfo verdadeiro, se temporário, sobre a morte e o destino – descreve mesmo as performances rituais, especialmente aqueles rituais conduzidos por velhos mestres a quem a habilidade de improvisar não é negada (SCHECHNER, 2011, p. 215).

Com base nas pontuações do autor, muitas são as faces ou fases da ação performativa, pensando-se a estética. Isso se relacionaria diretamente com a teoria social. Ele cita como exemplo dentro da antropologia, o “drama social”.

O “drama social” em quatro partes de Turner – ruptura, crise, ação reparadora, reintegração (ou cisma) – é derivado do modelo greco-europeu de drama. Mas, como Turner disse, às vezes uma fase de um drama social ferve por anos e anos, às vezes não há resolução mesmo depois de uma série climática de eventos (SCHECHNER, 2011, p. 220-221).

Schechner (2011) discorre sobre um ponto interessante identificado no campo, o prolongamento do encontro em cena para um espaço de confraternização – no nosso caso, o *coffee break*, momento em que aproveitamos para conversar sobre o momento vivido e que ainda reverberava em nossas mentes, e a subsequente confraternização de final de semestre, que acontecia sempre dias depois das apresentações. Naqueles

espaços, pudemos ouvir narrativas do tipo: “Amei essa apresentação. Vocês perceberam como a plateia estava reagindo a nossa fala, mesmo que fosse em outra língua?”, destacou uma anfitriã; “Quando termina, a gente fica querendo mais, achando que podia ter melhorado a fala. Eu esqueci a parte que eu mais treinei”, acrescentou um anfitrião; “Foi engraçado. Exatamente na hora de me apresentar, eu esqueci o nome da personagem, aí pronto. Comecei a rir e os colegas soprando [dizendo o nome] atrás de mim”, ainda lembrou outra anfitriã. Todas as nossas conversas pós espetáculos eram regadas a café, chás, sucos, vinhos, e acompanhadas de comidas deliciosas preparadas pelo próprio grupo, uma vez que a turma é repleta de pessoas que sabem e apreciam cozinhar.

Em teatros por todo o mundo, depois de um show os performers comem, bebem, conversam e celebram. Um novato entre os atores se pergunta como tanta energia sobra para estas rodadas depois-do-teatro. Mas a verdade é que estas atividades não ocorrem “depois” mas “são parte” da performance e deveriam ser estudadas como tal. Em muitas culturas, ingerir alimentos e bebida, compartilhar memórias do que aconteceu, é ou a conclusão da performance ou parte de cerimônias depois-da-performance. Parece que uma performance realizada de todo o coração literalmente “esvazia” os performers, e um modo de eles se restabelecerem (ou ser restabelecidos) à vida ordinária acontece quando são reabastecidos com comida e bebida, sagrada e profana. Ou, ao contrário, a performance preenche tanto os performers com energia e excitação que eles precisam de tempo para extravasar através de uma socialidade exuberante (SCHECHNER, 2011, p. 224-225).

É bem fácil entender a energia que acompanhava a turma após as apresentações, por ter testemunhado o envolvimento na criação de cada peça do figurino, pelo processo de entrega das pessoas. Tamanho envolvimento demanda energia que não se esgota em vinte minutos em cena. É preciso mais. Também não se esgota com os ensaios que acontecem em menor número do que na atividade teatral profissional, em que se poderia investir até dois anos na construção de um espetáculo. Os ensaios são ‘curtidos’ por todos, como acrescenta Schechner (2011, p. 225): “A maioria dos performers gosta de ensaios. É neles que o ‘trabalho criativo’ é feito”. Caracterizações são construídas, coreografia inventada ou aprendida, os muitos elementos que compõem uma performance são testados. O autor afirma que “as técnicas de transmissão de conhecimento performático são uma base forte para troca entre as pessoas do teatro e os antropólogos” (*idem*, p. 229-230).

As pessoas do teatro entendem de treinamento: é esperado que os professores de teatro sejam capazes também de praticá-lo, o que significa que os professores foram treinados como atores, diretores, cenógrafos, figurinistas, etc. Os antropólogos são observadores treinados; e alguns antropólogos – não o suficiente, mas em um número crescente – também participam das culturas que eles observam. As pessoas do teatro podem ajudar os antropólogos a identificar o que procurar em um treinamento ou situação de performance; e antropólogos podem ajudar as pessoas do teatro a ver performances dentro do contexto de sistemas culturais específicos (SCHECHNER, 2011, p. 229-230).

O autor informa assim estabelecer um ponto de encontro entre as duas ciências humanas, destacando que é preciso estar dentro, envolvido, para então ter condições de avaliar, criticar ou interpretar uma atividade humana. E alerta inclusive que os métodos antropológicos e teatrais vêm convergindo, a partir do crescente número de pessoas em ambas as disciplinas que têm cruzado fronteiras. Da parte do teatro, Schechner (2011, p. 230) aponta que “Grotowski, Brook, Barba, Turner, Turnbull estão trabalhando específica e concretamente em modos que são interculturais e interdisciplinares”.

Há uma diferença entre crítica e interpretação? (Clifford Geertz estudou, interpretou, criticou, ou resenhou a briga de galos balinesa?). A maioria dos artistas escarnecem dos críticos mas aceitam seus elogios. Estes mesmos profissionais apreciam a crítica de seus colegas performers oferecidas em privado (SCHECHNER, 2011, p. 230).

Seguindo as assertivas de Schechner (2011), verifica-se que ele baseia muitas das suas colocações em trabalhos realizados por Turner no campo antropológico, ao ponto de comparar este pesquisador a Eugenio Barba. Quanto mais se conhece o trabalho desses dois ícones em suas áreas (Barba e Turner), tanto mais se tende a concordar com as colocações de Schechner.

Turner fez pela antropologia o que Barba está fazendo pelo teatro. O trabalho de Turner se desenvolve por várias décadas e cobre grandes áreas conceituais. Desde os anos 60 ele estava interessado em ritual-como-performance e mais recentemente no que ele chamou de “etnografia performatizada”. Colaborando com sua esposa, Edith Turner, esteve experimentando a performance da etnografia para auxiliar a compreensão dos estudantes de como as pessoas em outras culturas experimentam a riqueza de sua existência social, quais as pressões morais sobre eles, que tipos de prazeres eles esperam receber como recompensa por seguir certos padrões de ação, e como eles expressam alegria, luto, deferência, e afeição, de acordo com expectativas culturais. (SCHECHNER, 2011, p. 232).

Para este autor norte-americano, seria bom ver algumas das ideias de Barba unidas com as ideias dos Turners, isto é, enfatizar não apenas aspectos cognitivos e

experienciais das etnografias encenadas, mas também o cinestésico, “como o corpo é manuseado, mantido, restringido, liberado? Isto colocaria nos corpos dos estudantes performers um senso vívido do que é se mover ‘como se’ fosse o outro” (SCHECHNER, 2011, p. 233). Afinal, “nós estamos no processo de aprender como humanos também são *ludens* e *performans*: aqueles que jogam e performatizam” (SCHECHNER, 2011, p. 235).

Desejei encerrar a seção com essas teorizações para demonstrar que a antropologia (ou mesmo as ciências sociais) dialoga com o teatro e pode ampliar nosso conhecimento sobre o ser social de qualquer segmento etário. O teatro enquanto técnica permitiu que percebêssemos pessoas 60+ que frequentam os cursos de extensão do NIETI construindo novos projetos de vida a partir dessa experimentação.

Em reconhecimento à dedicação de meus interlocutores, e ao seu pronto atendimento às minhas demandas para a pesquisa, passo agora a outro ponto crucial da metodologia empregada neste estudo: a devolutiva de dados. Desejo refletir sobre este tópico pela importância que ele tem no âmbito da antropologia e pela maneira singular como ocorre nesta pesquisa.

1.4 Restituindo os dados da pesquisa

A discussão que desejo apresentar – a devolução dos dados do/ao campo – dialoga diretamente com aspectos éticos e metodológicos da pesquisa, e está mergulhada em, e atravessada por, questões próprias do tipo de objeto que estudei: uma terceira idade com projetos de vida. São pessoas: muito orgulhosas e envaidecidas de seus percursos pessoais e profissionais; felizes em participar de uma pesquisa de doutorado em um ambiente (a universidade) aclamado como reduto dos jovens, ou dos de pouca idade – um grupo desejoso de ver publicadas as suas narrativas e histórias de vida; que cobraram acesso às minhas publicações desde sempre.

A tessitura da reflexão sobre como se dá essa devolução no presente campo, provavelmente, difere bastante de outros em que são debatidas questões sobre saúde, raça, território, parentesco, por exemplo. Sabemos que há diferenciação de pesquisas realizadas “com”, de pesquisas realizadas “em” seres humanos, e que, no seio da antropologia, os interlocutores são interpelados enquanto atores sociais “com” quem se interage. A maneira como se operacionaliza a restituição dos dados deste estudo em

específico está diretamente relacionada com especificidades do campo pesquisado e com os vínculos estabelecidos com ele.

No intuito de pensar a devolutiva da pesquisa, busquei autores/as que já discutiram o tema, e percebi que a área da saúde concentra um maior número de reflexões nesse sentido, a exemplo de Knauth & Meinerz (2015), mas também acessei trabalhos sobre parentesco (DAMÁSIO, 2022), ou envolvendo vídeos etnográficos (FONSECA, 1995 *apud* KNAUTH & MEINERZ, 2015) e mesmo etnopsicologia²³ e religiosidade (SCORSOLINI-COMIN, 2020).

Em primeiro lugar, entendo que “ ‘a desigualdade política – entre quem descreve e quem é descrito – é parte integrante do texto’ ” (FONSECA, 2008, p. 10). Essa é uma assimetria que não desaparece com a escrita”, verifica Damásio (2022), e que permeou meu imaginário desde o primeiro momento da descoberta do campo. Já mencionei que eu tinha a preocupação de desenvolver um trabalho que representasse o público que me abriu as portas para estudá-lo, e ser o mais fiel possível às suas colaborações e narrativas com toda a ética e responsabilidade.

Preocupante seria o desejo de evitar qualquer questionamento ético, de prevenir toda e qualquer crítica. Pois agindo assim, estaríamos abdicando da força do método etnográfico, aceitando rótulos hegemônicos de antemão para definir o que é aceitável ou não. Ainda mais, devemos reconhecer que “resguardar a privacidade de nossos informantes” é apenas uma faceta da questão ética. Em outro nível, confrontamos a questão das implicações políticas gerais das pesquisas que realizamos (FONSECA, 2008, p. 46).

Tentar minimizar a “desigualdade política” a que se refere Fonseca (2008 *apud* DAMÁSIO, 2022) só foi possível a partir do momento em que tomei algumas decisões metodológicas, sempre entendendo a importância de dar uma devolutiva ao grupo estudado – faz-se necessário destacar, como aponta Scorsolini-Comin (2020, p. 111), que “a devolutiva também é uma escuta, o que se contrapõe a epistemologias mais positivistas que apregoam que o pesquisador ocupa uma posição diferenciada em relação ao pesquisado, o que promove uma assimetria”.

Na área das ciências sociais, mais particularmente da antropologia, na qual as questões de ética em pesquisa têm sido fortemente problematizadas, poucos são os fóruns de discussão sobre o assunto. No contexto nacional, o direito de acesso aos resultados da investigação é um dos princípios que orienta o código de ética do antropólogo, documento que tradicionalmente rege a

²³ Referencial que congrega conhecimentos da Psicologia, da Antropologia e da Psicanálise.

conduta na pesquisa. É interessante notar que a criação do código de ética da antropologia data de 1986, ou seja, é anterior a resolução 196/1996 do Conselho Nacional de Saúde (CNS), marco inaugural da regulação ética no Brasil. Assim, mesmo antes da regulamentação da ética na pesquisa com seres humanos, questões como a assimetria de poder entre o pesquisador e o grupo pesquisado já vinha sendo questionada (KNAUTH & MEINERZ, 2015, p. 2660).

Voltando um pouco no tempo, se comparada à dissertação que eu entreguei em 2018, esta tese traça outro (e mais maduro) percurso metodológico no que se refere ao tema da devolução dos dados obtidos. Interessante pontuar, é claro, que a devolução se faz a nível de texto escrito, sempre, sem excluir outras formas que discutirei mais adiante. Lá em 2018, a devolução aconteceu apenas meses após a defesa, com a entrega aos interlocutores do texto já corrigido e revisado. O movimento habitual dentro da antropologia costuma ser esse mesmo, voltar a campo com resultados, com o texto finalizado e divulgado.

Há um consenso em torno da relevância da devolução não apenas como uma prerrogativa vinculada à colaboração na pesquisa, mas também como uma obrigação do antropólogo em retribuir. Nesse último sentido, destaca-se a lógica da reciprocidade, que permite manter aberto o canal de comunicação e de trocas com o grupo pesquisado. Entretanto, as formas de retorno (quando e como fazer), o público ao qual se dirige os resultados, bem como os tipos de expectativa envolvidos na relação de pesquisa, não encontram um espaço específico de discussão nos fóruns coletivos mais gerais, nem mesmo no planejamento metodológico ou na revisão ética das pesquisas em particular (KNAUTH & MEINERZ, 2015, p. 2660).

O caminho que a devolutiva vem percorrendo no tocante à tese é muito diferente do percorrido naquela dissertação. Agora, trata-se de um processo longo que atravessa a pesquisa de campo, havendo o ‘durante’ em vários níveis e, um ‘depois’ também. Ou seja, o processo se dá em etapas e extrapola o tempo da pesquisa, vaza para além e além do instante de confronto com a banca, e é mais um tijolo no alicerce do relacionamento que vim construindo com os anfitriões, estreitando ainda mais as relações (que ainda perduram, por eu não ter me afastado do campo no qual desempenhei vários papéis, permanecendo como professora). Um ponto a destacar é a falta de controle da pesquisadora/antropóloga sobre as condições de devolução, pois as ciências sociais não nos dão superpoderes, e sim, tangenciam a ‘desigualdade política’ mencionada anteriormente.

Precisamos considerar que uma das especificidades da pesquisa antropológica é de que a devolução ou a partilha não diz respeito exclusivamente ao uso dos dados e nem sua forma pode ser prevista no início da pesquisa. Ela precisa ser negociada ao longo do processo e depende dos atores sociais envolvidos e do contexto da própria pesquisa, das expectativas construídas em torno da presença do pesquisador no campo e das condições para a manutenção dos vínculos pós-pesquisa. Quaisquer compromissos que venham a ser assumidos antes do início da investigação correm o risco de ser profundamente unilaterais, pois desprezam as expectativas dos interlocutores e também se tornam anacrônicos, em virtude da dinamização do contexto, que é inevitável em qualquer inserção etnográfica (KNAUTH & MEINERZ, 2015, p. 2663).

Quando busquei apoio na teoria para refletir sobre restituição dos resultados, ou devolução dos dados da pesquisa antropológica, descobri que ela pode acontecer de várias formas. Alguns fatores são passíveis de interferir nessa ação, desde a maneira como o estudo foi estruturado, o tema desenvolvido, as características do grupo pesquisado, o contexto/ambiência no qual se desenvolveu o campo, as ideologias e os papéis exercidos pela pesquisadora, por exemplo. Os caminhos encontrados para a restituição ajudam a ampliar a discussão sobre o tema e gerar conhecimento sobre este aspecto ético-metodológico, mas não se propõem a cristalizar nem a fechar o leque de possibilidades, nem mesmo a apontar ‘certos’ e ‘errados’ no fazer etnográfico em pesquisas com seres humanos.

Relembremos que o grupo que compôs o meu campo desejou ter os nomes verdadeiros publicados no estudo, o que me levou a refletir sobre o anonimato ou não, justificando minha decisão de acatar seu desejo. Emito, neste texto, reflexões sobre reciprocidade, e sobre a necessidade de esclarecer para aquelas pessoas, minhas anfitriãs, que não se trata de um estudo histórico nem biográfico, mas sim antropológico, analisado à luz das teorias sociais – eu me preocupava com o que havia lido sobre a dádiva, recompensa e toda a troca de afetos que permearam o campo. Conhecendo o percurso histórico e os preconceitos que envolvem a velhice em nosso país, é possível entender o desejo de cada pessoa do grupo em ganhar visibilidade a partir de um estudo científico sobre esse momento do curso de suas vidas. Outro ponto que pode vir a justificar esse desejo de visibilidade é o fato de a quase totalidade daquelas pessoas ter nascido em berço humilde e alcançar uma terceira idade com privilégios, com conforto e estabilidade, que elas próprias atribuem a seus esforços e investimentos pessoais e profissionais, que anseiam ver reconhecidos.

Ao honrar essa responsabilidade ética (a devolutiva) com meus anfitriões, enquanto mais uma etapa do processo que iniciamos no ano de 2019, coloco ‘pra jogo’ todo o trabalho que desenvolvi, por entender que se trata de minha subjetividade presente e emaranhada nas análises que apresento – ‘colocá-lo pra jogo’ permite identificar e destruir possíveis ambiguidades e dar veracidade a tudo o que desejei construir. Ademais, por todo o contexto que acolheu as investigações que produzi, encerrei um dos meus papéis em campo (antropóloga) com a certeza de que ele estará sempre aberto para futuras investidas, quando/se outros pesquisadores desejarem dele se aproximar.

Como apontam Knauth & Meinerz (2015, p. 2665) em suas pesquisas sobre saúde, “a definição do ‘público-alvo’ de retorno dos dados é [...] variável e mesmo múltipla [...] os resultados da pesquisa devem ser devolvidos sempre para os sujeitos diretamente implicados”. As autoras afirmam também que “o retorno mais efetivo pode ser, não apenas a apresentação dos resultados, mas o próprio efeito que a pesquisa de campo antropológica produz sobre os participantes e também sobre o pesquisador” (*idem*). Por sua vez, Fonseca (1995) destaca que é próprio do fazer antropológico acreditar que nossas pesquisas vão, de uma maneira ou outra, beneficiar as pessoas com as quais trabalhamos – talvez algumas formas de devolutiva que elencarei na sequência revelem o meu desejo de trazer algum benefício para o público estudado, pois não existem ações livres de ideologia, mesmo que não aconteçam conscientemente. Segundo as autoras, além da ética, a devolução é um posicionamento político.

Tendo em mente essas assertivas, quando comecei a refletir sobre como seria o processo de devolução dos dados que obtive, percebi etapas, algumas bem claras, outras um tanto confusas, e a leitura de vários trabalhos que discutem a questão clarearam as ideias, e pude estruturar o que já vinha acontecendo durante a pesquisa e que identifiquei como formas de restituição dos dados ao campo. Seguem as etapas como consigo entendê-las, destacando que cada uma delas se configura “como mais uma possibilidade de escuta que é potente na contínua interpretação do campo”, como nos alerta Scorsolini-Comin (2020, p. 94).

Etapas 1 – Passo a passo: A devolutiva começou a acontecer desde o início da pesquisa, já no ano de 2019, quando realizei as primeiras entrevistas. Por se tratar de uma pesquisa qualitativa, as análises dos dados não ocorreram isoladas dos momentos de coleta, mas num processo gradual, possibilitando retroalimentação das informações

e, por isso, trazendo mais um desafio à construção do conhecimento proposto. Naquele ano, produzi um artigo sobre o uso de tecnologias digitais na terceira idade e o publiquei no início de 2020. Após a publicação, à época preservando o anonimato das narrativas cedidas²⁴ por participantes do grupo, lhes apresentei o artigo. Devido à visível rotatividade de alunos/interlocutores, a cada novo ano, os novatos tomavam conhecimento da pesquisa e de toda publicação de anos anteriores. Alguns chegavam a discutir e trocar ideias entre si e/ou comigo sobre o que iam lendo a partir do que eu produzia com suas colaborações, proporcionando à pesquisadora uma escuta diferenciada e rica. A antropologia é uma das ciências que “propõem, por vezes, uma escuta que não pode ser apreendida de um único modo, tendo significados e aplicações distintas a depender dos posicionamentos epistemológicos adotados” (SCORSOLINI-COMIN, 2020, p. 100). A partir daquelas discussões, o grupo começava a conhecer, através do texto escrito, o trabalho que eu desejava e começava a desenvolver, e o acompanhava passo a passo.

Etapa 2 – Afetação: Knauth & Meinerz (2015) destacam que o efeito que a pesquisa tem sobre os interlocutores é uma forma de restituição. Em vários momentos desta tese, mencionei o orgulho que verbalizaram sentir por participarem do estudo – orgulho e contentamento, “uma honra”, como ressaltaram os anfitriões Joselino e Josemir, dentre outros. Inserida naquele universo, é preciso ir “em busca de uma percepção do outro que, de fato, possa considerá-lo em sua integralidade e, por essa razão, sua complexidade” (SCORSOLINI-COMIN, 2020, p. 101). A diferença da primeira etapa da devolução para esta segunda, é que a produção de fotos e vídeos aparece nesta. Tanto eu quanto o próprio grupo produzimos um expressivo material para guardar as memórias: de minha parte, pensava em registros do campo; por parte do grupo, estavam sendo produzidas memórias para o futuro, para serem apreciadas daqui a alguns anos, e foram compartilhadas via redes sociais e *blog* da turma de francês. Identifico a pesquisa, então, como uma afetação positiva, e o material produzido como mais uma possibilidade de escuta, como nos mostra Scorsolini-Comin (2020).

O próprio campo acaba promovendo um modo de ser escutado, de forma que o pesquisador deve estar atento a essa comunicação com o campo, fundamental em sua pesquisa. Esse processo não-linear pode e deve ser registrado em imagens, impressões e notas que posteriormente possam

²⁴ Todas as pessoas que cederam narrativas para os artigos publicados assinaram o Termo de Consentimento Livre Esclarecido (TCLE), permitindo o uso das informações para fins acadêmicos.

compor um material denso e passível de análise, passível de escuta (SCORSOLINI-COMIN, 2020, p. 102).

Etapa 3 – Acareação: Considero esta etapa a mais emblemática de todas por ser o momento em que anfitriões e anfitriãs puderam se deparar com porções do texto em que suas narrativas foram apresentadas e analisadas a partir da teoria antropológica. Foi o momento de abrir as cortinas e desnudar a peça (permitindo-me aqui um paralelo com o teatro). Esta etapa se deu semanas antes do envio da tese à banca de defesa, para que cada um/a pudesse analisar se o uso de seus verdadeiros nomes nos específicos contextos seria problemático ou não para eles e elas, resolvendo outra questão ética da pesquisa sobre o não-anonimato nesse “ ‘corte e costura’ etnográfico” (FONSECA, 2008, p. 44). Esse momento de acareação foi vital para o fechamento da tese, pela forma direta como puderam conhecer o que os outros só irão ver quando a tese for publicada no site do programa de pós-graduação. E uma vez lá, não nos pertence mais, ‘caiu no mundo’. Naquele momento de leitura de seus trechos na tese puderam adicionar informações, retirar o que parecia não fazer sentido, encaixar relatos que complementaríamos os pensamentos previamente analisados etc. Tudo acabou sendo negociado e lapidado, e nesse sentido, se deu um movimento de muitas vozes, polifônico. Isso fez com que alguns anfitriões pudessem reavaliar seu próprio posicionamento, seu histórico de vida, e alguns confessaram sentir “um friozinho na barriga” ou “cair no choro” ao ler aquelas passagens, outros declararam que estavam ansiosos para ler o que eu havia posto na minha tese. Enfim, aprovaram os trechos com seus relatos e imagens, e autorizaram a divulgação – sobrevivemos à acareação.

Etapa 4 – Defesa: O quase fim da pandemia por Covid-19 fez com que as pessoas ficassem mais curiosas sobre a data da defesa desta tese, pois desejavam prestigiar e acompanhar esse momento final do curso. Mesmo as alunas que residem fora do estado da Paraíba faziam questão de lembrar que estariam presentes ao ritual. Este se configura como mais um momento em que o grupo pode conhecer o trabalho, agora com os comentários de uma banca especializada, o que desperta a curiosidade da turma acerca do olhar da academia sobre o que eles disseram, fizeram e compartilharam. É mais um momento da verdade para nós, desta feita com o uso de uma linguagem técnica, científica, mas acessível para a maioria dos anfitriões, que são professores e escritores. Desta feita, vão conhecer o *suprassumo* do estudo desenvolvido, acrescido de críticas e sugestões de especialistas que enriquecem o

trabalho final. O desenvolvimento da tese foi uma gestação dolorosa em muitos sentidos: atravessada por uma pandemia que deixou a pesquisadora com covid longa; teve seu final prorrogado, infelizmente, e o momento de conhecer a fisionomia da ‘criança’ é o da defesa da tese. Poderia encerrar aqui as etapas de devolução dos dados, porém, eu estaria fugindo daquele movimento ético e político no escopo da antropologia, em que o campo conhece o trabalho final e ouve da pesquisadora, em palavras simples, o resumo de tudo o que foi realizado. Então, segue-se mais uma etapa.

Etapa 5 – Conversando sobre os resultados: Defendida a tese, após um longo respirar, intenciono marcar uma espécie de confraternização, regada ao chá do amor da anfitriã Virgínia, em que conversaremos de maneira mais descontraída, sobre a tese e seu percurso, e disponibilizarei o texto já revisado para apreciação do grupo. Todos os envolvidos terão a oportunidade de conhecer mais a fundo o que significou para a pesquisadora pensar aquela terceira idade/velhice que olha para o futuro, e constrói seus projetos, mostrando que a idade é apenas um número e que a velhice tem valor. Essa devolução, porém, alcança não apenas os anfitriões. A equipe interdisciplinar do NIETI também tem interesse em conhecer os resultados da minha pesquisa e se fará presente nesse momento pós-defesa para devolução dos dados, uma vez que o trabalho que desenvolvemos com pessoas 60+ pode ter algo a “ensinar para as outras gerações”, como pontuado por um dos anfitriões.

Os resultados da pesquisa antropológica, por outro lado, não têm valor individual, pois visam justamente apreender uma cultura, uma visão de mundo, que vai além do indivíduo [...] Produzir dentre os resultados da pesquisa materiais que possam servir de fonte para a mídia e também para as mídias sociais, pode ser, hoje, uma forma mais democrática e abrangente de retorno desses dados que pode ser incorporada nas nossas estratégias de retorno dos dados (KNAUTH & MEINERZ, 2015, p. 2665).

Pensando a mídia como importante repositório e divulgador de informações, como atestam Knauth & Meinerz (2015), intencionamos (pesquisadora e equipe interdisciplinar do NIETI) buscar contato com as emissoras de TV que outrora percorriam o Núcleo em busca de entrevistas para conhecer as ações ali desenvolvidas (esta poderia ser elencada como uma sexta etapa da devolução, ou mesmo, poderia estar imbricada com a quinta etapa). A busca pela divulgação das atividades agora partiria de nós, pelo desejo de dar visibilidade ao trabalho ali desenvolvido, após o encerramento de uma tese antropológica, cumprindo o que as autoras denominam de “imperativo ético

de devolução dos resultados do estudo” (KNAUTH & MEINERZ, 2015, p. 266). Mesmo que não se trate diretamente de pesquisa com vulneráveis, o período de contágio do coronavírus mostrou certa vulnerabilidade da população à qual o grupo estudado pertence, o que nos leva a querer divulgar o estudo através da mídia e ampliar o conhecimento da comunidade pessoense e paraibana sobre as realidades estudadas e sobre as ações do NIETI no período pandêmico.

O fundamental é que este deve ser um compromisso ético e moral de todos os estudos antropológicos. Acreditar que a publicação acadêmica resolve o problema é fugir desta responsabilidade para com os sujeitos pesquisados. Os estudos antropológicos, sobretudo aqueles que envolvem grupos “vulneráveis”, têm um importante papel ético e político (KNAUTH & MEINERZ, 2015, p. 2665).

Pensando a divulgação deste empreendimento antropológico via mídia, observem-se algumas colocações que corroboram a ideia de que, para o grupo valeu a pena participar da pesquisa, pois ela foi relevante e precisaria ter espaço de divulgação. Os motivos que se apresentam: o respeito pelas pessoas idosas e a solidão enfrentada por muitas delas.

- A sua pesquisa pode servir para alertar os jovens que não dão mais atenção aos mais velhos (CARLOS71_anf1).
- A sua pesquisa é de grande importância por ouvir os idosos, o que eles têm a mostrar e ensinar, pra que as pessoas nos respeitem mais, e entendam a solidão de alguns. Tem família que só lembra dos velhinhos no Natal ou então quando chega o dia do aniversário. É uma situação muito triste (ALDEÍZA, 78 anos).
- Quero participar da sua pesquisa, sim. Quero participar de tudo (JOSELINO, 63 anos).
- Estou muito feliz em poder colaborar com essa sua pesquisa, por poder falar sobre esse tema. É uma pesquisa importante, pois não vejo ninguém ouvir o idoso. Esse espaço na universidade para o idoso poder estudar, isso é muito bom. Que as pessoas a partir da tua pesquisa aprendam a ter respeito pelo idoso, como era antigamente. Principalmente, que os jovens tenham respeito pelos idosos, que se perceba a solidão dos idosos, conheço muita gente só. Hoje, a gente não vê mais respeito pelas pessoas mais velhas. O mundo precisa de mais amor. Agradeço a você, agradeço a Deus por ter te conhecido, e que Deus te abençoe no teu doutorado (MAJU, 73 anos).

Em suma, todas as etapas de devolução que mencionei são maneiras de certificar para os próprios anfitriões que suas cooperações ultrapassam os espaços de contato com

a pesquisadora, e servem como guia para outros cientistas sociais interessados nesse mesmo tema. A partir de tudo o que li, não quero pensar que a restituição é composta de momentos em que eu dou e os anfitriões e anfitriãs recebem verdades que construo sobre suas vidas, mas que vamos traçando um caminho construído a muitas vozes, e refletindo constantemente sobre o fazer etnográfico.

Os resultados produzidos não precisam ser entendidos como um fim, mas sim como parte de um processo que pode almejar algo mais amplo do que responder a uma pergunta de pesquisa muitas vezes formulada fora do campo e que não faz sentido no campo e para o campo. Assim, a devolutiva pode ser uma parte importante que responda a algo que a pesquisa, em seu fazer até ali, não possa ter captado [...] A devolutiva pode e deve ser compreendida como esse lugar que não comporta respostas finais e absolutas, mas sim novas perguntas e aberturas para outras incursões, dinamizando o itinerário do pesquisador e tirando-lhe um suposto lugar de saber e de poder em relação ao pesquisado e também ao campo construído por e com a comunidade de referência (SCORSOLINI-COMIN, 2020, p. 113).

Portanto, o objetivo não é trazer à tona a verdade sobre determinada comunidade. Muito longe disso. O objetivo é gerar conhecimento que ajude a problematizar e a clarificar questões inerentes a um grupo de indivíduos que têm algo a ensinar sobre suas realidades. Com este pensamento, trago a seguir uma discussão sobre instituições voltadas para a terceira idade e um panorama sobre como foram surgindo.

CAPÍTULO 2 – APARATOS INSTITUCIONAIS PARA A EDUCAÇÃO CONTINUADA DE PESSOAS IDOSAS

*E o tempo se rói
Com inveja de mim
Me vigia querendo aprender
Como eu morro de amor
Pra tentar reviver*

(RESPOSTA AO TEMPO, Nana Caymi)

Neste capítulo, refletirei acerca de algumas instituições públicas voltadas para a terceira idade, apresentando um apanhado de seus históricos, objetivos e papel que desempenham nesse sentido, enfim, mostrando como essas iniciativas vêm sendo pensadas no mundo, no Brasil, no estado da Paraíba. Assim ensejo fazer por desenvolver a pesquisa em uma instituição federal de ensino, o que me permite trazer algumas reflexões quanto ao posicionamento da UFPB frente às pessoas que atende, ampliando a compreensão do papel dessa instituição no panorama do país, e tentando entender como a pessoa idosa é percebida pela instituição e afetada por suas ações.

No âmbito da UFPB, encontram-se algumas iniciativas que promovem atividades para pessoas acima dos 60 anos de idade, e algumas delas fazem com que as ações lembrem a proposta de uma Universidade da Terceira Idade (UTI ou U3I²⁵), ou Universidade Aberta à Terceira Idade (UNATI), inclusive configurando-se enquanto educação continuada²⁶. No entanto, a realidade do NIETI não se posiciona como U3I, pois se trata de um núcleo que desenvolve ações de extensão para pessoas 60+, e de espaço que promove projetos, e não a formação em si. As U3Is e as UNATIs, por outro lado, oferecem disciplinas regulares dos cursos de graduação e atividades esportivas e físicas para pessoas dessa faixa etária. De toda forma, na concepção de Debert (1994), as associações de aposentados e os programas para a terceira idade

²⁵ Adotarei o acrônimo U3I todas as vezes que me referir à Universidade da Terceira Idade, respeitando a nomenclatura das citações de outros estudiosos e estudiosas que eu venha a utilizar.

²⁶ “Como o próprio nome diz, educação continuada é uma forma de ensino baseada no aprendizado constante. Empresas e instituições de ensino que se baseiam nesse método de aprendizagem fornecem estímulos e oportunidades sucessivas para que seus colaboradores e alunos encontrem formas de se desenvolverem enquanto profissionais e indivíduos” (DNA-Conteúdo digital. Disponível em: <<https://dnaconteudo.com/treinamento-e-desenvolvimento/programas-educacao-continuada/>>).

são um material privilegiado para a análise, porque neles a idade cronológica é um elemento fundamental na aglutinação dos participantes e, também, porque são formas de congregação da população idosa que ganharam não apenas grande visibilidade, mas uma visibilidade associada à ideia de que novos conteúdos podem ser atribuídos às formas como o envelhecimento é tradicionalmente pensado (DEBERT, 1994, p. 35).

Tratar de velhice, segundo as palavras de Debert (1994, p. 48), é sempre “estabelecer diferenças entre o passado e o presente, apontando novas dimensões que fariam do envelhecimento hoje uma experiência radicalmente nova se comparada à velhice de antigamente”. Assim, antes de abordar iniciativas que se desenvolvem dentro da UFPB, onde a pesquisa é conduzida, vejamos o que significa uma U3I, seus objetivos, sua estrutura etc., para possibilitar um maior entendimento sobre a realidade paraibana (em que se aproxima e em que se distancia do que já existe país fora). Iniciarei apresentando a legislação que pensa a pessoa com 60 anos ou mais, no intuito de contextualizar o processo de criação de universidades para a terceira idade.

Muitas foram as leis criadas no sentido de promover ações e pensar a pessoa idosa, após a constatação, ano a ano, da ampliação deste segmento populacional. A chamada ‘velhice’, no entanto, pode se estender por várias décadas, aumentando o desafio de se pensar esse momento da vida humana. O Estatuto da Pessoa Idosa, em seu art. 1º, Lei nº 10.741, regula os direitos assegurados às pessoas com idade igual ou superior a 60 anos. O Atlas do Censo Demográfico do IBGE (2013) define como idoso quem tem 65 anos ou mais, e define o índice de envelhecimento como a “relação existente entre o número de idosos e o de jovens, isto é, relação entre a população de 65 anos ou mais de idade e a população de 0 a 14 anos de idade” (IBGE, 2013, p.151). De acordo com Silva e Rocha (2019), o último relatório do Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) no Brasil, mostra:

[A] expectativa de vida populacional cresceu em 14%, isto é, 9,2 anos na década de 1990 e, de 2000 a 2010 ampliou-se de 65 a 79 anos em média. Conforme projeções do Banco Mundial (2011) até 2050, 30% da população brasileira será de idosos. Tal revolução demográfica exige reexames da saúde pública, previdenciária e do envelhecer sem estereótipos, mas com políticas públicas voltadas à independência e à qualidade de vida desta população (SILVA & ROCHA, 2019, p. 02).

O seguimento da população em foco começou a ser pensado, inclusive no Brasil, a partir do campo da saúde, relacionando a velhice com o último momento da vida do ser humano, suas dificuldades, deficiências e limitações. Foi preciso ampliar esse olhar para políticas públicas que visualizem cidadania, proteção, qualidade de vida e envelhecimento ativo. Neste texto, busco apresentar um posicionamento crítico sobre as diversas vertentes que pensam a velhice.

As políticas públicas para a população idosa, em especial a política de saúde denominada Envelhecimento Ativo, segue as orientações da promoção da saúde, incluído a responsabilização do indivíduo pelo seu bem-estar físico, psicológico e social, redução de doenças, produtividade e participação social e, principalmente prolongamento da vida. não de qualquer vida, mas de uma vida ativa e saudável (SIQUEIRA, 2014, p. 62).

Destacam-se, então, no ‘envelhecimento ativo’ os “esforços de autoprodução de uma velhice associada à autonomia e à independência” (SCHUCH, VÍCTORA & SIQUEIRA, 2020, p. 3). Essa política pública “tornou-se o eixo central da política de saúde brasileira” [englobando] “aspectos mais amplos como a integração entre a saúde física, a saúde mental, a independência financeira, a capacidade funcional e o suporte social” (SIQUEIRA, 2014, p. 77). À vista disso, a responsabilização acerca do processo de envelhecimento recai sobre o próprio indivíduo, apontando que suas escolhas devem se dar no sentido do prolongamento da vida saudável.

O ‘envelhecimento ativo’ defende a responsabilidade dos mais velhos de manterem-se ativos e saudáveis pelo maior tempo possível, bem como de participarem da vida em comunidade, comprometendo-se com a garantia de seus direitos e assumindo o papel de protagonistas no exercício da cidadania” (SCHUCH, VÍCTORA & SIQUEIRA, 2020, p. 3-4).

Só a partir do ano 1948, a pessoa idosa passou a conquistar direitos, haja vista a Declaração Universal dos Direitos Humanos adotada naquele ano pela Assembleia Geral das Nações Unidas (distante de contemplar todas as nuances e a heterogeneidade desse segmento). Na Declaração, os direitos conquistados se referem à previdência social, ao amparo familiar, à proibição de diferença salarial por motivo de gênero, idade, etnia ou estado civil, dentre outros. Em seguida, a Constituição Brasileira de 1988 veio ampliar esses direitos em nosso país, o Código de Defesa do Consumidor em 1990, o Estatuto do Ministério Público da União e a Lei Orgânica da Assistência Social (LOAS) em 1993, a Política Nacional do Idoso (PNI) em 1994, o então Estatuto do

Idoso em 2003 (que passou a se chamar Estatuto da Pessoa Idosa em 2022) e a Política Nacional da Pessoa Idosa em 2006. O então Estatuto do Idoso, ao que parece, já vislumbrava a existência de ‘velhices’ – este vocábulo no plural nos fala muito mais do que diferença de idade, pois diz respeito a questões de gênero, classe social, escolaridade etc. O Estatuto assegurava, por exemplo, dentre os idosos, no seu Art. 3º §2º “prioridade especial aos maiores de oitenta anos, atendendo-se necessidades sempre preferencialmente em relação aos demais idosos” (BRASIL, 2003). Dentre as iniciativas mencionadas, a Constituição Brasileira, a PNI e o Estatuto da Pessoa Idosa faziam referência à U3I e a sua regulamentação.

Assis, Dias & Necha (2016, p. 199) nos falam sobre a proposta de educação ao longo da vida no Brasil, que “suruiu em 1970 e, nas décadas seguintes, passou por períodos de recuo e avanço. Contudo, esse processo de educação ao longo da vida é bastante diversificado e inclui uma demanda social multifacetada”. As autoras, ao refletirem sobre “diversas políticas públicas, estabelecidas na Constituição Federal de 1988 (CF/1988), na Política Nacional do Idoso (PNI) e no Estatuto do Idoso” (*idem*, p. 200), mencionam e questionam as iniciativas para a terceira idade. Elas refletem também “sobre o hiato existente entre o conteúdo das leis e a sua efetiva implementação” (*ibidem*).

A PNI determina que sejam assegurados os direitos sociais do idoso, criando condições para promover sua autonomia, integração e participação efetiva, bem como versa sobre as competências dos órgãos e entidades públicos na sua implementação. De forma explícita, no item referente à área de educação, a norma regulamenta o apoio à “criação de universidade aberta para a terceira idade, como meio de universalizar o acesso às diferentes formas do saber” (Brasil, 1994, art. 10, inciso III, alínea f). No mesmo item, ela institui a necessidade de desenvolvimento de programas na modalidade de ensino à distância adequados à população idosa (ASSIS, DIAS & NECHA, 2016, p. 199).

Observando a legislação apresentada nesta seção (PNI, Estatuto do Idoso etc.) e os dados da minha pesquisa, constato que não é possível pensar um envelhecimento saudável sem a implementação de espaços em que a pessoa idosa venha a ser protagonista no processo. A literatura tem buscado aprofundar as reflexões (a exemplo de: Debert, 1994, 1999; Camarano, 2002; Goldenberg, 2020; e demais autores/as que veremos na sequência), e a legislação brasileira tem avançado no sentido da concessão de direitos e da fiscalização. Entretanto, a despeito dos esforços, as práticas ainda

posicionam o país bem longe de um cenário ideal, que apresenta apenas 1% do seu total de idosos frequentando atividades pensadas para eles em instituições de ensino superior no país (D’ALENCAR, 2016), apesar de serem, a todo tempo, estimulados a assumir o papel de protagonistas do seu aprendizado (CACHIONI, 2003).

O envolvimento da pessoa idosa como protagonista do processo de envelhecimento, ocupando os espaços já existentes e criando outros que englobem a diversidade desse processo, apesar de presente nos dispositivos legais, ainda está longe de ser efetivo. Ressalta-se também a ausência de qualquer referência ao envelhecimento ou às universidades abertas à terceira idade no Plano Nacional de Educação (2014-2024) (ASSIS, DIAS & NECHA, 2016, p. 202).

O Brasil não encabeçou a implementação de U3Is no mundo, e na verdade, seguiu tendências europeias e latino-americanas. Refletindo sobre esse contexto, acho pertinente problematizá-lo brevemente sob o prisma teórico das desigualdades e interseccionalidades. Diversos campos das Ciências Sociais tentam compreender as dinâmicas (re)produtoras de desigualdades, num debate promissor, tanto para a ação política, quanto para a explicação científica sobre tais desigualdades, reconhecendo os processos de agência dos sujeitos.

De acordo com a perspectiva das interseccionalidades [...], os marcadores sociais da diferença e as variadas dimensões das desigualdades operam em contextos determinados, apresentam variadas possibilidades de combinações e, diante dessas combinações, diferentes fatores são mutuamente potencializados, reorganizados, (re)significados e hierarquizados (MARIANO & MACÊDO, 2015, p. 14).

Sob a óptica da desigualdade, no mundo globalizado, o Brasil da década de 1980 enfrentou desafios para implantação das U3Is juntamente com outros países periféricos, o chamado Sul Global. O cruzamento entre a ‘geração de idosos’ e um ‘país periférico’ descortinou lógicas produtoras de desigualdades, movimentos de desempoderamento de uma geração. Após a implantação de U3Is no Brasil (apresentadas na próxima seção), mesmo que seguindo exemplos de países desenvolvidos do Norte Global (EUA e alguns países europeus), observaram-se os efeitos das políticas públicas criadas para a redução daquelas desigualdades em relação a outras nações, e ampliaram-se os processos de

empoderamento coletivo de uma geração comumente invisibilizada e que, desde então, vem protagonizando emancipação social. É perceptível que as iniciativas construídas se refletem no cotidiano das pessoas que têm 60 anos ou mais – haja vista esta pesquisa acadêmica que se desenvolve em uma universidade pública federal, e se soma a tantas outras produções voltadas à questão geracional. É possível verificar, na presente pesquisa, que os próprios anfitriões percebem ampliadas suas possibilidades de criar projetos de vida e de refletir sobre horizontes prováveis de serem expandidos, a partir de sua interação em um núcleo de extensão universitária.

Como veremos mais adiante, a extensão em foco (NIETI) é fruto do desejo frustrado de criação de uma U3I na UFPB. Portanto, desejo apresentar um esboço sobre como surgiram as iniciativas e as diversas feições que tomou em diferentes sociedades. Além do que, apresento algumas informações (as mais atualizadas possíveis) acerca dessas universidades em nosso país.

2.1 As U3Is e os projetos universitários para a terceira idade – no mundo e no Brasil

A França, nos idos de 1960, foi o nascedouro de um debate acerca de universidades de tempo livre que proporcionassem atividades e estimulassem a saúde de pessoas de mais idade, ou seja, maduras e idosas. A primeira iniciativa registrada foi a *Université du Troisième Âge* (UTA) em Toulouse, no ano de 1973. O seu objetivo era diminuir a marginalização da pessoa idosa e proporcionar um ambiente favorável às pesquisas gerontológicas, com base no sistema universitário tradicional, exemplo posteriormente seguido por universidades brasileiras como a UERJ e a UFPB.

Em Montevideu, Uruguai, surgiu a primeira iniciativa na América Latina, nos anos 1980 (*Universidad Abierta Uruguay – UNI 3 Uruguay*), cujo panorama era um pouco diferente do esquema francês, devido a especificidades socioculturais da região – no entanto, seguiu este modelo, em detrimento do modelo inglês (também conhecido como modelo anglo-saxão).

O modelo francês tem suas bases no sistema tradicional universitário daquele país e privilegia o segmento mais velho da população sem, contudo, se fechar às outras faixas etárias preocupadas com o envelhecimento ou em busca de oportunidades de educação continuada. Os cursos, as oficinas de trabalho, os grupos de estudos e outras modalidades oferecidas são diversificados e abertos, compostos de conteúdos e metodologias próprias, centradas no modelo da educação continuada daquele país. Soma-se a eles o acesso aberto e disponível a diferentes cursos universitários, especialmente nas áreas de

ciências humanas e artes. [...] O modelo inglês nasceu em Cambridge, em 1981, baseando-se no ideal da auto-ajuda. A certeza de que todos os especialistas de todas as áreas envelhecem e se aposentam norteou a criação de um espaço de trocas, dentro das universidades, entre os mais velhos e os mais jovens. Essa interação de conhecimentos das pessoas envolvidas no projeto aumentaria as relações interpessoais, através do contato com seus semelhantes, e levaria a uma ação integrada dos profissionais mais velhos e dos mais jovens. Seria esperado, a partir dessa integração, o desenvolvimento de projetos comuns com a colaboração profissional, a integração com a universidade, com a sociedade. Essa experiência criaria oportunidades aos participantes para manutenção da sua competência e do sentimento de autovalorização de forma mais prolongada e constante (PACHECO, 2003, p. 223-224).

No modelo inglês, o vínculo da pessoa idosa com a U3I não se limitava a ser instituição-aluno, podendo o estudante ser também docente e compartilhar seus conhecimentos, no estilo instituição-docente. O modelo francês passou a ser o mais adotado ao redor do mundo, por razões ligadas ao modelo de sociedade de cada país. Na década de 1980, surgiram no Brasil algumas faculdades e universidades abertas à terceira idade, a partir de ações de gerontólogos brasileiros formados na França, principalmente. Porém, já uma década antes, o Serviço Social do Comércio (Sesc) de São Paulo havia construído escolas abertas à terceira idade, com cursos destinados à reflexão sobre temas inerentes ao envelhecimento.

De acordo com Cachioni (1999), são pioneiras no nosso país a Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) com a criação do Núcleo de Estudos da Terceira Idade (Neti) e a Universidade Federal de Santa Maria (UFSM) com a criação do Núcleo Integrado de Estudos e Apoio à Terceira Idade – Nieati, ambos em 1982; ainda, a Universidade Estadual do Ceará (UECE) com a criação da Universidade sem Fronteiras, em 1988. Debert (1999) destaca quanto à adesão às ações que o número de mulheres era muito superior ao número de homens que buscavam participar, e que, possivelmente, isso se dava por eles estarem mais interessados em aspectos políticos e esportivos, e elas, em aspectos culturais.

Não se trata, portanto, de dizer que os homens ou as mulheres se adaptariam melhor à velhice. Em ambos os casos, estamos diante de formas diferentes de luta contra os preconceitos e os estereótipos associados à velhice e da criação de espaços coletivos para vivenciar uma experiência inédita na história (DEBERT, 1994, p. 50).

Silva & Rocha (2019, p. 05) elaboraram um quadro (ver Figura 6) com o levantamento que fizeram no ano de 2016. Nele, estão postas informações como sigla da universidade onde foi instalada a iniciativa para a terceira idade, nome ou sigla adotada pela iniciativa, a idade mínima da população atendida e o ano de implantação no Brasil. Os autores trazem as informações mais completas que encontrei em minhas buscas, e a tabela elaborada facilita a visualização do panorama brasileiro. De acordo com Palma (2000), existia no ano 2000 algo em torno de 200 programas de U3I em instituições públicas e privadas no Brasil, não se verificando uma expansão geográfica mais equitativa. Destaco, outrossim, a presença do NIETI-UFPB na relação apresentada pelos autores, e acrescento que este foi o primeiro núcleo para a terceira idade instalado em uma universidade do Norte e Nordeste. Assim, ele serviu de exemplo para outros criados em seguida nessas regiões.

Figura 6 – Relação das U3I identificadas no Brasil entre os anos de 1983 e 2016.

Quadro 1- UnTI de Universidades Públicas Federais do Brasil			
IFES	Denominação da UnTI	Idade	Data
UFSC	NETI	50 anos	1983
UFSM	NIEATI	55 anos	1984
UFU	AFRID	50 anos	1989
UFJF	Polo de Enriquecimento Cultural para a Terceira Idade.	45 anos	1991
UFRGS	Núcleo de Estudos Interdisciplinares sobre o Envelhecimento: UNITI	60 anos	1991
UFPB	Núcleo Integrado de Estudos e Pesquisas da Terceira Idade: NIETI	60 anos	1992
UFF	Centro de Referência em Atenção à Saúde do Idoso: CRA SI	60 anos	1992
UFMT	NEATI	45 anos	1993
UFMG	Projeto Maioridade - Universidade Aberta para a Terceira Idade.	60 anos	1993
UFOP	Programa Terceira Idade.	60 anos	1993
UFPEl	Núcleo de Atividades para a Terceira Idade: NATI	60 anos	1993
UFAM	PIFPS-U3IA	45 anos	1994
UFPA	Programa Universidade da Terceira Idade: UNITERCI	55 anos	1994
FURG	Núcleo Universitário da Terceira Idade: NUTI	60 anos	1994
UFSJ	Programa Universidade para a Terceira Idade.	55 anos	1995
UNIRIO	Grupo Renascer.	55 anos	1995
UFMA	Universidade Integrada da Terceira Idade: UNITI	50 anos	1995
UFES	Núcleo de Estudos sobre o Envelhecimento e Assessoramento à Pessoa Idosa: NEEAPI	60 anos	1996
UFS	Núcleo de Pesquisa e Ações da Terceira Idade: NUPATI	60 anos	1998
UFPI	Núcleo de Pesquisa e Extensão Universitária para a Terceira Idade: NUPEUTI	55 anos	1998
UNIFAL	UNATI	50 anos	1999
UNIFESP	Universidade Aberta à Terceira Idade: UATI	60 anos	1999
UFAC	UNATI	60 anos	1999
UFPE	UnATI	60 anos	2002
UFSCar	Programa de Revitalização de Idosos.	50 anos	2005
UFT	Universidade da Maturidade: UMA	45 anos	2006
UNIFAP	Universidade da Maturidade da Universidade Federal do Amapá: UMAP	60 anos	2006
UFTM	Universidade Aberta à Terceira Idade.	60 anos	2009
UFMS	Programa de Promoção dos Direitos Humanos da Pessoa Idosa: UNAPI	60 anos	2010
UFAL	UNATI	60 anos	2011
UFPR	Universidade Aberta da Maturidade: UAM	55 anos	2012
UFGD	Terceira Idade na Universidade.	55 anos	2013
UFRR	Projeto Girassol.	60 anos	2013
UFCSPA	Esporte e Lazer para Idosos / Programa de Exercício, Saúde e Cidadania para Idosos.	60 anos	2015
UNIVASF	UNATI	60 anos	2015
UFRB	Programa Universidade Aberta da Terceira Idade.	60 anos	2015

Fonte: elaborado pelos autores.

Fonte: SILVA & ROCHA (2019, p. 5).

Neste levantamento que contemplou os anos de 1983 a 2016, Silva & Rocha (2019) identificaram 36 iniciativas em instituições federais, classificando-as como UnTIs (Universidades da Terceira Idade). Os autores alegaram a facilidade da consulta por instituições públicas²⁷. Possivelmente, uma busca por iniciativas no âmbito privado poderia alargar os números encontrados, porém não foram encontrados dados oficiais mais atualizados a respeito, apenas o panorama de dez anos atrás com a discriminação de características dos projetos em atividade (ver Figura 7).

Observando-se a idade mínima exigida para se frequentar as instituições federais listadas por Silva & Rocha (2019), é possível perceber que ela varia (45, 50, 55, 60 anos de idade cronológica), sendo 60 anos a idade que aparece com mais frequência. A partir dos 45 anos, o adulto maduro é contemplado pelas ações de quatro iniciativas ao longo do país: Polo de Enriquecimento Cultural para a Terceira Idade (UFJF); NEATI (UFMT); PIFPS-U3IA (UFAM); e Universidade da Maturidade: UMA (UFT). Universidades, projetos, núcleos e programas são denominações de maior incidência, declarando-se como U3I apenas 11 das 36 relacionadas na tabela. São em número de 10, os núcleos listados, incluindo o NIETI-UFPB. Na Figura 7, observa-se a natureza das iniciativas como se configuravam no ano de 2014, a partir de resultado fornecido pelos estudos por ELTZ et al (2014).

²⁷ O levantamento foi “feito pelo Sistema e-MEC do Ministério da Educação do Brasil, com os filtros: ensino superior e universidade pública federal” (SILVA & ROCHA, 2016, p. 05).

Figura 7 – Características dos projetos em atividade no ano de 2014.

Tabela 1- Características dos Projetos

Variáveis	Número de Universidades (%)
Tipo de instituição	
- Instituições Particulares	12 (46%)
- Instituições Públicas	14 (54%)
Tipo de projeto	
- Projeto de Extensão	22 (85%)
- Outro Tipo de Projeto	4 (15%)
Tipo de atividades	
- Atividades são gratuitas	19 (73%)
- Atividades são pagas	7 (27%)
Idade para ingresso nas atividades	
- 40 anos	2 (8%)
- 45 anos	2 (8%)
- 50 anos	7 (26%)
- 55 anos	5 (19%)
- 60 anos	9 (35%)
- 65 anos	1 (4%)
Método de seleção*	
- Prova	1 (4%)
- Entrevista	3 (11%)
- Apenas Inscrição	21 (75%)
- Outro	3 (11%)
Enfoque das atividades*	
- Multidisciplinares	20 (61%)
- Voltadas a aspectos do envelhecimento	8 (24%)
- Apenas atividades de lazer	0 (0%)
- Outras	5 (15%)
Tempo de duração do projeto	
- Indeterminado	18 (69%)
- 6 meses a 1 ano	1 (4%)
- 2 anos	2 (8%)
- Outro	5 (19%)
Oferece atividades fora da instituição	
- Sim	25 (96%)
- Não	1 (4%)

* Questões onde poderiam ser marcadas mais de uma opção de resposta

Fonte: ELTZ *et al* (2014, p. 87).

A partir das informações cedidas por ELTZ *et al* (2014), as instituições focam em atividades multidisciplinares na sua maioria. A cada década, então, o panorama brasileiro vem se ampliando em termos de uma busca por conscientização sobre como se pensa a terceira idade no presente e para o futuro, mas é algo que ainda está em processo. Mesmo nos países que implantaram iniciativas para a terceira idade, foi visível que, para elas se estabelecerem, passaram pela criação, ampliação e solidificação das estruturas para atender à população madura e idosa, num processo bastante prolongado.

A trajetória a ser trilhada é longa e precisa envolver e sensibilizar a sociedade civil e o poder público. Se, por um lado, o Estado apresenta uma fleuma na implementação das políticas, por outro, a sociedade civil necessita de uma maior mobilização e conscientização acerca da necessidade de resgatar a

dignidade e a cidadania das pessoas idosas. Somente a partir de uma ação conjunta destes dois protagonistas, uma sociedade mais inclusiva e justa poderá ser vislumbrada (ASSIS, DIAS & NECHA, 2016, p. 207).

Silva & Rocha (2019) informam ainda sobre esse aspecto, que as pessoas que procuram e participam das atividades e ações nas U3I não costumam ser vistas como alunas regulares, nem são alcançadas por benefícios normalmente concedidos a discentes de outros segmentos etários nas universidades que abrigam as ações. Isso vem a denunciar o tipo de relação estabelecida e a maneira como aquelas instituições percebem a figura da pessoa idosa que se beneficia de seus cursos. Tenha-se em mente que são, o mais das vezes, os projetos de extensão que absorvem e abrem espaço para o alunado idoso. De toda forma, os espaços destinados a atividades para pessoas aposentadas abrem um leque de opções para quem deseja se inserir nesse universo produtivo aproveitando o tempo a seu favor.

Nesse processo de reinvenção de suas vivências, de construção permanente, os indivíduos buscam estratégias para permanecer envolvidos nas práticas cotidianas da sociedade na qual estão inseridos. O advento da aposentadoria, por exemplo, marca uma ruptura significativa na vida dos indivíduos, desejada ou temida, visto que a partir de então, a identificação com o mundo “ativo” do trabalho, tão valorizada na sociedade capitalista, se dilui e a identidade passa a ser reconstruída, buscando alternativas de projetos de vida (SILVA, 2017, p. 35).

Merece destaque que, a partir das discussões de Debert (1994) acerca do papel das associações de idosos e das universidades que oferecem tais atividades, é possível estabelecer uma relação entre a velhice e a juventude. Quiçá, os jovens possam ser beneficiados pelo compartilhamento dessas experiências.

Nas associações de aposentados, os homens de mais idade conquistaram um espaço coletivo em que são chamados pelos diferentes atores políticos para repensar o futuro do país, rever os limites políticos e econômicos da nação, pensar e executar novas estratégias políticas. Enfim, por em prática a lucidez alcançada ao longo de tantas experiências vividas a serviço dos mais velhos e também dos mais jovens, que começam a entender que um dia vão envelhecer (DEBERT, 1994, p. 49-50).

Um destaque necessário quanto às associações de aposentados é que “os homens ocupam funções de destaque nas diretorias eleitas, em reuniões, enquanto interlocutores que possuem ‘direito’ a falar sobre o núcleo associativo” (SILVA, 2017, p. 45). Por

outro lado, nas ações oferecidas por instituições federais e estaduais de ensino e “nos Centros de Convivência a predominância é feminina, no que refere à presença, adesão efetiva nas atividades propostas e participação nas decisões” (*idem*). Então, “verifica-se o uso diferenciado nas formas de engajamento, ocupação de funções e visibilidade para mulheres e homens” (*ibidem*) naqueles dois tipos de espaço.

Pensando gênero, as atividades em foco nos permitem compreender que esses “programas para a terceira idade criaram um espaço coletivo para a redefinição de formas de sociabilidade e de estilos de vida para as mulheres que ante as perdas indesejadas, buscam novas formas de viver a liberdade que lhes é apresentada” (DEBERT, 1994, p. 49). Constatamos no meu campo de pesquisa a participação de um maior número de mulheres do que de homens, embora ambos se mostrem bastante engajados nas atividades. Debert (1994) pensa o gênero e as diferenças entre as formas de envelhecimento de homens e mulheres. A autora afirma que as mulheres engajadas em “programas não se cansam de mostrar que estão prontas para viver um dos momentos mais felizes que a experiência feminina pode oferecer em que o único dever é a realização e a satisfação pessoal” (*idem*, p. 50-51). Esse discurso lembra o trabalho de Goldenberg (2021, p. 108). A antropóloga enfatiza que “o discurso das mulheres é focado na liberdade do ‘ser eu mesma’”, perspectiva enfatizada nos relatos de inúmeras interlocutoras desta pesquisa, que acessaremos ao longo do texto. Britto da Motta (2005) aponta o envelhecer como renascimento para as mulheres que já não cuidam mais dos filhos, são viúvas ou divorciadas, podendo se dedicar às atividades de suas escolhas.

Atentando para outro marcador social da diferença (a classe social – que dialoga com este trabalho), e olhando para a década de 1960 num resgate histórico, Debert (1992, p. 34) nos informa que “nas sociedades industrializadas, baixa renda e baixo status seriam o destino inevitável daqueles que atingem 60 anos, e nesse sentido, são uma minoria como qualquer outra”. A autora aponta ainda que havia uma “suposta homogeneidade da experiência de envelhecimento ante as diferenças de classe e etnicidade” (*idem*, p. 35) sobre a qual operava a gerontologia, mais fortemente nas quatro últimas décadas do século XX.

Observe-se o que nos informam duas importantes debatedoras do tema em questão. Segundo Debert (1992, p. 45), aqueles idosos “que foram bem-sucedidos ao longo de toda a sua vida gozarão, sem dúvida, de prestígio; os demais ficarão expostos e

terão de conviver com o desafeto e a falta de respeito dos parentes e vizinhos”. Corroborando com este pensamento, para Beauvoir ([1976]1990, p. 17), “ao longo da história como hoje em dia, a luta de classes determina a maneira pela qual um homem é surpreendido pela velhice”. Pensando o meu campo de pesquisa, identifico duas realidades que atestam as ponderações de Debert (1992) e Beauvoir ([1976]1990): o anfitrião MARINALDO82_anf2 se preparou ao longo de seu tempo de trabalho para gozar de uma aposentadoria tranquila financeiramente, em que mantém contato quase permanente com os amigos daquela época – amigos que enaltecem sua trajetória pessoal e profissional, e reconhecem a sua importância para o grupo de ex-funcionários da TELPA; por outro lado, a anfitriã MARTHA70_anf11 não conseguiu alcançar sua segurança financeira antes de chegar à terceira idade, período em que acabou enfrentando inúmeras dificuldades em vários setores de sua vida, inclusive, não obtendo apoio ou proteção dos familiares.

Voltando a pensar as iniciativas para a terceira idade, a nomenclatura UNATI resume bem o perfil de algumas iniciativas identificadas na UFPB, quais sejam: o NIETI, o Instituto Paraibano de Envelhecimento (IPE) e a Liga Acadêmica de Gerontologia em Fonoaudiologia (LAGEFON). As duas últimas são diretamente ligadas ao Centro de Ciências da Saúde (CCS), e o NIETI, ligado à Pró-Reitoria de Extensão (PROEX) na Reitoria. Apresento, a seguir, a maneira como estas instituições se desenvolveram na universidade e como se encontravam no momento em que a pesquisa de campo foi concluída. Iniciarei com a mais recente delas, o IPE. Em seguida, apresentarei a LAGEFON, e encerrarei com o NIETI, a mais antiga das três iniciativas e onde a pesquisa se desenvolveu.

Para encerrar esta seção, faço um resgate histórico (ver Figura 8), no qual é possível verificar uma comemoração pelo Ano Internacional do Idoso, promovida pela diretoria do NIETI à época. A ocasião contou com a presença da idealizadora e maior colaboradora do Núcleo, a Professora Teresa Aquino (a segunda mulher da direita para a esquerda na foto).

Figura 8 – Comemoração do Ano Internacional do Idoso – 1999.



Fonte: Arquivo do NIETI.

2.2 Projetos universitários para a terceira idade – na Paraíba e na UFPB

Dentro do que se tem conhecimento, a UFPB-Campus I é uma das instituições federais paraibanas com maior número de programas e ações de extensão destinadas ao público da terceira idade. É digno de destaque que as ações identificadas são referência nas comunidades onde estão inseridas: o IPE (iniciativa mais recentemente criada na universidade), o LAGEFON (ação vinculada ao Departamento de Fonoaudiologia, que atua em parceria com o NIETI), e o NIETI – por ser a iniciativa mais antiga da universidade, nos motiva a pensar a terceira idade naquele espaço, porém há ainda outra motivação: representantes do núcleo duro desta pesquisa participa das três ações elencadas e não apenas do NIETI. Em outras palavras, quem participa das ações do NIETI, pode participar também das ações da LAGEFON e do IPE, o que de fato acontece. Algumas anfitriãs que estudam francês no NIETI estudam flauta e/ou inglês no IPE; anfitriões são alunos do NIETI, mas são também professores voluntários no IPE; anfitriões que participam de cursos oferecidos pelo NIETI e pelo IPE estão sempre atentos às atividades da LAGEFON para se inscreverem e participarem ativamente naquele espaço etc.

Por fim, reitero que iniciativas semelhantes, mesmo que se desenrolem com recursos próprios ou com o apoio de iniciativa privada ou ainda a partir de ONGs não serão contempladas nesta apresentação por não ser este o cerne da pesquisa. Como o estudo se desenvolveu numa universidade pública, focamos em explanar sobre este ambiente em específico. Entretanto, tenho conhecimento de ações para o público idoso na cidade de João Pessoa, principalmente, aquelas desenvolvidas por associações de

bairro, e que já serviram de objeto de estudo em outros trabalhos acadêmicos – nenhum deles, porém, desenvolvido em uma iniciativa semelhante à que hora apresento.

Como exemplo de estudo que não se desenvolveu em uma instituição pública, mas vem servindo de apoio para as reflexões postas, pode ser citada a tese de Wilka Barbosa dos Santos, com pesquisa realizada no Centro de Convivência do Idoso – CCI, em João Pessoa, no ano de 2021. A pesquisadora ensinou estudar novas formas de biopoder e o envelhecimento ativo (conceito que discuto no meu trabalho), com o intuito de compreender os motivos que levavam as mulheres idosas para espaços de lazer. No seu trabalho, a pesquisadora destaca que “com o marco do envelhecimento ativo, o tempo livre passa a ser entendido como uma oportunidade de promoção da saúde, logo, é um tempo medicalizado” (SANTOS, 2021, p. 152).

2.2.1 IPE

As informações que trago a seguir foram catalogadas a partir de minha passagem pelo no Instituto, no ano de 2019, quando fui preparadora de atores e atrizes para o Auto de Natal, e professora voluntária de língua inglesa. Somam-se, ainda sobre esse aspecto, as conversas informais que mantive com diversos funcionários, professores e diretoria do IPE. Serão incluídas informações coletadas no relatório anual emitido pela gestão, no ano de 2020, ao qual tive acesso, após informar aos gestores sobre a pesquisa que desenvolvo em antropologia.

O Instituto, o primeiro desse eixo temático na América Latina no âmbito das universidades públicas, encontra-se instalado nas dependências do Campus I da UFPB, ocupando uma parte da área anteriormente destinada à Prefeitura Universitária. Foi idealizado por Antônia Leda Oliveira Silva, docente-pesquisadora da UFPB, aprovado em 2015 pelo Conselho Universitário (CONSUNI) da UFPB, e é financiado por órgãos de fomento. Após algumas reformas no antigo prédio da Prefeitura, o IPE foi inaugurado no dia 26 de abril de 2019.

O Instituto intenciona gerar conhecimentos sobre envelhecimento e saúde, e oferecer formação para profissionais que atuam no campo da Saúde da Pessoa Idosa, a partir de um espaço de práticas socioeducativas de promoção da saúde. Apresenta-se com o objetivo de promover e manter a saúde e a qualidade de vida da pessoa idosa por meio dos três pilares acadêmicos da universidade (ensino, pesquisa e extensão), em parceria com o estado da Paraíba e com o município de João Pessoa.

As ações são desenvolvidas por professores (aposentados e ativos), estudantes, técnicos administrativos da UFPB (aposentados e ativos) e do Hospital Universitário Lauro Wanderley (HULW), além de colaboradores e/ou voluntários (professores e funcionários aposentados da UFPB e da comunidade). Podem participar das atividades do IPE, pessoas acima dos 60 anos de idade, do Município de João Pessoa, docentes e servidores aposentados da UFPB.

No relatório emitido no ano de 2020, referente ao exercício 2019-2020, relata-se que havia 735 idosos inscritos nas atividades oferecidas pelo Instituto, mas que a capacidade de atendimento em suas dependências seria de apenas 40 idosos. O IPE dispõe de um espaço com 11 salas para realização das atividades, tanto as acadêmicas quanto as socioeducativas. As ações começaram a ser desenvolvidas no ano de 2019, porém foram canceladas em 2020, após a chegada da Covid-19 (RELATÓRIO 2019-2020). Entretanto, é preciso colocar em relevo que aquele espaço se presta a atender não apenas pessoas idosas, como também, a comunidade acadêmica, pela quantidade de cursos de pós-graduação que começou a ofertar. Essas iniciativas muito se aproximam do histórico do NIETI nos anos que sucederam a sua criação em 1992, quando veio a ofertar inúmeros cursos de pós-graduação, haja vista o repositório que se encontra sob a guarda da Biblioteca Setorial do CCS no Campus I. Antecipo que, atualmente, o NIETI desenvolve apenas atividades de extensão.

Em nível de pós-graduação, apesar de nem todas as ações se encontrarem ainda em pleno funcionamento, o IPE oferece curso de Mestrado Profissional em Gerontologia (PMPG); Curso de Especialização em Cuidados Paliativos, junto ao Hospital Universitário Lauro Wanderley; Curso de Especialização em Saúde Pública Oral, junto ao Departamento de Odontologia Restauradora/UFPB; Curso de Especialização em Gerontologia Crítica (em desenvolvimento), junto à Universidade de Padova/Itália. Em nível de grupos de pesquisa, mantém quatro ações: Grupo Internacional de Estudos e Pesquisas sobre Envelhecimento e Representações Sociais-GIEPERS/UFPB; Grupo de Estudos e Pesquisas sobre Políticas Públicas de Saúde e Doenças Neurológicas Irreversíveis para Pessoa Idosa/UFPB; Grupo Internacional de Estudos e Pesquisas sobre Representações em Saúde e Áreas Afins (GIPRSAA); Grupo Internacional de Pesquisas em Saúde, Envelhecimento e Funcionamento (GIPSEF).

Verifica-se que o Instituto em seu plano de atuação, ainda não colocado efetivamente em prática, busca desenvolver convênios e parcerias com universidades de

outros estados e países: Universidade de Padova e *Università Popolare AUSER-Como* na Itália; Universidade de Évora e Instituto do Envelhecimento da Universidade de Lisboa-Portugal; Universidade de Granada/Espanha; Universidade de Luján - Argentina; USP/Ribeirão Preto-São Paulo e Portal do Envelhecimento da USP/São Paulo. Os convênios englobam visitas técnicas e aulas (de professores destas universidades parceiras) nas dependências do Instituto ou através de *lives*. O IPE desenvolve alguns projetos de extensão e atividades remotas. Tais parcerias refletem diretamente na formação de profissionais da área da saúde, alcançando, posteriormente e indiretamente, a comunidade acima dos 60 anos de idade.

O Instituto informou oferecer às pessoas idosas, até a chegada do coronavírus: alongamento, artesanato dobradura, artesanato fuxico, auriculoterapia, avaliação geriátrica ampla, biodança, autocuidado para cuidadores de idosos, escuta e conforto espiritual, escuta individual, francês, hidroginástica, inglês básico, inglês para viagem, introdução à informática, jogos e oficina da memória, meditação, técnicas de consciência corporal, Tai-Chi-Chuan, meditação e yoga. Por ocasião do contexto pandêmico, as atividades foram suspensas e repensadas para retorno no segundo semestre de 2022. Apenas funcionários não pertencentes a grupos de risco desenvolveram atividades presenciais ou híbridas durante os primeiros anos da pandemia. As *lives* foram o recurso utilizado para reuniões e planejamentos do Instituto. Em suma, esse é o escopo do IPE, cujas ações a partir do ano de 2022 dependeram da diminuição do contágio e do retorno das atividades, o que foi acontecendo lentamente.

Observa-se que a atuação do IPE surge preponderantemente com uma proposta de oferecer formação universitária e de pós-graduação. Docentes do CCS vêm buscando desenvolver este tipo de atividade desde a criação do Centro, para incorporarem às ações do Instituto práticas já conhecidas, porém nem tudo o que consta no plano piloto conseguiu sair do papel até o último momento em que estive em campo. De qualquer forma, a instalação de uma iniciativa para a terceira idade que é pioneira no país e na América Latina encontrou suporte na UFPB para sua fundação e aceitação, isso ocorrendo apenas vinte e sete anos depois que a Professora Teresa Aquino apresentou sugestão semelhante ao reitorado da época.

2.2.2 LAGEFON

As informações que apresento acerca da LAGEFON são resultantes: i) de diálogo com Professoras (a atual coordenadora e a ex-coordenadora do NIETI – docentes do Departamento de Fonoaudiologia da UFPB); ii) de ações das quais participei; iii) da produção acadêmica de participantes da Liga. As ações da LAGEFON costumam ser realizadas em parceria com o NIETI. Ambas as professoras-coordenadoras mencionadas são ligadas ao CCS, assim os dois projetos costumam partilhar profissionais e voluntários, e implementar atividades conjuntas que beneficiam o público idoso da grande João Pessoa.

A LAGEFON é a Liga Acadêmica de Gerontologia em Fonoaudiologia que iniciou suas atividades em 2018 com o intuito de desenvolver ações voltadas à propagação de conhecimento em Gerontologia. Essas ações são direcionadas ao público discente da graduação em Fonoaudiologia, com abertura para a participação de profissionais, professores e estudantes de áreas que se interessem pelo estudo do envelhecimento. Logo após sua criação, a Liga atuou no Clube da Pessoa Idosa (em parceria com a Prefeitura Municipal de João Pessoa), na Instituição de Longa Permanência para Pessoas Idosas (ILPI) Casa da Divina Misericórdia, com promoção de saúde e reabilitação, e ainda realizou parceria com o Instituto Federal da Paraíba (IFPB) para capacitar cuidadores de idosos a partir de oficinas para estudantes do Curso Técnico de Cuidadores de Idosos.

O objetivo da Liga é delimitar ações que sirvam de complemento para a formação acadêmica por meio de atividades que atendam ao conhecido tripé universitário de ensino, pesquisa e extensão. Desde o ano de 2021, vem, junto com o NIETI, desenvolvendo ações voltadas às pessoas idosas, adaptando-se ao cenário de pandemia que gerou plena dedicação da Liga a atividades remotas. Como fruto dessa parceria, foram realizadas videoconferências, rodas de conversas virtuais e *lives* quinzenais no Instagram com o tema ‘Comunicação e inclusão social na terceira idade’, além de propagação de poesias, poemas, músicas, filmes e livros para a compreensão do processo de envelhecer, contemplando a literatura nacional e internacional. Com isso, a LAGEFON visa contribuir com a formação de estudantes de Fonoaudiologia, Odontologia e áreas afins, capacitando esse público para o estudo do processo de envelhecimento no âmbito biopsicossocial, assim como ressaltando a importância da atuação interprofissional junto à pessoa idosa (AMARAL *et al*, 2021).

A Liga pretende alcançar cada vez mais o público idoso através das redes sociais, contribuindo com a inclusão social através de tecnologias de informação, melhorando as formas de comunicação, a fim de promover saúde e qualidade de vida. Pretende ainda, contribuir para a compreensão sobre o processo de envelhecimento da população, já que nos últimos anos, o Brasil tem constatado através de dados de pesquisas sociais, o crescimento do número de pessoas acima dos 60 anos de idade (AMARAL *et al*, 2021).

A tecnologia tem forte presença nas atividades criadas pela Liga, sendo o foco das ações. Segundo um levantamento de profissionais colaboradores da LAGEFON com os grupos de idosos que costumam pesquisar, em 2017, apenas 21% destes diziam ter usado um computador. Quanto ao uso da internet no celular em 2017, o percentual era de 27% e em 2015, 13%. Em 2021, 58% deles já tinham acesso à internet nos *smartphones*. Com a crescente experiência da pessoa idosa com a tecnologia, surgem iniciativas que buscam inseri-la cada vez mais nesse mundo digital. A Liga, vislumbrando essa realidade, resolveu implementar atividades em parceria com o NIETI, objetivando somar ações de promoção da saúde voltada a esse público e propagar conhecimento em Gerontologia para discentes, profissionais e docentes.

As atividades implementadas pela Liga em parceria com o NIETI incluíam inúmeras ações, entre as quais servem de exemplo: *lives* em que se debatia (com o público idoso) questões sobre dificuldades e patologias diagnósticas no aparelho fonador e, principalmente, na garganta; desenvolvimento de pesquisas das quais esse público poderia participar, cedendo informações sobre sua saúde e bem-estar, e obtendo orientação e indicação de tratamentos em instituições parceiras, se/quando houvesse necessidade. Discentes do CCS acompanhavam as atividades coordenadas por docentes e especialistas na área de fonoaudiologia.

Assim, o público-alvo da LAGEFON inclui discentes e docentes da UFPB, profissionais colaboradores externos, discentes do Centro Universitário de João Pessoa (UNIPÊ) e idosos seguidores do Instagram da Liga Acadêmica. Dentre o pessoal interno, inclui-se o alunado extensionista do Campus I que encontra ali uma oportunidade de desenvolver estágios curriculares e de obter conhecimento/experiência em sua futura área de atuação. A partir disso, são observadas proximidades entre as propostas da LAGEFON e as ações desenvolvidas pelo IPE, pois a partir da formação universitária, ambas ampliam seu leque de opções, para só então chegar à pessoa idosa, pensando o alcance e o papel da área de saúde nesse contexto.

2.2.3 NIETI

As informações que apresento sobre o NIETI são resultantes de uma parceria que desenvolvi com o Núcleo desde o ano de 2018, quando conheci o projeto, participei como aluna do francês e comecei a programar minha atuação como professora voluntária do idioma. Também, são resultantes de um arcabouço teórico ao qual tive acesso a partir de profissionais do próprio NIETI e de trabalhos acadêmicos produzidos desde o ano de 1992, por ocasião de sua criação, e que se encontram depositados na Biblioteca Setorial do CCS. Somam-se a essas, as valiosas informações colhidas a partir do artigo produzido por funcionários do Núcleo no ano de 2018. Por fim, e de grande importância, trago informações coletadas em: participação observante, observação participante, conversas informais e entrevistas que realizei com profissionais e pessoas atendidas pelo Núcleo, estando todas elas cientes da minha pesquisa na pós-graduação.

O Núcleo se localizava até o ano de 2020, no andar térreo do prédio, no final do corredor de acesso à antiga Pró-Reitoria de Extensão e Assuntos Comunitários da UFPB (PRAC), atual PROEX. Para as aulas, o NIETI costumava requisitar acesso a: algumas salas localizadas nas dependências do Núcleo de Pesquisa e Documentação da Cultura Popular (NUPPO), que ficava no mesmo corredor do NIETI; e à sala de aula da Coordenação de Educação Popular (COEP), vizinha à sala destinada ao coral, e de frente para os sanitários, cujo acesso era feito pela entrada traseira no térreo do edifício. No final do trabalho de campo, o Núcleo estava localizado em uma das salas da COEP, setor ao qual se encontrava subordinado.

O NIETI – segundo informações da secretária que atuou até o ano de 2019 no Núcleo, e ainda segundo confirmação da atual coordenadora – sempre recebeu pessoas a partir de 60 anos de idade. Contudo, permitia o acesso de pessoas de menos idade em situações especiais (de cuidadores a familiares que acompanhavam as pessoas ali atendidas), mesmo que ainda não tivessem alcançado a idade mínima, mas que demonstrassem interesse em frequentar os cursos oferecidos naquele espaço ou que necessitassem acompanhar as pessoas de quem eram cuidadoras. Ressalta-se que, durante o período em que foram desenvolvidas atividades presenciais no campo, o Núcleo também oferecia o Curso de Cuidador de Idosos, frequentado por pessoas maiores de 18 anos.

O funcionamento do NIETI no período de aulas presenciais, até o ano de 2019, se dava nos turnos da manhã e da tarde com cursos de Inglês, Francês, Coral, Flauta, Artes Manuais, Biodança, Fotografia, Informática Básica e Cuidador de Idosos, em que qualquer pessoa com qualificação poderia se voluntariar para dar aulas. As ações promovidas pelo NIETI (da mesma forma que faz a LAGEFON) proporcionam a oportunidade e o espaço para que discentes da UFPB possam realizar seus estágios curriculares – a instituição vai se propondo manter o compromisso de uma universidade (que é formar profissionais) e ao mesmo tempo trazer as pessoas idosas para o espaço acadêmico, honrando o tripé que a sustenta (ensino, pesquisa e extensão). Disso, deduzimos tratar-se de um espaço que oportuniza a convivência intergeracional, e que obtém “reconhecimento social como resultado de sua histórica contribuição, tanto para o avanço científico e tecnológico regional, quanto para a formação de quadros profissionais de excelência para o Estado da Paraíba e para o restante do país” (SITE DA UFPB)²⁸.

Nos cursos disponíveis naquele espaço, identifiquei uma forte presença masculina, mesmo que em menor número em relação à feminina. Nos cursos de informática, música e fotografia, os homens costumam ser contabilizados em número praticamente equivalente ao de mulheres. Nos demais, eles ocupavam, geralmente, um terço da turma. Os homens chegavam ao NIETI através de informações de amigos que já participavam das atividades ou através de suas companheiras. No curso de francês, mais da metade dos homens chegou indicada por alguém, os demais já participavam de outros cursos do Núcleo. Pensando o marcador ‘gênero’, entendo que não é possível não o associarmos à velhice, pois muitos estudos mostram quão diferente é a velhice para mulheres e para homens – com base nessas informações, parece-nos que ambos buscam obter conhecimento e alcançar bem-estar físico e mental ao participar das ações pensadas para eles na universidade, e o diferencial é que as mulheres parecem ser mais proativas que os homens no momento de encontrar tais opções.

E apesar de não termos apresentado um recorte aprofundado de gênero nas análises, é inegável a maior participação feminina nos cursos do NIETI. A presença feminina ficou evidente em diversos outros momentos no campo, inclusive quando pensamos no número de docentes do Núcleo e na sua equipe interdisciplinar. Da mesma

²⁸ Disponível em <<https://www.ufpb.br/ufpb/menu/institucional/apresentacao/historico>>. Acesso em: 16 jun. 2024.

forma, ficou evidente a maior participação feminina em ações que envolvessem atitudes de cuidado (de ser cuidado e de cuidar).

Pensar o NIETI e suas produções é problematizar toda a discussão sobre a U3I e sua tentativa de implantação na UFPB e, por que não dizer, na Paraíba – mesmo que este Núcleo não se configure efetivamente enquanto U3I, nem seja nomeado institucionalmente como tal. Tudo começou com o projeto político-pedagógico da Professora Francisca Teresa Montenegro de Aquino, mais conhecida como Teresa Aquino, que iniciou o debate educacional da Gerontologia na Paraíba para criação de uma universidade para a terceira idade no âmbito da PRAC-UFPB, no ano de 1991. A Professora seguia os ditames da escola francesa ao pensar a U3I que desejava então implantar. Foi Teresa Aquino quem iniciou todo o diálogo sobre terceira idade na instituição e, hoje, se percebe a existência de vários projetos abrindo espaço para acolher o público idoso. Como um dia declarou Ecléa Bosi, a vida é um pouco isso, plantar árvores frutíferas, pedindo a Deus que alguém esteja lá depois saboreando os frutos²⁹.

Basicamente, o conteúdo do debate educacional para a implantação da Universidade da Terceira Idade da UFPB, contido no anteprojeto da professora Teresa Aquino e demais colaboradores, girava em torno da oferta de atividades sócio-educativas variadas, tais como: (a) programas de lazer e educativos à população de adultos maduros e idosos; (b) pesquisas visando à produção de conhecimentos acerca do processo de envelhecimento; e (c) programas sócio-educativos intergeracionais (SUASSUNA, 2009, p. 127).

Suassuna (2009) destaca também que a proposta educacional da Professora Teresa ensejava inserir a temática da velhice e do envelhecimento no conteúdo regular dos cursos de graduação da universidade, como também incentivar a criação de novos espaços de pós-graduação para se produzir conhecimento e formar recursos humanos para atender o público idoso. Ensejava, inclusive, maior reconhecimento e apoio financeiro de órgãos de fomento à pesquisa e à extensão universitárias (SUASSUNA, 2009, p. 127). Contudo, constatamos que, só após várias décadas, órgãos de fomento à pesquisa vieram a atuar junto a iniciativas semelhantes na UFPB, a exemplo da LAGEFON que é beneficiada atualmente.

²⁹ Informação veiculada no Blog Anita Plural com reportagem intitulada “Ecos Imateriais | Ecléa Bosi (1936-2017)”. Disponível em: < <https://anitadimarco.blogspot.com/2017/07/ecos-imateriais-eclaea-bosi-1936-2017.html>>. Acesso em: 10 mai. 2021.

O debate iniciado por Teresa Aquino para a possível criação de uma U3I na UFPB não obteve adesão das instâncias regulamentadoras. À época, não era interesse da comunidade científica e acadêmica paraibana pensar a velhice e o envelhecimento. Essa era uma tendência em boa parte do Brasil, num momento em que a Gerontologia ainda buscava ser amplamente conhecida, como informa Groisman (1999). Observa-se que o desinteresse no estudo desta geração perpassa o debate sobre preconceito etário ainda verificado em nosso país.

Argumentamos que o debate sobre discriminação por idade e preconceito etário, no Brasil, deveria ocorrer sob a abordagem das discriminações múltiplas. Esta exige que consideremos a perspectiva da interseccionalidade, que abrange a ideia de que pessoas podem experimentar opressão e privilégio ao mesmo tempo, com base em certas características individuais e dependendo do contexto (GOLDANI, 2010, p. 415).

Sem desistir de sua intenção, a Professora Teresa conseguiu em agosto de 1992 implantar o projeto de criação do Núcleo de Estudos para a Terceira Idade da Universidade Federal da Paraíba (NETI-UFPB), a partir da reestruturação de sua ideia inicial. Essa iniciativa seguia a tendência verificada em outros estados brasileiros, que se efetivaram na década de 1990 sob as mais diversas denominações: universidade aberta, faculdade livre, núcleo de estudos, grupo de estudos etc. Iniciou-se, assim, o debate educacional gerontológico na UFPB, com a criação do NETI, que em 1992 adiciona a pesquisa às suas programações e passa a se chamar NIETI até os dias atuais.

Muitos foram os desafios, inclusive político-institucionais, que o Núcleo enfrentou ao longo desses mais de 30 anos. Após a morte de sua idealizadora em 2005, a pós-graduação que ali funcionava começou a perder força (na atualidade, já não faz parte das atribuições do NIETI). As modificações inevitáveis ocorridas deram margem para que outras iniciativas fossem sugeridas e implementadas a partir de centros de ensino da UFPB. O esvaziamento historicamente identificado no Núcleo resultou de questões políticas segundo relatos de ex-funcionários e colaboradores com quem estive conversando desde o ano de 2018.

Atualmente, apenas pessoas definidas como ‘idasas’ (nomenclatura defendida pelo Estatuto da Pessoa Idosa) são atendidas naquele espaço, a partir de projetos de extensão. Quase a totalidade delas faz cursos no Núcleo e participa, em paralelo, das ações do IPE e da LAGEFON, e podem buscar as ações que mais se adequam a sua

situação de vida, ressignificando espaços e experiências. Essas informações, obtive em conversas com o grupo do francês, do inglês (enquanto estive dando aulas deste idioma no IPE) e de participantes das atividades da LAGEFON (quando do meu envolvimento em alguns eventos)³⁰. Constatei que eram praticamente as mesmas pessoas que navegavam entre as três iniciativas, isso em alguns momentos do campo, pois a rotatividade mostrou-se um fenômeno frequente em todas elas – em cada uma, se escolhia as atividades que mais interessavam, como pode ser verificado na fala de um dos anfitriões desta pesquisa, participante de ações no IPE e no NIETI ao mesmo tempo.

– O IPE também é destinado à pessoa idosa, e tem muitos cursos e espaços, inclusive com ioga e outras atividades. Lugar muito acolhedor, pessoas acolhedoras. E o IPE já fez muitas melhorias na sua estrutura, e aumentou o número de atividades. No final de 2019, teve uma peça de Natal com os idosos no IPE, e eu participei (CARLOS71_anf1).

Como já mencionado, as pessoas que frequentam os cursos de francês do NIETI são, em sua maioria, aposentadas, mas há as que ainda estão trabalhando, e possuem curso superior. Tomaram a iniciativa de se matricular nas atividades a partir, basicamente, do boca a boca, da divulgação que é feita periodicamente pela mídia televisiva local e, durante a pandemia, através de *lives* no *YouTube*³¹ realizadas pelo Núcleo, algumas vezes em parceria com a LAGEFON. Em entrevistas realizadas com o grupo do francês, obtive informações sobre como chegaram ao NIETI.

– Através de minha irmã que já estava lá no NIETI, entrei no curso de inglês porque o professor era muito bom. E depois, entrei no francês. Agora, estou inscrita no francês apenas (MAJU, 73 anos).

– Fiquei sabendo do NIETI através de uma chamada da TV Cabo Branco, Programa Bom Dia Paraíba (ANAMARI74_anf3).

– Minha filha viu no jornal da TV a inscrição para idosos, então resolvi me matricular (ALMIRA76_anf4).

– Soube através da minha esposa, que já é aluna do francês (JORIO82_anf8).

– Fiquei sabendo através de um colega que estava estudando o curso de Computação Básica (MARINALDO82_anf2).

³⁰ Não foi possível obter uma forma de comprovação oficial além das interlocuções e da vivência da pesquisadora, a qual circulava com frequência naqueles três espaços.

³¹ Plataforma de divulgação de vídeos, também utilizada para palestras virtuais.

– Com seis meses que eu havia chegado em João Pessoa, depois de 19 anos fora da Paraíba e voltando às raízes, surgiu a oportunidade de cursar francês começando do zero. Não me recordo como fiquei sabendo (JOSELINO, 63 anos).

Debert (2010, p. 57) aponta “os grupos de convivência e as universidades para a terceira idade como formas de criação de uma sociabilidade mais gratificante entre os mais velhos”. Entretanto, a literatura contempla (e observo em minha vida acadêmica) que as atividades para a terceira idade desenvolvidas em universidades brasileiras, em sua maioria, surgem a partir de programas de extensão. Obviamente, existem as que conseguiram implantar as UNATIs e expandiram sua atuação, mas tudo isso perpassou inúmeros aspectos políticos e institucionais.

No Brasil as UnTI são estruturadas em Programas de Extensão e atuam pela dedicação de coordenadores, voluntários e bolsistas. Esta constatação mostra a dependência delas a esses atores, pois não fazem parte do organograma das universidades e seus participantes não são considerados alunos regulares e, na maioria dos casos, não têm acesso a empréstimos na BU ou desfrutam de refeições no RU. Por serem programas de extensão, elas estão restritas a Pró-Reitoria de Extensão, mesmo tendo atividades de ensino e pesquisa não há elo a Pró-Reitoria de Ensino ou a de Pesquisa (SILVA & ROCHA, 2019, p. 13-14).

O NIETI nasceu de uma tentativa visionária, embora frustrada, de implantação de uma universidade que pensasse o envelhecimento e a pessoa idosa, visando ampliar seu funcionamento para todos os patamares da academia, partindo da graduação. Identifico um objetivo intergeracional nas ações da universidade, denotando interesse ou oportunizando trocas entre várias gerações, aproximando pessoas de diversas faixas etárias, o que auxilia na criação de um ambiente de reflexão e desconstrução de estereótipos. A realidade verificada no Núcleo é contemplada nos resultados alcançados por Silva & Rocha (2019, p. 11), ao relatarem que a pós-graduação não se faz presente na maioria das U3Is pesquisadas: “não é realizada na grande maioria dos casos, sendo a parte de extensão e ensino não formal a mais desenvolvida, já que se estruturam como Programas e/ou Núcleos ligados à Pró-Reitoria de Extensão”.

Nem todos os programas permitem um acesso ilimitado dos idosos às distintas ações oferecidas. Algumas UnTI oferecem um “guarda-chuva” de atividades, e devido à demanda ser maior do que a oferta, às vezes é

necessário que o idoso opte por uma ou duas atividades. No entanto, em geral, o limite de atividades do participante idoso se dá por seu horário, aptidão física ou pela própria família do participante (SILVA & ROCHA, 2019, p. 07).

Nesse cenário, as pessoas ministrantes dos cursos do NIETI costumavam ser voluntárias e, eventualmente, duas bolsas eram destinadas ao Núcleo, e priorizadas para os cursos com maior contingente de inscritos no período (o mais das vezes, informática e francês), que podiam selecionar bolsistas entre discentes de cursos de graduação da própria UFPB (SANTOS *et al*, 2019). Com o cancelamento das atividades presenciais no primeiro semestre do ano de 2020, o Núcleo optou pelo retorno em meados do ano de 2021, aceitando matrículas *online* de pessoas de todo o país, com a adoção de aulas virtuais no período. As atividades continuaram sendo desenvolvidas por voluntários, com a presença de bolsistas.

No entanto, só foram mantidos em 2022 os cursos de Fotografia e de Francês: pela própria dificuldade de adaptação dos demais conteúdos às plataformas digitais; pela dificuldade relatada pelo alunado com as tecnologias; ou por não conseguirem voluntários para ministrar os demais cursos. O retorno totalmente presencial foi pensado para o ano de 2022, observando-se, no entanto, uma tendência a adotar um cronograma híbrido, como se observou a partir do ano de 2023, com o retorno efetivo apenas do curso de francês.

A matrícula era realizada durante todo o ano, mas orientava-se que fosse feita no período indicado pelo setor. No caso de matrículas excedentes ao número de vagas disponíveis, formava-se uma lista de espera para convocação posterior. Desde sempre, no NIETI, as pessoas interessadas puderam escolher no ato da matrícula tantos cursos quantos desejassem, atentando apenas para que não houvesse choque de horários entre suas escolhas. No presencial, eram aceitas pessoas residentes na grande João Pessoa, funcionários ativos ou aposentados, docentes da instituição, e assim por diante, se estendendo a toda a comunidade extra universidade. O Núcleo exigia cópias de documento de identificação com foto e de comprovante de residência. As pessoas que atendiam na secretaria, usualmente bastante solícitas (como enfatizado pelos anfitriões/anfitriãs), auxiliavam no preenchimento do formulário de matrícula (ver Anexo 1), no acesso do alunado às salas de aula, na retirada de dúvidas burocráticas ao longo do período etc. Com a perspectiva virtual, a partir do ano de 2021, foram aceitas

peessoas de todo o Brasil e também de brasileiros residentes em outros países, desde que os professores voluntários assim o permitissem. No ano de 2021, foram realizadas ao todo 97 novas inscrições (mantidas no ano de 2022), sendo 41 no curso de informática, 26 no curso de francês, 21 no de fotografia e 9 no grupo de apoio mediado pelo Psicólogo do NIETI.

Relembro que as justificativas dadas por quem se matriculava diretamente no curso de francês, e que vemos mencionadas em outros capítulos desta tese, eram basicamente: “A médica falou que eu preciso ativar meus neurônios com um curso de idioma”; “Eu preciso falar francês com fluência, pois viajo o mundo todo”; “Eu já sei inglês, ensino inglês, mas tenho dificuldade com o francês”; “Meu filho disse que eu não ficasse parada, senão o Alzheimer chega, então eu estou aqui pra estudar francês, mas nunca nem vi nada, só inglês mesmo”; “Eu acho uma língua cheia de charme, de glamour, tem uma aura diferente”; “Francês é um idioma lindo, cheio de romantismo”; “Eu sempre tive uma queda pelo francês, sempre o admirei”; “Estudo francês pra fugir do alemão [Alzheimer³²].

Observou-se entre o alunado uma preocupação com a manutenção da saúde, a adoção de atitudes preventivas a nível físico e neurológico. De fato, estudos realizados no mundo inteiro na área das neurociências, com ênfase para a neurobiologia, apontam/sugerem “que o bilinguismo pode proteger contra a demência e o declínio cognitivo em idosos”³³ – esse é um dos resultados divulgados após duas décadas de estudo. Pesquisadores alemães o publicaram na edição de abril de 2023 na revista *Neurobiology of Aging*, e foi realizado com mais de 700 pessoas, com idades entre 59 e 76 anos que falavam mais de um idioma. Comparando-as com pessoas que falavam apenas um idioma, aquelas obtiveram pontuações mais altas em linguagem, memória, foco, atenção e habilidades de tomada de decisão. No Brasil, pode ser citado o trabalho de Schleder de Borba (2019, p. 112) que verificou “o impacto cognitivo do bilinguismo no envelhecimento e a aquisição de segunda língua por aprendizes idosos”. Na sua pesquisa, ela identifica que “escassos são os estudos que buscam investigar como o processo de aprendizado *per se* se dá quando o aprendiz já atingiu a terceira idade”

³² Doença progressiva que destrói a memória e outras importantes funções mentais.

³³ Resultado de estudo realizado por cientistas alemães. Disponível em <<https://veja.abril.com.br/saude/falar-mais-de-um-idioma-diminui-o-risco-de-alzheimer-entenda#:~:text=%E2%80%9CO%20bilinguismo%20pode%20atuar%20como,jornal%20The%20New%20York%20Times>>. Acesso em: 2 mai. 2024.

(*idem*, p. 120), e ainda sobre esse aspecto, mostra outras pesquisas em que a maioria dos aprendentes de um novo idioma após os 60 anos de idade dizem não sentir efeitos negativos no aprendizado. O que a pesquisadora identificou como resultado de seu trabalho foi que existe uma grande variação individual nesse aprendizado, que resulta de variáveis tais como “a saúde cognitiva, a motivação, o nível de ansiedade e conhecimento prévio” (*idem*, p. 121) dos sujeitos acerca do idioma estrangeiro.

Na minha pesquisa, dentre as justificativas dadas por quem se matriculava diretamente no curso de francês, apareceu também o status e o uso prático do idioma como motivações para as pessoas estarem ali, aprendendo. Não apenas o ‘estudar a língua francesa’, mas também o fato de estudar em uma universidade, ainda por cima federal, na companhia de pessoas de classe média ou média-alta, com todo o status que esse contexto encerra, me levaram a refletir sobre as motivações por trás das ações que levam o público atendido pelo NIETI a estar ali, a fazer parte daquele espaço. Entendo que são diversas as motivações que levam as pessoas da terceira idade a frequentar os cursos do Núcleo, mas a escolha do francês em si pode nos dizer muito mais sobre seus frequentadores do que eles próprios verbalizam. Contudo, eles escolheram estar naquele espaço como forma de cuidar de si, assumindo um envelhecer ativo, principalmente porque puderam, tiveram condições de escolher. Esta não seria a única maneira para viverem mais e melhor, por isso entendo como sendo resultado de escolhas associadas a condições propícias de vida.

Quanto a pesquisar a terceira idade e obter colaboração do grupo escolhido no NIETI, percebo que não só a minha idade foi um ponto positivo e facilitador, pois tenho consciência de que houve também o respeito conquistado perante a turma já a partir dos primeiros contatos. Esse foi um ponto fundamental na aceitação da pesquisa, que deduzo de relatos extraídos de conversas informais, e que apresento para contextualizar o campo.

— Minha filha, você fala francês muito bem. Estudou a língua no tempo de ginásio? [dirigindo-se a mim, então colega de sala] Você explica e eu entendo. Você nasceu pra ser professora, e sua didática é louvável. Sei o que estou falando, tenho experiência em supervisão escolar [dirigindo-se a mim, agora como professora] (ALMIRA76_anf4).

— Professora, como é o nome daquela música de Edith Piaf que fala *rien..... de rien....?* De muitos anos atrás, acho que é a primeira música de Piaf que fez sucesso (ERCILIA80_anf7).

– Hoje, inventaram esse negócio de dizer ‘todos e todas’, eu não sou de acordo. No nosso tempo [dirigindo-se a mim, então professora] não havia nada disso, não é verdade? (HAROLDO, 73 anos).

Nesses breves relatos, podemos perceber certa admiração pela colega de classe/professora/pesquisadora, além de a reconhecerem como alguém que viveu ou que pode ter vivido períodos sócio-históricos em comum com a turma, facilitando o reconhecimento de códigos socioculturais mutuamente vivenciados. Segundo aponta Müller (2006, p. 17), “a condição etária de quem faz pesquisas com determinada idade se reflete diversamente no trabalho de campo, assim como o gênero importa mais ou menos de acordo com a pesquisa que é realizada”. Considero então que, para mim, o fator etário foi um grande facilitador em campo, juntamente com o aspecto religioso, por nos identificarmos, na maioria, como cristãs e cristãos, o que se poderá perceber em vários depoimentos que trarei ao longo do texto.

Finalizando este tópico, relembro que apresentei iniciativas identificadas na UFPB, sendo esta universidade o maior reduto conhecido de oportunidades para pessoas paraibanas acima dos 60 anos frequentarem cursos nas mais diversas áreas. Passo agora a refletir sobre o que essas ações nos permitem apreender do papel que desempenham tais iniciativas. Ensejamos discutir sobre a perspectiva institucional acerca da pessoa considerada idosa segundo as convenções sociais.

2.2.4 Perspectiva de velhice nas propostas da UFPB

As atividades desenvolvidas no NIETI (também durante a pandemia) se restringem a atender o público interessado na oferta de cursos pensados para a terceira idade, diferentemente das propostas do IPE e da LAGEFON (estes atendendo prioritariamente a comunidade acadêmica). Desde o início dos anos 2000, essa tem sido a abrangência daquele Núcleo, que vem alcançando um bom público através de divulgação de suas ações na mídia televisiva local e do boca a boca, mais efetivamente. Como já mencionando anteriormente, o contexto pandêmico trouxe o mundo da internet para dentro das ações da UFPB, conformando o virtual como parceiro e instrumento para que as pessoas que antes ali circulavam não ficassem sem o apoio de que necessitavam, e para que as atividades pudessem ter continuidade. O virtual também alcançou as ações de extensão para a terceira idade.

Foram mantidas desde o ano de 2020, as sessões de acompanhamento conduzido pelo psicólogo do setor, que realiza atendimento em grupo através de chamadas *online* pelo *Google Meet*. Todas as ações pensadas pelo NIETI (assim como pelo Núcleo de Atenção ao Idoso [NAI], projeto da Universidade Aberta da Terceira Idade da Universidade do Estado do Rio de Janeiro [UnATI-Uerj], e outras iniciativas Brasil afora) são formas de a universidade se voltar para a terceira idade e promover reinserção social em busca de uma velhice bem-sucedida (PALMA, 2000), de autonomia e de qualidade de vida (FENALTI & SCHWARTZ, 2003).

De acordo com Debert (1999), os programas, grupos de convivência e as universidades, todos pensados para a terceira idade se proliferaram no país, abriram espaços para novas experiências, mostrando um Brasil cada vez mais “sensível aos problemas do envelhecimento” (DEBERT, 1999, p. 15). A autora destaca, no entanto, que “o sucesso dessas iniciativas é proporcional à precariedade dos mecanismos de que dispomos para lidar com a velhice avançada” (*idem*), e que a decadência física, psíquica e emocional não é enfrentada/pensada a partir dos instrumentos que acompanham a nova imagem do idoso. São inegáveis os avanços que as iniciativas trouxeram, dando visibilidade ao envelhecimento naquele momento da história a que a autora se refere, porém, tais avanços não estão livres de críticas, e estas existem para oportunizar reflexões, buscando meios de promover um atendimento mais adequado ao público idoso a partir da criação de políticas públicas a ele direcionadas.

As iniciativas chamaram outro olhar para a velhice enquanto momento privilegiado para a busca da realização pessoal, do prazer, de novas conquistas e descobertas que possibilitem a efetivação daqueles projetos que não puderam ser colocados em prática em momentos anteriores da vida do idoso (sob essa perspectiva, esse seria o idoso valorizado). Porém, tais iniciativas deixam na invisibilidade as pessoas bem mais idosas e/ou a precariedade econômica de boa parte delas. Debert (1999) chama a atenção para as resoluções que não alcançam quem vive em precariedade econômica, pois não levam em conta a população idosa carente economicamente, como também não contemplam algumas características próprias do envelhecimento, como cheguei a verificar no meu campo de pesquisa entre frequentadores da turma de francês: idosos mais velhos (aqueles que tinham entre 88 e 90 anos de idade) e/ou menos favorecidos economicamente (a exemplo da anfitriã fora da curva que identifiquei) não conseguiram acompanhar as atividades propostas pelo

Núcleo e desistiram de participar delas, mesmo desejosos de se manterem produtivos e engajados.

Como pensar então o NIETI e o IPE nesse sentido? Como se posicionam a mais antiga e a mais jovem iniciativa da UFPB em relação às limitações da idade, aos idosos que estão fora da curva, aos que são carentes economicamente? A partir da observação participante e das conversas com o grupo estudado e com as lideranças acadêmicas da universidade, sempre obtive informações no sentido de que essas instituições fazem o que podem dentro do contexto de desmonte da universidade pública do Brasil, naquele período, para alcançar seus objetivos e cumprir seu compromisso com a sociedade. As ações implementadas resultavam de muito diálogo e conscientização junto aos gestores, para que se mantivesse o atendimento em um nível que, mesmo longe do ideal, estivesse dentro do possível. De fato, o NIETI, destaque dentro da UFPB neste aspecto, consegue alcançar o público a que se destina de forma satisfatória, e entrega um serviço de qualidade pela maneira como conduz suas práticas, como se pode perceber em relatos colhidos em campo. É importante ressaltar que apesar dos problemas que atravessam as ações, este tipo de iniciativa possibilitou conhecermos uma velhice com um recorte específico.

— Eu queria aprender alguma coisa, falar o básico de uma língua estrangeira como o francês. Quando entrei no curso do NIETI, estava buscando paralelo a tudo, a minha humanidade e o meu autoconhecimento espiritual. E esse grupo foi fundamental nas minhas reflexões, nas observações, em tudo (JOSELINO, 63 anos).

— Lamento a falta de apoio da instituição que não tem auxiliado devidamente o que o NIETI vem fazendo nos últimos tempos. Não prestigiam os idosos que estão ali mostrando o que aprenderam (CARLOS71_anf1).

Já mencionei que quando conheci o público atendido pelo NIETI, naquelas aulas de francês intermediário em 2018, fiquei impressionada com a vivacidade do grupo. Contudo, quando eu comecei a ter uma escuta mais individualizada, principalmente a partir dos primeiros meses de pandemia no ano de 2020, percebi outras facetas da velhice naquele grupo de pessoas do francês. Meus anfitriões e anfitriãs mostram ter autonomia, costumam planejar e embarcar em viagens, fazem muitos planos para o futuro, mas são também alcançados pela solidão, por doenças, já não podem mais fazer certas coisas com o avançar da idade, o corpo se move mais lentamente, a memória já

começa a dar sinais de desgaste (conforme verbalizações de várias pessoas do grupo). Comecei a conhecer um pouco mais como aquelas pessoas estavam vivendo seu processo de envelhecimento, e como elas diziam vivê-lo. Após descobrir mais atividades oferecidas pela universidade, tentei apreender o posicionamento de cada uma das iniciativas no sentido de olhar o público idoso e suas demandas.

Nesse sentido, observe-se a nomenclatura utilizada pelas iniciativas NIETI, IPE e LAGEFON, ao se referirem em suas propostas ao público que atendem. O NIETI se apresenta como um núcleo para a ‘terceira idade’, o IPE, como um instituto de ‘envelhecimento’, o LAGEFON, como uma ‘liga de gerontologia’. Entendo que, já a partir da própria nomenclatura, seja possível começar a investigar e problematizar a ideia de ‘velhice’ (esta ideia está encrustada nas propostas dessas instituições, mas sem mencionar diretamente esta categoria em seus acrônimos). Saliento que NIETI e LAGEFON adotam parcerias entre si em inúmeros momentos destinados a pensar a população idosa na UFPB, num esforço para ouvir suas queixas e oferecer atividades que as contemplem. Até o momento final da pesquisa, essa aproximação não se verificou com o IPE, observando-se o Instituto um pouco mais afastado e independente em termos de trocas com outros projetos que pensam ‘envelhecimento’ na universidade. Verificou-se, até mesmo, que naquele espaço ainda estão em fase de implementação muitas iniciativas planejadas desde a sua instalação. Tenho em mente que para todas as três iniciativas mencionadas, “a referência para as atividades é a noção da velhice saudável relacionada à responsabilização individual pelo próprio cuidado nesta fase da vida” (LINS DE BARROS, 2018, p. 81).

Nesse contexto de cuidados, o termo “qualidade de vida” também ganha espaço, podendo ser analisada como uma forma de controle sobre os corpos que também se faz estruturada pelo discurso dos especialistas. Então, uma velhice saudável e com qualidade de vida é uma maneira de abordar a resignificação nesta fase da vida (SANTOS, 2021, p. 74).

Um detalhe ou diferencial que aponto em relação ao NIETI é o atendimento psicológico realizado por um funcionário do Núcleo, o Psicólogo Júlio Américo. Mesmo que o IPE ofereça um serviço de apoio psicológico, este se limita a fazer uma triagem dos casos. A partir dessa vertente, e de acordo com meu ponto de vista que é compartilhado por alguns anfitriões desta pesquisa, o NIETI se diferencia e se distancia

das outras duas iniciativas mencionadas neste capítulo. O Núcleo foi o único entre as iniciativas mencionadas a promover um espaço para o acolhimento da pessoa idosa que estava isolada e privada de contato social durante a pandemia por Covid-19, e mesmo depois dela, mantendo-se até os dias atuais.

– O NIETI com o curso de francês, o bate-papo com o Júlio, [psicólogo] está sendo um prelúdio enriquecedor (LUCIA80_anf10).

Com isso, o NIETI preenche um espaço, responde a queixas e necessidades relatadas pelas pessoas que atende, respeitando a complexidade do ser humano idoso. Contudo, as atividades oferecidas pelo Núcleo até o ano de 2020 podem posicioná-lo frente a um público privilegiado: cursos de idiomas (Inglês, Francês), relacionados às artes (Coral, Flauta, Artes Manuais) e às tecnologias (Fotografia, Informática Básica), ou ao bem-estar físico e mental (Biodança, atendimento psicológico) e direcionado ao cuidado e a saúde (Cuidador de Idosos). Sobretudo no período pandêmico, o público que teve acesso a esses produtos necessitava de um aparato tecnológico que permitisse seu engajamento, o que por si só pôs à margem quem não tinha condições físicas e econômicas para se conectar, fomentando inevitavelmente um tipo de exclusão social.

Observa-se, entretanto, que a maneira como o NIETI atua desde sua fundação denota um cuidado holístico com o ser humano idoso – haja vista que sua atuação alcança as pessoas a nível mental, físico, familiar, social, jurídico etc., numa interpretação da cultura com suas práticas sociais, ouvindo as necessidades das pessoas atendidas, para então adequar suas ações a demandas reais. Se pudermos fazer um comparativo entre as três iniciativas apresentadas neste capítulo, podemos agrupar a LAGEFON e o IPE num campo mais biológico de atuação quando pensa a pessoa idosa, ambas se afastando do modo de atuar do NIETI nesse sentido. Percebemos o Núcleo, por sua vez, se enveredando por um caminho muito mais abrangente e inclusivo, reconhecendo a pessoa idosa enquanto ser social, detentora de direitos e de planejamentos individuais de vida – é assim que aquele espaço de acolhimento elabora suas práticas, a partir da escuta ativa e da observação atenta do público que deseja alcançar.

Nesta seção, abordei como podemos entender a instituição e o que ela pensou a respeito da pessoa idosa, e como se preparou para atendê-la. Vale agora observar como cada anfitrião e anfitriã desta pesquisa verbaliza suas aproximações com as iniciativas apresentadas, como percebe o contexto, e que avaliações consegue elaborar a partir de tudo o que lhe é oferecido enquanto ser idoso.

2.2.5 O ponto de vista das pessoas atendidas

Trago a seguir alguns relatos nos quais podemos verificar as visões que anfitriões e anfitriãs expuseram acerca do universo acadêmico em que estavam inseridos – alguns retornando a ele após décadas, e outros entrando em contato pela primeira vez. Suas contribuições são de fundamental importância para entendermos e problematizarmos sua relação com a UFPB e com os cursos que frequentavam.

– A UFPB acertou em cheio apostando em pessoas que queriam sair de suas casas e fazer algo diferente. Espero que o orçamento da universidade alcance sempre esses locais para idosos, porque ajuda e é uma terapia pra nós (CARLOS71_anf1).

– Destaco a importância do curso de francês para minha vida, enquanto espaço de conhecimento, cultura e arte, como também de trocas e de vínculo afetivo com o grupo de colegas do NIETI (ERCILIA80_anf7).

– Eu desejava repassar e aumentar meus conhecimentos no idioma e então entrei no curso. No Liceu, só havia francês na segunda e terceira série do Curso Ginásial. Na época, usávamos a correspondência com pessoas de países de idioma francês (JORIO82_anf8).

Entendemos que os grupos de convivência proporcionados pela instituição ajudam na construção da identidade das pessoas que atende. Em alguns relatos, observa-se uma imensa gratidão ao se referirem à universidade, mostrando a importância desta em suas vidas.

– Quanto à iniciativa desse projeto para idosos, achei de uma grandeza humanitária e valorização de pessoas de minha geração... não tivemos oportunidades de aprendizagens tão importantes em nossas vidas. Parabéns para a instituição, e muito obrigada por essa oportunidade (SONIA66_anf6).

– Eu nunca tive contato com uma universidade voltada para a comunidade, e mais ainda com relação ao idoso. Foi uma surpresa descobrir esse espaço. Acho que existe todo um carinho e respeito pelo idoso aqui. As pessoas, os profissionais da UFPB são assim. No NIETI, destaco a secretária Laurencita, uma das pessoas mais simpáticas que nos fizeram sentir à vontade. Gostei e

gosto muito de participar, e espero que ele [NIETI] continue funcionando (CARLOS71_anf1).

– Acho espetacular essa iniciativa do NIETI. Quando conheci, fiquei apaixonada. Fico muito agradecida. Gostaria de voltar para os cursos presenciais, pois tenho dificuldade com a tecnologia (MAJU, 73 anos).

– A UFPB é a minha casa, onde me formei em Direito no ano de 1980. Espero continuar frequentando o NIETI, mas só quando voltarem as aulas presenciais (AUXILIADORA, 75 anos).

No seu relato, a anfitriã Maju reconhece a importância de um projeto como o que encontrou na UFPB, um espaço que ela costumava elogiar nas aulas. Analisemos um trecho de sua fala: “A terceira idade é meio largadinha, né? Não tinha quase nada direcionado pra esse grupo”. Ela reconhece que atualmente há mais opções de atividades para a pessoa idosa, em comparação com uma época anterior identificada apenas como um momento em que ela era “largadinha”. Algumas de suas colegas de classe têm percepção similar, e assim como a Maju e a Auxiliadora, se matricularam em inúmeros cursos e atividades, daí ser pertinente considerar o espaço da instituição como uma extensão do lar: “A UFPB é a minha casa” (nas palavras da anfitriã Auxiliadora). Para várias daquelas pessoas, a instituição é um lugar familiar, que já fez parte de sua formação e volta agora como espaço de encontros e reencontros.

– Antigamente, tudo se concentrava no NIETI com suas programações, excelentes professores, inclusive nessa pandemia continuou nos assistindo virtualmente. Apesar da existência do IPE, o NIETI deve permanecer pela excelência de seus professores. UFPB é uma instituição onde estudei desde o terceiro científico (Colégio Universitário). Logo em seguida, cursei medicina e, em seguida, lecionei a disciplina Pneumologia no Departamento de Promoção da Saúde do CCS por 25 anos. A UFPB faz parte da minha vida, eu sou toda agradecimentos (ANAMARI74_anf3).

– Houve grande melhora na universidade. Na minha época de aluno não havia cursos de extensão, nem incentivos para atletas, nem materiais esportivos ou professores para orientação. Era cada um por si. Hoje, os idosos podem até fazer cursos lá (JORIO82_anf8).

– Para mim, a UFPB é uma instituição de peso para a educação do país. Estudei nessa instituição durante 4 anos e concluí em 1977 o curso de Administração de Empresa. Agora, volto a participar de cursos destinados à inclusão social para pessoas da terceira idade, uma iniciativa importante e motivadora para nós idosos... me sinto orgulhosa (JORASLANE, 72 anos).

Nas narrativas, aparecem o que os interlocutores consideram como pontos positivos das ações implantadas. Principalmente, na fala do anfitrião, percebemos que

quando nos aproximamos da história das pessoas, também nos aproximamos de um contexto histórico/social, pois são elementos que caminham juntos, são indissociáveis. Pela importância que atribuem às ações, alguns anfitriões se posicionam até como divulgadores dos cursos oferecidos.

– Os cursos do NIETI são de suma importância para todos nós da terceira idade, e falo pras pessoas. Nossos professores possuem uma preciosa dedicação e apreço por cada um de nós, com músicas estudadas e cantadas por nós nas línguas estrangeiras, e inclusive fomos incentivados a participar do Magnífico Coral da Terceira Idade, onde ensaiamos e cantamos músicas maravilhosas. E fizemos teatro também (AUXILIADORA, 75 anos).

– Quando descobri os cursos da universidade, divulguei no jornal que circulava bimensal na associação que participo, e nas reuniões nacionais com a Federação, divulguei a brilhante iniciativa da UFPB de oferecer diversos cursos aos nossos ‘brotinhos’, os ‘acumuladores de juventude’ (MARINALDO82_anf2).

– Acho louvável essa postura da UFPB, uma vez que mantém as pessoas com 60 anos ou mais se ocupando e conservando sua capacidade intelectual, a aprendizagem, além da sociabilização (NATHAN, 66 anos).

Estudar atualmente a língua francesa na universidade em que estudou na juventude, e reencontrar no curso alguns colegas do Ginásio (equivalente ao Ensino Fundamental II), pareceram ser motivações por trás das atitudes de engajamento de alunos/alunas do NIETI. O material a que tive acesso mostra muitas coisas, tais como: eles verbalizam que se sentem em casa (passaram anos estudando ou trabalhando naquele espaço); ali, eles são estimulados a aprender coisas novas (várias pessoas relataram que podem aprender agora o que não podiam aprender antes, e que desejam adquirir novos conhecimentos e conservar a capacidade intelectual); aquele é um espaço de socialização (muitos relatos trazem as trocas, os momentos vividos em grupo, as brincadeiras, as criações que puderam realizar juntos, e como esse convívio era importante e motivador em suas vidas); naquele local recebem atendimento de qualidade (encontram respeito, bons professores, a atenção desejada e valorização por parte da universidade).

Todas aquelas narrativas se contrapõem às do senso comum sobre a velhice, sobre ser terceira idade. O que ouvi, vi e presenciei me fez deduzir que aquele público estava buscando dar significado (ou resignificando) a sua existência, tentando encontrar e/ou realizar seus projetos de vida naquele ambiente de aprendizado,

encontros e afetos – fica a impressão de que essa ambiência pressupõe ‘qualidade de vida’ que por sua vez é combustível para a ressignificação neste momento particular da vida.

Dada a crescente oferta de cursos para os idosos na instituição, as pessoas me informaram que tendiam a escolher, com base: no horário em que eram ofertados, nos profissionais envolvidos, no boca a boca etc. Essa dinâmica parece confirmar que para aquelas pessoas, é saudável conhecer e participar de ações diversas no espaço universitário, o que elas entendem como um privilégio, demonstração do interesse da instituição em estar presente em suas vidas. Essa participação ajuda a ressignificar a velhice, produzindo novos sentido de ser idoso/idoso nesse momento da vida, como nos informam Henning, Ferreira & Scartezini (2023). Observemos mais alguns relatos que corroboram essa percepção.

- Participando como aluna do NIETI, sinto-me grata a essa instituição de ensino pela sua preocupação com as pessoas da terceira idade, oferecendo oportunidades, fazendo ver e acreditar que idade não é empecilho para continuarmos aprendendo.... e que vale a pena buscarmos uma melhor qualidade de vida, tirando-nos da ociosidade (JOSELITA, 76 anos).
- Tenho a UFPB como local de formação de cidadãos comprometidos com o crescimento da humanidade em seus valores éticos profissionais, com respeito e dignidade (SONIA66_anf6).
- A UFPB está entre as melhores universidades do país. Contribui para o desenvolvimento pessoal e cultural de todos. Pensando na terceira idade, tem vários cursos para integrar melhor o idoso na sociedade, para interagir mais com seus familiares e amigos usando as tecnologias atuais. Faz o idoso se sentir útil, e não marginalizado. Eu aprovo tudo o que ela faz por nós (ALMIRA76_anf4).
- Eu achava que estar em núcleos de idosos era pra quem não tinha mais projetos de vida, já estava sem planos. Mas vejo que eles ajudam as pessoas, eles dão um gás pra reestruturar a vida no novo tempo [...] o grupo do NIETI ajuda muito nesse aspecto. [...] Se eu estivesse trabalhando como antes da pandemia, não teria tempo para estar neste grupo do NIETI. Profundamente enriquecedor, com estas integrações de almas, corações, mentes, com reflexo nos corpos. Entramos e navegamos por “mares” ou mundos nunca dantes navegados (LUCIA80_anf10).

Tive acesso no início do curso a alguns trabalhos desenvolvidos no/pelo NIETI através de seus colaboradores ou funcionários. Dentre eles, encontrei um artigo elaborado por Santos *et al* (2019) que permite fazer algumas analogias com o que venho apresentando neste estudo, apesar de aquele trabalho não ser uma etnografia, mas uma observação das fichas de pessoas matriculadas nos cursos do Núcleo. Como já

mentionado na Introdução desta tese, não encontrei nenhum trabalho desenvolvido por antropólogos/as naquele espaço.

Assim, os dados que apresento corroboram o estudo de Santos *et al* (2019, p. 5-6), o qual aponta que “o número de homens que procuram esse tipo de atividade ainda apresenta-se discreto ao longo das últimas décadas, mostrando que há uma resistência entre os idosos do sexo masculino em buscar cursos nessa fase da vida.” Verificando as fichas de inscrição para cursos oferecidos pelo Núcleo entre os anos de 2019 e 2022, constatei essa tendência – um maior número de inscrições de mulheres se mostrou uma realidade ao longo daqueles anos.

Outro detalhe a ser pontuado entre o trabalho de Santos *et al* (2019, p. 7) e o meu: naquele divulgado em 2019, foi identificado que existe “uma variação em referência a idade dos idosos, o maior grupo de matriculados encontram-se na faixa etária de 60 a 70 anos”. Na minha pesquisa, entretanto, verifiquei um maior grupo de matriculados na faixa etária de 70 a 80 anos. Esses dados mostram uma tendência de aumento da procura por parte de pessoas mais velhas nos últimos anos, pela própria tendência de aumento da longevidade provavelmente. De 2018 para 2022, houve um crescimento da procura pelos cursos do NIETI a partir de pessoas mais idosas, segundo análise comparativa entre os trabalhos mencionados.

Também vale destacar um aspecto apontado por Santos *et al* (2019), o estudo de uma língua estrangeira. Busquei verificar se as observações destes pesquisadores divergiam ou se alinhavam com o que pude observar ao longo desses anos de pesquisa.

[É] desafiante investigar o comportamento de um grupo, com formação heterogênea, no que tange ao grau de escolaridade, no processo ensino aprendizagem da Língua Inglesa. Não raras foram as vezes em que esses alunos superaram, em motivação e em interesse, alunos, em idade considerada por muitos pesquisadores, como “a melhor idade” para aprender uma língua estrangeira (SANTOS *et al*, 2019, p. 7).

Pude, ao desempenhar o papel de professora, observar a dedicação do alunado idoso e compará-lo com o alunado jovem. Não encontrei no repositório do Núcleo nenhum trabalho que buscasse analisar as relações intergeracionais, ou verificar/comparar o desempenho desses grupos. No ano de 2019, mantive dois projetos em funcionamento paralelo, o FLUEX (Fluxo Contínuo de Extensão) com pessoas jovens e o PROBEX (Programa de Bolsas de Extensão) com pessoas idosas. Em ambos

os projetos, lecionei língua francesa e pude verificar que a turma 60+ demonstrava muito mais interesse, frequência e dedicação ao curso do que a turma mais jovem. Apesar de alguns anfitriões apontarem problemas de saúde como dificultadores do aprendizado, a maioria deles assinala este momento da vida como sendo ideal para o aprendizado do idioma, pois não estão mais trabalhando ou não têm mais aquelas preocupações de quando mais jovens, ou mesmo entendem a importância de aprender com prazer, sem cobranças externas ou internas.

Além do artigo de Santos *et al* (2019), cujo trabalho foi feito com a população atendida pelo NIETI, encontrei a dissertação de Santana (2023) sobre narrativas de vivências de idosas negras frequentadoras de UNATIs brasileiras, cujos resultados muito se aproximam do que coletei em minha pesquisa. No trabalho sobre as idosas negras, o objetivo foi compreender a intersecção entre velhices, racismo e educação a partir das suas narrativas. Santana (2023) colheu relatos das idosas, cujas falas evidenciavam a importância do envelhecimento ativo e as colaborações das universidades. A autora relata que “mudanças de hábitos, desenvolvimento da sociabilidade, aprendizado sobre tecnologias, aprimoramento das condições físicas e intelectuais foram assuntos presentes nas narrativas das estudantes 60+” (SANTANA, 2023, p. 62). Muito do que foi colocado na dissertação em exame (com mulheres idosas frequentadoras de várias UNATIs brasileiras) se semelhança com o que ouvi de minhas anfitriãs e anfitriões, desenhando um padrão de vivências de pessoas com 60 anos ou mais que buscam cursos para a terceira idade em universidades.

Em contrapartida, no início da minha pesquisa, algumas alunas do francês se queixavam da forma como o grupo era tratado, não tendo o mesmo direito que os jovens discentes, principalmente, em relação a serem alocados em “salas sem conforto, sem ar-condicionado” ou trocarem de sala sem nenhum aviso prévio. “Com os velhos, eles agem assim. Nós não temos a menor importância. Já estou acostumada”³⁴. Esta foi uma das muitas queixas que ouvi, e me passavam a ideia de que aquele era o espaço para pessoas jovens, e que à pessoa ‘não jovem’ estava sendo feito um favor, para que não perecessem na solidão e no abandono. Havia também outro tipo de crítica, como veremos a seguir.

³⁴ A aluna que mais frequentemente verbalizava sua indignação abandonou o curso meses depois, e então não tive como pedir seu consentimento para mencionar seu nome na pesquisa. Aqui, trago apenas o relato.

– Sobre as iniciativas para a terceira idade no NIETI, acho que colocam muitas pessoas nas turmas criando dificuldades para os professores, pois os idosos são muito carentes de atenção, e às vezes os professores não dão conta de todos (LENIR65_anf5).

Faço esse registro para mostrar que a visão do que acontecia naquele espaço nem sempre era positiva, havia queixas e ressentimentos que, porém, não ocultavam nem esfumavam a grande satisfação da maior parte do alunado. Estas queixas, no entanto, me chegavam com muita frequência, e não poderia deixar de trazê-las para mostrar a realidade como os idosos a enxergavam e externavam. Conhecendo a dinâmica da instituição, e em face do cenário político que rodeava, e ainda rodeia, as instituições federais de ensino, sou testemunha do esforço dos funcionários para que se mantivesse o atendimento em um nível aceitável. Ademais, as queixas não eram direcionadas unicamente ao NIETI, mas também a instâncias superiores da administração federal. Testemunhei, igualmente, que as queixas puderam ser ouvidas e as requisições atendidas dentro do possível, o que fez diminuir o grau de insatisfação de alguns.

As queixas mostram outro lado interessante da questão: a pessoa idosa que estava ali buscando participar do NIETI não se posicionava de forma passiva diante do que lhe era oferecido, e exigia um certo aperfeiçoamento na forma de agir daquele Núcleo e da Universidade em si. Então, tendo conhecimento de que o Núcleo conhecia o nível de insatisfação do público atendido, acredito que aquele tipo de demanda impulsiona a máquina a girar, e leva a instituição a repensar seu *modus operandi* no trato com seu alunado idoso, corroborando o que pudemos ver nas declarações das interlocutoras idosas de Santana (2023), que exigiam um posicionamento socialmente crítico das UNATIs que frequentavam.

Em dado momento da pesquisa, tentei investigar se e como as pessoas que frequentavam os cursos do NIETI eram afetadas pelas ações da UFPB, e ainda como ‘a pessoa idosa’ era percebida pela instituição e afetada por suas ações. Ao verificar que elas construíam projetos para o futuro, precisei entender como esses projetos estavam atrelados ao seu atual momento de vida, se suas rotinas e seus cotidianos eram afetados pelo que vivenciavam na universidade. Quis entender ainda como o seu entorno era afetado, e como o estudo do idioma francês se relacionava com os planos que faziam. Alguns relatos nos ajudam a clarificar esses pontos.

– Para mim, a UFPB é uma instituição de relevância para a educação do país. Estudei nessa instituição durante 4 anos, e concluí em 1977 o curso de Administração de Empresa. Agora, volto a participar de cursos destinados à inclusão social para pessoas da terceira idade, uma iniciativa importante e motivadora para nós idosos, da qual muito me orgulho (JORASLANE, 72 anos).

– É uma honra para mim ser acolhida na terceira idade pela mesma instituição em que me formei, a UFPB. Hoje, sabemos de outras atividades, mas, inicialmente, tudo se concentrava no NIETI com suas programações e excelentes professores, inclusive nessa pandemia continuou nos assistindo virtualmente (Francês, Informática, Psicólogo etc.) (ANAMARI74_anf3).

As duas narrativas acima foram proferidas por ex-discentes de graduação da UFPB. No caso da ANAMARI74_anf3, o relacionamento com a instituição se deu também enquanto docente no CCS. Observamos a gratidão e o orgulho que ambas sentem em retornar ao local que as ‘viu nascer’ como profissionais, desta feita para estudar um idioma estrangeiro, ou para participar do curso de informática e de flauta, ou ainda do grupo que se reúne virtualmente com o Psicólogo do NIETI. Desejavam retomar o vínculo, mesmo que o curso de língua francesa e os demais que frequentam estejam relacionados a atividades que as anfitriãs reconhecem como necessárias ao público idoso, aposentado, em sua maioria. Na verdade, é uma outra maneira de se relacionar com a instituição, porém não deixa de ser um retorno a um momento especial de suas vidas.

– Quando soube que a universidade estava com essa iniciativa de oferecer aos aposentados diversos cursos, eu fui ao encontro para participar. Na época, divulguei nas redes sociais (MARINALDO82_anf2).

– Acho espetacular essa iniciativa do NIETI. Quando conheci, fiquei apaixonada. Nem imaginava que tinha esses cursos lá. Achei muito importante essa ideia do NIETI. Importante fazer os cursos, aproveitar que temos tempo e não estamos mais trabalhando (MAJU, 73 anos).

Essas duas narrativas apontam para a surpresa que os anfitriões sentiram ao descobrir que a UFPB oferecia cursos para a terceira idade. As narrativas apontam para a ‘valorização’ de pessoas 60+, e ressaltam que agora eles dispõem de tempo e podem se dedicar a cursos e atividades disponibilizadas pela instituição.

O que considero significativo é a relação entre a língua francesa e os projetos que os anfitriões elegeram para seus futuros. A procura daquelas pessoas por um curso de

idiomas, e pelo francês mais precisamente, despertou minha curiosidade desde o primeiro contato que tive com elas. Essa procura sempre foi grande, mesmo que tenham admitido sentir muita dificuldade em assimilar as diversas nuances de idiomas estrangeiros. Vejamos os relatos a seguir.

– O Francês era uma sala escura, uma sala que você entra de olhos vendados, que não sabe o que vai encontrar lá quando a luz abrir. Você só entra com vontade, mas você não tem conhecimento nenhum. O que tem lá dentro da sala? Que móveis têm lá dentro? Você não sabe o que tem lá dentro (SONIA66_anf6).

– Em relação aos meus colegas, sinto uma dificuldade de assimilação do francês. Precisa repetir, precisa de paciência, como aluno não posso cobrar isso, coisas assim. Não pode ter um ritmo único ou mesmo acelerado de ensino. É preciso um equilíbrio (CARLOS71_anf1).

Alguns anfitriões costumam relatar que é um desafio empreender essa “viagem pela cultura” como mencionam, pelo idioma estrangeiro, mas isso não os desestimula a continuar participando do curso. Cada qual tem seus motivos para estar ali, se superando – analiso que este empreendimento traz consequências positivas para suas vidas e influencia a construção de projetos para o futuro. Alguns relatos trazem a motivação para estarem ali, estudando.

– Eu vim estudar o francês pra escapar do alemão [referindo-se ao Alzheimer] (NATHAN, 66 anos).

– Pretendo continuar no francês enquanto o curso existir. Cada vez mais preciso do francês, porque eu ando muito esquecida. E o idioma ajuda a manter a mente ativa. Quero aprender uma língua estrangeira, porque previne uma doença degenerativa como o Alzheimer. E eu ando muito esquecida, estou falando e já não lembro mais o que estou dizendo. Estou assim (ALMIRA76_anf4).

– Em 2022, vou começar a pagar as passagens para uma turnê à Europa. Quero conhecer Paris. E então estou estudando bastante o francês. A professora me deixou viciado. [risos] Não vou pra cama sem antes estudar um pouco, ou assistir um filme em francês... (MARINALDO82_anf2).

– Eu e meu marido vamos fazer um *tour* pela Europa em 2023, visitando vários santuários, é a realização de um sonho. Estou me dedicando ao estudo do idioma para tentar me comunicar (MARIA DOS ANJOS, 79 anos).

– Esse mundo em que eu entrei com você nos guiando foi perfeito, foi ótimo. Comecei a sentir cada conversa, cada risada, cada companheiro, o companheirismo. Isso fortaleceu minha presença ali, além do francês, uma língua maravilhosa (JOSELINO, 63 anos).

Observamos que o estudo do idioma passa por uma questão médica (a crença na manutenção da mente ativa, muito alardeada pelo discurso médico – pontuado neste texto – é de fácil acesso na internet, e apareceu com frequência em conversas cotidianas), e até pelo planejamento de uma viagem ao exterior. Neste último caso, conhecer a França apareceu como um projeto para o futuro de vários anfitriões e anfitriãs, demonstrando que o curso afetou a vida dos idosos, proporcionando comunicar-se em algum país europeu para onde planejavam viajar. Algumas viagens a países francófonos se concretizaram durante a pesquisa de campo.

Neste ponto da escrita, em que já se faz conhecido o percurso metodológico, o espaço em que a pesquisa se desenvolveu, e a visão que os interlocutores a respeito do que a universidade lhes oferece, vamos refletir sobre escolherem participar das atividades disponibilizadas. Verificaremos como se dá para o público pesquisado o retorno aos estudos após seis décadas ou mais de vida.

2.3 Estudando após os 60 anos de idade

Como já mencionado no capítulo sobre o meu percurso metodológico, no início do meu contato com as pessoas que estudavam francês no NIETI, eu as observava e especulava o porquê de estarem ali, e se achariam difícil estudar naquela idade, ainda mais uma língua estrangeira. Com as leituras e as reflexões, com o apoio e incentivo das orientadoras etc., percebo que aquele meu estranhamento não tinha base sólida, era a reprodução dos discursos discriminatórios que ouvi ao longo da minha trajetória de vida. E logo eu – que aos 58 anos adentrei um doutorado que presenciou minha entrada na terceira idade –, logo eu querendo questionar a decisão de aquelas pessoas continuarem ativas. Elas estavam (na verdade, ainda estão) em um processo de envelhecimento dentro do curso de suas vidas, com oportunidade para estudar, entre outras atividades, como podemos perceber em alguns relatos.

– Me matriculei apenas no seu curso. Escolhi porque gostaria de aprender o francês, sempre tive vontade de aprender essa língua por um sonho de adolescência (ZILDA, 66 anos).

– Para passar o tempo, gosto de estudar inglês e francês no Duolingo e jogar buraco no celular (JOSELITA, 76 anos).

A mesma tecnologia que faz parte do cotidiano da anfitriã Joselita parece ter assustado algumas outras, ou dificultado seu acesso às aulas (como veremos nos próximos relatos), a ponto de se afastarem do curso, mas não lhes tirou a vontade de estar numa sala de aula do francês, aprendendo um novo idioma e se socializando. Inclusive, a interação com outras gerações vem a refletir, em alguma medida, as práticas sociais impactadas pelas afetações dos diversos usos desses aparatos tecnológicos na comunicação identificada no grupo.

– Quando tiver aulas presenciais, eu vou. Não quero perder essa oportunidade. Se você puder, me mande material pra eu ir estudando, professora. Pra não esquecer o que já aprendi. (MARTHA70_anf11).

– Estar em aula virtual é muito ruim, não vejo a hora de voltar para o presencial, porque a gente pergunta, e no virtual, a gente não pode falar toda hora. Não aproveito muito das aulas, devido a minha cabeça... pouca coisa se aproveita (ALMIRA76_anf4).

Dificuldades à parte, a vontade, a disposição e a energia daquela gente se configurava como um diferencial se a compararmos com os/as jovens do projeto de francês para não idosos. Isso me deixou sempre muito orgulhosa, enquanto professora, desse pessoal do NIETI. Em média, a turma do Núcleo obtinha 50% de frequência nas aulas, já a turma jovem 31, 90%. Quando tiveram a oportunidade de estar em uma sala de aula com jovens em outros projetos da UFPB, três das idosas tiveram dificuldades no processo de aprendizagem pelo ritmo dado pela professora daquele curso. Por esse motivo, se sentiam acolhidas pelo grupo do NIETI. Para outras, entretanto, o contato com outras gerações poderia ser edificante, e enriqueceria o aprendizado.

Santos *et al* (2019, p. 9) aponta que “a maioria dos idosos [...] que procuram as atividades propostas pelo NIETI possuem o ensino superior completo e demonstram interesse em continuar o aprendizado em diferentes áreas de conhecimento”. Este dado está alinhado com o que verifiquei na turma – a maioria daquelas pessoas, senão a sua totalidade, deseja continuar frequentando cursos, sejam de que natureza for (graduação, idiomas, profissionalizantes etc.), a depender da oferta e de suas condições físicas e mentais. Algumas delas chegaram a verbalizar que cursos gratuitos, oferecidos em local de fácil acesso e de preferência na UFPB são mais atrativos que outros. O fato de preferirem cursos na instituição tem um porquê.

Com o processo de aposentadoria dos servidores técnicos administrativos e docentes na Universidade Federal da Paraíba e de outras instituições públicas e privadas os idosos que frequentaram os cursos demonstram que houve mudanças nos papéis desempenhados anteriormente, porque muitos dos alunos agora tem um contato diferente com seus ex-colegas de serviço. Os cursos possibilitaram a construção de novos laços de amizade apresentando uma importância maior em outras relações sociais (SANTOS *et al*, 2019, p. 9).

As observações de Santos *et al* (2019) neste sentido são idênticas às que trago neste trabalho. A aposentadoria de servidores e técnicos administrativos (e eu acrescento a presença de ex-discentes, como verifiquei em minha pesquisa) facilita a busca por cursos da terceira idade na própria UFPB. É lá que acontecem os reencontros e reajustes de papéis sociais. Na sala de aula de francês, como mencionado, havia idosos/as que foram professores/as de outros/as idosos/as da própria turma. No ensino do idioma, todos eram alunos e alunas, mesmo que se conhecessem há muitas décadas e desempenhassem diferentes funções naqueles momentos passados. Nessa busca por cursos para a terceira idade, aparecem motivações que foram verbalizadas tanto na pesquisa para o artigo de Santos *et al* (2019) quanto na minha.

Segundo informações dos idosos, alguns procuraram as atividades desenvolvidas pelo núcleo após orientação médica, sendo orientados atividades e cursos objetivando melhorar alguns sintomas relacionados ao envelhecimento, tais como: sintomas depressivos, esquecimento, dificuldade de concentração e algumas queixas inespecíficas (SANTOS *et al*, 2019, p. 10).

Diante do compromisso do pessoal acima dos 60 anos e de sua perseverança em estudar o idioma francês, me proponho agora a pensar sobre o tempo³⁵ que eles dedicam a seus planos para o futuro, à relação que estabelecem com ele e à construção social que envolve esse termo. Eles têm tempo após a aposentadoria, e disponibilidade para estudar. Interessa refletir teoricamente sobre presente e futuro, sobre espaço temporal e sociabilidade. Para introduzir a reflexão e pensar o tempo ou o espaço temporal com vistas ao processo do envelhecimento, interessa problematizar e conhecer o termo *ageless* (GOLDENBERG, 2011) com mais propriedade, pelos motivos verificados a seguir.

³⁵ Cada capítulo desta tese é introduzido com um trecho de música que fala sobre o tempo, categoria bastante pertinente em um estudo sobre envelhecimento humano.

Há alguns anos, o termo *ageless* apareceu nas redes sociais, relacionado ao mundo da moda e dos cosméticos num movimento que apregoava que as pessoas poderiam escolher como se vestir, expressar etc., sem se prender à idade cronológica nem às pressões sociais. Essa tendência, eu percebo em vários membros do grupo pesquisado, quando me falam que fazem uso, desde bem jovens, de cremes e substâncias que previnem o envelhecimento da pele, o aparecimento de manchas etc., ou ainda quando me informam de suas conquistas pessoais, pois o termo indica também um estilo de vida mais saudável. Exemplo disso é a anfitriã SONIA66_anf6: “já conquistei muitas medalhas em várias atividades físicas como o vôlei e o câmbio [espécie de vôlei para a terceira idade]. E todas elas ganhei depois que completei 60 anos”.

O termo *ageless* passa a ser associado à terceira idade por conta do aumento da expectativa de vida do ser humano – tem a ver com a tendência do mercado de investir na versatilidade de produtos para todas as idades, mas principalmente voltados para pessoas maduras ou em processo de envelhecimento. Daí surgiu a expressão “geração *ageless*” no Reino Unido, sendo mencionada por Mirian Goldenberg em suas entrevistas. Essa expressão foi direcionada, inicialmente, a mulheres acima dos 60 anos de idade cronológica. No portal da Rádio Senado, encontrei uma explicação para o surgimento desse termo.

O movimento Ageless surgiu para quebrar estereótipos que reforçavam estigmas quanto à idade das mulheres. Em uma tradução livre, “ageless” significa sem idade. A expressão foi popularizada no Reino Unido e para especialistas que estudam o tema, é uma resposta ao ageísmo, discriminação devido a idade. O movimento procura mostrar que os indivíduos não necessitam ser classificados pelo fator etário. A expectativa de vida na terceira idade aumentou nos últimos anos e com isso novas oportunidades surgiram para esse público. O envelhecer tem novos significados, na vida profissional, pessoal. A longevidade mudou os padrões de estética para produtos e serviços, mudando também a concepção de bem-estar (PORTAL DA RÁDIO SENADO)³⁶.

A problematização do termo *ageless* se dá aqui pelo fato de a população estudada se aproximar deste conceito com suas narrativas e por não ser apegada ao

³⁶ Publicação de um *podcast* que tem por título ‘Estilo Ageless, uma nova concepção de bem estar para a mulher’, com data de 21/05/2024. Disponível em: <<https://www12.senado.leg.br/radio/1/pautas-femininas/2023/03/02/estilo-ageless-uma-nova-concepcao-de-bem-estar-para-a-mulher#:~:text=O%20movimento%20Ageless%20surgiu%20para,age%C3%ADsmo%2Cdiscrimina%C3%A7%C3%A3o%20devido%20a%20idade>>. Acesso em: 22 mai. 2024.

número de anos vividos – suas ações, que contribuem para ressignificar a velhice neste momento da história, permitem que ela não seja definida unicamente com base na idade cronológica, nos mostrando que há muito mais a ser levado em conta, até porque não existe só um tipo de envelhecimento, como destaca Goldenberg (2021). Nessa mesma vertente, e de acordo com Silva (2009, p. 133), “os relatos do tipo ‘não me sinto velho, me sinto como sempre fui’ são apresentados como indícios da ausência de importância do critério idade na definição identitária”.

Ainda segundo Goldenberg (2021, p. 14), a geração *ageless* é a “geração que fez uma revolução comportamental no século passado, nos anos 1960 e 1970”. Sobre sua experiência com pessoas idosas, a autora alerta: “como tenho pesquisado homens e mulheres com estilos de vida e visões de mundo muito diferentes, não posso afirmar que todos façam parte de uma mesma geração revolucionária” (*idem*). Em uma entrevista para a revista Vogue, em outubro de 2020, Goldenberg explicava o sentido deste termo e, no mesmo ano (2020), no portal Uol, a escritora falava sobre as formas de envelhecer no passado e hoje em dia, fazendo uso daquele termo em sua explanação.

Ageless são as pessoas que não aceitam uma etiqueta: agora eu tenho 50 anos, 60 anos, 70 anos e não posso mais fazer isso ou aquilo. Elas não se deixam rotular e não se limitam pela idade, continuam fazendo o que sempre gostaram, e até melhor do que antes. Falo sobre os “sem idade” no livro *A Bela Velhice*, de 2013, que agora foi atualizado e ganhou um novo título, *A Invenção de uma Bela Velhice*. Na minha pesquisa com cinco mil mulheres e homens brasileiros, a atriz Fernanda Montenegro, de 90 anos, é citada como o melhor exemplo ageless. Ela é uma mulher potente, que exala produção, criatividade e beleza em todos os sentidos (REVISTA VOGUE)³⁷.

A constatação de todas as pesquisas é que nós envelhecemos mais — temos mais tempo de vida —, e temos mais possibilidade de escolha do que duas gerações atrás. Há uma revolução no envelhecimento. Não existe mais aquele estereótipo do velho dentro de casa, inútil, que é um peso social. Os velhos hoje estão em todos os lugares, consumindo, viajando, fazendo coisas, produzindo, criando, namorando. Eu gosto muito quando se fala “geração ageless”, não existe só um tipo de envelhecimento: se você tiver saúde e dinheiro suficiente, consegue sim ter uma liberdade muito maior de escolhas. Essa multiplicidade de formas de envelhecer, que cada um pode inventar, eu encontro na minha pesquisa com 5 mil homens e mulheres sobre envelhecimento e felicidade. Desde março de 2015 eu só pesquiso aqueles que tem quase cem anos de idade, pessoas comuns que estão envelhecendo

³⁷ Entrevista de título ‘Como envelhecer com propósito de acordo com Mirian Goldenberg’, com data de 14/10/2020. Disponível em: <<https://vogue.globo.com/semidade/Ageless/noticia/2020/10/como-envelhecer-com-proposito-de-acordo-com-mirian-goldenberg.html>>. Acesso em: 22 mai. 2024.

muito bem. São as pessoas com quem mais gosto de estar, que saboreiam cada minuto da vida (PORTAL UOL)³⁸.

Destaco, nesta segunda citação, o trecho “se você tiver saúde e dinheiro suficiente, consegue sim ter uma liberdade muito maior de escolhas” – então, as escolhas poderiam colocar a pessoa madura numa condição em que não se conseguisse precisar o segmento etário a que ela pertence? Como a população estudada nesta pesquisa busca e investe no bem-estar físico e mental, e planeja ações para colocar seus sonhos em prática, parece se posicionar como ‘geração *ageless*’ – elas tem uma ‘age’, embora rejeitem a limitação que socialmente é imposta aos idosos.

Se não todos, pelo menos a maioria dos anfitriões e anfitriãs se encaixam no perfil dos ‘sem idade’, e suas ações os posicionam num lugar que nos leva a problematizar esse termo, identificando-lhes enquanto representantes dessa geração. Afinal, são pessoas que não estacionaram no tempo, nem o veem como impedimento para suas realizações pessoais – reforço aqui a questão econômica, que propicia tais realizações por parte da maioria dos integrantes do grupo. Não podemos esquecer que, no Brasil, a porcentagem de pessoas que podem usufruir o que o mercado oferece para a terceira idade é muito pequena.

Após este preâmbulo, o conceito de ‘tempo’ será estudado a partir das colocações de Nowotny (1985) e de Leccardi (2005). O objetivo aqui é refletir sobre construções sociais que envolvem o conceito, problematizando seu uso e o entendimento que se tem dele, pois não é algo dado, definitivamente vai sendo construído, como perceberemos a partir das teorias acessadas – podemos, ainda, compreender que a percepção da passagem do tempo é individual. Pensando a categoria ‘tempo social’, “refere-se à experiência do tempo intersubjetivo criado simbolicamente, inclusive coordenando nosso comportamento por meio da interação social entre indivíduos que vivem circunstâncias sociais semelhantes” (NOWOTNY, 1992 *apud* GUEDES, 2023, p. 285)³⁹. Assim, o tempo social engloba o futuro.

Ao mencionar o futuro como “presente estendido”, Nowotny (1985) trata de um encolhimento do horizonte temporal próprio da pós-modernidade e relacionado ao

³⁸ Entrevista de título “Nada piora com o tempo, só melhora”, com data de 18/10/2020. Disponível em: <<https://gamarevista.uol.com.br/semana/velho-eu/mirian-goldenberg-sobre-velhice-e-perspectivas-para-a-melhor-idade/>>. Acesso em: 21 mai. 2024.

³⁹ O uso de *apud* em passagens como esta, o que acontece em algumas partes desta tese, se justifica pela impossibilidade de acesso ao texto de origem ou por não dominarmos o idioma em que o mesmo foi escrito, sendo preciso utilizar as contribuições de comentadores/as.

desenvolvimento tecnológico, ao aumento da incerteza etc. O que é diferente do futuro na primeira modernidade, que tinha uma maior extensão, ou seja, era possível pensar em projetos de vida a longo prazo – estudos, trabalho, família etc. Hoje, não mais. E Nowotny (1985) também trata do “tempo para si” como uma sensibilidade ou um sentimento novo que acompanha a modernidade e a pós-modernidade, uma espécie de ausência, de desejo de ter um tempo liberado de obrigações, o que muitas vezes não é possível, mas existe enquanto desejo. Leccardi (2005) traz essas questões para o campo da juventude, também fazendo uma discussão de gênero, e vê como o presente, o futuro e as incertezas são diferentes para as mulheres (que são o interesse da autora) e para os homens. A fala a seguir exemplifica o uso do tempo para si.

– Agora, com tempo para viajar (independentemente de ser férias), aprender novas línguas (no meu caso, o francês), praticar e aprender novos esportes (no meu caso, *squash*), aprender a tocar um instrumento musical (no meu caso, flauta doce), aprimorar os conhecimentos de informática para conseguir sobreviver, principalmente nesta época da pandemia (ANAMARI74_anf3).

Entender como o tempo opera na sociedade permite que nos aproximemos do entendimento de que essa é mais uma categoria socialmente construída ao longo da existência humana, em busca de estruturação da vida e das formas de poder. Quando pensamos o processo de envelhecimento, estamos percorrendo o tempo em todas as suas manifestações, passado, presente e futuro. A forma como projetamos nossa vida para o futuro nos esclarece sobre como vivenciamos os tempos que tivemos e os que ainda temos a nossa disposição – que interfere no nosso campo de possibilidades, nos termos de Velho (1994, 2003).

Além das funções práticas de coordenação, a medição do tempo sempre foi usada para projetar sua própria ordem social com suas varreduras de tempo no cosmos e na natureza, para então elevar a ordem celestial e natural a uma medida normativa destinada a ordenar o tempo em termos sociais. O poder dos sacerdotes surgiu do seu conhecimento e da sua função como “doadores” de tempo. A medição do tempo constitui, portanto, uma vantagem para a definição de padrões e regulamentos temporais, desde a determinação do tempo “certo” na harmonia entre o cosmos e os homens (NOWOTNY, 1993, p. 57).

Esse entendimento de Nowotny (1992, 1993) sobre o tempo social é trabalhado por Franch (2018) ao realizar um “estudo do tempo entre jovens de grupos populares do

Recife. Partindo de uma abordagem etnográfica, centrada no tempo livre como forma privilegiada de apreensão das relações sociais envolvendo jovens” (FRANCH, 2018, p, 124).

O avanço e disseminação das novas tecnologias têm, como muitos estudos vêm demonstrando, modificado as formas de sociabilidade, a organização do tempo cotidiano e as narrativas de si, aspectos que trazem desafios metodológicos e teóricos para os estudos do tempo” (FRANCH, 2018, p, 125).

Ao pensarmos o presente estendido, o tempo social, o tempo livre, estamos tentando nos aproximar e entender o “tempo para si”. Nowotny discutiu e discorreu, inicialmente, sobre o tempo social nas décadas de 1970 e 1980 com reflexões voltadas para as controvérsias científicas e os riscos tecnológicos, problematizando a auto-organização e as relações de gênero, ambas na ciência, em inúmeras e importantes publicações que lhe renderam traduções para vários idiomas. Guedes (2023, p. 91) pondera que, segundo o ponto de vista desta escritora, “o tempo social possui, claramente, características também heterogêneas e qualitativas”, por não ser homogêneo de forma alguma. O autor destaca, confirmando o que já discutimos, que a autora aponta o nascimento da sociedade burguesa como propulsora do tempo para si, por segmentar o tempo comum.

Como disserto no Capítulo 3 a partir dos apontamentos de Velho (1994), o indivíduo elabora seus projetos de vida a partir de um campo de possibilidades, o que sugere um leque de opções com alguma limitação, também dependente das vivências singulares e pessoais ao longo de sua vida. De toda forma, tal elaboração pressupõe agência, decisão, escolha com liberdade para designar um tempo para si dentro do tempo social disponível.

Geralmente, segundo a literatura amplamente divulgada, há uma enorme pressão social para que o jovem privilegie a dimensão do futuro – inclusive entra em tensão com a permissão (e o imperativo) de desfrutar o presente. Questiono se esse imperativo aconteceria quando se está vivenciando um processo de envelhecimento, como acontece com o grupo aqui estudado. E há ainda outras incertezas nesse momento da vida – incertezas quanto ao tempo que resta, quanto à manutenção ou não da autonomia etc. Ganha-se tempo por um lado (tempo presente), mas não se tem tanto tempo à frente – o

que pode ser significado de modos muito diversos (pode ser a própria qualidade do tempo que se perceba diferente, a necessidade de se aproveitar cada momento etc.).

Quanta credibilidade teria a fala de uma pessoa de 70, 80 ou 90 anos ao proferir palavras como “tenho muitos planos para o futuro” (palavras de uma anfitriã)? Como podemos perceber nos relatos de campo que venho apresentando, o grupo de pessoas da terceira idade que frequenta o NIETI tem projetos, tem tempo livre, e tem liberdade para dedicar um ‘tempo para si’. E como nos recorda a anfitriã SONIA66_anf6, “é tudo da minha vontade”. Trago outro relato que destaca o tempo disponível para construir o que se deseja.

— A melhor parte de estar idosa, a gente tem que descobrir, correndo atrás de novos projetos de vida que preencham o nosso existir... ter mais tempo disponível, o que faz enriquecer as descobertas da alma, do coração, da mente e do corpo, projetos de vida que cada um tem o potencial de construir, dentro deste novo tempo que para uns, acho que a maioria, chega paulatinamente, mas que pra mim, chegou abruptamente com a pandemia. É fundamental a existência dos núcleos de idosos para conduzirem de maneira enriquecedora este processo. Como diz a Marci Dória Passos em sua tese: “A vida não é como a gente quer, mas vou buscando os arranjos mais harmoniosos e promissores num trabalho perene que sustenta o existir” (LUCIA80_anf10).

Mirian Goldenberg, durante uma *live* que foi ao ar no ano em 2020, proferiu a seguinte frase: “Essa pandemia me mostrou na prática algo que eu já estava aprendendo nos últimos anos, o tempo é a nossa principal riqueza, principalmente, na velhice”. Ela relatou que seus pesquisados nonagenários se relacionavam com o tempo, sem a menor pressa: “O Guedes, que tem 97 anos, leva 20 minutos para comer uma linguicinha, tomando um chope e ouvindo uma música. Ele está inteiramente naquele momento. Às vezes, eu filmo para guardar essa lição do que é saborear o tempo”.

Alguns indivíduos não permitem que os outros os tornem invisíveis. Muitos nunca serão “um velho”, mas homens e mulheres que envelhecem dando continuidade aos seus projetos existenciais. Continuam cantando, dançando, criando, buscando a felicidade e o prazer, transgredindo as normas e os tabus existentes. Mais livres e visíveis do que nunca, são aqueles que podem ser chamados de *ageless*, ou “os sem idade” (GOLDENBERG, 2011, p. 83).

Goldenberg (2020) defende que é preciso ter tempo para si, viajar, brincar, se divertir e rir muito mais, pois a beleza da maturidade está, exatamente, na sua singularidade. Em suma, ela destaca a importância da curiosidade e do aprendizado

constante para construir a “bela velhice”, a alegria e o encantamento de viver intensamente cada momento e a importância de ter projetos de vida e agradar a si próprio. Uma das interlocutoras desta pesquisa é grata pelo tempo de vida que já alcançou, e se sente renascendo a cada dia.

— É com sentimento de alegria e gratidão a Deus de me conceder o privilégio de alcançar os 80 anos e poder olhar pra trás, sentindo minha história de vida e falar para meu corpo: valeu a pena viver. E ao mesmo tempo, perceber que a velhice é a cada dia um renascer.... (ERCILIA80_anf7).

A anfitriã ERCILIA80_anf7 agradece a Deus por ter alcançado seus 80 anos de vida, o que ela identifica como um “privilégio”. Esta era a anfitriã que mais referia a si mesma como jovem, “uma menina”, com base nos sonhos que ainda traz consigo e deseja realizar no futuro. Discussões sobre juventude sempre se fizeram presentes nas interações grupais, quando demarcavam que ainda se sentiam vivenciando a adolescência, e também quando esclareciam que já não pertenciam mais àquele tempo nem desejavam voltar a ele. Entendemos, contudo, que juventude não está atrelada apenas ao componente etário, mas principalmente ao conceito de geração.

Em suma, “o coração não tem rugas” (Madame de Sévigné [1626–1696]⁴⁰), não é mesmo? E o que os anfitriões nos mostram é que têm muita vontade de viver, de aproveitar o tempo a seu favor, que são idosos com espírito renovado a cada conquista, a cada projeto de vida colocado em prática.

— Continuo apostando em juventude como estado de espírito, que é como me sinto, com desejos de continuar a minha aventura de vida, viajando, dançando, estudando, praticando esportes (ANAMARI74_anf3).

Parece-nos que quando frequentam cursos e atividades para pessoas 60+, os interlocutores buscam se manter ativos, estabelecer metas para seu futuro ou presente estendido, como discutimos anteriormente. E se o desafio não for voltar a frequentar uma sala de aulas tradicional? E se for necessário o contato com o mundo virtual, com a

⁴⁰ Maria de Rabutin-Chantal, marquesa de Sévigné (Paris, 5 de fevereiro de 1626 – Grignan, 17 de abril de 1696) foi uma nobre marquesa e escritora francesa cujas cartas, muitas delas escritas para a sua filha a partir do Castelo dos Rochers-Sévigné, são modelo do gênero epistolar.

‘telinha do computador’ e com as tecnologias digitais de modo geral? É o que debateremos na seção a seguir.

2.3.1 Mundo virtual. Mundo novo?

A partir da discussão sobre terceira idade, Dantas *et al* (2014) enxergam o uso das tecnologias digitais como instrumento de relações sociais. Os dispositivos midiáticos possibilitam interação e sociabilidade para o grupo em destaque, algo além de estar antenado com o mundo tecnológico.

O tempo disponível com a chegada da terceira idade pode ser ocupado de forma prazerosa pela busca por novos conhecimentos, o que é essencial para a conservação da saúde mental, uma vez que, a maioria dos idosos sofre de doenças psicológicas decorrentes da falta de estímulos neurológicos. O domínio das tecnologias computacionais amplia experiências, amizades e horizontes e proporciona uma forma de lazer segura e desafiadora e evitando doenças tal como a depressão. (DANTAS *et al*, 2014, p. 3).

Pensando a educação enquanto elemento essencial na formação de novos saberes cognitivos, entendemos que o papel das instituições de aprendizagem é importante nesse contexto. Leve-se em conta a função social desempenhada por cada uma delas no cenário macro do país, sejam escolas, universidades, centros técnicos etc.

Essas instituições têm a árdua função de preparar seus aprendentes, independentemente da idade, para vivências coletivas, interdependentes, porém autônomas, numa realidade cada vez mais globalizada e regida por princípios tecnológicos. (TRINDADE; GICO, 2009, p. 5).

De acordo com Buckingham (2010), a função social dessas instituições de ensino, no entanto, precisa ir além das tecnologias digitais e das desigualdades socioeconômicas, e possibilitar propostas para a construção de diálogos e de interações, Se o ponto central é a discussão do processo midiático na educação, dentro do grupo de terceira idade,

[...] significa também reconhecer as diversas formas como a mídia é utilizada, por exemplo, por diferentes grupos sociais, e refletir sobre como ela é usada no cotidiano - e como pode ser usada de modo diferente (BUCKINGHAM, 2010, p. 51).

Diante disso, ensejo discutir o papel que essas tecnologias digitais desempenhavam no cotidiano e na vida dos sujeitos desta pesquisa, ao reproduzir e criar comportamentos, repensar valores, e influenciar seus pensamentos e seus projetos de vida. Para tanto, volto ao ano de 2018, quando identifiquei que a turma de francês necessitava de uma didática direcionada ao seu ritmo de aprendizagem, e desenvolvi um material didático específico para o grupo. No ano seguinte, como professora voluntária, comecei a utilizar o material, a partir daquele mundo ‘analógico’ em que estávamos inseridos/as. A pesquisa caminhava em paralelo, no modo presencial, usando os métodos etnográficos que eu tinha à disposição para estudo *in loco*.

Como mencionado no capítulo metodológico, fui impulsionada a refletir sobre ‘virtualidades, presença, relações’ a partir do ano de 2020. O *WhatsApp* passou a ser usado como campo, as interações passaram a ser mediadas por esse aplicativo no mais das vezes, por estarmos privadas de encontros presenciais. É importante informar, todavia, que a vivência da turma com as mídias não começava ali, nem comigo. Começou em anos anteriores, antes mesmo de eu dar andamento à pesquisa, a saber: no curso de informática do NIETI, e com a presença constante de emissoras de televisão em suas dependências. Com a minha entrada no campo, esses instrumentos apenas ratificaram o seu uso e se conformaram como aporte metodológico e didático.

Trago aqui alguns números (porcentagens) como recurso para alargar nosso entendimento sobre o campo. As pessoas que entrevistei no ano de 2019 afirmaram fazer uso do celular, sendo o *WhatsApp* o aplicativo mais acessado (100% da turma), seguido do *Facebook* (67% faziam uso de redes sociais) e, na mesma proporção, *Youtube*. O objetivo do uso dessas plataformas, principalmente o *Youtube* seria para escutar músicas ou mesmo para estudar. Todas declararam usar o celular pelo menos uma hora por dia, em média, e o uso do computador era feito por 45% delas. Cerca de 89% afirmaram não ter dificuldade no uso, ou precisavam da ajuda de parentes esporadicamente. Uma minoria não utilizava os aplicativos por sentir dificuldade no manuseio.

No estudo da língua francesa, havia uma demanda por parte de 89% da turma pelo uso de atrativos midiáticos, a exemplo de jogos interativos na aprendizagem do idioma. Afirmaram que usavam o celular como ferramenta de aprendizagem, para acesso ao tradutor, e ao *Youtube* na busca de canais de músicas francesas. Durante as

aulas, 45% faziam uso do celular para verificar o significado de palavras desconhecidas, porém, 55% ainda preferiam o contato físico no espaço educacional, acessando o dicionário de papel.

Para além do espaço educacional, duas anfitriãs relataram utilizar ferramentas para conversar com pessoas de outros países, o *Hangout* (sistema de comunicação por vídeo do *Google*) e o *Tinder* (aplicativo de namoro *online* e rede geossocial). Uma delas, confidenciou estar em contato com um nigeriano que não sabia português nem inglês, e se comunicavam traduzindo as falas com o uso de *apps*.

Dentro desse contexto, ressalto que os usos desses dispositivos computacionais permitiram mudanças no comportamento perante a vida e o próprio corpo dessas anfitriãs, pela possibilidade de poderem acessar espaços antes desconhecidos, modificando práticas de produção, circulação e consumo na terceira idade. Outra anfitriã destacou que começou a se perceber e se enxergar como protagonista de sua própria história graças ao uso da tecnologia, denotando uma alteração de postura corporal e melhorando sua autoestima e sua definição sobre o próprio processo de envelhecimento. Isso recai sobre o que Stepansky (2012) denomina “novo envelhecimento”, chamando a atenção para a visibilidade que a terceira idade vem alcançando na sociedade, ressignificando os olhares ante o corpo que vai ocupando espaços e demandando políticas públicas.

Cheguei a ouvir relatos de meus anfitriões que destacaram o acesso à aposentadoria como uma oportunidade para se “libertar” das amarras que os prendiam, e que o mundo virtual no qual se inseriram tem sua parcela de contribuição nesse processo. Tenhamos sempre em mente que estamos falando de um ‘segmento específico de idosos’, como delineado no recorte da pesquisa.

Ainda dentro do escopo da virtualidade, era bastante usual o Núcleo receber a visita de emissoras de TV, inclusive, durante as aulas. Os alunos já estavam habituados a dar entrevistas e a serem filmados. De acordo com informações de membros do NIETI acerca dessas visitas, a PROEX buscava promover ações realizadas pela UFPB como uma política de gestão, tanto contatando a mídia do estado, como a própria TV UFPB. Ambas realizavam reportagens frequentes na instituição, entrevistando servidores do NIETI, mas também da Escola Técnica de Saúde e das diversas clínicas escolas em funcionamento que atendiam o público idoso. Dessa forma, a instituição passava uma ideia de sintonização com os objetivos pessoais dos idosos atendidos. Entendo que, com

isso, principalmente o NIETI era visto positivamente, ao alcançar visibilidade e status, passando uma ideia de sucesso do envelhecimento, de um envelhecimento ativo (Debert, 1994, 1999; Camarano, 2002; Goldenberg, 2020).

Na Figura 9, pode ser observada a turma da professora do francês avançado, após conceder entrevista, e na Figura 10, a TV Cabo Branco filma e entrevista alunos e alunas do francês em uma das minhas aulas. Nicinha (*in memoriam*) foi a aluna que concedeu o maior tempo de entrevista, e destacou em relação ao NIETI: “Esse é um espaço acolhedor em que todo mundo se sente em casa, é a minha segunda casa”. Joselita completou: “É uma experiência maravilhosa estar participando dos cursos, e é importante a universidade olhar pras pessoas mais velhas que desejam aprender, interagir, se divertir”. Haroldo, aluno do francês e professor de uma das turmas do inglês, também concedeu entrevista na oportunidade, e destacou a importância do Núcleo para o grupo: “Aqui, nos encontramos para aprender e ensinar, nos alegrar, nos confraternizar. O NIETI é uma bênção em nossas vidas. Desejamos que ele permaneça por muitos anos ainda”. Aqueles foram momentos de descontração, apesar do nervosismo de alguns em frente à câmera.

Figura 9 – Turma do francês avançado após conceder entrevista.



Fonte: Internet.

Refletindo sobre o sentido dessas entrevistas para o grupo, percebo que a sua aprovação é derivada da visibilidade que o alunado e as ações do NIETI alcançavam. Todos diziam se sentir orgulhosos. Quando as reportagens iam ao ar, havia um grande alvoroço por parte de alunos/as e de funcionários/as do Núcleo, com o compartilhamento de imagens e comentários nas aulas e nos grupos de *WhatsApp*.

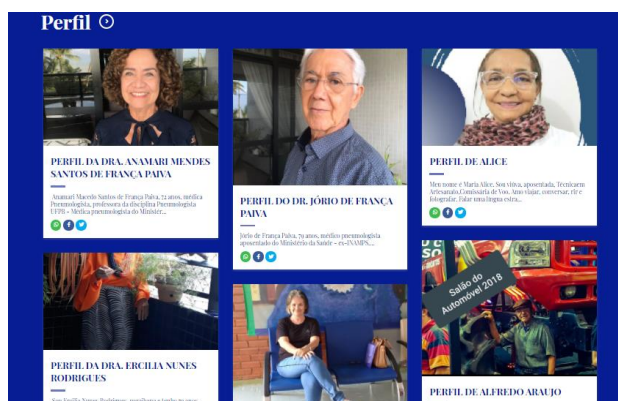
Figura 10 – JPB-TV Cabo Branco entrevista alunos em uma das nossas aulas.



Fonte: Arquivo pessoal.

Um aspecto muito interessante desses momentos midiáticos era a satisfação com que o pessoal se propunha a falar com a imprensa, e mesmo os mais tímidos acabavam por participar das reportagens. Confessaram estar se habituando ao longo dos anos com a presença da TV: “Eu já me acostumei, de vez em quando aparece o pessoal da Globo e lá vamos nós dar entrevista” (ANAMARI74_anf3). Não era um mundo novo, afinal. O mundo midiático, que caminha *pari passu* com a virtualidade, já era um antigo conhecido. Alguns meses depois de nossa turma ser entrevistada, a emissora retornou para nova reportagem.

Além da participação em reportagens das emissoras paraibanas, a turma do NIETI passou a conviver com o *blog* (endereço eletrônico <https://aulasdefrancesparaterceiraidade.blogspot.com/>) já mencionado, em que suas imagens também eram veiculadas. O *blog* (ver Figura 11) não foi um espaço ao qual todo o grupo aderiu de pronto, mas foi se chegando aos poucos ou mesmo optou por não interagir com ele, e o importante é que eu, enquanto pesquisadora, pude identificar as motivações de cada pessoa para aderir ou não. No *blog*, os corpos ficam registrados, assim como as vivências, tanto individuais como grupais, que estão disponíveis para acesso a qualquer tempo. Naquele espaço virtual, foi sendo também construída memória para o futuro, não estavam apenas sendo lembrados o passado e alguns momentos vividos, como o senso comum propaga sobre as pessoas mais velhas (que elas vivem no passado).

Figura 11 – Blog da turma.

Fonte: Arquivo Pessoal.

A turma de francês do NIETI estava então olhando para o futuro, construindo-o no presente, tudo isso sendo o somatório de tudo o que já foi vivido. Estavam construindo ‘memória’, algo que vai se tornando cada vez mais caro e raro com o passar do tempo, pois tende a falhar com o avanço da idade cronológica, segundo suas verbalizações. E como nos alerta Bosi (1979, p. 37), “a memória é um cabedal infinito do qual só registramos um fragmento”. Com o fim da pesquisa de campo não se desfez o que o grupo foi construindo ao longo do tempo, pois os artefatos permanecem em construção.

Contemplando as aulas virtuais, trago aqui uma reflexão por entender a importância de se pensar a terceira idade em contato com os dispositivos, na sua tentativa de aprender um idioma estrangeiro, pois o contato vai além da língua e alcança a cultura de outros países (ações mencionadas entre os projetos para o futuro de interlocutores/as). É nesse contato que podemos pensar nossa identidade cultural e social, ao nos colocarmos na presença desse ‘outro’ cercado de peculiaridades. Certa feita, tive a oportunidade de problematizar esse cenário a partir do meu papel de professora⁴¹, e apresento a seguir um trecho de um artigo produzido em colaboração, pois nos auxilia, em alguma medida, na aproximação com o objeto da pesquisa.

Trabalhar o ensino de FLE (Francês Língua Estrangeira) representa uma oportunidade de diálogo intercultural e de ampliação de horizontes alunos e

⁴¹ No ano de 2022, escrevi um capítulo de livro sobre ensino de língua francesa em parceria com voluntários e membros da equipe do NIETI. Título do capítulo: ENSINO DO FRANCÊS COMO LÍNGUA ESTRANGEIRA. O objetivo foi pensar o ensino do idioma e mostrar como, ao longo da realização das aulas, foram encontradas pessoas motivadas a expandirem seus horizontes, englobando o estudo do francês.

alunas, que são conscientizados do papel empoderador da oralidade e do reconhecimento do estrangeiro como algo não mais distante, mas que pode ser incorporado à própria identidade. Como constata C. DUBAR (1991, p 7), “a identidade não é dada de uma vez por todas no nascimento: ela se constrói na infância e, doravante, deve se reconstruir ao longo da vida. O indivíduo não se constrói jamais só; ele depende tanto de julgamentos dos outros como de suas orientações e definições de si” (SOARES et al, 2022, p. 40).

Amplamente conhecidos e debatidos, os estereótipos associam a pessoa idosa a um espaço de obsoletismo. Por sua vez, a reflexão e a revalorização de seu direito à oralidade permitem que ela acione o seu potencial de tomada de consciência que leva a uma participação ativa no meio social. Depreende-se daí o papel mobilizador do ensino de uma língua estrangeira como o francês para um empoderamento sociocultural dos participantes do curso do NIETI.

Como não existe comunicação sem oralidade (CERTEAU, 1983, p. 13), estimular a pessoa idosa a falar francês (principalmente, ao representar uma personagem numa peça de teatro) se revela um incentivador de descobertas culturais que compõem a sua identidade. E o nosso grande desafio durante a crise sanitária causada pela Covid-19 foi a migração das atividades presenciais de ensino e de pesquisa para o modo remoto, atingindo a comunicação oral do grupo. Enquanto professora, estava habituada às dinâmicas e práticas que requerem o contato entre o público do curso, o espaço físico de uma sala, dentre outras questões que precisaram ser reconstruídas no contexto virtual. Enquanto pesquisadora, estava habituada a conduzir as entrevistas presencialmente e observar as interações e ações do grupo, porém foi preciso repensar o acesso aos anfitriões, modificando toda a dinâmica do processo, o que contribuiu para o atraso no fechamento do curso de doutorado. Uma cultura como a nossa que valoriza o toque humano, o gesto e o olhar na troca de diálogos e de conhecimentos foi desafiada naquele período a reenquadrar suas práticas.

A maioria do grupo enfrentava aquele desafio tecnológico pela primeira vez, e precisou se deparar com tomadas de decisão quanto à escolha do momento correto de interceder na aula, manter o microfone fechado para não causar interferências na comunicação, manter aberta a área de *chat* para o caso de a professora ou os/as colegas postarem alguma mensagem etc. Alguns enfrentaram, inclusive, dificuldades ou problemas de acesso a uma rede de internet de qualidade ou a equipamentos necessários para assistir a uma aula virtual. No Brasil, a realidade vem mudando, mas nem todo aluno ou professor foi apropriadamente letrado para as ferramentas cibernéticas que tal

forma de ensino exige, o que gera transtornos para o processo de ensino-aprendizagem, sem sombra de dúvidas. Ainda mais se o público que enfrenta tal situação for imigrante digital. Mesmo sendo um grupo que reconhecemos ter privilégios, as dificuldades se fizeram presentes.

Por esse contexto, entendi ser importante apresentar uma reflexão sobre a prática virtual da docência para a terceira idade, sem esquecer que a própria pesquisa foi desenvolvida também do mesmo modo e em paralelo. Em ambas as atividades, mudanças importantes foram necessárias e dialogadas – a maneira de me direcionar ao grupo na tela do computador, o tom de voz, o ritmo da fala, a forma de pedir por organização, por silêncio, e de coordenar os momentos de fala. Com isso, busquei educar toda pessoa idosa da turma a se fazer ouvir, a ouvir as outras pessoas, a se portar dentro do grupo na virtualidade das situações, despertando o sentimento de inclusão e permitindo uma troca de conhecimentos e saberes.

Sabemos que todo ser é enraizado em uma vivência histórica (passada e presente) que determina em parte a maneira como ele se engaja socialmente e mesmo afetivamente, em um ato interativo. Como esperar então que os estudantes (seja qual for suas idades) ajam em um espaço escolar/universitário como se eles não possuíssem uma vida fora das fronteiras de uma sala de aula? É por isso que se torna indispensável que os alunos tenham direito a esta oralidade que constitua o universo em que se banham em seus cotidianos (CHIANCA, 2010, p. 179).

Vale destacar que, no ensino remoto, alunos e professores estão distantes no aspecto espacial, mas nem sempre no aspecto temporal, por conta do horário pré-estabelecido para as aulas. Cardim & Santos (2014, p. 2) pontuam que “a sala de aula virtual é um espaço simbólico que está em todo lugar e a qualquer momento”. Esse espaço carrega todas as particularidades das relações existentes em outros espaços educacionais, principalmente o físico, presencial. Essa mesma ambiência verificamos nos momentos de entrevistas que tentávamos realizar para a condução da pesquisa. Observem-se algumas mensagens enviadas no grupo de *WhatsApp* no ano de 2021.

– Não esqueça de me mandar o livro que você mencionou na última aula, Bernardo. Sou toda gratidão (ERCILIA80_anf7).

– Eu não seria a pessoa que sou se não fosse meu filho e seus amigos, minhas pacientes que me deram lições de vida sempre, e agora encontrei os maravilhosos companheiros do NIETI (LUCIA80_anf10).

– Parabéns, professora, pelo seu aniversário. A nossa mestra com carinho by José Carlos: gratidão é a palavra, não só pela sua abnegação nas aulas de francês, mas porque você foi muito além, por você estar conosco nesta pandemia, e quando for possível sei que teremos o retorno de nossas aulas na reitoria, ou encontro de amigos que estudam francês. Pra mim, em particular, está sendo de muita ajuda ter esses compromissos nas tardes de segundas e terças na impossibilidade de sair de casa. Você é tudo de bom, amiga, conselheira, até meio mãezona kkkkk Felicidades, mas muitas felicidades mesmo e sonhos concretizados (CARLOS71_anf1).

Como já mencionado, as pessoas que cursavam francês no NIETI eram reconhecidamente mais ativas na liberação de suas imagens pela câmera e de suas vozes pelo microfone do que boa parte do alunado pertencente a outras gerações. Era raríssimo haver algum anfitrião ou anfitriã que não quisesse se mostrar nas aulas, demonstrando a vontade de ser visto/a, cumprimentando professores e colegas, buscando reconhecimento. Naquele contexto, a faculdade dos gestos e dos contatos corporais permanecia inviabilizada, uma vez que a câmera não poderia capturar plenamente seus corpos, não havendo a possibilidade do contato mais amplo, e conseqüentemente, havendo perda de uma importante fração da comunicação. Foi preciso reconfigurar a espontaneidade da participação comunicativa do grupo, e houve um período de aprendizado para conseguirmos nos adaptar e comunicar.

– Olhe, deixe eu falar, professor [aluna dirigindo-se ao monitor que conduzia as aulas virtuais]. O senhor é excelente na sua condução das aulas, na paciência e sensibilidade que tem com um grupo especial como o nosso. Mas eu preciso falar. Na verdade, eu preciso pedir que se puder vá um pouco mais devagar, porque estou com dificuldade. Eu sempre reclamo e exijo, porque não estou conseguindo acompanhar. Peço desculpa aos colegas, até deixo de falar pra não atrapalhar a aula, mas acabo me prejudicando. Aqui é muito diferente das que tivemos antes. As letras do computador são menores e, às vezes, a gente nem sabe que parte do texto você está lendo (ERCILIA80_anf7).

Nesta seção, quis mostrar os recursos virtuais que utilizei para estudar os alunos e as alunas do curso de francês do NIETI – o que envolveu a mídia e a virtualidade, em várias de suas manifestações, destacando as plataformas virtuais com o uso de imagem em tempo real. O objetivo foi mostrar que o mundo virtual, que se estabeleceu mais fortemente a partir do ano de 2020 em todo o nosso planeta, não era de todo um mundo novo nem desconhecido para aquelas pessoas, ele já era um companheiro de jornada. Entretanto, nem todo mundo teve facilidade para aceitá-lo ou utilizá-lo, como vimos.

No Capítulo 3 a seguir, penso a(s) velhice(s) e trago narrativas com seus pontos de vista de interlocutores/as a respeito desse momento de suas vidas. Vamos adentrar à discussão das categorias centrais do estudo.

CAPÍTULO 3 – AS “VELHICES” E A VELHICE DE “VELHOS”⁴² E “VELHAS” ANFITRIÃS DA PESQUISA

*Todos os dias quando acordo
Não tenho mais
O tempo que passou
Mas tenho muito tempo
Temos todo o tempo do mundo*

(TEMPO PERDIDO, Legião Urbana)

Já vimos que a temática abordada nesta pesquisa tem suscitado cada vez mais interesse e demandado estudos nas mais variadas áreas do saber, o envelhecimento humano. Tal interesse procede do fato de a expectativa de vida mundial vir apresentando um crescimento considerável, invertendo o vértice da pirâmide etária já a partir das últimas décadas do século XX, como já mencionado anteriormente.

As transformações ocorridas no padrão demográfico brasileiro constituem uma das mais importantes modificações estruturais verificadas na sociedade. Iniciadas, de forma tímida, a partir dos anos 1940, essas mudanças se acentuaram após a década de 1960, com declínio expressivo nos níveis de fecundidade, redução na taxa de crescimento populacional e alterações na pirâmide etária, daí resultando o incremento mais lento do número de crianças e adolescentes paralelamente ao aumento contínuo da população em idade ativa e da população idosa (PORTAL IBGE)⁴³.

Ao adotar como objeto de interesse pessoas que se encaixam na categoria ‘idoso’, faz-se mister entendê-la em sua pluralidade pela própria amplitude etária que essa categoria abarca. Conforme pontuam Camarano, Kanso & Leitão e Mello (2004, p. 25), “a heterogeneidade desse segmento extrapola a da composição etária. Dadas as diferentes trajetórias de vida experimentadas por idosos, eles têm inserções distintas na vida social e econômica do país”. Dessa forma, há ‘velhices’, uma categoria no plural. Ou seja, existem várias velhices dentro da categoria ‘velhice’, várias formas de envelhecer. A abordagem teórica para discutirmos a categoria partiu inicialmente das

⁴² O termo ‘velho’ pode representar algo ou alguém que possui mais de seis décadas de existência. Não é usado nesta tese no sentido pejorativo do termo.

⁴³ Disponível em: <<https://www.ibge.gov.br/>>. Acesso em: 20 out. 2022.

reflexões de Beauvoir (1976) e Debert (1992, 1994, 1999, 2004), mas vem sendo problematizada com base em um arcabouço teórico mais dilatado e fundamental, num diálogo com as teorizações de Goldenberg (2020, 2013), Longhi (2018, 2019), Lins de Barros (1997, 2006, 2018), Britto da Motta (2010), Müller (2009), Camarano (2002, 2004), Hareven (1995, 1999) e Velho (1994).

Com base nesse aporte teórico, entendo que seja qual for a etapa cronológica da vida do ser humano (velhice, adultez, juventude ou infância), ela pode ser interpretada como uma forma “de se colocar diante da vida” (MÜLLER, 2009, p. 16). Isto verifico no meu campo de estudo, que me traz uma percepção da existência de “velhos jovens” e “velhos mais velhos” (BRITTO DA MOTTA, 2010, p. 234), dada a amplitude das idades identificadas (de 63 a 90 anos de idade) e a visão pessoal de cada qual diante de suas trajetórias. Na Europa, só após os 65 anos de idade se considera que a pessoa está iniciando seu processo de envelhecimento, e no Brasil, essa idade cai para 60 anos.

No entanto, uma percepção clara que venho tendo à medida que tento aprofundar o estudo sobre o tema, é a de que sendo um processo, ele ocorre ao longo da vida desde a infância, a adolescência, a adultez, culminando com a velhice enquanto último momento em termos cronológicos. Groisman (2015, p. 16) destaca em seus estudos que “A velhice brasileira vem sendo, ao longo das últimas décadas, construída enquanto problema social: um processo que envolve elaboração de políticas, reconhecimento de direitos e disseminação de estilos para o (bom) envelhecimento, dentre outros fatores”.

Estudar o grupo de pessoas da terceira idade que participa dos projetos do NIETI-UFPB pode dar uma ideia abrangente e dinâmica do todo em termos de momentos de vida, discutir o presente (a disponibilidade temporal e econômica de estar ali, estudando) e o futuro (os projetos de vida que vão criando a partir dessas ações), dialogando com o passado (o entendimento do que viveram, e como foram construindo o curso de suas vidas, fazendo com que esse momento faça sentido e seja interessante investigar). A partir da vivacidade, da euforia dos diálogos daquele grupo em sala de aula, de tudo o que me foi apresentado enfim, defini como objetivo de pesquisa conhecer e problematizar o seu processo de envelhecimento. Então, busquei verificar, em primeiro lugar, como eles percebem seu futuro, se eles constroem projetos a médio, curto ou longo prazo, para daí entender se/como esses projetos estão atrelados ao atual momento de vida (se afetam suas rotinas, seus cotidianos; como o seu entorno é afetado; como o estudo do idioma francês se relaciona com os planos que fazem; em que medida

essas pessoas são autônomas). Afinal, desejava verificar como se mobilizavam para colocar seus projetos em prática no cotidiano.

Entendo ser necessário, inicialmente, tecer algumas considerações e buscar entender um pouco mais sobre o polissêmico conceito de ‘geração’, fundamental numa pesquisa sobre o envelhecimento humano, tangenciando o debate sobre ‘idades’. De acordo com Britto da Motta (2010, p. 226), “a geração, em um sentido amplo, representa a posição e atuação do indivíduo em seu grupo de idade e/ou de socialização no tempo”, e pode ser resumida em três sentidos: “coortes, grupos etários e gerações propriamente ditas”.

Coorte é referência estatística ou demográfica e basicamente designa um conjunto de indivíduos nascidos em um mesmo intervalo de tempo, expostos a determinados eventos de caráter demográfico. [...] A tradição antropológica é responsável pela segunda acepção de geração, que se expressa, basicamente, em termos de idades (grupos etários, categorias de idade, classes de idade etc.) referindo-se quase sempre à filiação, guardando um sentido ou uma função classificatória que inclui tanto as posições na família como na própria organização social mais ampla. [...] O sentido mais plenamente sociológico, ou macrosociológico – geração, propriamente dita – designa um coletivo de indivíduos que vivem em determinada época ou tempo social, têm aproximadamente a mesma idade e compartilham alguma forma de experiência ou vivência, ou têm a potencialidade para tal (BRITTO DA MOTTA, 2010, p. 228-229).

O conceito de ‘geração’, no entanto, é abrangente e vai muito além, inquietando estudiosos por conta da “mudança, das idades e gerações, em suas posições e também conflitos no tempo” (*idem*, p. 229), acrescenta a autora. Ou seja, a “variabilidade ou mudança de posições etária e geracional das pessoas” (BRITTO DA MOTTA, 2010, p. 227) leva ainda a uma séria dificuldade de compreensão e discussão desse conceito polissêmico.

Na vida vivida, se somos sempre pessoas de um determinado sexo/gênero, raça/etnia e classe social, mudamos de idade – processo biossocial – e de expectativas sobre ela, a cada ano, ao mesmo tempo em que o nosso grupo etário vai assumindo posições geracionais diversas enquanto coorte geracional – embora não necessariamente enquanto geração social (BRITTO DA MOTTA, 2010, p. 227).

Adotar a ‘idade’ como um dos critérios fundamentais de organização social auxiliou na propagação do preconceito e da discriminação. Portanto, o “preconceito

etário” ou “a discriminação por idade é uma questão altamente atual num pano de fundo de preocupações com a crescente longevidade” (GOLDANI, 2010, p. 413). Um exemplo de preconceito frequentemente naturalizado é o etarismo (*ageism*), que tem por sinônimos ‘velhofobia’ e ‘idadismo’, resultante das relações entre as gerações. “Trata-se do preconceito supremo, da última discriminação, da mais cruel rejeição e do terceiro maior ‘-ismo’, após o racismo e o sexismo” (GOLDANI, 2010, p. 413). Como reiteram Costa & Detmering (2021, p. 213), “o idadismo precisa ser percebido e discutido, como forma de se buscar uma sociedade mais inclusiva, em que a diferença seja apenas um detalhe a ser respeitado” dentro de um universo de tensões entre as gerações. Margulis & Urresti (1996) ampliam a discussão sobre essas tensões.

Ser integrante de una generación distinta -por ejemplo una generación más joven- significa diferencias en el plano de la memoria. No se comparte la memoria de la generación anterior, ni se han vivido sus experiencias. Para el joven el mundo se presenta nuevo, abierto a las propias experiencias, aligerado de recuerdos que poseen las generaciones anteriores, despojado de inseguridades o de certezas que no provienen de la propia vida (MARGULIS & URRESTI, 1996, p. 4).

Necessário se faz provocar o debate sobre a marginalização do idoso, identificada como “um problema cultural, mas que pode ser agravado por atitudes peculiares de cada pessoa ou grupo.” (ALMEIDA & LOURENÇO, 2009, p. 240). Isso remete às afirmações de Tsing (2019, p. 369) reiteradamente alertando que “por sorte, ruínas às vezes estão cheias de tesouros.” E é assim que a população identificada por muitos como estando no fim de uma existência se transforma no “jardim” (*ibidem*) que floresce esta pesquisa.

É o caso da propaganda do micro-ondas em que uma velhinha diz que quer ter mais tempo para fazer sexo, ou da propaganda da família que encontra a vovó na cama com um velho e ouve dela que os filhos e netos não devem se preocupar porque o casal de idosos vai se casar (DEBERT, 2010, p. 55).

Observando-se a história de nosso país, a década de 1960 mostrou os jovens contestadores como sendo o objeto de interesse de discussão, a década de 1970 viu esse interesse ser focado nos ‘menores infratores’, e “entre as décadas de 1980 e 1990, esse outro grupo geracional, o dos velhos, é alçado a objeto de estudo” (BRITTO DA MOTTA, 2010, p. 230). Esta autora levanta um questionamento interessante e

pertinente: “entre 60 e 110 anos de vida, que percurso geracional pode ser traçado? Quantas ‘gerações’ de velhos estão coexistindo neste novo espaço cronológico e social de 50 anos? Qual a ‘contemporaneidade’ possível entre elas?” (*idem*, p. 234). É instigante e desafiador tentar responder a essas questões, e é cada vez mais atual discutir o tema, ao se constatar as mudanças ocorridas na pirâmide etária no Brasil e no mundo.

Algumas alterações sociopolíticas que vêm ocorrendo desde a década de 1980, senão décadas antes, ratificam a percepção da velhice e do processo de envelhecimento como fenômenos sociais, uma vez que as idades se conformam enquanto organismos/estruturas de ordenamento nos contextos. Se entendermos que o bem-estar se vincula à possibilidade de realizar várias coisas, podemos inferir que as dinâmicas de mercado pensadas para o público idoso vão contemplar mais diretamente a pessoa de classe média ou média alta, com poder aquisitivo que lhe proporcione condições específicas. Daí a percepção de Debert (1999) de que as iniciativas destinadas a esse público não alcançam quem vive em precariedade econômica, pois, principalmente o mercado, visaria um público específico, diferenciado, com privilégios. Tomamos, assim, em consideração, que as velhices são construídas a partir do cruzamento com diversos marcadores sociais (classe, gênero, raça) e, deveras estereotipada, perpassando o cuidado de si e a cidadania – estes conceitos necessitam ser relativizados quando atrelados ao público idoso, assim como acontece com ‘autonomia’ e ‘envelhecimento ativo’.

Como se pode perceber desde as primeiras linhas deste texto, o meu trabalho não se propõe a focar a velhice no contexto da saúde, nem se detém em características debatidas por parte da literatura sobre velhice que traz a decadência física e a finitude como ponto central. Ele se insere num debate mais próximo de um “embaçamento dos limites entre as idades” (MÜLLER, 2013, p. 02), percebendo a oportunidade de se pensar “a recronologização do curso da vida” (*idem*), o surgimento de novas fases (a aposentadoria ativa, a quarta idade, etc.) ou mesmo, velhices mais ativas, que em alguns pontos podem se confundir com um “ ‘prolongamento’ da juventude” (*ibidem*, p. 03), mas que de toda forma são vistas como um processo dentro do curso moderno da vida (KATZ, 1995). A passagem de um estágio a outro se prolonga mais e mais, não sendo marcada por eventos estanques, arbitrados. Daí, entendermos a idade enquanto categoria social, biológica e cronológica. Ademais, como lembra Beauvoir (1976), o velho seria sempre o outro, ou seja, a pessoa se sentiria velha a partir do outro (com seus

comportamentos ou sinalizações). De fato, constatamos em nossa pesquisa a atualidade das palavras da estudiosa francesa, e mais à frente nesta tese, trarei depoimentos dos idosos com a perspectiva de velhice que eles têm, e como eles percebem que são vistos.

Fato é que o limite entre as idades se mostra cada vez mais flexível. Por exemplo, a aposentadoria, a decisão de estudar na terceira idade, os projetos de vida definidos nesse momento da vida, o quanto definem o *status* etário da pessoa? “É preciso, também, atentar para o fato de que algumas diferenças que eram bastante marcadas entre as diferentes idades da vida têm se tornado cada vez mais tênues” (MÜLLER, 2013, p. 12). No entanto, a pessoa idosa que em seu ritmo de vida continua tendo as mesmas atribuições que as gerações mais jovens de seu entorno, com o mesmo grau de independência e responsabilidade, ainda pode ser considerada adulta? Esta é uma realidade do meu campo de pesquisa, em que “as concepções dos meus interlocutores têm tendido muito mais a ver a vida como um processo contínuo, não necessariamente composto por diferentes e distintas fases” (MÜLLER, 2008, p. 242-243), pelo fato de alguns idosos ainda não se considerarem como tal e desaprovarem essa divisão tão marcada que aqui é discutida. Da mesma forma que Müller (2013, p. 02), observei que “meus interlocutores não percebiam suas trajetórias de vida como compostas por fases ou etapas distintas, antes como um continuum de micromudanças constantes, que não eram privilégio ou desvantagem de uma determinada idade”.

É assim que entre meus anfitriões, há o reconhecimento de que a maneira como uma etapa é vivida influencia o modo de vida nas etapas subsequentes. “A vida inteira é percebida como uma transição na qual a mudança e os novos desafios não são privilégio de nenhuma idade” (MÜLLER, 2013, p. 01), de fato, é todo um processo em movimento. Os sujeitos e sujeitas da pesquisa, com toda sua subjetividade, ratificam a proposição de que “a diversidade e heterogeneidade de experiências do envelhecimento coexistem em nossa sociedade com diferentes interpretações sobre o tempo da vida dos indivíduos” (LINS DE BARROS, 2018, p. 81). Afinal, “toda a vida é transitória, sempre se está mudando, acrescentando coisas, aprendendo” (MÜLLER, 2008, p. 268), construindo novos projetos, objetivos e motivações sem focar na finitude.

— É com alegria que falo sobre a velhice como uma experiência humana na coexistência de meu ser no mundo. Seja qual for a denominação do avançar dos anos, sinto que em meu corpo, em constante transformação, mora uma menina, colhendo flores entre borboletas (ERCILIA80_anf7).

A anfitriã ERCILIA⁸⁰_anf7 fala da “constante transformação” do seu corpo, em cujo âmago habita uma “menina”, e nos faz entender que vai vivenciando uma bela velhice e levando consigo marcas e recordações da infância (essa mesma perspectiva aparece na explicação do anfitrião MARINALDO⁸²_anf2 para o termo “acumuladores de juventude”). Ela alega ter ainda inúmeros projetos a concretizar, além dos muitos que já concretizou ao longo dos seus 80 anos de vida.

Conforme Goldenberg (2021, p. 39), “a ‘bela velhice’ é o resultado natural de um ‘belo projeto de vida’, que pode ser construído desde muito cedo, ou mesmo tardiamente, por cada um de nós”. Beauvoir (1976) já falava também sobre a possibilidade de se encontrar beleza na velhice, desde que os objetivos e projetos fossem bem definidos ao longo da trajetória. Conheçamos, então, o que os anfitriões e anfitriãs da pesquisa podem nos falar acerca dos seus projetos na seção a seguir.

3.1 Diálogo entre velhice e projetos de vida

Como já mencionado na Introdução deste trabalho, e de acordo com Velho (2003, p. 29), o “potencial de metamorfose” do sujeito advém do campo de possibilidades à sua disposição. Com isso, é possível alterar projetos ao longo de uma trajetória de vida. Os sujeitos conseguem então reproduzir e reinventar a vida social (VELHO, 2006), uma vez que “são empurrados por forças e circunstâncias que têm de enfrentar e procurar dar conta” (VELHO, 2003, p. 45). Seguindo esse fluxo de ideias, faz-se necessário pensar como nosso ideário concebe a dimensão ‘tempo’ e como este se constituiu importante instrumento de estruturação do cotidiano e dos projetos.

Norbert Elias sublinha: “O fato de o tempo assumir o carácter de uma dimensão universal expressa apenas simbolicamente a experiência, segundo a qual tudo o que existe é colocado num fluxo incessante de acontecimentos. O tempo é uma expressão do fato de que, para se orientarem, os homens tentaram determinar posições, duração dos intervalos, ritmo de mudança e muito mais neste fluxo”. Segue-se que, dependendo do estado de desenvolvimento social, o tempo enquanto instituição social, um meio simbólico de orientação, pensado e concebido de outra forma, é confirmado e institucionalizado através da ação, dos costumes e da interação social (NOWOTNY, 1993, p. 54, tradução nossa).

O campo de possibilidades apontando por (VELHO, 2006) engloba tudo o que temos ao nosso dispor, inclusive o tempo, que se complexifica cada vez mais com a

velocidade e o imediatismo da vida como a conhecemos hoje. “O dramático aumento da complexidade e da densidade aproxima cada vez mais o presente do futuro [...] O futuro é disposto como se fosse o presente, e isso produz um presente estendido” (NOWOTNY, 1993, p. 54).

Já não se trata simplesmente de avaliar os diferentes pesos atribuídos ao passado, ao presente ou ao futuro numa sociedade, embora os sociólogos de orientação empírica ainda recentemente acreditassem que isto continha a chave para a compreensão dos problemas da época. A supressão da categoria do futuro e a sua substituição pelo presente estendido não são suficientes para resolver todas as contradições que surgiram e a pressão que o problema exerce. Pelo contrário, a relação entre as concepções lineares e cíclicas do tempo também começou a mudar. Este pode ser desmembrado e depois recomposto em seus componentes, mas também através da pluralidade dos tempos – o tempo psicológico, o tempo do sol, o tempo litúrgico e político, o tempo dos relógios e o tempo muito longo ou muito curto da ciência – o dualismo enraizado do pensamento e a percepção do tempo assumem a forma de linhas retas ou movimentos recorrentes (NOWOTNY, 1993, p. 55, tradução nossa).

Nowotny (1993) adverte que não podemos ignorar a importância que nós, humanos, atribuímos ao tempo. Toda concepção de tempo deve acomodar a ideia de mudança irreversível e ainda a ideia de repetição, que correspondem ao tempo “reproduzível” da física. Porém, ela acrescenta, não constitui tarefa fácil decidir se o passado ‘concluído’ segue uma lógica diferente de um futuro sempre incerto e de um presente sempre ‘contaminado’, uma vez que pode ser influenciado pelas ações humanas, pelos sistemas de fé e de ideias. Mesmo que o passado já tenha passado, através de processos históricos de longo prazo, ele pode preparar as condições-limite dentro das quais o presente se desenrola.

A autora vai mais além e destaca que o futuro, que pode estar separado do presente por uma fronteira flutuante, promete grande número de possibilidades e eventualidades. Contudo, apenas uma seleção limitada de tais possibilidades pode tornar-se realidade. Os critérios de separação são precisamente o que a sociologia entende por ‘estruturação’. Então, o tempo no presente torna-se uma possibilidade de criação e destruição, uma fonte de incerteza e de decisão, contém o processo de devir, que se diferencia e se distingue, até na sua metodologia, da reconstrução do passado. O presente estendido acentua a necessidade, mas também as possibilidades de intervenção,

destaca Nowotny (1993). É nesse presente estendido que começam a ser projetados e colocados em prática antigos sonhos que se fixarão como projetos a realizar.

Sob o ponto de vista de Goldenberg (2021), é possível conceber e realizar projetos de vida após os 60 anos de idade. Apesar de essa ser a idade que marca o início da velhice no Brasil, entendamos que velhice também é sinônimo de vida, e vida ativa, que também apresenta um campo de possibilidades para a realização de sonhos e projetos sobre os quais a pessoa precisa se debruçar. Defensora da ‘bela velhice’, a autora enfatiza que “a beleza da velhice está, exatamente, na sua singularidade, nas pequenas e grandes escolhas que cada indivíduo faz ao buscar concretizar o seu projeto de vida” (GOLDENBERG, 2021, p. 39), aproveitando o tempo que opera a seu favor.

Nesse ponto, a autora nos presenteia com uma reflexão sobre sua própria experiência: “Encontrei na obra de Simone de Beauvoir inspiração para pensar sobre os sonhos e os projetos da criança que um dia eu fui e que, de certa forma, continuarei a ser até os meus últimos dias” (*idem*, p. 4). Acredito que, também no corpo desta mulher, idosa, escritora, pesquisadora, “em constante transformação, mora uma menina, colhendo flores entre borboletas” (como filosofou nossa querida ERCILIA80_anf7).

Se “o futuro é o espaço para a construção de um projeto de vida e, ao mesmo tempo, para a definição de si” (MÜLLER, 2013, p. 23), como podemos, então, pensá-lo após os 60, 70 ou 80 anos de idade? Para Goldenberg (2021, p. 48), os projetos podem ser traçados desde a infância, e “a ênfase existencialista se coloca no exercício permanente da liberdade, da escolha e da responsabilidade individual na construção de um projeto de vida que dê significado às nossas existências até os últimos dias”. Nesse sentido, de acordo com Lins de Barros (2006, p. 112), “é a própria percepção da velhice como o último momento de vida que torna possível a formulação e execução de um projeto de vida”.

Mesmo tendo conhecimento de vários aportes teóricos que discutem ‘projeto’ ao longo do curso da vida, um segmento significativo dos trabalhos acadêmicos que discutem essa categoria se apoia num componente etário que flutua entre a adolescência e a vida adulta (como exemplo LEÃO, G.; DAYRELL, J. T.; DOS REIS, J. B., 2011; DAYRELL, J., 2005). Dentro desse panorama, como pensar, então, o planejamento que a pessoa idosa faz para o futuro? Ou qual futuro se desenha no imaginário de quem já passou dos 60 anos? Como encontrar um projeto de vida?

Recordo, neste ponto, que um dos recursos metodológicos que utilizei foi o teatro, ou o fazer teatral. De início, utilizado como apoio didático, possibilitou observar o campo através da participação observante (ao atuar nas peças junto com os alunos e alunas). Certa feita, ERCILIA80_anf7, a mais velha da turma à época, me confidenciou: “Você está fazendo com que eu vivencie minha adolescência outra vez, professora”. Também, me vem à mente a empolgação na fala do anfitrião Haroldo (que trago na sequência), feliz no retorno de nossa primeira apresentação para além dos muros da UFPB, no Forte de Santa Catarina-Cabedelo. A partir de então, o teatro passou a ser mencionado como uma espécie de projeto de vida a partir do curso de francês, ou como uma atividade que fabrica projetos (VELHO, 2003).

- Algo que eu amo é fazer essas peças. Tomara, minha filha, que você não deixe nunca de nos incentivar a estar no palco (MAJU, 73 anos).
- Me descobri no teatro, agora, não paro mais (HAROLDO, 73 anos).
- Pela forma lúdica e descontraída, o teatro facilita bastante o aprendizado da língua francesa, principalmente na pronúncia. É muito bom (JOSEMIR, 64 anos).

No ano de 2019, bem no início da pesquisa, as aulas e o fazer etnográfico já se consolidavam como incentivadores de sonhos, de planos para o futuro próximo e, no mínimo, como espaços para dar visibilidade. Não fora o advento do coronavírus no ano seguinte, eu teria condições de avaliar a permanência do teatro como impulsionador de projetos nos anos de 2020 a 2022 – porém a sua influência no cotidiano da turma era palpável, como voltei a comprovar no ano de 2023.

Eu percebia, de toda forma, que estar pesquisando (com) o grupo impactava suas ações. Projetos, a turma tinha muitos. Tanto planejavam sozinhos/as, quanto com a família.

- Hoje [após a aposentadoria], vivemos [referindo-se também à esposa] o melhor momento das nossas vidas. Estamos mais juntos, viajamos mais, e temos planos para muitas outras viagens. A da Europa, tivemos que adiar por conta da pandemia, mas já estávamos com a passagem comprada, ainda vamos remarcar a data (JORIO82_anf8).
- Meus projetos de vida são participar das aulas de francês e fazer viagens curtas, tipo RN, PE e Campina Grande, para praias e cachoeiras, enquanto planejo viagens internacionais com a mulher e os filhos (MARINALDO82_anf2).

– Meu projeto de vida hoje é morrer aos 90 anos ou mais, pegar o diploma de término de curso na Aliança Francesa, pois fui convidada a retomar meus estudos lá e estou pensando em voltar (LUCIA80_anf10).

Mas, e quando os projetos são frustrados (até mesmo os planos para se aposentar, como veremos em uma narrativa a seguir)? As doenças costumam aparecer com maior frequência nos relatos como condição que pode causar alteração nos planos ou adiá-los – trago um relato a seguir de quem precisou se ausentar das aulas de francês por conta de problemas de saúde.

– Pro futuro, eu tava planejando me aposentar, mas a terapeuta me aconselhou a continuar trabalhando e estudando o francês para ajudar a não esquecer as coisas. Tenho estado muito esquecida. Mas, me matriculei no francês, porque queria aprender. Meu filho vai morar na França, e assim eu posso ir visitar (LENIR65_anf5).

– Professora, meu câncer voltou. Vou ter que me afastar das aulas. Mas, não desisti dos meus projetos de vida, não, apenas dei um tempo neles (ZILDA, 66 anos).

Diferentemente destes interlocutores, há quem reconheça não ter planos para o futuro – não por conta da idade, mas em reconhecimento de que o futuro não nos pertence para sobre ele fazermos inferências, projeções, ou algo semelhante. Vejamos o que diz a anfitriã SONIA66_anf6.

– Realmente, não tenho planos para o futuro. O amanhã não temos certeza. O que temos agora é o desejo. Deus haverá de providenciar se for pra nosso bem. Quanto ao agora, eu posso realizar minhas atividades que antes eu não podia pela rotina de trabalho, cuidado com a casa e com a família, precisava trabalhar. Eu amo minha vida. (SONIA66_anf6).

Nas palavras da anfitriã, o seu tempo presente é dedicado às atividades rotineiras, prazerosas, aproveitando o tempo a seu favor. Mesmo afirmando não ter planos para seu futuro, ela realiza com satisfação, no presente, tarefas e atividades que, possivelmente, influenciarão o seu futuro e os planos que ela poderá vir a fazer. Goldenberg (2021, p. 73) destaca que “liberdade e felicidade [...] mesmo que tardiamente conquistada, pode levar à plenitude, à autenticidade e à felicidade”.

São homens e mulheres que não se paralisaram e não se aposentaram de si mesmos. Eles souberam, quiseram e lutaram para “ser eles mesmos”, muitas vezes contestando corajosamente os preconceitos, os modelos e as regras sociais que criavam obstáculos para os seus projetos de vida (GOLDENBERG, 2021, p. 60).

Ouvi outros relatos semelhantes a este último, da anfitriã SONIA66_anf6, quando as pessoas afirmaram viver o momento. Contudo, elas pensam no futuro a curto, médio e longo prazo, como vamos percebendo ao ler as suas narrativas. À vista disso, pelo fato de a pesquisa se desenvolver nas dependências de uma instituição federal de ensino, entendo ser fundamental pensar o papel que tal instituição e suas ações exercem sobre a construção dos projetos de vida da população pesquisada.

Ao estudar mulheres negras frequentadoras de U3Is, Santana (2023, p. 61) traz que “nas falas das estudantes 60+, são evidenciadas a importância do envelhecimento ativo e, as colaborações das Universidades Aberta à Terceira idade” (*ipsis litteris*). Suas interlocutoras falam das mudanças que aconteceram em suas vidas a partir da participação em cursos de UNATIs, como também valorizam a sociabilidade que ali encontraram, se dizendo motivadas e desejosas de muito mais. Elas, inclusive, pediam que mais atividades fossem inseridas para suprir suas necessidades, com a implantação de um debate crítico e voltado para questões sociais – algo que faltava nas ações das instituições e que foi identificado pelas mulheres entrevistadas. Estar frequentando tal espaço ajudou aquelas mulheres idosas a vencerem a timidez. A autora declara, a partir das narrativas, que “é perceptível, que a educação permanente para a terceira idade contribui para reflexões e ações diversas as quais colaboram para o envelhecimento ativo das mulheres negras 60+” (SANTANA, 2023, p. 61).

A UFPB, assemelhando-se a uma UNATI a partir de iniciativas como a do NIETI, passa a ser vista como facilitadora na construção de projetos para o futuro, como instrumento na promoção do envelhecimento ativo, e ainda como promotora de sociabilidade e companheirismo entre pessoas coetâneas. A sociabilidade é um ponto destacado por Britto da Motta (2010) quando a autora discorre sobre espaços de convivência da terceira idade. Algumas narrativas que obtive em meu campo sugeriam que estar de volta à universidade após os 60 anos de idade causou modificações profundas nas vidas daquelas pessoas.

– Esta oportunidade de estudar o francês nesse projeto da universidade para pessoas da minha idade ajudou na recuperação da minha autoestima e na realização de um sonho de adolescente. Era algo que eu vinha planejando e buscando há muitos anos e não conseguia realizar. O teatro é outro sonho frustrado da juventude que agora estou podendo realizar. É uma segunda oportunidade que tenho, e pretendo continuar participando, é uma experiência enriquecedora num ambiente de respeito e amizade (VIRGÍNIA, 66 anos).

A anfitriã Virgínia relatou que, por estar estudando a língua francesa no projeto de extensão, poderia (e já estava planejando) viajar para países africanos onde intenciona realizar atividades missionárias de evangelização junto a uma ONG dos Estados Unidos da América. E acrescentou que este seu projeto para um futuro próximo só poderá se realizar por ela estar cursando o idioma na UFPB, depois de tentativas frustradas (por não ter conseguido se inserir nas propostas que frequentou anteriormente) até conhecer o NIETI. Naqueles outros espaços, a anfitriã não conseguiu se identificar com a didática nem com o ritmo de aprendizagem das turmas mistas (que agrupam pessoas de várias faixas etárias), ressaltando que participar de uma iniciativa que atende “exclusivamente à pessoa idosa”, em suas próprias palavras, fez toda a diferença em sua adaptação com sucesso. Outro projeto para futuro, presente em suas palavras, é a participação na atividade teatral que o curso do NIETI oferece – uma atividade da qual ela precisou se afastar na juventude por imposição familiar. E no momento em que a vida está lhe dando nova oportunidade, se sente realizada ao subir em um palco e atuar como sempre desejou.

Destaco outro relato de uma anfitriã que possui vivência similar à da Virgínia no que concerne à busca por um curso de francês com o qual se identificasse. A Eliane também frequentou turmas mistas, e relata que sentiu muitas dificuldades de interagir com o alunado, com as professoras e com a didática em si.

– Era frustrante ver os adolescentes com celular na mão procurando as respostas que a professora queria ouvir. Na verdade, eles não sabiam as respostas, mas tiravam ótimas notas filando. E a professora corria pra dar todo o assunto sem se preocupar se havia alguém com dificuldade. Agora, nesse curso do NIETI, eu vejo uma oportunidade única. Não tenho que dar satisfação pro meu pai, pra ninguém da minha família, eu estudo porque gosto e quero. Agora, eu tenho objetivo estudando o francês, eu quero aprender, quero escrever poesia em francês, que é um plano que eu tenho há muito tempo. E com esse grupo rico em conteúdo, meu Deus... me senti

privilegiada quando conheci esse projeto [...] O colega que fez o personagem Jean Pierre [referindo-se a um personagem da última peça da qual participaram] me deu a oportunidade de confeccionar o figurino dele e, na hora da peça, quando era pra eu desfilar, ele me explicou e me mostrou onde eu estava errando. Ele me incentivou muito. A colega que fez Grisabelle [referindo-se a outra aluna na mesma peça] também me ajudou muito na peça. Os colegas me apoiam, a professora tem a maior paciência comigo. É um privilégio estar com vocês. Eu vejo um caminho a ser percorrido com uma luz no final, um brilho que é sinal de que estou no grupo certo (ELIANE, 72 anos).

Esse relato foi proferido com a voz embargada, e a anfitriã muito emocionada fazia pausas para se recompor. Como pesquisadora, observo que aquelas pessoas encontraram um espaço que oportunizava a realização de seus projetos de vida, ou pelo menos de antigos sonhos, e proporcionava melhoria da autoestima, importante detalhe que aparece em inúmeras narrativas. A sociabilidade é também algo importante de ser destacado, pois a partir dela, muitas pessoas enfrentavam e superavam problemas emocionais, pelo apoio que o grupo como um todo fornecia aos seus membros.

Gostaria de introduzir neste ponto da escrita, em que penso a construção de projetos de vida, algumas reflexões e contrapontos entre juventude e velhice. A tentativa é de desconstrução da ideia de que projetos se constroem quando jovens, pois os velhos não teriam mais tempo hábil para vê-los tornarem-se realidade. Sem a intenção de apresentar um tratado a respeito do conceito de juventude, verificamos que a literatura aponta para várias épocas da História, a partir do século XVIII, quando essa categoria começa a ganhar reconhecimento social.

Morin (2006) afirma que a sociedade moderna e, portanto, a modernidade, daria espaço para uma instabilidade permanente que complementaria essa mesma sociedade. É assim que a Segunda Guerra Mundial vem marcar a ascensão dos chamados *boomers*, a geração pós-guerra que ganhou força com a chegada da televisão aos seus lares, demonstrando o grande impacto causado pelas comunicações. Juventude começou a ser uma categoria reconhecida e atraente, principalmente para os meios de comunicação e para a indústria. Foi a partir de então que ser jovem passou a ser algo interessante. Percebemos que a categoria juventude é uma construção social, assim como a velhice o é, e que ganha diferentes sentidos e valores em diferentes épocas.

O termo *teenage* cunhado por Stanley Hall já no início do século XX chega com todo fôlego para representar o adolescente pós-guerra, o consumidor. Foi um momento da história marcado pela chegada do rock, punk, da sociedade ‘paz e amor’, da invasão

da mídia e do consumismo, aparecendo para as gerações subsequentes rótulos como *baby boomers*, geração X, geração Y, etc. Verificamos que os modos de ser jovem se apresentam de uma forma plural, sendo construídos histórica e socialmente (MARGULIS & URRESTI, 1996), associados à idade e ao corpo. Verificamos, da mesma forma, que a pós-modernidade testemunha mudanças na percepção desse conceito, quando os sujeitos possuem várias identidades e são inumeráveis as suas escolhas (HALL, 1997; BAUMAN, 2005). O que eles estão nos dizendo é que ser jovem toma várias formas dada a liquidez do conceito ‘juventude’, e que existe uma vinculação com a idade.

La juventud es una condición constituida por la cultura pero que tiene una base material vinculada con la edad” [...] La condición etaria no alude sólo a fenómenos de orden biológico vinculados con la edad: salud, energía, etc. También está referida a fenómenos culturales articulados con la edad. De edad como categoría estadística o vinculada con la biología, pasamos a la edad procesada por la historia y la cultura: el tema de las generaciones (MARGULIS & URRESTI, 1996, p. 3).

Inspirada nos escritos de Guita Debert (2004), tentei verificar se na minha pesquisa apareceria um processo de valorização da juventude – associada a valores e a estilos de vida e não diretamente a uma faixa etária em específico –, a partir da observação de um grupo da terceira idade. Não ouvi relatos de valorização da juventude, ou uma vontade de voltar a ser jovem, mas o desejo de não ser rotulado como ‘velho’ ou ‘velha’, de não ser discriminado/a por conta de um número apenas. Concordo e observo sobre a ‘idade’ que ela *“se ha convertido em un objeto de reflexión central y no periférico para la teoría y para la praxis antropológica”* apenas nos últimos anos, como nos informa Feixa (1996, p. 2), ou na década final do século XX. A própria mídia nos apresenta um conjunto de discursos sobre mudanças na abordagem e na veiculação da imagem da terceira idade nas últimas décadas.

Tratando de ‘idade’ e ‘envelhecimento’, Hareven (1999, p. 16) nos informa que ambos os conceitos “estão relacionados a fenômenos biológicos, mas seus significados são determinados social e culturalmente” – haja vista o aumento da preocupação da sociedade em geral com as pessoas acima dos 60 anos depois daquele fevereiro de 2020, quando a Covid-19 se instalou no planeta. Por outro lado, no que tange à juventude, a autora nos faz saber que “os fenômenos sócio-psicológicos da adolescência só foram

identificados e definidos gradualmente, por G. Stanley Hall, no final do século dezenove” (HAREVEN, 1999, p. 18). Dentro da sociedade norte-americana, por exemplo, “a ‘velhice’ é reconhecida como um período específico da vida adulta” (*idem*, p. 21). Verificamos, então, que conceitos e categorias vão sendo sempre construídos, tanto histórica como culturalmente. Ao escreverem *La juventud es más que una palabra* (referência ao texto de Bourdieu [1983], A juventude é apenas uma palavra), Margulis & Urresti (1996) anunciam:

Como toda categoría socialmente constituida, que alude a fenómenos existentes, tiene una dimensión simbólica, pero también debe ser analizada desde otras dimensiones: se debe atender a los aspectos fácticos, materiales, históricos y políticos en que toda producción social se desenvuelve (MARGULIS & URRESTI, 1996, p. 2).

Os autores deixam bem esclarecido que existe muito mais por trás da assunção da juventude do que apenas sua dimensão simbólica. No entanto, seja qual for a etapa cronológica da vida do ser humano, juventude, velhice ou infância, ela pode ser interpretada como uma forma “de se colocar diante da vida” (MÜLLER, 2009, P. 16), levando-se em conta os exemplos trazidos pelas pessoas que colaboraram com a pesquisa esboçada nesta tese. E para justificar o porquê de dar espaço para a categoria ‘juventude’ em uma pesquisa com/sobre pessoas idosas, tomo emprestada aqui uma ideia bem atual: *age matters, youth matters*⁴⁴. Pesquisas sobre as idades são importantes pelo conhecimento que geram a respeito do que é dito sobre os/as idosos/as e sobre o que eles/elas dizem a respeito de si mesmos/as.

– Pra mim, não significa nada ser terceira idade. É muito interessante falar uma coisa dessas, mas na minha cabeça isso ainda não aconteceu. Continuo com a mesma vida de antes, tenho as mesmas energias, tenho a mesma disposição. Eu não sinto dores, não me sinto incapaz, nada em minha vida se alterou. Honestamente, eu não consigo ainda engolir esse negócio de terceira idade. Pra mim, é tudo igual, a única coisa que muda são números, disso a agente não pode fugir, mas com relação a minha vida particular, pra mim, ainda não existe diferença, ainda não caiu a ficha de que eu estou na terceira idade. Porque o idoso quando ele procura ter melhor qualidade de vida, quando ele procura não se enfiar dentro de casa, em cima de uma cama, em cima de um sofá vendo televisão, tem uma vida normal, tem uma vida bem

⁴⁴ Termo inspirado em “*Black lives matter*” – esta expressão é emblema usado com frequência em protestos ao redor do mundo desde o ano de 2020, com críticas à opressão e à agressão contra pessoas da raça negra. Para mais informações, acessar: <https://blacklivesmatter.com/>.

tranquila. Mas isso depende de cada pessoa, depende da maneira de ser de cada pessoa. Porque eu, em particular, sou uma pessoa que me amo muito e eu não dependo das pessoas para fazer as coisas. Eu faço tudo o que eu quero. Eu vou à praia, eu vou praticar minhas atividades físicas (SONIA66_anf6).

Para a anfitriã, sua vida continua sem mudanças que a posicionem na terceira idade. Ela se sente com a mesma energia de quando mais jovem. O importante nesta fala da anfitriã é perceber a concepção negativa que ela tem da ‘velhice’, um lugar com o qual ela não se identifica. Isso também nos provoca a tentar compreender o porquê de uma pessoa de 83 anos se perceber num momento outro do seu curso de vida falando de juventude (refiro-me ao aluno que mencionava sempre que as pessoas da turma seriam “acumuladores de juventude”). Em conversas informais, elas davam a impressão de valorizar a juventude, a energia, o dinamismo, as diversas possibilidades e oportunidades da vida. Diziam não se encaixar no estereótipo de idoso. Elas se colocavam em um lugar distante de velhos e velhas que acabam por ter suas vidas submetidas aos cuidados de outrem, e que não têm vontade nem condição física para se locomover, sonhar, estudar, investir em si mesmas ou olhar para o futuro.

Para entendermos todo esse movimento, tenhamos em mente que juventude, como afirma Debert (2004), tornou-se um valor a ser adquirido em qualquer idade, ou seja, se deslocou de uma determinada faixa etária para quaisquer outras que a conquistarem através de seus estilos de vida, de suas escolhas e formas de consumo que expressem uma condição juvenil.

Pareciam-me sempre muito incômodas para meus anfitriões e anfitriãs as expectativas de outras pessoas sobre seu momento de vida, ou sobre o que é dito sobre eles – não se encaixavam em estereótipos, ou pelo menos, não se sentiam à vontade com os rótulos que se lhes direcionavam. Sabemos que nossa sociedade contemporânea costuma hierarquizar as relações com base na cronologia humana, e a força dessa hierarquia nem sempre é no sentido do mais velho para o mais jovem. Vêm-me à mente, alguns filmes, cada um deles servindo ao contexto no qual estão postos, em que ou os mais velhos estão no topo da hierarquia e são respeitados pelos jovens (Karatê Kid [1984], Red [2010], Ensina-me a viver [1971]), ou os mais jovens são mais valorizados e/ou ocupam posição de destaque perante os mais velhos (Harry Potter [2001], Kids [1995], Dennis, O Pimentinha [1993]). De acordo com Müller (2009), “parece-me que a aceitação da idade enquanto uma construção é de tão fácil assunção quanto a

necessidade de se entender o que há para além, ou por trás, disso (MÜLLER, 2009, p. 13).

Assim, “a idade avançada, comumente vislumbrada em décadas passadas como manifestação da sobrevivência do mais forte, passava a ser rebaixada a uma condição de dependência e deterioração” (HAREVEN, 1999, p. 15) – longevidade versus senescência –, a partir da ênfase dada ao processo de industrialização que teria abalado a segurança econômica e as relações entre as gerações que compunham as famílias. Naquele momento, os valores se inverteram e a idade começou a pesar à medida que se foi envelhecendo. Entendemos muito bem essa inversão quando nos deparamos com a afirmação de Hareven (1999, p. 23) de que o desprezo pela velhice “tem sido atribuído ao ‘culto da juventude’ ”.

Questiono, então: estar inserido no mundo tecnológico após os 60 anos de idade não seria uma transgressão (característica associada à juventude)? O que dizer de aulas pelo *Google Meet* aos 76 anos, aos 83, aos 90, ao lado de pessoas de 20 ou 30 anos? Boa parte daqueles representantes da terceira idade que colaboraram com minha pesquisa fazem questão de estar por dentro das tecnologias que vão surgindo, pois elas auxiliam na execução de seus projetos de vida. A descoberta de um mundo virtual amplia a compreensão de mundo, a compreensão de si e do outro, ajuda a vencer desafios e a planejar um futuro que se delineia como bem mais atraente e sedutor, que independe da idade, sem que se pense no limite do tempo de vida.

As tecnologias digitais modificam as práticas sociais da terceira idade, transformando-se em pedagogias no processo de relacionamentos afetivos, nos anseios por uma interação com outros grupos e na busca de pertencimento a um espaço, seja ele educacional, social, religioso. Entendo que a inclusão de tecnologias digitais no processo educativo de pessoas dessa faixa etária, na busca por novos horizontes, implica em mudanças sociais e pessoais, pois elas também anseiam participar, ter espaço e voz na cultura digital. Não se podem esquecer os desafios que a tecnologia impõe aos ‘imigrantes digitais’ – nascidos antes do advento da internet – que são diariamente confrontados por ela.

– Tenho no celular aplicativo de tudo, banco, cartão de crédito, Uber, *Ifood*, que eu instalei e uso quando preciso. Compras eu gosto de fazer, eu saio e vou ao supermercado. Às vezes, meu filho manda almoço pelo motoboy, quando quer mandar uma coisa diferente pra eu comer, mas eu gosto de fazer minha comida (JORASLANE, 72 anos).

As pessoas que estudei olham para os seus futuros, e vivem o presente, testemunhando e legitimando a “erosão da linha divisória entre as faixas etárias” (DEBERT, 2010, p. 54), aproximando-se do conceito *ageless*, que venho discutindo nesta tese. Juventude e velhice acabam se tornando rótulos a partir de um único marcador, a faixa etária. Projeto de vida é apenas para os jovens ou para o ser humano que olha pra o futuro? Leccardi (2005) nos ajuda a entender esse movimento.

A identidade pessoal, conseqüentemente, constrói-se em relação a uma projeção de si no tempo vindouro (o que quero ser?), graças à qual não apenas o passado adquire sentido, mas também é tolerada uma eventual frustração que pode acompanhar as experiências do presente. Portanto, se o futuro é considerado a dimensão depositária do sentido do agir; se é representado como o tempo estratégico na definição de si, o veículo pelo qual, em direta ligação com o passado, a narração biográfica toma forma, o diferimento da recompensa pode, então, ser aceito. Nessa perspectiva, o futuro é o espaço para a construção de um projeto de vida e, ao mesmo tempo, para a definição de si: projetando que coisa se fará no futuro, projeta-se também, paralelamente, quem se será. Em suma, a perspectiva biográfica à qual remete o diferimento das recompensas implica a presença de um horizonte temporal estendido, uma grande capacidade de autocontrole, uma conduta de vida para a qual a programação do tempo se torna crucial (LECCARDI, 2005, p. 36-38).

Ao chegar a este ponto, já conseguimos perceber que envelhecer pressupõe um processo biológico inerente ao ser humano, o destino esperado. E conseguimos entender que ‘ficar velho’ ou ‘ser velho’ varia de pessoa para pessoa e se atrela a algumas variáveis que dão sentido e marcam a trajetória (gênero, classe social, projetos de vida). Durante a escuta com o grupo pesquisado, houve possibilidade de visualizar o envelhecer na pós-modernidade não unicamente como um processo de perda, mas de ressignificação de papéis sociais – o que justifica a identificação de algumas daquelas pessoas com “acumuladores de juventude” e não com “velhos”.

Tratar do curso da vida pós-moderno exige a revisão da maneira pela qual um fato universal é explicado. A presença das diferenças de idade em todas as sociedades foi compreendida como fruto de uma necessidade da vida social, expressa em termos do processo de socialização (DEBERT, 2010, p. 61).

Os interlocutores desta pesquisa vivem sem estacionar física e mentalmente, sem parar de se movimentar, sem deixar de cuidar de si mesmas. Eles escolheram (porque puderam escolher) estar ali, estudando, buscando tornar realidade sonhos novos ou

antigos, realizando alguns projetos e criando outros, e assim sucessivamente. Isso tudo me provoca a examinar a autonomia dessas pessoas no seu cotidiano, ao que darei atenção no tópico que segue.

3.2 Pensando autonomia, independência e o processo de envelhecimento

Debert (1999, p. 14) aponta que “a partir da segunda metade do século XX, a velhice é tratada como uma etapa da vida caracterizada pela decadência física e ausência de papéis sociais”. Apesar de se verificar que, via de regra, as pessoas vão demandando cada vez mais cuidados e atenção com o avanço da idade e, em alguma medida, se tornando dependentes de outras, da ação de cuidadores, de políticas públicas específicas etc., não existe uma relação clara e definitiva entre terceira idade e dependência.

O ser humano experimenta autonomia e independência em momentos de sua vida ou em relação a alguma situação em específico. Segundo Tronto (2020, p. 32), “todos os humanos são vulneráveis, embora não da mesma forma ou nem em todos os momentos” (tradução nossa). Groisman (2015, p. 39) notifica que “é legítimo, em determinadas fases da vida, os indivíduos necessitarem de algum tipo de auxílio ou de cuidados prestados pela família, pela comunidade ou pelo Estado”. Como aponta Cerri (2015), a dependência seria constitutiva da autonomia e dialoga com os conceitos de interdependência e vulnerabilidade. Some-se a esses discursos, que “a modernidade, e especialmente o pensamento liberal, torna óbvio que todos os seres humanos somos dependentes em algum momento de nossas trajetórias, especialmente no início e no final do ciclo de vida” (MARTÍN-PALOMO, 2010, p. 57, tradução nossa). Portanto, concordando com Debert (1999), a tendência é rever os estereótipos associados ao envelhecimento, o que nos leva a perceber que o conceito de autonomia precisa ser relativizado, e pensado a partir de um contexto.

Isso posto, convido o leitor a conhecer o que algumas pessoas em processo de envelhecimento diziam quanto a sua autonomia, e como se percebiam autônomas. Por se tratar de pessoas de classe média ou média alta, é oportuno lembrar sempre que nos posicionamos frente a um grupo com privilégios. E neste ponto, preciso informar que: todas as pessoas que pesquisei habitavam em residências próprias, não moravam na casa de filhos, nem de outros familiares, mesmo que abrigassem pessoas da família ou tivessem dividido o espaço de seu lar com cuidadoras em algum momento de sua vida; e

que elas não falavam de um futuro em que precisariam ser cuidadas, sequer mencionavam se iriam viver com algum membro da família se chegassem ao ponto de perder sua autonomia – pelas próprias características do grupo pesquisado, os planos que faziam para o futuro não compreendiam dependência, apesar de reconhecerem que a vida vai mudando sempre.

– Sinceramente, acho que as pessoas deviam ser menos alarmantes. Eu acredito que, assim como eu, há muitos idosos saudáveis que têm bastante autonomia. Não tomo remédio nenhum, nunca vou à farmácia (JORASLANE, 72 anos).

– É aquela coisa, eu estou no patamar que eu estou hoje devido a meus esforços, opções entre o certo e o errado. Isso me dá autonomia. Eu não me importo se as pessoas vão aplaudir ou vão vaiar, se vão gostar ou se não vão gostar, sabe? Não é uma fase rebelde não, é uma fase de saber onde eu estou. Eu sei o que custou eu estar onde estou. E saber que o dinheiro que eu ganho na minha aposentadoria foi um dinheiro suado, e que nem foi justo em relação ao trabalho que eu tinha quando estava na ativa. Mas eu estou caminhando, sobrevivendo (CARLOS71_anf1).

– Eu continuo produzindo como quando era mais jovem. Não paro, cuido da casa, das plantas, oriento o serviço do caseiro. Resolvo tudo aqui em casa. Levo meu neto para a escola, preparo o almoço do filho (ALMIRA76_anf4).

O relato desta última anfitriã ilustra o que Debert (2010) destacou como “*nesting syndrome*”, pelas características da formação familiar e pela presença de filhos casados e netos no lar dos pais idosos. Isso nos leva a repensar a linha que separa as faixas etárias e suas características mais fechadas e estáticas.

Os temas do “*nesting syndrome*” para caracterizar os adultos que não querem abandonar a casa dos pais, dos “*kidults*” ou da “adolescentização” das etapas mais avançadas da vida têm servido para indicar uma nova configuração social, na qual a diferença de idades e a própria ideia de ciclos da vida parecem perder significado (DEBERT, 2010, p. 52).

Aquelas são pessoas que, segundo suas próprias percepções, vivem com autonomia. Mesmo aposentadas, têm responsabilidades (inclusive financeiras) com parentes e consigo mesmas. São pessoas ativas, independentes em sua rotina, responsáveis por seu cotidiano, e que se sentem muito orgulhosas de serem como tal. Esses são os ‘novos velhos’, vivendo num mundo que envelhece, que a cada dia toma novos contornos. Deixam em nós o sentimento de que são representantes do chamado

‘envelhecimento ativo’ (perpassados pelo discurso biomédico), exercendo o autocuidado, buscando o bem-estar, e de certa forma, reforçando (ou absorvendo) o discurso de que é preciso se preparar para a velhice ao tomar as rédeas e o protagonismo da própria vida. A anfitriã Joraslane, se considera “saudável”, com “bastante autonomia”; a ALMIRA⁷⁶ afirma que continua produzindo “como quando era mais jovem”; o CARLOS⁷¹ coloca a sua “autonomia” como resultante de seus esforços pregressos. A narrativa deste anfitrião em específico denota que ele se preparou para envelhecer com autonomia, para garantir uma boa velhice (GOLDENBERG, 2021), pelo menos esse pareceu ser o seu entendimento.

Cabe lembrar que muitos dos que hoje têm mais de 60 anos pertencem à geração que fez uma revolução comportamental no século passado, nos anos 1960 e 1970. Homens e mulheres que quebraram tabus, romperam com estigmas e preconceitos relacionados ao corpo, sexo, casamento, família, amor, trabalho etc. Essa geração – que alguns estudiosos chamam de *ageless* ou “sem idade” – envelheceu, mas não se aposentou de si mesma: continua tendo projetos de vida, criando, trabalhando, dançando, cantando, estudando, viajando, amando e muito mais. É uma geração que não aceita rótulos e etiquetas e que está inventando uma nova forma de envelhecer, assim como inventou uma forma de ser jovem no século passado. Ela é protagonista de uma verdadeira revolução comportamental e simbólica dos mais velhos, talvez a mais importante do século XXI (GOLDENBERG, 2021, p. 10).

É assim que podemos verificar que os idosos estudados buscam firmar sua autonomia, inventar sua ‘bela velhice’, deixar um ensinamento para as demais gerações que cada vez mais priorizam o que é imediato, individual, em detrimento do coletivo. Concordando com Groisman (2015, p. 43), “o que está em jogo, nos parece, é uma alteração na forma como as gerações auxiliam umas às outras, com possíveis tendências de redução da solidariedade social e emergência de um maior individualismo”.

Há sites de internet, *blogs*, livros de autoajuda etc. que trabalham no sentido de apontar comportamentos e ações para um envelhecimento saudável, ativo, e alguns deles até citam o ‘Estatuto da Pessoa Idosa: Lei nº 14.423 de 2022’ e a ‘Política Nacional de Saúde da Pessoa Idosa: Portaria de Consolidação GM/MS nº 2/2017’ para embasar suas argumentações. É uma tendência cada vez mais atual responsabilizar a pessoa idosa pelo seu bem-estar e autonomia. No entanto, cada ser humano, seja qual for o segmento etário a que pertença, tem mais habilidade com umas coisas do que com outras (autonomia costuma ser confundida com habilidade), e a independência com que

vive é resultante de todo um contexto de vida. É isso que estão nos mostrando as pessoas que pesquisei com seus exemplos, desde que tenhamos a clareza de perceber seu lugar de fala, as condições de seu entorno.

Como escreveu Simone de Beauvoir, determinados homens e mulheres, por terem projetos de vida e uma vida mais ativa, criativa e independente, podem ajudar a revelar os caminhos para a construção de uma “bela velhice”. Apesar de não serem numerosos, os seus exemplos de vida são importantes e reveladores de como é possível aprender a envelhecer de uma forma mais autônoma, digna e saudável (GOLDENBERG, 2021, p. 23).

A autora destaca ainda que, a partir do seu trabalho conseguiu chegar a um lema para a “bela velhice”: “ ‘Eu não preciso (mais), mas eu quero’ . Eles querem ter tesão no que fazem. Querem envelhecer do jeito que escolheram livremente e não de acordo com as convenções sociais” (GOLDENBERG, 2021, p. 38). Seria uma questão de escolha pessoal, como acontece também no meu campo de pesquisa no tocante à tecnologia, por exemplo – há pessoas idosas que se dão bem, e até escolhem qual dispositivo utilizar e com que intensidade se envolver –, lembrando que algumas decidiram abandonar as aulas, não participar dos encontros virtuais e aguardar o retorno presencial. Elas todas, com liberdade, fizeram suas escolhas.

– Mais do que nunca aquela coisa de poder viver a minha liberdade está condicionada ao que eu quero fazer, viajar, ter minha vida, curtir a vida de uma maneira que eu goste. Isso aí eu acho que é o bom de estar idoso, ter envelhecido e de alguma forma estar maduro, seguro nas decisões e opções (CARLOS71_anf1).

Conteúdos sobre a autonomia aparecem em outros relatos, enunciando variados aspectos da vida cotidiana. Alguns mostram que chegaram num estágio da vida em que não têm que provar nada para ninguém, não têm que provar competência, denotando a sensação de dever cumprido.

– Depois que fiquei viúva, trabalhei mais dois anos, e resolvi assumir minha vida da minha forma, coisas que não podia fazer antes, comecei a fazer. [...] Hoje, eu posso fazer coisas que não podia fazer antes, porque trabalhava. Agora, eu me exercito, jogo, passeio, estudo. Sou muito ativa (SONIA66_anf6).

– Tô indo à Bélgica, sozinha, e se tudo der certo, vou voltar a morar lá, porque até me ofereceram emprego. (ROSÂNGELA, 63 anos).

– A melhor coisa é estar vivendo unicamente pra mim. Ter disponibilidade pra mim. Fazer as coisas que eu gosto. Estar com as pessoas que eu gosto, e não ter que provar nada pra ninguém, não ter que provar competência profissional, competência familiar, ou na área afetiva, de ser exemplo ou vitrine. Isso é muito importante. É uma liberdade que você tem. Eu não tenho que provar mais nada. O que eu tenho é que viver com saúde e proporcionar às pessoas que estão a minha volta um relacionamento tranquilo, de respeito. Isso aí é que é o melhor da terceira idade. Essa sensação de dever cumprido, sabe? (CARLOS71_anf1).

Essas narrativas são de pessoas aposentadas que residem sozinhas, algumas têm filhos, netos etc., mas afirmam ser independentes tanto no âmbito financeiro quanto no tocante à tomada de decisões nos seus cotidianos. Elas não têm mais “que provar nada pra ninguém”, nem “ser exemplo ou vitrine”, como ressalta o CARLOS71_anf1, e estão dispostas a realizar seus sonhos, com toda a maturidade adquirida. Como bem assinala Debert (1999, p. 14), “as experiências vividas e os saberes acumulados são ganhos que oferecem oportunidades de realizar projetos abandonados em outras etapas e estabelecer relações mais profícuas com o mundo dos mais jovens e dos mais velhos”. Aquelas pessoas estão investindo o seu tempo em atividades prazerosas, postergadas devido a outras demandas da vida, e que agora podem ser viabilizadas, nesse novo e belo momento. Algumas anfitriãs aposentadas que residem sozinhas se somam a esse coro de que esperam mais para o futuro.

– Assim que passar tudo isso [referindo-se à pandemia] e eu puder viajar, vou para o meu interior. Quero abrir um projeto junto à prefeitura da cidade de Emas [cidade do estado da PB] para trabalhar com os jovens, adolescentes... tenho muitas ideias. Quero retribuir tudo o que minha cidade fez por mim. É um lugar simples, lindo, e quero ajudar as pessoas de lá. Tenho muitas saudades (ERCILIA80_anf7).

– Após a morte da minha mãe, fiquei meio desorientada. Preciso continuar a minha jornada de vida, inclinada ao retorno para o Rio de Janeiro, visando continuar algumas ações importantes que deixei para trás, rever meu filho. Mas vou vivendo o momento, o presente, sem me preocupar com o passado ou o futuro. Venho buscando equilíbrio na área cognitiva para assim melhorar o meu condicionamento físico, mental e espiritual. Para preencher meu tempo e crescimento também. Sou tímida, desorganizada. Arranjei tarefas demais que não consigo dar conta. Sinto muita insegurança em algumas áreas da minha vida, em aprender francês, tenho vergonha de falar. São coisas que estou trabalhando pra superar e é algo que vou priorizar (GRAÇA68_anf9).

– Pelas inúmeras perdas [durante a pandemia], em todos os níveis, tenho a consciência que não se tem tanto tempo disponível para uma reconstrução de vida, mas não é por isso que a vida acabou, não. Muito pelo contrário. Quero voltar a viajar, encontrar meus amigos (LUCIA80_anf10).

Esses três relatos mostram a consciência que as pessoas têm de que o tempo traz desafios para suas vidas – se ele não for amigo, não precisa ser visto como um inimigo destruidor de sonhos. Independentemente no seu cotidiano, sofrem com as perdas, precisam aos poucos retomar o rumo, porém partem do entendimento de que a vida segue, e ‘preencher meu tempo’ pode significar ‘viver da maneira que eu posso até conseguir voltar a viver da maneira que eu quero’, sem nunca desistir, mas, de igual modo, ‘sem nunca me espelhar no que os outros pensam ou esperam de mim’.

É próprio da sociedade de consumo fazer do direito de escolha um dever de todos. Os indivíduos que se mostram incapazes de aumentar sua autoestima e fazer da vida uma experiência gratificante são vistos como uma espécie de consumidores falhos que não souberam adotar bens e serviços adequados (DEBERT, 2010, p. 52).

Em suma, meus anfitriões e anfitriãs afirmavam viver com autonomia física e econômica, pois costumavam fazer viagens, cursos, praticar esportes, frequentar cursos para a terceira idade numa universidade pública, e construir seus planos ou projetos de vida com independência e liberdade. Representam, assim, uma velhice com privilégios, dada a classe social a que pertencem, principalmente – para grande parte do grupo pesquisado, os privilégios são o reflexo das escolhas do passado –, e suas escolhas, suas ações, seu estilo de vida nos remetem à reprivatização da velhice discutida por Debert (1999) e também por Longhi (2018, p. 54) – que alerta, contudo, para um processo “que transforma a velhice numa responsabilidade individual” – a partir da lógica do envelhecimento ativo, a velhice passa a ser vista como responsabilidade de cada indivíduo, ou seja, ele seria o único responsável por seu modo de vida e contexto social. A partir dos discursos da biomedicina, observa-se “uma expansão da medicalização dessa etapa da vida, que visa aumentar a longevidade a partir de produtos que melhorem o desempenho, seja cognitivo, seja sexual ou seja social” (SANTOS, 2021, p. 66).

Neste ponto, preciso voltar a um ponto interessante para reflexão sobre autonomia e dependência: a tecnologia e a maneira como as pessoas acima de 60 anos se relacionam com ela. Apesar do engajamento tecnológico da maioria das pessoas pesquisadas, algumas admitiam sentir alguma dificuldade ou não ter interesse em usar determinados aparatos que surgiram nas últimas décadas, os quais passaram a fazer

parte do nosso cotidiano. Observe-se o entendimento que uma das alunas têm acerca da tecnologia, a partir da definição que nos fornece.

– Sobre tecnologia digital, eu vou falar como entendo. Pra mim é um meio onde.... tem que estar usando a sua digital, uma senha de banco, você vai, faz sua biometria. Agora pra fazer título, mostra o olho. Digital pra mim é isso, é tocar seu físico, sua digital, pra você ter acesso. É o meu entender (SONIA66_anf6).

A definição apresentada pela SONIA66_anf6 destaca bem a tecnologia como um ‘meio’ para alcançar um ‘fim’, de alguma forma tocando o nosso corpo, cada vez mais fazendo parte do nosso cotidiano. Os apontamentos de Costa & Andrade (2015), elucidam as práticas sociais como pedagogias que ensinam e contextualizam o sujeito no universo que ocupa. Para o grupo, é perceptível esse entrelaçamento em campo. Para a anfitriã, as tecnologias digitais são mais que um processo de modernização da sociedade, são a possibilidade de construção de redes entremeadas por afetividades e aprendizagens. Essa perspectiva trazida pela anfitriã SONIA66_anf6 contempla o que McLuhan (1964) discute quando afirma que toda tecnologia gradualmente cria um ambiente humano totalmente novo.

Uma idosa do grupo destacou suas inúmeras limitações ao lidar com aparatos tecnológicos, e revelou que costumava ser chamada de “burra” pelo filho. Ela confessou se socorrer com a netinha nos momentos em que não conseguia se resolver sozinha. Assim, apesar de se considerar autônoma, a idosa dependia da neta para realizar algumas tarefas, que envolvessem tecnologia principalmente, e conseguir resolver questões do seu cotidiano.

É necessário relativizar e trazer ao debate os conflitos existentes ante as gerações sob a ótica da tecnologia. Não se trata apenas de ‘alfabetizar’ os idosos para o universo da cultura digital, mas sim compreender as práticas sociais existentes a partir de suas demandas com estes novos dispositivos midiáticos (ANDRADE, DETMERING & ARAÚJO, 2019, p. 201).

Entendemos que “situações de dependência podem ocorrer, e de fato ocorrem, em todas as etapas da vida” (MARTÍN-PALOMO, 2010, p. 58, tradução nossa). Nesse sentido, os estudos de Martín-Palomo (2010) sugerem tratar as limitações sob uma perspectiva da diversidade funcional – segundo a autora, mesmo que não resolva

completamente a questão, essa perspectiva sugere uma análise crítica dos processos sociais e históricos que nos circundam, e permite entender que nós, seres humanos, “somos interdependentes”, perspectiva muito próxima do que sugere Cerri (2015).

Não podemos esquecer que o envelhecimento é o futuro da humanidade, embora não de toda ela. E os que chegaram até aqui, à terceira idade, o que mais têm a nos dizer sobre como lidam com as diferentes tecnologias na atualidade?

– Eu uso muito o *WhatsApp*. Tenho redes sociais, mas nem uso. Escanteio. O *WhatsApp* é suficiente, me comunico com os amigos, família, com as pessoas de muitos anos de quando eu era jovem, com todo mundo. Tenho facilidade com essas tecnologias. Por exemplo, tirar do *WhatsApp* [fotos, vídeos] e colocar na nuvem, olhando as minhas anotações que tenho, aí a gente faz. (JORASLANE, 72 anos).

– Em se tratando de tecnologia, uso o sistema de delivery com a ajuda da minha filha, que foi quem instalou os aplicativos nos celulares da gente. Não saio pra fazer compras, uso o aplicativo do supermercado que já frequentava porque lá tem produtos sem glúten, sem lactose e sem açúcar. Por telefone, faço compras de remédio, mas o de prevenção de câncer que não posso parar, retiro a medicação no Hospital da Unimed que recebo por 3 meses. É o único momento em que saí de casa. Em se tratando de informática, eu desenrolo melhor que Jório (ANAMARI74_anf3).

– Eu peço por telefone o gás, e faço sozinha minhas compras no supermercado. Tenho muito cuidado com a higiene das mãos, uso máscara e tal, mas eu vou. Eu tenho aplicativo de Uber no meu celular que eu instalei e usei quanto estive sem carro, mas agora não tenho usado, porque não tenho precisado (MAJU, 73 anos).

A interlocutora Joraslane não gosta de redes sociais, e as ‘escanteia’, preferindo o *app* (aparato tecnológico) de mensagens, e se dá muito bem com ele. A anfitriã escolhe o que mais lhe agrada, mesmo tendo facilidade no uso das diversas tecnologias. A ANAMARI74_anf3 nos apresenta as estratégias que utiliza: usa o telefone e os *apps* também para a compra de itens no dia a dia. A Maju variava entre o uso do telefone, do aplicativo e as saídas, admitindo que se deslocava para fazer compras no período pandêmico.

As estratégias dos anfitriões no uso de tecnologias ficaram bastante destacadas no período de isolamento compulsório. Eles fazem parte do grupo de risco que foi mais cobrado e monitorado para não se infectar pelo coronavírus, e sentiram sua autonomia ser tolhida, precisando fazer escolhas dentro de um panorama de controle, a partir de suas redes de apoio. Nossas escolhas podem acabar por nos posicionar em um lugar de dependência ou de autonomia, conforme o enfoque priorizado, mas também

demonstram “gestão dos perigos associados à infecção” como destacam Schuch, Víctora & Siqueira (2020).

O envelhecimento e a gestão dos perigos associados à infecção por Covid-19 se tornam assim compreendidos prioritariamente em e a partir das relações entre os sujeitos, seus vínculos relacionais e as infraestruturas políticas de cuidado, mais do que por seu caráter exclusivamente normativo associado à idade cronológica (SCHUCH, VÍCTORA & SIQUEIRA, 2020, p. 11).

Vejamos mais alguns relatos, inclusive um do anfitrião MARINALDO82_anf2 se posiciona avesso a aparatos tecnológicos. Contudo, no auge dos seus 83 anos de idade, é um ótimo exemplo de quem se envolve com a tecnologia da maneira que deseja. Esse seu envolvimento o levou a receber elogios de uma colega de turma, a LUCIA80_anf10, em momentos de descontração na sala de aula virtual. Ainda, ele criou e administra o *blog* da turma de francês, e já administrava o *blog* da Associação dos Aposentados das Telecomunicações-PB há anos, o que ampliou consideravelmente sua rede de contatos e o seu rol de amizades.

– Não uso aplicativo. O que precisamos, meu filho sai e compra. E outros aplicativos, nunca instalei, nem sei e não preciso usar (MARINALDO82_anf2).

– Não sei usar essas tecnologias, mas não sou inútil (MARTHA70_anf11).

– Não sei usar todas as funções do meu celular, mas cada dia aprendo mais. Estou até usando o Duolingo⁴⁵ pra estudar francês. E sei que nem todo mundo consegue usar (NATAN, 66 anos).

Observa-se mais uma vez a liberdade de escolha que meus anfitriões tanto valorizam e apregoam. Inseridos numa interessante discussão sobre terceira idade, Dantas *et al.* (2014), defendem o uso das tecnologias digitais como instrumento de relações sociais.

Mais que estar “atento” ao mundo tecnológico, os dispositivos midiáticos possibilitam, para este grupo, uma maior interação na sociedade. O tempo disponível com a chegada da terceira idade pode ser ocupado de forma prazerosa pela busca por novos conhecimentos, o que é essencial para a conservação da saúde mental, uma vez que, a maioria dos idosos sofre de

⁴⁵ Site e aplicativo móvel de aprendizado de idiomas.

doenças psicológicas decorrentes da falta de estímulos neurológicos. O domínio das tecnologias computacionais amplia experiências, amizades e horizontes e proporciona uma forma de lazer segura e desafiadora e evitando doenças tal como a depressão. (DANTAS *et al*, 2014, p. 3).

As assertivas de DANTAS *et al* (2014) corroboram os resultados da pesquisa divulgada na revista *Neurobiology of aging* mencionada na seção 2.2.3 deste trabalho. Pesquisadores alemães mostram a relevância do estudo de língua estrangeira na prevenção do Alzheimer e de outras doenças degenerativas, e a importância de estímulos neurológicos para manter o cérebro ativo.

Enfim, o grupo de idosos com quem pesquisei se sente feliz com suas próprias escolhas, vivendo intensamente, fazendo “coisas que não podia fazer antes, porque trabalhava”, como nos esclarece a SONIA66_anf6. Esse relato exemplifica o que Goldenberg (2021) trata como ‘tempo da obrigação’ *versus* ‘tempo da vontade’. Relatos como este, ouvi principalmente de mulheres da turma, assemelhando o que verifiquei na minha pesquisa com relatos de outras pesquisadoras (SANTOS, 2021; SIQUEIRA, 2014; SOARES, 2013), e também com os de Goldenberg (2021), que nos apresenta sua interpretação das narrativas das mulheres idosas que ela estuda há vários anos.

Mais jovens, cuidavam e se preocupavam com os outros. Mais velhas, cuidam e se preocupam mais consigo mesmas. O uso que fazem do tempo é a medida dessa mudança de foco. A prioridade agora é o tempo para pequenos prazeres do cotidiano: é um tempo livre, elas podem escolher como empregá-lo. Antes, um tempo para os outros. Hoje, um tempo para si. Antes, o tempo da obrigação. Hoje, o tempo da vontade (GOLDENBERG, 2021, p. 93).

A autora nos mostra que as pessoas idosas, em muito maior número as mulheres, passam uma vida inteira se dedicando aos outros, e que só tardiamente aprendem a respeitar e seguir suas próprias vontades, a dedicar um tempo para pensar em suas necessidades, a buscar um “tempo para si”⁴⁶. Como nos alerta Nowotny (1993), o tempo foi encurtando cada vez mais, e foram criadas dinâmicas individuais e coletivas para seu manuseio e aproveitamento. Entende-se, então, o futuro como o presente estendido, o

⁴⁶ “A intensificação do mundo do trabalho e a inserção das mulheres nesse mercado aumentou suas demandas por uma nova categoria de disponibilidade: a do Tempo para si, o tempo autogerenciado, fundamentado na escolha, e não na obrigação, daí a ideia de que tempo para si é um tempo de liberdade, individualizado” (SOARES, 2013, p. 253).

que remete a um pensamento de que o momento de planejar e aproveitar é o momento atual, o momento presente.

O futuro não oferece mais aquele espaço no qual todos os desejos, esperanças e medos poderiam ser projetados sem muita dificuldade, porque parecia longe o suficiente para poder acolher tudo o que não tinha lugar no presente ou que era indesejável. O futuro se aproximou da realidade presente, até porque o horizonte de planejamento se alargou. Mas isto também significa que está se aproximando do presente. Com a massa de atividades humanas e as suas repercussões, se tornam visíveis, porque exigem tempo de planejamento e tempo de inicialização que não podem ser reduzidos à vontade, e só com dificuldade podem ser cancelados, criou-se uma dinâmica própria do presente que deve centrar-se em si mesmo (NOWOTNY, 1993, p. 51-52).

A autora defende que os caminhos do tempo vão ficando mais densos e estreitos. Dessa forma, “o presente estendido encolhe o futuro: não o contrário. O futuro é ‘oportuno’, estreitado pela formulação de projetos de longo prazo. Ao deslocar a relação entre presente e futuro, este último é operacionalizado no presente” (NOWOTNY, 1993, p. 52). Os meus anfitriões (colaboradores do gênero masculino) falam sobre o tempo no sentido do passar dos anos, diferentemente das anfitriãs que falam mais do tempo para si nesse momento em que vivem a terceira idade.

Apesar de falarem de tempo em relação ao passar dos anos, não se percebem ‘velhos’ – não percebem ruptura, mas em vez disso um *continuum*. Recordo-me de uma frase do aluno Haroldo em uma de nossas conversas no ano de 2019: “Eu tenho as mesmas necessidades de uma pessoa mais jovem. Ainda não me sinto velho”. Deduzo que para este anfitrião, ser velho seria um estágio similar a não ter mais necessidades e anseios, seria o fim da carreira, ou talvez ele entendesse que o ser humano velho (“o outro”) tem necessidades diferentes das dele. Simone de Beauvoir alertava sobre esse fato de o idoso não se sentir velho, como nos mostra Goldenberg (2021).

“Velho é o outro”. Simone de Beauvoir acreditava que, a maior parte das vezes, os indivíduos de mais idade só se sentem velhos por meio do olhar dos outros, sem terem experimentado grandes transformações interiores ou mesmo exteriores. Velho, para quase todos, é sempre “o outro” (GOLDENBERG, 2021, p. 93).

Relatos como aquele do anfitrião Haroldo, eu cheguei a escutar por inúmeras vezes de outras pessoas idosas do grupo ratificando que não se sentem idosas. Seguem-se outros relatos de quem também não se vê como tal.

– Ainda não estou com minha mente voltada para essa finalidade, envelhecer. Mas vou chegar lá. Vivo como se ainda tivesse 30 anos. Quando as forças me abandonarem, vou me convencer que realmente estou velha (SONIA66_anf6).

– Apesar de ter 65 anos, não me sinto idosa (GRAÇA68_anf9).

– Na minha cabeça, não há divisão entre ser jovem e ser velha. Acho que é apenas VIDA, apesar de que com o passar dos anos, você chega ao tempo de usufruir daquilo que você já produziu, podendo realizar velhos sonhos. Porque a VIDA não para, apesar de eu já ter sido “mordida” por doença de “VELHO”, o CÂNCER. Mas graças a Deus, estou vencendo com minha força mental, apoio da minha família e orientação médica correta (ANAMARI74_anf3).

A anfitriã ANAMARI74_anf3 resumiu o entendimento do grupo de frequentadores do francês no NIETI quanto à condição de ‘idoso’: “é apenas VIDA”. No entanto, quando alguém ou alguma situação, um demarcador, deixa claro seu *status* de ‘idosas’ é que aquelas pessoas sentem ‘cair a ficha’. Para ampliar esta análise, trarei outros relatos no Capítulo 4 acerca da pandemia por Covid-19 como demarcador da entrada de alguns anfitriões na terceira idade, uma oportunidade de trazer uma discussão em torno de velhices e independência naquele contexto específico.

Encerrando o debate desta seção, ensejei discutir a possibilidade de se viver com autonomia após os 60 anos de idade, mantendo em dia sonhos e projetos de vida. A seguir, apresento as formas como os anfitriões percebem os seus processos de envelhecimento e os diversos significados que atribuem a esse momento de suas vidas.

3.3 “Envelhecer é muito ruim”

Em determinado momento da minha pesquisa, quando comecei a ter uma escuta mais individualizada, percebi outras facetas da velhice dentro das velhices presentes no meu campo. Deparei-me com algumas precariedades, com a solidão, as doenças, as dificuldades financeiras, o fato de as pessoas, com o avanço da idade, não poderem mais fazer certas coisas, com os “órgãos dando sinais de que a ‘máquina’ já não está funcionando bem” (LONGHI, 2018, p. 52). Tudo isso me trouxe inquietações,

desconstruí minha ideia de que aquele grupo vivenciava uma velhice perfeita, com total autonomia. Mas, afinal, o que seria uma velhice perfeita? Quem tem total autonomia? Acabei sendo confrontada em meus pré-conceitos e tendo que lidar com as limitações do alunado, repensando algumas ações em sala de aula; enquanto pesquisadora, pude acessar novas e ricas informações que aquele grupo de pessoas idosas passou a me ceder. Ouvi narrativas como as que se seguem.

– Fale devagar, pois na minha idade, sinto dificuldade de entender (ERCILIA80_anf7).

– Enfartei, no início da semana. Saí hoje da UTI, vou ter que passar por exames, mas estou confiante. Quero melhorar para voltar às aulas antes de dezembro (CARLOS71_anf1).

– Eu já não tenho mais 20 anos, minha memória está falhando. Eu começo a conversar, daqui a pouco, já nem sei o que estava dizendo (ALMIRA76_anf4).

Talvez por todo contexto, pela ambiência (por elas estarem estudando um idioma reconhecido como difícil e elitizado, por terem um histórico de viagens e realizações que as colocava numa situação privilegiada ante outros indivíduos), eu esperasse ouvir apenas relatos de uma “bela velhice” (GOLDENBERG, 2021). Entretanto, os pré-conceitos foram sendo desconstruídos e a escuta atenciosa foi mostrando que a vida com autonomia e independência verificada ali era resultante de um sem-número de variáveis, de um “entorno social, ambiental, cultural, através do qual a autonomia acaba surgindo” (CERRI, 2015, p. 127), o que não excluiria a ocorrência de adversidades. Os relatos traziam a marca da velhice nos corpos e como se dava a percepção da chegada desse momento específico da vida, junto com a (des)valorização social que acompanha o processo. Isso nos apresenta o ‘ser velho’ como um (des)valor.

– Sou velho para o mundo, e isso é muito triste, porque as pessoas me julgam pela minha aparência. Não posso evitar que me chamem de velho [...] E a pior coisa de estar velho é você se sentir velho, imprestável, e muitas vezes você sente isso porque uma sociedade rotulou você assim... “lugar de velho é no cantinho, no fundo da casa, na frente da casa ou no terraço, sentado numa cadeira de balanço, vendo a vida passar”, né? A gente sabe muito bem que há diferença entre ser velho e ser idoso. Não é ruim ser velho, dá pra se viver (CARLOS71_anf1).

– A pior coisa de ser terceira idade é a discriminação, o tratamento que recebemos por parte de algumas pessoas ou órgãos públicos, como se fôssemos imprestáveis (SONIA66_anf6).

– Que bom que você ligou pra mim, professora [...] quero conversar. Estou muito sozinha, sem companhia. É muita solidão (ERCILIA80_anf7).

As narrativas destacam a impotência sentida diante dos estereótipos: “Sou velho para o mundo [...] Não posso evitar que me chamem de velho.” Elas me ajudaram a entender a frase proferida por um dos anfitriões, e que intitula esta seção “Envelhecer é muito ruim” (CARLOS71_anf1). Eu quis saber o porquê de o anfitrião pensar daquela forma e o questionei, porque em outras oportunidades ele traz outras narrativas menos pessimistas e até mostra o lado bom de ter chegado a este momento da vida. Foi então que ele explicou que a sociedade rotula as pessoas pela aparência.

Nas minhas leituras verifiquei que a visibilidade reforça a invisibilidade, e a solidão é um preço que muitas pessoas idosas acabam pagando por terem atingido uma idade avançada. Em O CORPO UTÓPICO, Foucault (2013) questiona brevemente essa relação, declarando: “este mesmo corpo que é tão visível, é afastado, captado por uma espécie de invisibilidade da qual jamais posso desvencilhá-lo” (FOUCAULT, 2013, p. 10). O sofrimento causado pela discriminação marca a alma e a mente, e as pessoas acabam sendo afetadas negativamente no processo, até o ponto de encararem a velhice como algo ruim.

– Ser idoso não é algo bom, nosso corpo muda, juntamente com a idade vêm os problemas de saúde e a morte de pessoas próximas (HAROLDO, 73 anos).

– Até meus 67 anos de idade, eu era 100% juventude, mas a vida testa esse estado de espírito, e então fui surpreendida com um câncer de mama. Isso me fez pensar em idade cronológica pela primeira vez na minha vida. Aí agora vem a Covid e dá outra chacoalhada no estado de espírito da gente (ANAMARI74_anf3).

– O que não é bom são as dores no corpo, o cansaço infinito, a memória. Eu estudo agora, mas no mesmo dia, eu já não sei mais o que estudei, aos pouquinhos é que vou assimilando, lentamente. A experiência de velho é muito ruim. Eu já me sinto uma velha horrorosa. Fico toda dolorida de ficar sentada muito tempo (ALMIRA76_anf4).

– Eu não consigo fazer tudo sozinha. Tem duas moças que vêm, me ajudam, mas são casadas, têm marido, e no final de semana elas têm que estar em casa também. Da segunda até a sexta, elas me ajudam com a casa, a lavagem de roupa. Pra mim, já é fundamental, porque a minha idade não combina muito com essa luta (MARTHA70_anf11).

– Há umas coisas que não são boas: não dá para dançar essas músicas modernas; as comidas que mais gostamos, não podemos mais comer; há momentos em que esquecemos os nomes de antigos colegas; temos que esperar em consultório médico o horário de nosso atendimento; temos que ficar na fila da terceira idade nos bancos e supermercados; ouvir só notícias

de morte ao ligar a TV após as 19 horas. Essas coisas é que são ruins (MARINALDO82_anf2).

Nos relatos, percebemos questões físicas, estéticas, de limitação de movimento, o reconhecimento de que os amigos da mesma geração vão morrendo etc., destacando aspectos que as pessoas em processo de envelhecimento percebem como limitadores das ações. Trazem a visão um tanto pessimista sobre o avanço da idade no corpo, aparecendo a noção de que “ser idoso não é algo bom, nosso corpo muda”. Obviamente, esse é um discurso legítimo e importante, que traz a negação do corpo físico envelhecido e da imagem refletida no espelho. Contudo, apesar dessas personificações do ‘estar ficando velho’ a partir da corporeidade, lembremos que a velhice não é homogênea, mas sim, uma abstração, plural, subjetiva, que traz consigo perdas e ganhos (BORGES *et al*, 2008). De acordo com Millôr Fernandes, “Você está começando a ficar velho quando, depois de passar uma noite fora, tem que passar dois dias dentro”⁴⁷.

Anedotas à parte, e recordando Lins de Barros (2018, p. 81), “idades cronológicas são construções sociais e históricas em processo constante de transformação e, desta forma, são definidos e redefinidos os significados atribuídos” a elas. E a questão que aqui se destaca é a de como nos posicionamos perante essa transformação sofrida com o passar dos anos.

– A pior coisa que existe é ser ignorado por quem você ama, é viver na solidão. É ser velho de cabeça. As dores no corpo aparecem e isso é um ponto ruim. Porém, o envelhecer deve vir acompanhado de sabedoria, senão doerá mais na alma. É claro que, com o passar dos anos, nosso corpo vai apresentando sinais de cansaço. O ritmo tende a diminuir e a fisionomia transparece o tempo que já vivemos. Envelhecer também é sinônimo de amadurecimento e, desde que saibamos levar a vida com consciência e aceitar a fase em que nos encontramos, podemos vivê-la com sabedoria e felicidade. Envelhecer não é fácil, mas pode ser prazeroso. Afinal, estamos aqui pra contar (LENIR65_anf5).

– Isso é o pior da terceira idade, a limitação pelas circunstâncias da idade, em várias instâncias. Ou então viver em função do que você foi e fez no passado. Lembrando Clarice Lispector: “Espero em Deus não viver do passado. Ter sempre o tempo presente e mesmo ilusório, ter algo no futuro”, e não viver do passado, “das coisas boas do passado etc., etc., etc.”. Olhar esses vídeos que passam nas redes sociais, pra mim fazem parte dos museus da existência, não fazem parte do meu existir. Citando Daniel Lima, “envelhecer é para mim, amar o mundo, todas as coisas do mundo, as reais e as não reais, com a força toda e a lucidez que a vida foi acumulando na alma, no ser inteiro da gente” (LUCIA80_anf10).

⁴⁷ Blog do Boi Tempo. Disponível em: <<https://blogdaboitempo.com.br/2015/06/30/cultura-inutil-sobre-velhos-e-velhice>>. Acesso em: 24 set. 2023.

Uma das hipóteses que me surgiam quando escutava os relatos era que essas visões da velhice estariam diretamente relacionadas à trajetória de vida de cada pessoa, concordando com as proposições de Camarano, Kanso & Leitão e Mello (2004). Os diversos significados podem ser vistos nos relatos que venho trazendo, tanto de quem enxerga a velhice como algo negativo, como de quem consegue enxergá-la e vivenciá-la com uma visão mais ponderada.

– Você tem consciência de que tudo que é vivo, tudo que tem vida, vai envelhecer, que as coisas não serão mais as mesmas... a vitalidade, o interesse pelas coisas, sabe? A questão é se você vai se considerar um velho e se entregar, ficar na comodidade de uma cadeira de balanço e se julgar imprestável, ou se você vai participar de grupos com pessoas da sua idade, vai participar de excursões, vai interagir na internet, com competições esportivas, literárias... você vai se desenvolvendo. Acho que a pandemia deu isso pra muita gente, essa condição de você aprender a internet, vasculhar mais a internet, ver coisas lá. E até causa espanto quando a gente vê os idosos nas redes sociais, postando, se comunicando, falando da vida, mandando mensagens muitas vezes de autoestima pra outras pessoas. Essas são as opções, ficar velho num canto, um imprestável, ocupando um espaço, ou viver de uma forma diferente (CARLOS71_anf1).

O anfitrião que falou que “envelhecer é ruim” traz agora um relato de que é possível fazer escolhas, falando de opção individual – ou a pessoa se entrega à inércia ou sai e busca a mudança. São possibilidades dentro dessa “abstração, plural, subjetiva” sobre a qual Borges *et al* (2008) nos alertavam. Nos inúmeros relatos que constam no diário de campo, podem ser observadas queixas, opiniões variadas sobre velhice, juventude, dificuldades cognitivas, relatos de doenças e de adoecimentos etc., um vasto leque de percepções e opiniões que suscitam mais perguntas do que respostas.

– Até meus 67 anos de idade, eu era 100% juventude, mas a vida testa esse estado de espírito...e então fui surpreendida com um câncer de mama... isso me fez pensar em idade cronológica pela primeira vez na minha vida (ANAMARI74_anf3).

A doença que acometia anfitriões e anfitriãs causava bastante preocupação. As pessoas não gostavam de se ausentar das aulas e lamentavam bastante quando isso acontecia. Ademais, ficavam preocupadas com o aparecimento de certas enfermidades

que afetavam seus ritmos de vida, seus planejamentos a curto e médio prazos, afastando-as do convívio com amigos, familiares e colegas de turma.

– Infelizmente, hoje, não estarei presente na aula, porque na última sexta, eu sofri uma paralisia facial periférica, estou em tratamento de fisioterapia e acupuntura e guardando repouso. Mas, creio na misericórdia do Senhor que breve estarei recuperada, então estarei de volta para as nossas aulas e a companhia de vocês que muito me deixam feliz (MARIA DOS ANJOS, 79 anos).

– Professora, nunca fico doente, mas chegou tudo de uma vez, Covid, Chikungunya e acabou resultando em uma leucemia. Estou fazendo quimioterapia, por isso não tenho participado das aulas. Estou sofrido por isso, mas que seja feita a vontade de Deus (PEDRO, 72 anos).

O câncer apareceu como uma das causas de adoecimento mais frequentes entre meus interlocutores, por vezes, com reincidência, como é o caso do Pedro que enfrentava a doença pela quarta vez. Para ele, a pandemia foi um desafio ainda maior, pois várias enfermidades apareceram ao mesmo tempo, impedindo-o de seguir com seus planejamentos de vida. À época, mesmo às pessoas que não desenvolveram a Covid-19, o período de isolamento afetou de outras formas e em outras áreas, não apenas no aspecto físico, como podemos constatar nas seguintes narrativas.

– Não é que eu não queira falar sobre certos assuntos. Neste momento, eu não estou bem psicologicamente, e só de pensar já me sinto abalada. Quando puder, eu continuo colaborando com sua pesquisa. Que Deus te abençoe (ERCILIA80_anf7).

– Tenho pensado muito no país, nas pessoas que não estão podendo trabalhar, o vendedor de pipoca, de milho, eles não têm o que comer. Eu trabalho há 10 anos numa comunidade, e eles não estão podendo sair pra catar lixo, recicláveis, porque foi proibido e estou preocupada, muito preocupada, porque estão precisando de ajuda, quase passando fome. Fico triste também de ver o povo se aproveitar do momento pra fazer politicagem, muita picuinha. Tá faltando é amor nesse mundo (MAJU, 73 anos).

A tristeza e a depressão foram afetações que apareceram muito frequentemente nos relatos, a exemplo do que acabei de apresentar. Surgiam narrativas demonstrando preocupação consigo mesmos e com os outros. Se em algum momento os anfitriões trazem relatos pessimistas, demonstrando descontentamento com seu momento de vida, em outros eles conseguem se mostrar muito mais otimistas, e seus diálogos se

distanciam daquele discurso anterior. Atentemos, agora, para a narrativa a seguir que se distancia dos relatos apresentados até o momento nesta seção.

— Agora, na terceira idade, aos 68 anos, viúva, já aposentada, vi-me diante da oportunidade de realizar o sonho de infância que era ser aeromoça, hoje comissária de voo. Se não tivesse mudado a nomenclatura, hoje seria aerovelha. Fiz curso, me preparei, estudo idiomas, porque preciso no exercício da minha nova profissão. As mulheres que pleiteiam essa função são todas jovens. Mas a inclusão por parte de empresas já dá oportunidade para pessoas de mais idade. Na execução do serviço, somos todas iguais. Kkkk (ALICE, 71 anos).

A Alice, aposentada que ainda deseja continuar trabalhando, nos traz uma importante colocação: “na execução do serviço, somos todas iguais”. Na pesquisa citada por Henning, Ferreira & Scartezini 2023), consta o perfil de uma mulher idosa que traz similaridades com o da anfitriã Alice. Vejamos.

Estamos, assim, diante de uma pessoa que, aos setenta e sete anos de idade, afirma se recusar a se enquadrar a uma certa imagética da velhice incompatível, por exemplo, como iniciar um novo curso superior. Maristela não se limitou a certas convenções sobre o espaço adequado a uma mulher da sua idade, o espaço da casa e da família, ao contrário, estamos diante de um ser agente que vê todo sentido em estar, como ela diz, em meio a outras pessoas, sobretudo jovens, mas de várias idades, na busca da troca de experiências (HENNING; FERREIRA; SCARTEZINI, 2023, p. 40).

Essas realidades (a citada pelos autores e a que trago do meu campo) se distanciam da discriminação enfrentada por outras tantas mulheres de mesma faixa etária. Goldani (2010, p. 413) nos informa que “os programas de permanência no emprego são citados como um bom exemplo desse tipo de discriminação, pois costumam ser dirigidos a pessoas com idades ‘empregáveis’ ”. É o que a autora chama de “veneração da juventude”.

A veneração da juventude presente na maioria das sociedades ocidentais costuma fazer do envelhecimento um objeto de vergonha, ridículo, de desgosto. Em indústrias extremamente voltadas para os jovens, como o entretenimento e a tecnologia computacional, os funcionários que já passaram dos 30 anos são vistos como ‘acabados’ ” (GOLDANI, 2010, p. 414).

Concluindo, o relato da anfitriã Alice e as considerações que trago a partir dele vêm apontando para outra vertente de análise que perpassa discussões sobre juventude, mas principalmente sobre o envelhecimento visto como algo prazeroso. Dessa forma, desejo então introduzir discussões nessa outra vertente.

3.4 “Essa é a melhor idade para viver”

Na seção anterior, tivemos a oportunidade de perceber como alguns representantes do grupo estudado verificam o lado negativo, ou aspectos negativos, de estar na terceira idade, de estar ficando velho. Entretanto, em outros momentos (dado que o trabalho de campo se estendeu por vários anos), as pessoas conseguiram trazer um olhar mais otimista desse momento da vida. Conforme Goldenberg (2016), “Velho é lindo!”. Então, vejamos que, a partir de algumas narrativas, velho é ou pode vir a ser lindo, caso não se escolha absorver o discurso pessimista, nem se deixe abater por toda a problemática que envolve a velhice, desde que se disponha de condições de vida satisfatórias.

– Não sei, viu? Gostaria que não vissem os idosos como um empecilho, que não os deixem em segundo plano, que conversem com eles, que os tratem com uma palavra de carinho. Que os levem pra uma roda de conversa, que não fiquem com essas brincadeirinhas e gozações. Que sejam respeitosos (LENIR65_anf5).

– Muita gente pensa diferente ou são felizes de maneira diferente. Tem pessoas que atribuem a terceiros, à família, a filhos, netos, a condição de lhe fazer feliz. Eu vejo muitas pessoas falando de se sentir muito realizada quando os netos vão na casa dela almoçar, e ela se sente feliz. É muito pouco, a nível de felicidade ou de realização pessoal (CARLOS71_anf1).

Esses são dois discursos que parecem se contrapor, mas se complementam, são dois lados da mesma moeda. No primeiro, os outros podem diminuir a solidão e o sofrimento da pessoa idosa, compartilhando com ela momentos e experiências, com atitudes que demonstrem respeito. No segundo, a felicidade sentida a partir da vida dos outros não seria realmente felicidade. São prismas individuais através dos quais a realidade é percebida. No fim de tudo, e em conformidade com Goldenberg (2016, p. 9), “Velho está na moda!”, e estamos aqui discutindo como isso vem sendo construído ao

longo do tempo. Alcançar longevidade nunca foi tão atual – embora alcançá-la satisfatoriamente seja uma possibilidade bastante remota se seguirmos os parâmetros do nosso país.

– Não é ruim envelhecer, você traz consigo uma bagagem muito grande, experiências vividas. Não há, na verdade, um lado ruim de envelhecer. Os problemas de saúde são comuns pra quem está acima dos 60, mas a medicina nos dá até uma sobrevida, para termos uma vida normal e dentro do que se pode fazer para estar bem. Por enquanto, não está sendo ruim pra mim. A vida ainda vale a pena ser vivida, apesar dos problemas que aparecerem pela frente, vale a pena viver (CARLOS71_anf1).

– Eu acho que terceira idade, se referindo à velhice, tá na cabeça de cada um. A gente envelhece o corpo, mas a mente vai de cada um. Tento manter minha mente jovem, não sou uma velha ranzinza, esperando a morte chegar. Eu quero viver, procurando sempre me renovar. Jogo com minha netinha, não fico num canto fazendo croché, procuro viver a vida numa boa, desde que eu me sinta bem. Pra mim é um barato (JOSELITA, 76 anos).

– O que tem de bom em ser idosa é a experiência que temos. Todas as coisas que acontecem em nossa vida vão servindo, vão somando. Uma outra, é fila de banco, temos prioridade. kkkkk (ALMIRA76_anf4).

A conquista da idade avançada passou a ser mais frequente, entendendo que, obviamente, há muitas variáveis no transcurso. Meus anfitriões e anfitriãs, “acumuladores de juventude” (nas palavras do MARINALDO82_anf2) vêm nos mostrando novas formas de ser velho, de viver a velhice, de experimentar e aproveitar as oportunidades, de ter sonhos que se tornam projetos para o futuro, desde sempre. Trago mais algumas narrativas em que são citadas a satisfação por estar vivenciando o início da velhice, e o entendimento sobre esses instantes tão especiais de suas vidas. Observe-se que nas narrativas, mesmo que não sejam usados estes termos, são mencionados benefícios das políticas públicas, o que permite facilidades na execução de tarefas cotidianas.

– Eu sinceramente não tenho nada do que reclamar por ser idoso. Tenho o privilégio de viajar de ônibus sem pagar, e tenho um acento pra mim. Se vou ao banco tenho atendimento preferencial, pago meia entrada em jogo de futebol, teatro, ônibus interestaduais, estudo na UFPB sem pagar, voto se quiser, tenho um valor significativo pra descontar no IRPF. Tenho mais é que valorizar essas coisas (MARINALDO82_anf2).

– Estou aproveitando essa fase da terceira idade. A melhor parte de estar na terceira idade, ou como se fala no senso comum, de ser velha, é que passamos a ter direitos especiais na sociedade, como isenção de pagamento

de transportes públicos e assistência social gratuita. Porém, muitas pessoas não levam em consideração esse lado bom que este ciclo também possui. No aeroporto, quando chamaram os preferenciais, eu corri e fiquei logo na frente, nos supermercados e bancos também, procuro logo o meu lugar [...] Nesse período da vida, temos a oportunidade de desenvolver outras habilidades, podendo dedicar maior tempo ao autoconhecimento e às pessoas que amamos. Devemos encarar a chegada da velhice, podendo ser recebida de forma leve, natural e, conseqüentemente, com uma vida plena. Devemos nos lembrar que a forma como encaramos a vida hoje, na velhice, é aquela que sempre carregamos desde o início de nossa vida [...] Como sou funcionária da UFPB, quando se determinou que pessoas com mais de 60 anos iria ficar em casa agora na pandemia, eu logo fiquei. Nesse momento, terceira idade significa estar mais perto da morte. Isso imposto pelas autoridades e pela área de saúde. Isso é o que eles dizem constantemente, mas que nem sempre é a realidade. As estatísticas não estão mostrando em tons de brincadeira, não... estão mostrando os idosos sofrendo, não são levados a sério. Percebo isso no *WhatsApp*, *Facebook*, em telefonemas meus amigos me informam também. Eu mesma sinto falta do convívio social (LENIR65_anf5).

– Essa é a melhor idade para viver e descobrir coisas novas, conhecer pessoas e lugares, aprender outro idioma, isso eu pretendo continuar fazendo, e também participando da sua pesquisa, ela pode servir para alertar os jovens que já não dão mais atenção às pessoas de idade (SONIA66_anf6).

Algumas narrativas recheadas de confidências, que não obtive permissão para divulgar, se posicionavam como testemunho de que a velhice é apenas uma palavra (inspirando-me em Bourdieu [1983], para quem “a ‘juventude’ é apenas uma palavra”). Recordemos que, segundo Bourdieu (1983), a juventude é um valor moral. Mas, a e velhice? Gostaria de introduzir uma breve reflexão sobre juventude, pelo fato de o tema se entrecruzar com relatos de uma ‘bela velhice’ ou por aparecer nas falas de quem se sente jovem, e ao mesmo tempo feliz, sendo idoso/a.

– Nós somos jovens, gostamos de novos desafios, viver é um privilégio (SONIA66_anf6).

– Eu sou jovem, eu sou a mais jovem da turma [risos]... Quero produzir muito enquanto viver (ERCILIA80_anf7).

De acordo com um relato da anfitriã LUCIA80_anf10 apresentado mais à frente, “a melhor parte de estar idosa, a gente tem que descobrir”, tem que buscar, num lugar e num momento que não ficaram no passado, mas que estão à frente, no futuro. Então, podemos inferir que participar de um projeto de extensão universitária, se dedicar a uma nova profissão após a aposentadoria, se posicionar frente a novos desafios (como fazem as pessoas de menos idade), sejam possibilidades para viver o presente, enquanto se planeja o futuro.

Recordemos a anfitriã Alice (que começamos a conhecer na seção anterior). Interagir com pessoas mais jovens em seu local de trabalho nunca foi um problema para aquela jovem idosa. Um dos seus projetos de vida na juventude era ser ‘aeromoça’, e com a chegada da aposentadoria, ela encontrou tempo para estudar, idiomas inclusive, aprender essa nova profissão e continuar planejando seu futuro. O discurso da anfitriã descontrói fortemente o pressuposto de que após os 60 ou 70 anos não se tem mais idade para fazer determinadas coisas, ainda mais sendo mulher. Por este motivo, quando venho mostrando a visão otimista de terceira idade que alguns anfitriões me apresentaram, desejo introduzir um pouco da história de vida (basicamente, após os 68 anos de idade) desta anfitriã, para enriquecer nosso estudo.

Alice participou de aulas virtuais de francês do NIETI por quase um ano, ausentando-se devido aos compromissos profissionais que serão conhecidos na sequência. Residindo em São Paulo, conhece o Brasil de Norte a Sul: “sou uma pessoa agitada, amo viajar”, declarou a anfitriã. Após ficar viúva em 2017, passou a se dedicar a trabalhos voluntários em entidades religiosas, em pastorais do Nordeste do país (região da qual gosta bastante e que costuma visitar), onde conheceu “uma bela jovem de família humilde, que queria ser Comissária de Voo”, informou a Alice.

A anfitriã entendeu a necessidade daquela jovem, muito similar a sua própria necessidade de adolescente, quando ninguém lhe estendeu a mão, apesar de hoje entender que os tempos eram outros. A referida jovem residia na Paraíba, onde não era oferecido o curso que ela desejava fazer.

– Eu ajudei essa moça, a trouxe para São Paulo, para fazer o curso presencial, pois ela não tinha recurso para isso. Então, eu a trouxe para minha casa, oferecendo-lhe abrigo e total apoio. Enquanto isso, estudávamos juntas (ALICE, 71 anos).

Alice pondera: “Esse foi um reencontro com minha adolescência, um reativar do sonho da adolescência.” Até os 68 anos de idade, ela não tinha feito o curso para Comissária de Voo que também sonhara fazer (da mesma forma que aquela jovem paraibana) porém, não havia surgido a oportunidade até aquele momento.

– Como a idade não era um limitador, fizemos juntas os cursos, os exames médicos exigidos, e foi necessário um montante considerável, porque são caros. O curso foi presencial apenas no mês de fevereiro de 2020, porque veio a pandemia em março. E ficamos nos perguntando como faríamos... Foi uma oportunidade de crescimento para mim, porque talvez sem a pandemia,

eu não me lançasse a estudar. A minha vida era mais de cidade em cidade, viajando sempre, e não sei se teria estudado, centrada, como consegui fazer na pandemia. Fomos aprovadas em tudo, e nós nos formamos. Fizemos então o Exame ANAC, que é quase como a prova para OAB na área do Direito, e fomos aprovadas (ALICE, 71 anos).

O “fica em casa” que marcou o período mais difícil da pandemia foi para essa jovem idosa uma oportunidade de estudar, também “uma válvula de escape para atravessar aquele período”, informou. Ela relatou ainda que se dedicou exclusivamente aos estudos, e assim ganhou conhecimentos importantes.

– Fiquei com a mente ocupada e nem pensava em viajar. Foi oportunidade de crescimento mesmo. Apesar de antes sempre gostar de ler, estudar, muito envolvida com tudo, hoje me vejo muito diferente, até mesmo em termos de aparência, eu rejuvenesço. Não foi Botox, não ...kkkkk (ALICE, 71 anos).

Segundo seus relatos, que não detalharam o processo seletivo para exercer a profissão de Comissária de Voo, a idade não seria um limitador para o exercício da nova função que ela buscava assumir na terceira idade, mas que poderia haver um complicador por conta do olhar preconceituoso da sociedade sobre pessoas maduras ou em processo de envelhecimento. Isso se explica, mesmo que não se justifique, por se tratar de uma área de atuação “difícil, concorrida”, com poucas vagas abertas a cada concurso, segundo suas informações. Para compor o panorama no qual a anfitriã está inserida, trago mais detalhes do funcionamento desse metiê (ou *métier*).

A partir das informações que fui obtendo em seus relatos, compreendi que para cada voo uma equipe é estipulada, reformada. É um trabalho que a anfitriã denomina como “bem diversificado” e, por isso, muito dificilmente, a mesma composição da equipe irá se repetir no voo seguinte em uma viagem com duração 6 dias e várias escalas, por exemplo. Em cada escala, há renovação da equipe. Às vezes, uma ou duas pessoas da equipe anterior são mantidas na equipe que assumirá o próximo trecho da escala do mesmo voo. É raro reencontrar um/a colega com quem se trabalhou nas escalas anteriores. Por isso, é considerada uma atividade bem diversificada, dinâmica.

Para o exercício da profissão ‘Comissário de Voo’ são exigidos inúmeros exames e avaliações exatamente no sentido de evitar conflitos entre os membros da tripulação – as “picuinhas”, como Alice destacou. É uma exigência saber trabalhar em equipe e resolver conflitos, ou seja, o gerenciamento de conflitos é essencial, porque a segurança é o item primordial de uma vasta lista de requisitos. Para que possa observar

a segurança em voo, é preciso que os membros da equipe estejam muito bem alinhados e preparados nesse sentido, pois se reconhece que problemas de relacionamento podem existir em qualquer ambiente de interação humana, o que reforça a exigência de saber trabalhar em grupo.

A anfitriã explicou que, se houver algum tipo de preconceito dos comissários mais jovens em relação aos comissários mais velhos, é algo muito velado, porque ela observou uma aceitação muito grande e um carinho muito especial para com as pessoas de mais idade que compõem as equipes. Em seu caso mais especificamente, ela declarou: “As pessoas com quem trabalho torcem muito por mim, e me querem em suas equipes, desejam que um dia eu esteja com elas”.

Outra exigência citada por Alice para o bom desempenho da função é o domínio de um idioma estrangeiro, com preferência para a língua inglesa. A empresa GOL Linhas Aéreas Inteligentes, por exemplo, exige que seus comissários apresentem o nível de Inglês Intermediário. As que não exigem um bom nível de idiomas, dão preferência às pessoas fluentes no momento da seleção. Seria um diferencial. Nesse sentido, a anfitriã vem se dedicando com afinco ao estudo do inglês.

Quanto ao exercício da nova profissão nesse novo momento da vida, Alice declarou não ser difícil “o trabalhar em si”, pois a empresa de aviação é uma empresa como todas as demais que existem, em que se percebe a existência de conflitos de geração, todos administráveis. A tripulação costuma ser composta em sua maioria por pessoas mais jovens, devido à exigência de perfil de tempos atrás, em que a idade máxima era de 30 anos. Hoje, com a abertura das situações de inclusão, as empresas reduziram as exigências, estipulando apenas o limite mínimo de idade para 18 anos.

A anfitriã Alice tomou conhecimento da contratação de uma mulher de 65 anos nesse metiê. Devido à sua vasta experiência na área, por ter sempre trabalhado na aviação, e passado por todas as companhias aéreas, uma determinada empresa a admitiu como Comissária de Voo. Mesmo com idade considerada avançada para os padrões das empresas aéreas brasileiras, a experiência foi o que definiu sua aceitação, tornando-a a mulher mais velha em atuação. “Se eu conseguir me firmar na profissão, serei a mulher de mais idade a exercer a função na história do país”, realçou Alice, que me deixou curiosa para entender como as pessoas do seu entorno (família, amigos, vizinhos) reagiram a esse seu desejo de retorno ao mercado de trabalho, levando em consideração todas as circunstâncias envolvidas.

Eu percebo que há um orgulho das pessoas da minha família, de verem a mãe e a avó deles nessa profissão. Mas, ao mesmo tempo, os vejo meio assustados e não entendendo muito, ou talvez até pensando assim: “Puxa, perdi minha vovozinha”, a vovozinha naquele estilo que se costumava ver antigamente. Eu percebo um certo susto, um ‘não acreditar’ no que está acontecendo, mas sem deixar de se sentir orgulhosos. Minha filha comenta sobre mim pras outras pessoas, pras amigas, muito envaidecida em falar sobre minha profissão. No geral, mesmo que não formalizem, não me digam isso com palavras diretas e tal, eu me sinto apoiada por eles. É verdade que eu gostaria de um apoio maior, no sentido de me incentivarem mais. Eu espero isso, um pouco mais de incentivo. Só queria mais incentivo deles. E nem sempre tenho. Mas não me sinto rejeitada, me sinto apoiada, também pelos amigos, vizinhos (ALICE, 71 anos).

Nas palavras da anfitriã, se destacam a surpresa e o estranhamento por parte das pessoas, pelo fato de não encontrarem nela o padrão de mulher idosa que tinham em mente ou a que foram acostumadas. O estranhamento dá lugar ao orgulho, à satisfação de ter uma mãe tão corajosa e uma avó tão moderna – mesmo que ela não se faça sempre presente e disponível para fazer doces e croché, um estereótipo que a Alice traz em seu relato a seguir. E o outro lado da moeda se faz presente também, o da rejeição. Porém, a anfitriã parece bastante consciente do impacto que sua escolha causa nas pessoas.

– De uma minoria, já cheguei a perceber uma certa rejeição. Outras mulheres da minha idade ficam... não sei... com inveja, ou não concordam com minha situação. Como quem diz: “Não sossega o facho, não? Pra que isso nessa idade?” [...] o que eu vejo é que a maioria quando imagina uma pessoa, no caso uma mulher, com mais de 60 anos, pensa naquela velhinha que fica na beira do fogão fazendo bolinhos para os netos, ou aquela senhorinha que se senta fazendo croché, uma pessoa à parte, quase como quem não tem vida. Quando veem uma pessoa como eu, me lançando nos estudos, e principalmente na área que escolhi... percebi as pessoas chocadas a princípio: “Uau, como assim?” (ALICE, 71 anos).

A fala da anfitriã traz o espanto e a estranheza percebida em “uma minoria” de pessoas do seu entorno por conta de sua decisão de adentrar um novo ramo profissional. Ela destaca o estereótipo que acompanha a mulher 60+ mesmo na atualidade. Sua narrativa me leva às proposições de Debert (2010) que apresento na próxima citação, quando a autora cita que a velhice perde conexão com ‘faixa etária’ e é associada à imagem da negligência e mesmo de destruição, denotando uma construção social sobre as idades. A autora destaca, assim, a perda de conexão entre os valores e os grupos

etários correspondentes, com destaque para um deslocamento da juventude para outros períodos etários do curso da vida.

Por um lado, a juventude perde conexão com um grupo etário específico e passa a significar um valor que deve ser conquistado e mantido em qualquer idade através da adoção de formas de consumo de bens e serviços apropriados. Por outro lado, a velhice perde conexão com uma faixa etária específica e passa a ser um modo de expressar uma atitude de negligência com o corpo, de falta de motivação para a vida, uma espécie de doença autoinflingida, como são vistos hoje, por exemplo, o fumo, as bebidas alcoólicas e as drogas (DEBERT, 2010, p. 51).

Debert (2010) expõe em suas explicações as mudanças socioculturais que acompanham a maneira como são construídos “os setores mais velhos da população”. Mesmo hoje, após décadas e décadas de debate na tentativa de entender os processos que subjazem o envelhecer e desconstruir os estereótipos, ainda há quem alimente uma expectativa de comportamento e de consumo relacionados às pessoas maduras e de idade mais avançada. A autora traz ainda que o curso da vida vem sofrendo reconfigurações, abrindo possibilidades de ação, auxiliando nossas reflexões sobre o encontro de novos rumos após os 60.

O grupo que compreende os setores mais velhos da população é desdobrado em vários outros segmentos: a meia-idade, a aposentadoria ativa, a terceira idade. Cada um desses estágios tem pouca relação com a representação da velhice como um período de retraimento e sobriedade. Pelo contrário, eles têm sido transfigurados em momentos propícios para a satisfação pessoal, para a realização de sonhos que foram abandonados em outras etapas da vida, para a exploração de novas formas de autoexpressão e identidades (DEBERT, 2010, p. 51).

A Alice vem desenhando um panorama de vida exatamente dentro do que Debert (2010) destaca. Com vigor e vontade de produzir sempre, a anfitriã busca realizar sonhos que estavam latentes e que se tornaram projetos de vida, projetos de futuro, transformando-a numa “borboleta que quer voar”, como ela mesma pontua. Em nossa última conversa, a anfitriã relatou que aproveitando o tempo, não parando no tempo e agregando conhecimento, estava fazendo outro curso, o Curso Mecânico de Manutenção Aeronáutica, importante para a execução de suas funções na aviação.

– Hoje, me enxergo uma pessoa muito diferente do que eu era, como se lá atrás aos 68 anos eu tivesse saído de um casulo, me transformado numa borboleta e voasse. Me sinto outra pessoa, com muito mais vigor, mais capaz, produtiva, tanto que eu sinto essa sede enorme de entrar no mercado de trabalho, como se quisesse provar que pessoas com 71 anos podem, e podem mesmo, fazer o que quiserem. Por tanta energia que eu tenho, me vejo bem (ALICE, 71 anos).

Encontrei relato semelhante noutra tese desenvolvida no Programa de Pós-Graduação em Sociologia da UFPB com mulheres idosas residentes no bairro dos Bancários, em João Pessoa. Uma das interlocutoras, denominada Dona Cida, apresentava um relato semelhante ao de Alice, no sentido da liberdade para fazer suas escolhas, do bem-estar e da saúde, da energia que sentem em comparação com outras pessoas de suas idades. Seguem excertos *ipsis litteris* de um relato daquela idosa.

Dona Cida: Então assim eu não sou velha né isso? Eu não sou velha não minha filha, eu sou é jovem! Me sinto jovem! [...] Quem quiser gostar de mim, vai gostar de mim do jeito que eu sou! Eu não vou mudar pra agradar a ninguém! Tem gente na minha idade por aí que escolheu a tristeza, esse aí tá ferrado, vai morrer cedo! [...] Velho é quem se entrega! Eu não me entrego! Aguento um tranco, saio de manhã volto de noite e não fico por aí soprano, não! Tem gente que qualquer coisinha é morrendo: Ai to cansada, ai tá doendo (SOARES, 2013, p. 176).

Os discursos daquelas interlocutoras entrevistadas por Cristiane Soares (2013), mulheres moradoras dos Bancários, são testemunhos de que a opinião das outras pessoas não pesam mais nas suas decisões, não as assombram, como se fossem fantasmas que as perseguissem. A autora da tese destaca o sentimento de juventude que acompanha a sua interlocutora. Essas mulheres idosas estão a descobrir, nesse momento de suas existências, prazeres em esferas de suas vidas que antes não receberam a devida atenção, como no caso de Dona Cida, ou que não encontraram terreno para aflorar, como no caso da Alice, minha anfitriã. Essa perspectiva na vida avançada nos é mostrada com bastante propriedade nas pesquisas de Goldenberg (2012) com mulheres “superidosas”, ou seja, as que superaram os 90 anos de vida.

No capítulo que se segue a este, trago provocações e reflexões identificadas num campo que se mostrou plural, e revelou que ‘ficar em casa’ era para quem tinha casa, ou possuía condições de se sentir confortável entre as paredes que passaram a demarcar seu espaço de atuação. Imagina-se que as pessoas idosas e as “superidosas” foram colocadas

num mesmo patamar, e mesmo que décadas separassem suas experiências, foram agrupadas num mesmo segmento etário. Não esqueçamos que foi um período prolongado de isolamento, de incertezas, de muitas perdas em todos os sentidos, e que nos convidava, e convida até hoje, a não esquecer tudo o que foi vivido, como um ensinamento para o futuro. Por entender que existem similitudes e discrepâncias entre relatos de pessoas idosas a depender de suas experiências e de seus lugares de fala, gostaria de abrir um espaço no próximo capítulo para tratar das impressões de meus anfitriões sobre o período da história humana que pareceu querer padronizar os comportamentos, a partir do estatuto de ‘velho’, para toda e qualquer pessoa 60+. Em outras seções e capítulos menciono a Covid-19 sob outros enfoques.

Nesta seção, apresentei relatos e impressões que mostram o lado bom do envelhecer, ou pontos positivos que os anfitriões identificaram no processo. Proponho-me a pensar no capítulo a seguir sobre a pandemia do coronavírus e suas peculiaridades. Conheceremos os sentimentos e as verbalizações que ela suscitou na população de idosas e idosos estudados.

CAPÍTULO 4 – PANDEMIA E ENVELHECIMENTO

*Por seres tão inventivo
E pareceres contínuo
Tempo, tempo, tempo, tempo
És um dos deuses mais lindos
Tempo, tempo, tempo, tempo*

(ORAÇÃO AO TEMPO, Caetano Veloso)

Em uma pesquisa literalmente atravessada por um momento difícil e inédito como aquele do contágio pelo coronavírus, é determinante problematizar o período que se refletiu na vida de quem compunha o grupo de risco de maior destaque à época. A partir do que nos informam os escritos de Schuch, VÍctora & Siqueira (2020, p. 3) os “modos regulatórios colocados em cena a partir da pandemia do coronavírus produzem sensibilidades que acentuam a produção política da velhice como uma categoria associada a falta de autonomia, incapacidade e dependência”. Esta tese apresenta relatos de pessoas 60+ independentes que exercem sua autonomia e nos mostram outras formas de envelhecer.

Recordo que uma das anfitriãs da minha pesquisa, sempre relatava como se descobriu idosa aos 78 anos de idade – por ter sido uma descoberta que causou surpresa e receios, ela a mencionava com frequência. Aposentada, mas ainda na ativa como médica, a idosa foi afastada bruscamente de suas funções no início do ano de 2020 por conta da pandemia (o demarcador de sua mudança de status, de adulta para idosa). No segundo semestre daquele ano, ela foi convidada por uma amiga a entrar no curso de francês para a terceira idade do NIETI. Segue sua narrativa.

– Nunca me considerei idosa, tinha preconceito contra as atividades para idosos, achava o fim de carreira de vida, orientava pacientes mais novas do que eu a procurar o NAI da UERJ, vinculado ao Serviço de Geriatria da UERJ, e a UnATI, Universidade Aberta da Terceira Idade. Mas, estes setores não pertenciam ao meu universo, era para idosos que tinham que preencher seu tempo e tinham encerrado a vida profissional. De repente, cá sem saber no NIETI, por conta de um curso de francês (LUCIA80_anf10).

Segundo outros relatos da LUCIA80_anf10, houve uma mudança de estado, da vida adulta para a terceira idade, quando ela finalmente se deu conta de que deixou de

ser uma mulher adulta para se tornar uma mulher idosa, e isso teve impactos no seu dia a dia, nos seus planos e no seu estado emocional. Ela passa, então, a se identificar com a velhice, percebendo-se ‘velha’ a partir de um acontecimento externo. Nesse contexto, a pandemia não apenas a fez se perceber idosa, como a fez rever todos os seus projetos para o futuro.

— É ameaçador sentir estar entrando nesse universo da pessoa idosa, limitada na pandemia pela idade, o que não estava nos meus planos de vida. Pretendia ficar nas minhas atividades todas até pelo menos os 80 anos. Mas a COVID-19 mudou os planos. A partir daí, foi que tive consciência de que sou idosa, e fiquei deprimida. A pandemia fez com que eu caísse na real do meu status de idosa. Tive que reinventar a vida (LUCIA80_anf10).

Nesse caso, ‘o outro’ (sobre o qual nos alertava Beauvoir) que a revelou idosa, foi o contexto pandêmico. Naquele momento em específico, órgãos e representantes do governo federal passaram a apontar as pessoas acima dos 60 anos de idade como fazendo parte do principal grupo de risco, e advogavam em prol de sua segregação. De acordo com colocações de Mesquita (2014), a entrada na chamada ‘velhice’ não se dá apenas a partir de marcadores etários, podendo surgir da perda ou do ganho de espaços jamais imaginados.

O governo federal brasileiro, desde o início da pandemia causada pelo coronavírus, sempre deixou bem clara sua opinião. Como veiculado em dezenas de portais de notícias do Brasil e do exterior, o poder executivo enxerga e defende que cada família deve ser responsável por cuidar de seus idosos, e que essa missão não tem que ser repassada ao estado, enfatizando que “cada família deve colocar o vovô e a vovó lá no canto e é isso” (COSTA & DETMERING, 2021, p. 210).

A LUCIA80_anf10 (assim como outras anfitriãs e anfitriões mencionados neste capítulo) não se reconhece definitivamente no lugar de ‘idoso’, nem se imagina lá, embora a pandemia com todas as suas particularidades tenha sido um divisor de águas em sua vida, levando-a a se deparar com o “universo da pessoa idosa”. Observamos que o termo ‘geração *ageless*’ se encaixa na maneira como as anfitriãs citadas a seguir se enxergam em seu momento de vida. Porém, LUCIA80_anf10 reconhece que o lugar em que o componente etário a colocou está repleto de desafios antes inimagináveis.

– Apesar de ser do grupo de risco por ter mais de 60 anos, eu não me sinto idosa, tenho o espírito jovem. (LENIR65_anf5).

– A grande interrogação que me aflige: as perdas dos projetos de minha vida que ainda estavam em plena realização, será que terão condições de continuar depois deste hiato prolongado? Um desafio como idosa: como reconstruir a vida? (LUCIA80_anf10).

Naquele momento da história, o do isolamento, a população idosa foi homogeneizada, colocada num mesmo nível frente ao risco (TRONTO, 2020) de contato com o coronavírus. Entendendo que o envelhecimento não é um processo homogêneo, mas sim, individual, passamos agora a observar o que cada anfitrião e anfitriã pode nos esclarecer sobre esse processo quando orientados a se isolar, privados de contato social e familiar.

4.1 Envelhecendo em tempos de pandemia

Após o advento da Covid-19 no ano de 2020, comecei a investigar se o isolamento social modificou o posicionamento autônomo de meus anfitriões e anfitriãs perante suas vidas. À época, eu desejava observar se e como seus planos e projetos eram afetados pelo novo modo de vida imposto para as pessoas idosas. Interessava ainda investigar: qual o tipo de tratamento dispensado a essas pessoas, como ‘os outros’ de seu entorno estavam se direcionando a elas, como estavam se percebendo, como estavam se cuidando, ou sendo cuidadas. Utilizei conversas informais e entrevistas virtuais nos anos de 2020 e 2021 para ampliar meu entendimento.

– Nesse tempo de coronavírus, terceira idade tem um significado negativo, uma vez que é o grupo de maior risco, ficamos privados com mais intensidade do convívio com netos, familiares e amigos. Nesse ponto, sinto-me mais isolada ainda. Por exemplo, à noite, antes de dormir, eu costumava beijar minha filha, agora já não faço mais isso... tinha mais contato com as netas, agora as vejo raramente... minhas amigas de câmbio, do clube, não vejo mais... isso já não é mais possível. A comunicação é feita pelo celular, através do *WhatsApp* ou vídeo chamada. Sinto muita falta das minhas atividades do Centro do Idoso e das minhas aulas de inglês e de francês na UFPB, das minhas saídas pra praia, shopping... além do convívio familiar (JOSELITA, 76 anos).

Temas do tipo “como eu me vejo”, “a minha percepção de como o outro me vê”, “como eu sinto a chegada da velhice”, dialogam com bem-estar, cuidado, tristeza, mas basicamente não podemos esquecer que falam sobre uma velhice atravessada, para não dizer assombrada, pela Covid-19. É por isso que o contexto da pandemia como pano de fundo precisa ser levado em conta e problematizado.

- Quanto à maneira como me tratam agora, como moro sozinha, pouca coisa mudou. O que considero negativo é a falta de convívio físico com outras pessoas, como minha família e amigos. Uma coisa positiva nisso tudo é que me sinto muito bem (JORASLANE, 72 anos).
- Algumas pessoas que já me conheciam, não me tratavam como idosa. Respeitavam o meu pensamento jovem. Isso não mudou (LENIR65_anf5).
- O tratamento que tenho recebido neste momento, pra mim, tá normal. Não mudou nada. As pessoas mandam mensagem dizendo: “Olhe, fique em casa, viu?”, se preocupam, mas normal. Mas pra mim, ser terceira idade significa seguir as ordens da OMS, dos médicos que te orientam. Terceira idade pra mim sempre foi um saco, essa rotulação, o que pode, o que não pode, o idoso dodoizinho, sabe?... isso não pega muito comigo, não (CARLOS71_anf1).
- Quanto ao tratamento que tenho recebido neste momento, nada mudou. O que sinto falta é do trabalho. Ser terceira idade nesse momento significa cuidados pra não ser mais uma vítima, usar máscara, se comunicar através de telefone, de *WhatsApp*. Só sinto falta de exercer o meu trabalho (JORIO82_anf8).

Com a pandemia, a vida não era mais a mesma, era diferente de tudo o que se conhecia, e isso no mundo inteiro. Para alguns idosos, foi um desafio ainda maior e precisou ser superado.

- A pandemia mudou muito os meus planos. Eu pensava em ir a Portugal este ano, talvez até morar lá. Esse plano atrasou com a pandemia, mas pretendo ir. Mesmo deixando a família aqui por um tempo. Já morei lá e tenho até CPF, tenho facilidade de me movimentar por lá. Esse é um plano muito vivo na minha cabeça. Quero ir, tenho interesse, porque me encantei por Portugal. É um lugar que tem muita cultura, muitos locais históricos, a noite é interessantíssima, os restaurantes, a música ao vivo, o fado... a vida cultural é ótima. Mas vou ter que esperar até não sei quando. (CARLOS71_anf1).
- Não poder sair de casa é muito ruim. Não ir trabalhar e conviver com os colegas é muito chato. E a mudança de conviver o tempo todo dentro de um apartamento com outra pessoa é um aprendizado grande. Respeitar os limites do outro e vice-versa. Tá servindo pra saber um pouco como será minha aposentadoria, e ver e planejar minha vida sem o trabalho. Se bem que eu já estava planejando, participando de dois grupos, um de idosos e outro de resgate da autoestima (LENIR65_anf5).

A população mundial foi impactada pelos anos de pandemia, exigindo que as pessoas se reinventassem para tentar se manter vivas. O grupo idoso pesquisado enfrentou comorbidades próprias da idade e outras que podem acometer a qualquer ser humano, independentemente de seu momento de vida. E, principalmente, enfrentou os desafios do isolamento imposto, o cancelamento de seus projetos de vida, enfrentou perdas – inclusive de autonomia –, o distanciamento dos entes queridos que antes se faziam presentes na forma de cuidado e zelo. Alguns tiveram dificuldade de adaptação, entraram em depressão, adoeceram, se afastaram de nossa convivência. Para aquelas pessoas, a modificação mais proeminente na rotina passava pela ausência do contato físico e pelo aumento do contato virtual que supriu ausências. Contudo, elas tentaram manter seus ritmos de vida dentro da normalidade possível. Quando apareceram os relatos sobre cuidado, verificamos como a postura mudou se comparados o momento pré-pandêmico com o momento mais grave da transmissão do vírus. Quanto maior o risco, maior o cuidado.

– Sempre lidei muito bem com a questão da idade. Nem me sentia idosa... quando entendi que eu fazia parte do grupo de risco, achei engraçado... até acho ótimo, mas assim.... meus filhos que me chamaram a atenção: “Mãe, você é idosa, é grupo de risco, tenha cuidado”. O cuidado deles aumentou. Eu mesma não me via terceira idade até meus filhos chamarem a atenção e cobrar que eu fique em casa, mas fico doidinha, porque só agora a ficha caiu e eu me percebi idosa. A coisa positiva é esse cuidado, a preocupação (MAJU, 73 anos).

– Antes, era estimulada a evitar o sedentarismo físico e mental. Hoje em dia, a palavra de ordem é “não sai de casa”, travando minha independência e o direito de ir e vir. Nunca pensei em dizer isso: ser terceira idade é péssimo, já que para tentarmos sobreviver à Covid-19 sem grandes consequências, precisamos fazer o isolamento social que é a única arma que temos no momento, porque vacina e tratamento específico ainda não temos. A Covid-19 aumenta muito a letalidade e a evolução com complicações na faixa etária acima dos 60 anos em relação aos outros grupos etários. Sinto muita falta de viver, ir e vir livremente, tomar minhas decisões, fazer escolhas pessoais, sinto falta do convívio com outras pessoas (ANAMARI74_anf3).

– Sabe... a gente devia agradecer a preocupação agora? Com o idosinho? Não sei. Todas as pessoas têm obrigação com seus idosos.... familiares, filhos. Não é só nesse momento. Cuidar do idoso é uma obrigação da família e ponto final (CARLOS71_anf1).

Os relatos trouxeram com frequência esse dado importante a ser discutido no contexto, o cuidado: de familiares para com os idosos, dos idosos com eles mesmos, ou das idosas com elas mesmas. As discussões de Schuch, VÍctora & Siqueira (2020) sobre

o cenário pandêmico nos ajudam a problematizar as tensões entre autonomia e dependência que a anfitriã ANAMARI⁷⁴ pontuou em seu relato. As autoras falam dos modos de regulação das condutas, que produzem sensibilidades, e da produção política da velhice.

Em um país deveras desigual como o Brasil e cuja ênfase das políticas de gerenciamento da pandemia vem residindo fundamentalmente em ações de proteção à economia e ao incentivo moral ao isolamento, a conformação da noção de “grupo de risco” suscita discursividades públicas e exclusivos programas de restrição da circulação para o grupo de idosos em que o cuidado com essa população se mimetiza em controle e regulação das condutas. Tais modos de regulação das condutas produzem sensibilidades que acentuam a produção política da velhice como algo associado a falta de autonomia, incapacidade e dependência, contrapondo-se a vertentes contemporâneas que privilegiam os esforços de autoprodução de um envelhecimento ativo, autônomo e independente (SCHUCH, VÍCTORA & SIQUEIRA, 2020, p. 1).

O cuidado de si aparece com frequência nos relatos dos anfitriões, num momento em que se fala de grupo de risco e de manutenção da vida. O ‘cuidado’ enquanto categoria é caro à antropologia e o discuto, inicialmente, a partir das contribuições de Tronto (2020). A autora entende que o cuidado sempre foi, e sempre será, parte da vida humana. Isso se acentuou na conjuntura em debate.

Quatro complexas fases do cuidado (referidas como quatro dimensões morais): preocupar-se (*caring about*), encarregar-se (*caring for*), administrar cuidados (*care giving*) e receber cuidados (*care receiving*) são elencadas por Tronto (2020). De acordo com a autora, estas dimensões exigem o refinamento de várias qualidades morais, incluindo atenção, reflexão profunda sobre a responsabilidade, competência no cuidado administrado (*care giving*) e resposta a ser oferecida tanto a quem recebe (*care receivers*) quanto ao processo efetivo do próprio cuidado.

Tronto (2020) alerta que é necessário entender o cuidado no sentido mais amplo, enquanto prática que se dá quando as pessoas se cuidam entre si (*“care with” each other*), distribuindo as responsabilidades. Um dos relatos apresentados anteriormente exemplifica o cuidado entre as pessoas da família, em que um membro mais jovem identifica um membro mais velho como pertencente a um grupo de risco, demandando atenção e cuidado para manutenção da saúde e, logicamente, da vida – “meus filhos que me chamaram a atenção: ‘Mãe, você é idosa, é grupo de risco, tenha cuidado’ ”, como narrou Maju. Foi nesse momento que a anfitriã se entendeu idosa, passível de receber

cuidados diferenciados por conta da idade. Seus filhos estavam exercendo o ‘*care with*’ destacado por Tronto (2020). A autora faz outras colocações pertinentes.

Devemos reconhecer que, quando a teoria encontra pontos de aplicação em locais sociais específicos, a amplitude da perspectiva do cuidado é uma vantagem. O cuidado não abrange a totalidade da existência humana e suas atividades, mas abrange uma grande parte dela e envolve os seres humanos em uma variedade de tarefas essenciais. Contudo, enquanto no nível mais geral as necessidades de cuidado dos humanos são universais, as maneiras pelas quais as encontramos são eminentemente específicas para as práticas de cuidado de determinadas sociedades, grupos e indivíduos (TRONTO, 2020, p. 36, tradução nossa).

Como posto em uma citação anterior, o anfitrião CARLOS71_anf1, lá no ano de 2020, já mencionava sua insatisfação com o tratamento dispensado aos idosos: “o que pode, o que não pode, o idoso dodoizinho”. Recordemos que a teoria da “sociedade do cuidado” (TRONTO, 2020, p. 37) apregoa que “as pessoas vivem em um mundo onde estão permanentemente comprometidas com a vulnerabilidade e a necessidade” (*idem*). A mesma indignação aparece em outro relato do citado anfitrião no ano de 2021: “Cuidar do idoso é uma obrigação da família e ponto final”. Percebo indignação não em relação ao cuidado recebido, mas com o tipo de visão que se têm da pessoa acima dos 60 anos de idade e da frequência ou qualidade do cuidado dispensado a ela, e a compreensão de que o cuidado deve ser uma atividade ‘dilatada’, ao longo da trajetória, em todos os momentos do curso da vida, não apenas em situações críticas como a que vivemos nos anos iniciais da década de 2020.

Da fala do CARLOS71_anf1, destaco seu entendimento de que o cuidado é “uma obrigação da família”, mostrando que ele parece ter internalizado o discurso do estado, da saúde mais precisamente (que defende a responsabilidade de cada um/a sobre sua própria vida, e põe o cuidado na esfera do privado). Como nos lembra Groisman (2015, p. 17), “tradicionalmente os cuidados sempre foram delegados privilegiadamente para a família e considerados, dessa forma, um problema de ordem privada”. Moreno & Flores (2023) defendem a redistribuição das tarefas concernentes ao cuidado entre os membros da sociedade, numa situação mais equânime. Essa redistribuição não elimina o autocuidado, apenas mostra que ele é um dos modos de cuidar, que pode se apresentar de diversas formas, principalmente em tempos de crise humanitária como aconteceu no início desta década. Observemos o relato a seguir.

– A grande mudança foi ter que ficar em casa. Essa não era minha rotina, sou muito ativa. Acho importante ficar atenta com as notícias, principalmente as que servem de referência como proteção, mas não devemos absorver todas. Devemos ignorar as que nos deixam tristes, deprimidas. E tem muita informação falsa nesse meio. Procuro lavar com mais frequência as mãos, usar máscaras quando necessário... uso quando vou varrer a casa. Importante fazer atividades, alguns exercícios respiratórios, tomar mais água. Isso é o que procuro fazer [...] Nessa época de crise, o isolamento para o idoso não é uma questão de opção, é uma obrigatoriedade com responsabilidade. Tem que ser assim mesmo. Agora.... como o idoso é o grande grupo de risco, eu concordo que o jovem volte às suas atividades, ao seu trabalho, evitando o caos na economia do país, e pra que muitas famílias não fiquem sem o alimento (JOSELITA, 76 anos).

Para pensar essa dinâmica social do ‘cuidado’ naquele momento de pandemia (o que cada indivíduo faz, o que pode fazer etc.), além de me apoiar nas contribuições de Tronto (2020), também venho trazendo discussões ao longo do texto a partir de Moreno & Flores (2023) – estas mostram outro espectro de abordagem, uma visão feminista e feminina do trabalho de cuidar, e são fundamentais em suas colocações para ampliar nosso cabedal de conhecimento sobre o tema. Elas ressaltam que cuidar do outro, cuidar de si e ser cuidado/a envolve prática e disposição. As mulheres são pessoas que cuidam, dos filhos, dos outros, dos companheiros, dos pais e avós etc. Isto tem sido chamado de ‘feminização na prestação de cuidados’, um fenômeno social legitimado tanto na esfera pública quanto na doméstica, reforçando o imaginário de que as mulheres por sua própria ‘natureza’ são responsáveis por cuidar.

Ao se contemplar o cuidado como algo natural do feminino, “diminui-se sua complexidade e invisibiliza-se sua exigência” (MORENO & FLORES, 2023, p. 3). Cuidar passa a ser o eixo na vida das mulheres. Identifiquei no meu campo de pesquisa uma anfitriã, a GRAÇA68_anf9, que cuidou de uma parenta, mas após a morte desta transferiu sua atenção e seus cuidados para uma vizinha, uma mulher um pouco mais jovem que a anfitriã. Seu relato nos transporta ao que declaram Moreno & Flores (2023, p. 6-7), que “o cuidado se configura então como um bem que se permuta principalmente com outras mulheres”. As autoras acrescentam que essa permuta pode se dar com homens “desde que não sejam suas parcerias, porque se forem, elas não esperam reciprocidade no cuidado, a seus esposos parecem cuidar de forma incondicional” (*idem*). No relato em destaque, a referida vizinha é casada e tem outras pessoas da

família que poderiam prestar esse cuidado, mas quem assume este trabalho é minha anfitriã.

— A minha mãe, vinha apresentando problemas na saúde desde 2012. Até que em 2013 começou um processo de depressão com a mudança das crianças para João Pessoa, fruto de três gerações que ela criou (foi como tivesse ficado um buraco em sua vida). Resolvi pedir a aposentadoria para cuidar dela e, no ano de 2015, fizemos uma visita à referida família a Paraíba. Observando a felicidade dela junto às crianças, com sua anuência, resolvi que devíamos nos mudar do Rio para João Pessoa, para que ficássemos perto delas. Me desfiz de seu apartamento. Deixei minha rotina de vida de lado, residência, filho, amigos, com o propósito de proporcionar-lhe momentos de paz e alegria. Tenho a certeza de que se cumpriu... E agora, a moça que estou apoiando tem 51 anos, é casada, tem mãe, irmãos, sobrinhos, sendo que eles residem no interior do estado [...] O medo de pegar o vírus a mantinha insegura, chegou a boicotar os exames por cinco vezes. Até que os fez, sendo que o resultado não foi satisfatório. Está com um problema sério no intestino, requer cirurgia. Sente-se arrasada, inconformada. Consegui para ela apoio psicológico e atendimento holístico que acredito será útil nesse momento tão difícil pelo qual está passando (GRAÇA68_anf9).

Segundo Moreno & Flores (2023), as mulheres tendem, inclusive, a se profissionalizar nessas competências socialmente construídas, exercendo o chamado ‘trabalho de cuidado’. O cuidar, mesmo quando pago, tem sua remuneração abaixo do ideal, uma vez que o cuidado foi historicamente desvalorizado como um direito. Bem recentemente, com o surgimento de uma nova geração de direitos que veio reforçar a segurança social dos direitos, o direito de cuidar e de ser cuidado foi incorporado como o “quarto pilar do sistema de bem-estar social” (*idem*). Nessa negação histórica e cultural do cuidado como direito, reforçam as autoras, o cuidado transborda para o núcleo familiar, sendo, entretanto, “uma questão social e política sobre a qual o Estado e a sociedade devem promover novas representações e condições” (*idem*). Somam-se às reflexões de Tronto (2020) e de Moreno & Flores (2023) acerca do cuidado, as de Schuch, VÍctora & Siqueira (2020), concernentes ao sujeito idoso e sua representação durante o período pandêmico.

Experienciando práticas de cuidado que se mimetizam em controle, acreditamos que os modos de gestão da velhice em tempos da pandemia do novo coronavírus produzem um apagamento das capacidades das pessoas idosas em organizar suas rotinas e gerir seu cotidiano, relações familiares, de trabalho e de saúde. Isso se realiza pela retórica da necessidade de sua exclusão da vida pública como fórmula de proteção contra a infecção, mas também pela atuação de estilos de regulação moral que opõem de modo

simplista autonomia e dependência, constituindo os sujeitos normativos do “idoso”, autônomo e autorresponsável por sua saúde e seu bem-estar, e do “velho”, dependente e vulnerável, que, por sua fragilidade, perde suas possibilidades de ação e capacidades de agir no mundo (SCHUCH, VÍCTORA & SIQUEIRA, 2020, p. 4).

Na minha pesquisa, conversei com alguns anfitriões e anfitriãs sobre ‘cuidado’, sobre suas rotinas e como estavam se sentindo naquele momento mais complexo do período pandêmico. Pedi que explicassem o que faziam para se cuidar física e mentalmente. Eu desejava conhecer o que as pessoas idosas fariam sobre si mesmas e como se posicionariam frente à vida atravessada por um isolamento determinado por circunstâncias inéditas. Vejamos alguns relatos.

– Moro sozinha na minha casa. Eu me cuido só. Acho ruim a permanência em casa, porque antes, na maioria das vezes, eu só ficava em casa à noite (JORASLANE, 72 anos).

– Para passar o tempo, gosto de dividir praticamente todos os momentos com meu marido, gosto da atenção e da preocupação da minha filha, apesar dela se encontrar na sua casa. Agradeço a solidariedade, fraternidade, atenção e a preocupação das pessoas. É isso (ANAMARI74_anf3).

– A gente é obrigado a acompanhar. Eu acompanho pela TV, tendo cuidado com os *fakes*, filtrando o que está sendo falado. Governo municipal desmentindo o federal, o federal desmentindo o estadual, todas essas picuinhas políticas... num momento tão sério, ficam com essas guerrinhas ainda. Mas eu filtro o melhor, o mais próximo da realidade. A mudança mais significativa nessa pandemia é justamente não poder sair, né? E não fazer as coisas que eu programei pra semana, ir na UFPB, mas isso aí é um tempo mínimo, se Deus quiser. Sinto falta de voltar à minha rotina, de ter contato com as pessoas, de participar das aulas do francês, do inglês, na UFPB. Ir no Mercado Central comprar minhas frutas, minhas verduras, sinto muita falta disso....da minha rotina. Pra passar o tempo, tô experimentando cozinhar, pegando receitas que vi na televisão. Me lanço na cozinha e faço... pirão de ovo, que eu não sabia fazer... depois fiz um pão caseiro. Tô mergulhando um pouco na cozinha, comendo mais cúrcuma, mais curry...é mais isso (CARLOS71_anf1).

– Estou de quarentena, sim. Estou dentro da faixa acima dos 60 anos, que são os vulneráveis a adquirir o coronavírus. O isolamento é um fato novo pra mim, porém, após a mídia divulgar através de pessoas capacitadas as fases do referido vírus, não tive alternativa senão obedecer, inclusive os meus familiares foram os primeiros a me alertar sobre o perigo (MARINALDO82_anf2).

– A velhice é autocuidado, com ou sem pandemia (ERCILIA80_anf7).

A partir dessas narrativas, é possível perceber que a pandemia causou sérias mudanças nos planos e na rotina dessas pessoas, mas que elas conseguiram se adaptar ao ‘novo ritmo de vida’ que lhes foi imposto, demonstrando resiliência, mantendo-se

autônomas em alguma medida, mesmo fazendo críticas ou verbalizando suas frustrações. Foi preciso se readequar e repensar o cotidiano. O relato da anfitriã ANAMARI74_anf3, quando ela declara “gosto de dividir praticamente todos os momentos com meu marido, gosto da atenção e da preocupação da minha filha”, exemplifica a relação “de interdependência que nos marcam a todos como pessoas humanas” (SCHUCH, VÍCTORA & SIQUEIRA, 2020, p. 4).

Destaco a narrativa “A velhice é autocuidado, com ou sem pandemia” que a ERCILIA80_anf7 nos traz. O cuidado e o zelo estiveram presentes nas ações dos interlocutores da pesquisa desde o início do campo, e com mais ênfase após o ano de 2020.

– Meus queridos amigos, como estivemos em grupo, ensaiando nesses últimos dias, comunico que estou com Covid. Soube agora. Não terei condições de me apresentar, apesar de que queria muito estar no palco, e o médico recomendou quarentena. Que Deus proteja a todos nós (ERCILIA80_anf7).

– Ercília, fique boa e volte logo. Estamos te esperando e precisando do seu gás kkkk Te amamos (CARLOS71_anf1).

– Pessoal, acho que também peguei essa Covid, por alguns sintomas que estou tendo desde ontem. Mas, no geral, estou bem. Chego já aí na universidade. Vou me apresentar de máscara, professora, e depois da peça vou direto fazer o teste (JOSELINO, 63 anos).

– Joselino, você não é o mágico da peça? Faça uma mágica pra Covid desaparecer. Deixando as brincadeiras de lado, nós pedimos a Deus que você e Ercília estejam curados em pouco tempo (MARINALDO82_anf2).

– Ultimamente, eu vinha sentindo o corpo mole, achava que era o esforço da pintura da casa para o Natal. Ontem, piorei bastante, mal saí da cama, com dores no corpo, dor de cabeça, garganta e nariz irritados, então fui fazer o teste. Hoje, se confirmou a suspeita para Covid. Mas já estou medicado. Ainda bem que já se passaram alguns dias da nossa apresentação (JOSEMIR, 64 anos).

Por se tratar de um grupo com privilégios, cada um/a pode atravessar aqueles anos desafiadores com mais tranquilidade e opções (inclusive de lazer, dentro de seus ambientes familiares) do que pessoas menos favorecidas economicamente. Como exemplo, cito a fala da anfitriã Maju.

– Tenho feito meus artesanatos, e esse tempo tá servindo pra eu ver que sou uma pessoa privilegiada, minha casa é muito confortável.... estou muito confortável, porque tenho uma casa ampla. Estou com meu marido, a empregada, que optou por ficar com a gente, junto com a filhinha dela... aqui

elas ficam confortáveis, já há onze anos com a gente... aproveitamos pra fazer coisas juntas, assistir filmes, ficar na rede da varanda (MAJU, 73 anos).

Não digo que aquele período aconteceu com tranquilidade para todos os representantes do grupo, pois houve dificuldades, momentos de angústia, incertezas, tanto da parte da turma quanto da parte da professora/pesquisadora. Vale destacar que outras daquelas pessoas do grupo tiveram dificuldade de adaptação, entraram em depressão, adoeceram, se afastaram de nossa convivência, o que também nos afetou bastante. Devido a esse afastamento, e a algumas ausências que perduraram até o último momento em que estive em campo, não consegui me aproximar daquelas realidades para conhecer o que tais pessoas pensavam, faziam, ou mesmo o que sofriam etc., motivo pelo qual não posso trazer reflexões que ajudem a ampliar nosso conhecimento sobre todo o grupo que me dispus a estudar – era o (quase) pós-pandemia que interessava pesquisar. Porém, gostaria de deixar duas narrativas que resumem bem o que foi o momento pandêmico para boa parte do grupo.

– Minhas perdas foram imensas, dolorosíssimas. As perdas das pessoas queridas foram imensas. Ontem, nos deixou a tia de minha ex-norinha, que estava na linha de frente da Covid no Hospital de Bonsucesso, e tinha tomado a primeira dose de vacina. Chorei muito domingo e hoje, por todas as perdas das pessoas queridas (LUCIA80_anf10).

– Por conta das minhas atividades diárias e intensas, a pandemia serviu de descanso. Após alguns dias, veio o medo. Com o passar dos dias, iniciou-se a adaptação à nova situação e planejei minha rotina. Começo levantando cedo e praticando exercícios físicos em casa mesmo, divido o dia em tarefas: cuidar da casa, cozinhar, arrumar e rever o hábito da leitura. Assim, vou preenchendo meu tempo. Isso tudo vai passar (SONIA66_anf6).

Sem dúvida, a maneira como os integrantes do grupo se relacionavam entre si, nos anos que antecederam o verdadeiro tsunami conhecido como SARS-CoV-2, era de amizade, visitas frequentes, saídas para almoços, lanches, confraternizações. Costumavam frequentar vários cursos do NIETI e, assim, se encontravam em sala de aula vários dias na semana. Dali, programavam se matricular juntos em atividades de outras iniciativas para a terceira idade em João Pessoa. Eles e elas ocupavam todo o seu tempo estudando, se exercitando, se cuidando, praticando esportes e viajando.

- Próximo domingo, vamos nos reunir na casa de Cecília. Vamos ver o que cada um pode levar? (HAROLDO, 73 anos).
- Aquele restaurante lá de Cabedelo que Rosa falou é um ótimo lugar pra gente almoçar no sábado. E o espaço é ótimo, dá pra fazer nosso amigo secreto (JORASLANE, 72 anos).

No ano de 2022, além de perdermos uma colega de turma para o câncer, perdemos também a filha de outra aluna, desta feita para a Covid-19, após estar entubada por meses. A aluna enlutada não conseguiu retornar às aulas até o final da pesquisa de campo. Generalizo essa perda para todo o grupo, para demonstrar o quanto ele foi afetado pelos acontecimentos à sua volta, pela união e pela amizade que une e ensina a compartilhar momentos bons e difíceis também. Refletindo um pouco no que concerne à sociologia das emoções, essa vivência coletiva da perda, ou do luto propriamente dito, está em oposição ao que nos informa Charmaz & Milligan (2006) acerca das práticas culturais que tendem a reduzir o luto à esfera individual. No exemplo em pauta, o luto alcançou o universo do curso de francês do NIETI. No entanto, reconheço que se trata de um luto diferenciado – pela própria situação pandêmica, não se pode vivenciar o luto, pois não houve despedida, não foi possível dizer ‘adeus’. Essa foi uma séria e devastadora característica do período de isolamento que a Covid-19 nos forçou a experimentar.

Quanto ao que as autoras Charmaz & Milligan (2006) falam sobre a profundidade de tristeza, compreendemos que os amigos mais próximos e os familiares experimentam a dor e o sofrimento com mais intensidade. Para o grupo de idosos, as lembranças alegres e bem-humoradas da falecida colega de classe permanecerão mais vívidas em suas mentes. Da mesma forma, a parente falecida de uma interlocutora será sempre lembrada com carinho pelos que entre nós tiveram algum contato com ela e, inegavelmente, a mãe enlutada vivenciará o processo de perda por muito mais tempo que seus colegas de turma – é nesse processo de perda que se experimenta momentos de angústia, raiva, medo, remorso, choque, entorpecimento etc., como nos informam Charmaz & Milligan (2006).

Trago alguns relatos (acessados a partir de textos compartilhados via *WhatsApp* em momentos distintos do isolamento compulsório) para clarear a problemática de alguns anfitriões, situações que dificultaram a condução do campo naquele período, pois além do contágio pelo coronavírus, outras problemáticas se faziam presentes em suas vidas.

- Precisei vir para Campina Grande, e minha irmã vai cuidar de mim [após o infarto]. Vou ficar *offline* por enquanto (CARLOS71_anf1).
- Após a cirurgia para retirada do câncer, tenho ficado muito sonolenta com o tratamento. Mas vou entrar em contato sempre que puder. Peço sua compreensão, professora. Tenho fé em Deus que tudo isso vai passar. Ore por mim (ZILDA, 66 anos).
- Você já está sabendo do falecimento da nossa colega Eunice, a Nicinha? Foi o câncer. Deus a libertou do sofrimento (SONIA66_anf6).

As mudanças no cotidiano de todos os cidadãos do mundo foram inegáveis, e no das pessoas idosas mais ainda, pois era preciso mudar para viver, era preciso se adaptar a uma nova e totalmente desconhecida realidade. O mesmo ocorria quando uma pessoa idosa descobria uma doença grave, cujo tratamento seria prolongado. Na pesquisa de Andrade (2017) com portadoras de HIV, percebi semelhanças entre algumas narrativas de suas interlocutoras e as de minhas anfitriãs adoecidas. A reflexão a seguir mostra a realidade daquele público acometido pelo vírus da AIDS e permite transportar o sentido para o que foi vivido no período pandêmico pelas pessoas 60+.

O cotidiano das pessoas com idade acima de 60 anos, a partir de um diagnóstico de HIV, refletem entre outras coisas, uma mudança comportamental e uma nova dinâmica em seu espaço social. Há o envolvimento da família, do serviço de saúde e do gerenciamento da velhice, saúde e doença por parte do indivíduo é, portanto, um esquema que ocorre entre o público e o privado (ANDRADE, 2017, p. 18).

Esse “esquema entre o público e o privado” foi intensamente acionado entre os anos de 2020 e 2022, o que vem rendendo inúmeras pesquisas nas áreas das ciências sociais e da saúde desde então. O mundo adoeceu e os grupos de risco se destacaram como nunca naqueles muitos meses de aprendizado. Dentro do grupo com o qual pesquisei, a estabilidade emocional em tempos de pandemia foi um luxo que muitos não tiveram, principalmente os que contraíram a Covid-19. Mais ainda, a ocorrência de casos de câncer no período pôs à prova algumas de nossas certezas, e desestabilizou o grupo. Como brevemente abordado anteriormente, no final do mês de fevereiro de 2022, uma das alunas do curso, a Eunice (mais conhecida como Nicinha) faleceu de câncer após anos de batalha contra a doença – porém, ela se faz presente neste trabalho com algumas narrativas. As perdas por doença ou por morte nos fazem lembrar da finitude

do ser e da importância de viver intensamente cada momento, como sempre nos alerta a anfitriã ERCILIA80_anf7.

Entendo ser preciso pensar a vida pós-Covid (ou quase) para aprender com as experiências enfrentadas por nós, seres humanos, e principalmente pelas pessoas idosas – participantes de um dos grupos de risco mais afetados pela doença e pelas normas impostas a partir do mês de fevereiro de 2020. Pensando a respeito, me vejo com mais perguntas do que respostas: o que conseguimos aprender afinal? Nos tornamos pessoas melhores? Mais altruístas? Ou vamos precisar de outras pandemias para descobrir nossa humanidade? Escolhemos lembrar ou esquecer o que foi vivido? A Covid-19 continua suprimindo vidas, posicionando a própria pesquisadora como portadora da Covid longa, adoecendo interlocutores, e afetando a população em geral de uma forma silenciosa que só identificaremos de verdade com o tempo. *Le temps me surprend*.

Contudo, destaco a amizade que une o grupo do francês após o retorno em 2023 – percebi mais união e muito mais carinho em nossos encontros, mais abraços e preocupação com o bem-estar do próximo, a vontade de criar outros momentos para nos encontrarmos e festejarmos a vida, mais atitudes de gratidão. Depois de tudo o que foi vivido, e do período em que estivemos afastados, trago a fala de uma anfitriã que nos mostra a importância dos encontros.

– Vamos nos confraternizar, fazer amigo secreto. É um momento da gente brincar, de ser um pouquinho criança! A felicidade é uma construção de momentos simples e alegres. São momentos irrepetíveis, onde descontraidamente nos abraçamos! O mundo está tão tecnizado e a vida escorre rápido, assim como a água da chuva que cai das folhagens de uma árvore, vira gota e nunca mais volta para as nuvens. Que esta mensagem se perpetue entre os que me amam (ERCILIA80_anf7).

Para concluir esta seção, apresento essa análise sobre o comportamento das pessoas que estudei, em três momentos da pesquisa. Tendo como referência o antes, o durante e o depois (teoricamente) da pandemia, assinalo que houve mudanças: no desempenho em sala de aula; na participação na pesquisa; na construção dos projetos de vida; na frequência com que se socializavam; na forma como conduziam suas rotinas. Como mencionei, o ‘antes’ foi marcado pela alegria, pelo envolvimento em atividades do grupo, planejando os encontros com mais liberdade do que o observado no ‘depois’ quando tudo era muito mais calculado, e a presença de máscara e álcool em gel passou a ser naturalizada. O durante foi marcado por total vigilância, deles próprios e de seus

cuidadores/familiares, com muito menos alegria em suas palavras do que o antes que deixou muita saudade.

No ‘antes’ verifiquei o envolvimento de muitos deles nas ações de apoio a ONGs e associações de bairro, o que aparecia com frequência em suas conversas rotineiras e no grupo de mensagens. Planejavam viagens com muito mais frequência, inclusive viagens internacionais. Pensando na alimentação, eles tinham mais cuidado em escolher o que era saudável. No ‘durante’, demonstraram uma verdadeira paranoia na escolha do mais saudável, tratando as embalagens como passíveis de contaminar e, por isso, necessitando de desinfecção. No ‘depois’, se aventuravam mais frequentemente em comidas gostosas, mesmo que não fosse o que o médico indicava ou o que fazia bem ao organismo. Compartilhavam receitas a cada momento de descontração e nos nossos *coffee breaks* mensais. O importante era consumir o que dava prazer e enchia os olhos, sem ultrapassar o limite do adequado.

Alunos que abandonaram o curso após a chegada das aulas virtuais demoraram a retornar às aulas presenciais ou simplesmente nunca retornaram. Os que conseguiram voltar, se mostraram dispersos em alguns momentos e com dificuldade de evoluir no estudo do idioma, reconhecendo sua dificuldade e necessitando de reforço contínuo nas aulas – davam a impressão de não conseguir se concentrar, de precisar de mais atenção da professora. As queixas de falta de memória que já eram uma característica do ‘antes’ se fizeram mais presentes, o que deixou mais lento o ritmo do ensino.

Quanto à participação na pesquisa, percebi um aumento de interesse em participar, responder questionamentos que eu trazia para o grupo enquanto alertava que seria para debater no meu trabalho. Não consegui entender o motivo do interesse tão acentuado, mas creio que ficaram muito tempo sem poder conversar sobre si, suas rotinas, seus dilemas, e a pesquisa proporcionou esse ambiente de escuta, mesmo que eu sempre lembrasse que não se tratava de um trabalho histórico nem biográfico.

Entendi ser importante trazer essa reflexão neste ponto da escrita para ampliar o conhecimento que adquirimos sobre o grupo e os contextos que o atravessaram. Vimos que o contexto de doença e de pandemia fez com que o pessoal atendido pelo NIETI adiasse seus projetos, tivesse suas rotinas modificadas, passasse a perceber um cuidado maior de seus familiares, mesmo fazendo críticas às limitações impostas, tudo isso nos dando um panorama de como vivenciaram aquele período. No próximo tópico, trago

uma reflexão sobre cuidado atrelado à precarização de corpos e espaços a partir de uma narrativa fora da curva, como constataremos.

4.2 Velhice e cuidado: pensando o cuidado frente a corpos e espaços precarizados

A pandemia por Covid-19 exacerbou o volume de narrativas sobre o cuidado no meu campo de pesquisa e necessitei me debruçar sobre essa realidade, pois me vi atravessada pelas questões que esmiuçarei. A partir da história de vida de uma das anfitriãs desta pesquisa, busco refletir sobre o cuidado frente a corpos e espaços precarizados, com base na investigação de estratégias relatadas por uma mulher idosa, negra, moradora de um bairro periférico da grande João Pessoa, cuidadora de si e de netos órfãos de mãe.

Para clarificar o que entendo por precarização, destaco a definição de Frangella & Rui (2018, p. 24): “Por precariedade entendemos o contexto global marcado pela incerteza econômica, dominação do estado, a erosão do mundo do trabalho e ameaça à própria existência pessoal”. Quanto ao cuidado, após debatê-lo em seções anteriores a esta, aponto a definição de Fisher & Tronto (1990) como síntese.

O cuidado é uma atividade da própria espécie que inclui tudo o que podemos fazer para manter, continuar e reparar nosso “mundo” para que possamos viver nele da melhor maneira possível. Esse mundo inclui nossos corpos, nós mesmos e nosso meio ambiente, e tudo em que procuramos intervir de forma complexa e autossustentável” (FISHER & TRONTO, 1990 *apud* TRONTO, 2007, p. 287).

Inspirada na narrativa de uma das interlocutoras da minha pesquisa, a anfitriã MARTHA70_anf11, me proponho dialogar com as estratégias de cuidado construídas e os significados e sentidos atribuídos às mesmas. Acredito que relatar o cotidiano de pessoas que fazem parte dos chamados grupos “(des)importantes” é um posicionamento político, afinal, como nos adverte Butler (2011, p. 31) “se essas vidas continuarem inominadas e não lamentadas, se elas não aparecerem em toda sua precariedade e destruição, não nos emocionaremos com elas”. Portanto, trago a história dessa mulher idosa que, durante todo o período da pesquisa de campo, vivia em situação de precariedade e de vulnerabilidade no tocante a sua condição de (sobre)vida e ao espaço geográfico e físico da metrópole onde habita. A partir de sua realidade, percebem-se

nuances da “intensidade da relação dialógica entre as experiências urbanas e as corporais” (FRANGELLA & RUI, 2018, p. 24).

Acredito que conhecer os pormenores que possam denotar negligência, que para Mol (2008), é o oposto de cuidado – ou por parte de profissionais, ou de órgãos representantes do Estado –, é uma forma de trazer à luz a história que geralmente não é contada, é nos depararmos com a sua concretude. Através do acompanhamento de vidas reais como a de nossa interlocutora, talvez encontremos as fissuras que acentuam e alimentam a manutenção da negligência.

Inúmeros trabalhos (a exemplo de ALMEIDA *et al* [2019] e de ALMEIDA *et al* [2018]) estudam situações semelhantes que vêm a ser uma realidade comum na ‘velhice’ (DEBERT, 1999, 2014; BROWN, 2010; LONGHI, 2018), quando estão presentes, além da geração, o intercruzamento de alguns demarcadores sociais como gênero, classe e raça. Diversos aspectos identificados no contexto e discutidos na sequência nos colocam frente à subjetividade desta mulher idosa em específico, às adversidades que ela enfrenta, à violência de seu bairro, à dificuldade de acesso às políticas públicas, ao adoecimento e à morte.

Longe de querer esmiuçar as várias teorias que refletem sobre o corpo, suas possibilidades, seus limites e a maneira como ele vem sendo estudado na antropologia, observo o corpo em sua precariedade a partir das contribuições de Frangella & Rui (2018) “como uma atividade simultaneamente física, material, social e política, que se constrói na relação com outros corpos [...] cuja precariedade aparece como fundamental”. E embora não deseje me debruçar sobre longas digressões que aprofundem o tema proposto, destaco alguns aspectos que ganharam relevância na minha pesquisa.

Refiro-me a elementos de religiosidade que perpassam toda a história e estão mesclados à subjetividade e à individualidade de nossa interlocutora, e presentes na sua forma de gerir sua vida e a de seus familiares para além do contexto pandêmico da Covid-19. Identifico, ainda, a existência de redes de cuidado e algumas estratégias de agência para a manutenção da saúde física e mental dos membros da família, e tenho em mente o conceito de *care* (TRONTO, 2013, 2020) e a discussão sobre o cuidado. Tronto (2013) já nos esclareceu sobre os processos de cuidado. A amplitude do conceito permite uma discussão desde a narrativa que apresento, uma vez que o cuidar costuma ser visto como tarefa feminina (HIRATA, 2016).

Como também aponta Debert (2014), “a competência para o cuidado não é simplesmente um dado da feminilidade, mas uma vocação cultural naturalizada nas mulheres” (DEBERT, 2014, p. 40). Brown (2010, p. 216) e seus estudos vêm somar com a discussão sobre geração, gênero e saúde, informando que “mulheres nos seus 60, 70 e até 80 anos cuidam de parentes idosos doentes e incapacitados, em casa”. Apesar de haver diferenças entre os contextos estudados por Brown (2010) e o da pesquisa em questão, as contribuições da autora são importantes para as reflexões aqui propostas por informar sobre o universo do cuidado na terceira idade. Da mesma forma, as reflexões de Longhi (2018) estão conformes com o que vislumbrei em meu trabalho de campo.

[...] a mulher, apesar de conquistar novos espaços fora do âmbito do privado, continua, muito acentuadamente, se responsabilizando e sendo responsabilizada pelos cuidados. [...] a mulher acumula as responsabilidades tendo que dar conta de uma dupla ou até tripla jornada de trabalho, ou conta com o apoio de outras mulheres, que fazem parte da família extensa ou que são remuneradas para realizar as atividades as quais ela não dá conta. Uma grande demanda diz respeito aos cuidados com as crianças, mas tem aumentado, significativamente, o número de idosos que apresentam algum grau de dependência, decorrente do envelhecimento populacional e do aumento da expectativa de vida (LONGHI, 2018, p. 149).

O vasto leque de experiências de cuidado quando pensadas a partir de marcadores sociais da diferença, tais como gênero, geração, classe social, raça e saúde, amplia o foco do debate. A anfitriã em questão nos confronta com um sem-número de variáveis a serem analisadas, como veremos na seção a seguir.

4.2.1 “Quem cuida de mim é Deus. Maus tratos de vida, eu tenho”: corpos e espaços precarizados

No grupo que pesquisei, estava inserida a aluna MARTHA70_anf11, idosa de 66 anos de idade, com o segundo grau completo, evangélica, solteira, que dera à luz doze filhos, dos quais apenas cinco se encontram vivos. A coleta dos dados que apresento foi realizada a partir de conversas informais esporádicas que tivemos e de observação participante, enquanto a investigação pôde ser feita na modalidade presencial.

A partir do momento em que foi adotado o isolamento compulsório no ano de 2020, de forma esporádica, realizei entrevistas semiestruturadas e conversas informais via aplicativo *WhatsApp*. Nesse período, nosso contato foi escasso, pois MARTHA70_anf11 abandonou o curso de francês do NIETI quando da migração das

aulas presenciais para as virtuais, pelo fato de não possuir computador. Os diálogos retornaram por um curto espaço de tempo a partir da minha iniciativa e insistência, pois eu desejava ampliar a investigação ao descobrir a real situação de vida da interlocutora. Numa turma de discentes de classe média ou média alta, ela era a única aluna em situação de precariedade – perfil consideravelmente destoante dos demais frequentadores daquele curso de língua francesa. Nos quatro anos da pesquisa, houve momentos de rico diálogo, mas também de muito silêncio, de lacunas temporais diretamente relacionadas à dinâmica de vida de MARTHA70_anf11, agravada pela pandemia. No entanto, os percalços não desmotivaram a continuidade da pesquisa.

Houve sempre bastante cautela na abordagem à interlocutora, deixando-a à vontade para falar o que, quanto e quando desejasse, levando em consideração que alguns temas lhe eram caros e que sua rotina de vida não favorecia contatos frequentes. Então, o tempo que ambas as partes podiam dedicar aos diálogos foi respeitado. Nem tudo foi esclarecido, mas muito foi descortinado. Destaco que foram vários os impactos que essa investigação sofreu: a mudança de abordagem, da presencial para a virtual; a saúde (ou doença) dos netos da interlocutora; a localização de sua residência (um bairro com fama de violento); as suas dificuldades de acesso à tecnologia. MARTHA70_anf11 relatou que não dispunha de computador e nem sempre tinha condições financeiras de honrar o contrato com a operadora para uso da tecnologia 4G em seu celular.

Em 2020, o acesso à anfitriã ficou deveras prejudicado, tanto pelas limitações causadas pela pandemia quanto por MARTHA70_anf11 ter abrigado pessoas da família em sua casa. Seu filho caçula chegou pedindo abrigo e trazendo com ele três filhos pequenos, após a esposa ter falecido de câncer. Ao saber do ocorrido, pedi que a interlocutora o detalhasse, pois eu desejava entender se houve um erro básico na linha de cuidado em relação a sua nora, já que a prevenção do câncer de colo de útero deveria ter sido acessível à jovem mãe.

Até onde tenho conhecimento, a prevenção deste tipo de doença é um dos objetivos da política de saúde da mulher. A única informação que obtive foi que tanto a nora quanto o filho não tinham por hábito cuidar da saúde, não faziam exames preventivos, e só tinham essa preocupação com as crianças, mesmo assim quando estas adoeciam. “Ela não se cuidou direito”, reforça MARTHA70_anf11, apontando essa atitude de descuido como sendo algo corriqueiro naquela família. Ela informou ainda que após a descoberta da doença, a nora entrou em depressão, rejeitou o tratamento, e

passou a negligenciar os cuidados com a família, com a casa e, cada vez mais, consigo mesma. Acredito acontecer na vida dessas pessoas com vidas mais precárias uma conjunção de fatores: desde o atendimento médico que pode não ter sido satisfatório, até o fato de precisar cuidar de várias crianças durante a pandemia – o que também era muito desgastante. Ademais, deixar a própria saúde em segundo plano é o que geralmente as mulheres fazem. A prioridade é sempre o outro – exemplo disso é a própria MARTHA70_anf11 que se encontrava no papel de ‘prover cuidados’ para os familiares, quando ela própria reconhecia que necessitava ser cuidada.

Em suma, o filho chegou para residir em sua casa, trazendo com ele os três filhos pequenos dos quais ele não conseguia cuidar sozinho – o menor deles com dois anos (lactente até o falecimento da mãe), uma menina com três anos, e o mais velho com dez anos de idade. MARTHA70_anf11 acolheu a todos e passou a ser cuidadora/mantenedora da família, assumindo as despesas com alimentação, vestimentas, e se encarregando de levar as crianças ao médico e à escola. Apesar de estar empregado, o filho “recebe muito pouco”, segundo relatou.

Realidade idêntica é mencionada nos estudos de Brown (2010, p. 228), constatando que “geralmente mulheres mais velhas” assumem a responsabilidade dos cuidados prestados aos familiares. De acordo com Moreno & Flores (2023, p. 4), “a participação dos homens no âmbito dos cuidados se limita a um papel secundário, restringindo-se à provisão de recursos econômicos, em vez de se envolver em atividades associadas à reprodução”. Estas autoras completam este pensamento com a afirmação a seguir.

[As mulheres] foram habilitadas socialmente para interiorizar uma série de valores que as torna mais vulneráveis a assumir e aceitar uma maior carga psicológica e uma maior tensão associada ao cuidado, o que se traduz em uma maior vulnerabilidade diante da depressão e outros transtornos psiquiátricos (MORENO & FLORES, 2023, p. 4).

Segundo MARTHA70_anf11, não havia outro jeito de resolver o problema: “ele [o filho] pediu pra eu ficar do lado dele e ajudar a cuidar dos meninos”. Enquanto mãe e avó, sua postura responsável, por um lado, corrobora a afirmativa de Tronto (2013) de que desempenhar o papel de cidadã significa assumir o desafio de cuidar dos seus, mas por outro lado, reforça o caráter feminino do cuidado (HIRATA, 2016). Essa situação

demonstra a “continuidade da lógica social impressa pela divisão sexual do trabalho” (LONGHI, 2019).

A especificidade dos cuidados está no fato de se encontrar em um território transfronteiriço, especialmente quando se prestam no seio das relações familiares, muitas vezes dentro das casas, sem remuneração em troca, sob forte conteúdo moral e afetivo (PALOMO, 2008 *apud* LONGHI, 2019, p. 151).

A prioridade daquela anfitriã, mulher idosa, passou a ser a família. Os aspectos múltiplos e específicos do cuidado na vida da interlocutora repercutiram na realização da pesquisa, pois me deparei com aquela realidade de avó cuidadora, em sua “peregrinação em busca da efetivação dos cuidados com a saúde” (LONGHI, 2018) para os netos e para si (se possível). Esse cenário se adensa ao verificarmos que além de idosa e pobre, trata-se de uma mulher negra. Segundo os dados do IBGE até o ano de 2023, havia no Brasil 212 milhões de pessoas pretas e pardas, população que mais sofre com a violação de direitos fundamentais. Em acréscimo, Santos (2009) nos informa que a mulher negra sofre com o aumento da violência e no que tange a área da saúde.

O percentual de mulheres negras que não possuem acesso ao exame ginecológico é 10% superior ao número de mulheres brancas; pesquisa de 2004 revela que 44,5% das mulheres negras não tiveram acesso o exame clínico de mamas, contra 27% das mulheres brancas; entre 2000 e 2004, a infecção por HIV/AIDS subiu de 36% para 42,4% entre as mulheres negras, enquanto na população feminina branca, a incidência de casos diminuiu, no mesmo período. Vale salientar, ainda, que as mulheres negras possuem menor acesso à anestesia durante o parto e a esterilização cirúrgica; apresentam menor expectativa de vida se comparada às mulheres brancas; e, 58% dos óbitos de jovens negras por causas externas referem-se a assassinatos (SANTOS, 2009, p. 3).

A família chegou necessitada de todo apoio que pudesse receber, e MARTHA70_anf11 exerceu essa função de apoiadora/cuidadora com afeto, mesmo não sendo nem tendo o preparo de uma cuidadora do tipo *care worker* (HIRATA, 2016). Esse quadro nos remete ao que Groisman (2015) identifica como ‘crise dos cuidados’ no nosso país.

Na construção do problema dos cuidados, algumas oposições são erigidas, tais como a diferenciação entre os idosos independentes e os dependentes, entre aqueles que cuidam e aqueles que recebem os cuidados e ainda, entre os profissionais e os trabalhadores leigos do cuidado. Tais oposições, ao mesmo tempo em que contribuem para fazer com que a questão dos cuidados se destaque no âmbito da problemática do envelhecimento, expressam também o jogo de forças inerente a um campo em construção: o campo dos cuidados (GROISMAN, 2015, p. 17).

Totalmente envolvida com os cuidados com os netos, MARTHA70_anf11 gerenciava seu tempo de uma forma que não incluía tempo para cuidar de si, ou seja, não dispunha de “tempo para si” (GOLDENBERG, 2021; NOWOTNY, 1992). Ela vinha sempre relatando o seu zelo no tratamento da doença crônica na pele da neta, doença que vai acompanhar a criança ao longo de sua vida: “Eu esqueço de olhar o celular. Eu tô sempre ocupada, é muita luta, principalmente com a menina que preciso dar banho e passar a pomada pra não ir piorando”. Esse envolvimento da avó com a neta remete minha atenção a um texto de Fleischer & Franch (2015) sobre o que as autoras denominam “doenças compridas”.

As pessoas envolvidas com doenças de longa duração ‘estavam em’ tratamento, controle, cuidado, dedicação, envolvimento etc. Esse tipo de doença parece corresponder a um ‘estado’, uma forma de estar no mundo por algum (longo) tempo (FLEISCHER & FRANCH, 2015, p. 23).

A dedicação e o envolvimento da interlocutora com as crianças eram inegáveis. Apenas quando o pai se deslocava com elas até a cidade do Recife, a fim de visitar parentes, ficava mais fácil agendarmos uma conversa. Mesmo assim, nosso contato ficava na dependência do desenrolar de suas atribuições (na igreja e nos “bicos” que ela relatava fazer, a fim de complementar o orçamento doméstico) para dar continuidade aos nossos diálogos.

Soma-se a essa situação, a realidade do local de residência da interlocutora. Sempre que tentei visitá-la, antes do início da pandemia, ela justificava: “Aqui no bairro, acontecem coisas muito bárbaras e eu não aconselho você vir aqui. Tá todo mundo tenso.” Muito preocupada com o meu bem-estar, ela evitava a todo custo meu deslocamento para o bairro. Até mesmo em conversas ao telefone, ela costumava baixar o tom da voz sempre que mencionava a violência na vizinhança. Essa situação foi se

agravando com o passar do tempo, também por conta da pandemia, que fechou ainda mais o bairro.

— Fui levar a menina no médico, e estamos em plena guerra aqui no bairro [sussurrando]. Aqui só Deus tem misericórdia. Nem toda hora a gente tem coragem de sair. Eu estou assim, desnorteada. Nós temos que estar é orando, porque aqui na comunidade, entram e matam pai de família, mesmo se não tiver nada com o tráfico. Estamos encurralados, a gente sai e quando volta tá a confusão. É polícia, gente preso... nem pude ir pro velório do rapaz que era porteiro e tiraram a vida dele, sem ele ter nada a ver com as ‘coisas’ [referência ao tráfico]. Eu nem consegui ir onde o corpo tava sendo velado. Eu vi a esposa dele chorando, senti a mesma dor, aqui todos se conhecem, o bairro é pequeno (MARTHA70_anf11).

Em suma, com a chegada da Covid-19, e adotando recursos tecnológicos para dar andamento à pesquisa, uma séria dificuldade enfrentada foi a condução de conversas pelos aplicativos via celular: i) MARTHA70_anf11 dizia: “Às vezes, eu não entro em contato contigo, porque não tô podendo colocar crédito no celular, o dinheiro vai pra comprar as coisas pras crianças, aí fico sem internet”; ii) Acontecia com frequência de ela se envolver nas atribuições de avó cuidadora e esquecer o celular por horas ou até por dias; iii) Algumas questões bem delicadas de sua vida, o constrangimento pela situação de precariedade da família, a dificuldade em conversar abertamente num espaço de contínuo confronto violento, são exemplos de justificativas dadas pela interlocutora para a morosidade em responder meus contatos; iv) Também de minha parte, por conta de MARTHA70_anf11 não ser minha única interlocutora, nem sempre dispunha de tempo para dedicar à nossa interação. É com base neste cenário que afirmo que nossas realidades de vida impactaram sobremaneira a condução do campo, mas como sempre verbalizava a interlocutora: “que a misericórdia de nosso Pai nos ajude a vencer os obstáculos”. Assim, seguimos enquanto foi possível, sem pensar em encerrar nossas conversas ou a pesquisa.

Além do que já foi pontuado quanto ao uso da tecnologia, outro detalhe impactou o campo: o medo do contágio, tanto de minha parte como da parte de MARTHA70_anf11. Optei pelo distanciamento presencial, efetivamente, e não a encontrei mais. À época, éramos duas mulheres, uma na terceira idade, a outra (eu) próxima dessa faixa etária, ambas vacinadas, mas com contextos de vida diferentes; essas particularidades fizeram muita diferença na forma como lidamos com a pandemia. Eu pude manter contato com meus/minhas interlocutores/as à distância. Ela, porém, não

teve como se distanciar de fato das outras pessoas por necessitar da ajuda de terceiros em sua casa, e por se deslocar para resolver assuntos domésticos.

— Já estou vacinada com as duas doses, e não me vejo sem sair. Eu faço caminhada, encontro as pessoas no caminho, e vou rapidamente comprar as coisas, sem me demorar muito, não me aproximo de ninguém, sempre tomando cuidado, né, usando a máscara, álcool em gel. Graças a Deus, eu estou, até aqui, contando vitória, viu? (MARTHA70_anf11).

A partir deste e de outros relatos da interlocutora, identifico algum nível de atenção que ela dedicava à sua saúde física e mental, exercendo o cuidado de si, uma vez que fazia caminhadas pelo bairro, movimentando-se e encontrando pessoas próximas, conhecidas. Essa prática se apresentava como uma forma de a idosa buscar manter-se saudável tanto física como mentalmente, pelos inegáveis benefícios da circulação pelo bairro (“quando os ânimos estão mais calmos”, segundo ela ressaltava), seja para ir à igreja, ao mercadinho ou ao posto de saúde. Saliento o cuidado relativo à doença viral, resguardando-se de contatos prolongados nos estabelecimentos e fazendo uso de medidas preventivas e protetivas, e sobremaneira o zelo por sua saúde espiritual, entregando a Deus a sua vida e o seu destino. Essas formas de cuidado que passei a identificar no campo trarei com mais detalhes a seguir, na seção 4.2.3.

Levando em conta o histórico de vida da MARTHA70_anf11 (e sua relação com ações do cuidado de si e de outros de seu entorno) e o histórico do restante do grupo pesquisado, verificamos que a ‘aposentadoria’ que a ajudaria a resolver muitos problemas, e que ela mencionava como um “alívio” bastante esperado, foi uma realidade relatada por outros anfitriões como um momento de ansiedade, de inatividade, ou um divisor de águas entre a maturidade e a velhice. São situações distintas que mostram a diferença entre o amparo social alcançado e a dificuldade de acesso a essa condição. Alguns outros anfitriões admitiram ter se preparado para vivenciar a aposentadoria da melhor forma, narrando o quanto foram afetados por ela – uma afetação bastante positiva às vezes, segundo podemos verificar nos dois relatos a seguir, bem distantes da realidade de vida da anfitriã fora da curva.

— No começo da aposentadoria, fiquei nervoso, pois sempre trabalhei, e foram vinte e dois anos trabalhando naquela mesma empresa, às vezes até nos finais de semana, pra de repente, não fazer nada. Lembrei das palestras

do chefe do DRH, e comecei a fazer tudo o que ele recomendou. Fundei a associação de aposentados da TELPA, ficando presidente por 16 anos, e exercendo outras funções em outros anos. Me matriculei no curso de francês do NIETI, chegando até a ser ator, coisa que jamais imaginei. Nem pensei que sabia lavar louça, e tive que seguir os avisos e reprimendas da esposa nas demais tarefas até aprender. Nos dias em que o filho caçula estava em casa, íamos caminhar na praça para exercitar o corpo. Tive também a ideia de escrever um livro de contos. Depois, fui convidado por uma fundação de Brasília e escrevi várias matérias para jornal, chegando até a ganhar prêmios. Com outros incentivos, já cheguei a escrever uns cinco livros. Quanto às viagens, já conheci todas as regiões do país, viajamos anualmente. E cuido da saúde, junto com a família, fazendo exames periódicos. Foram todas essas coisas que me fizeram ver que há muita coisa boa na terceira idade (MARINALDO82_anf2).

— Após ter câncer, resolvi me aposentar, viver um pouco mais pra mim... agora viajo duas vezes por ano (ANAMARI74_anf3).

Percebemos então que estar aposentado/a tem vários significados a depender do ponto de vista de cada pessoa e do seu lugar de fala. Não esqueçamos que nem todo aposentado é idoso, e nem todo idoso é aposentado. No grupo que pesquisei, a quase totalidade dos idosos era aposentada, de classe média, e percebia a aposentadoria como uma extensão da vida de privilégios que conhecera a partir do momento em que investira em suas profissões. Pode-se dizer que a realidade estudada difere do padrão brasileiro, no qual “a aposentadoria se apresenta como a perda da identidade profissional” (SILVA, 2017, p. 39), resultando até em perda de identidade social, pois se “nada produzem, nada são [e a] não-aceitação atual ou futura da nova condição pode desdobrar-se em diagnósticos de depressão, ansiedade, solidão” (*idem*). Os aposentados e aposentadas do curso de francês pareciam não viver essa “perda da identidade profissional”, pois são reconhecidos e sempre lembrados pelas funções bem remuneradas e de destaque que exerceram.

Reiteradamente, meus anfitriões informavam usufruir do resultado de seus trabalhos e escolhas, pois nada caiu do céu, e buscaram o melhor para si e para os seus. Não faziam menção a políticas públicas que beneficiassem o trabalhador, apenas reconheciam seu próprio esforço na preparação de suas velhices. Belas velhices, reconhecia a maioria deles.

O cartunista Maurício de Sousa é um exemplo de pessoa idosa que costuma dar entrevistas em que se mostra otimista e com atitude positiva diante da vida e mesmo da sua velhice, sempre transparecendo bastante otimismo. Ele defende a importância das

construções ao longo da vida, como a estruturação de boas relações, o cuidado com o corpo, os “cuidados sociais” como ele rotula.

Da mesma forma que meus anfitriões, o cartunista aponta a auto responsabilização do idoso pelo seu modo de vida atual, como se sua percepção do entorno, sua capacidade para interagir em sociedade explicasse o sucesso, a velhice gostosa, tranquila e bem vivida. São pontos de vista, podemos entender até que absorveram o discurso do envelhecimento ativo que responsabiliza cada pessoa pelo que ela é e pelo modo como se sente. No entanto, o próprio cartunista reconhece que seu entorno (com o apoio e o cuidado da família e de amigos) é fundamental para que ele usufrua de uma terceira idade confortável. Esta, porém, não é a única velhice possível, nem a única que encontrei em meu campo – como já informado, houve relatos de violência, de insegurança, e refiro-me aos bairros mais afastados e mais pobres da cidade, cuja protagonista é a anfitriã MARTHA70_anf11 que venho apresentando (relatos desse tipo não afloraram nas entrevistas de outros anfitriões).

Entendo ser necessário ampliar a discussão sobre essa velhice fora da curva encontrada em campo, trazendo reflexões sobre a condição de gênero. Portanto, ao olhar para “diferenças entre a percepção da aposentadoria para idosos e idosas, tem-se a perspectiva de que, tradicionalmente, a mulher aposentada convive de maneira menos impactante essa nova experiência” (SILVA, 2017, p. 40), a da saída do mundo trabalho. Contudo, o caso que esmiúço à frente retrata a realidade de uma mulher idosa (que não havia conseguido se aposentar) que sequer foi alcançada por políticas que a posicionassem frente a outra experiência, distante da que vivenciava e me relatava.

4.2.2 Cuidados, políticas públicas e religiosidade

Nesta seção, amplio as discussões sobre o cuidado em suas várias manifestações no campo, permeado pelas políticas públicas e pela religiosidade, ainda pensando os corpos precarizados. Vale relembrar (pois já discorri sobre esse tema no Capítulo 3 deste texto) que foi a partir dos anos 1948 que a pessoa idosa começou a conquistar direitos com a Declaração Universal dos Direitos Humanos, em seguida, com a Constituição Brasileira de 1988, o Código de Defesa do Consumidor em 1990, o Estatuto do Ministério Público da União e a Lei Orgânica da Assistência Social (LOAS) em 1993, a Política Nacional do Idoso (PNI) em 1994, o Estatuto do Idoso em 2003 e a Política Nacional da Pessoa Idosa em 2006.

Necessário compreender, da mesma forma, em que sentido, e se as políticas “criam vidas precárias e sistemas de exclusão” (FRANGELLA & RUI, 2018, p. 36). Observe-se a realidade vivida pela interlocutora MARTHA70_anf11, que muito esclarece sobre como o poder público vem atuando na comunidade em que ela reside. Aponto, por exemplo, o Programa Bolsa Família, criado pela Secretaria Nacional de Renda de Cidadania (SENARC) em 2003, como importante iniciativa pensada para crianças de famílias carentes como a da anfitriã. A idosa poderia ser alcançada por políticas direcionadas às pessoas idosas e, concomitantemente, às que se encontram em situação de pobreza, desde que fossem implementados os meios para que os benefícios lhe alcançassem. “A diferença entre os que possuem acesso ao mercado de bens e serviços e aqueles que dependem de auxílios para a subsistência não deve ser desprezada, certamente inspira a necessidade de debates e de estudos”, segundo Groisman (2015, p. 43).

Moreno & Flores (2023) reforçam e denunciam o peso social dos ‘cuidados’ e as desvantagens enfrentadas pelas mulheres (vítimas de acordos patriarcais) nesse contexto com base nos preceitos sociais do cuidar, que se agrava com a desvalorização social das pessoas que recebem cuidados. Principalmente se estas forem mulheres idosas. As autoras apontam para o que chamam de “grande paradoxo”, dado que aquelas mulheres auxiliam no bem-estar da sociedade por elas cuidada. Porém, quando elas próprias atingem uma idade avançada, essa mesma sociedade as marginaliza e ignora. Sem dúvida, o ser que necessita de cuidados testemunha um desvalor social desde sempre. Verifica-se esse desvalor atrelado a diversos marcadores sociais, alcançando as chamadas “vidas precárias” (BUTLER, 2011). Complexifica-se ainda mais se houver conjunção dos marcadores, a exemplo de gênero + raça, no caso de mulheres negras, como discutido no trabalho de Santos (2009).

Nas últimas décadas, inúmeros estudiosos vêm questionamento e investigando vários aspectos relacionados às pessoas com mais de 60 anos, e assim a velhice e seu crescimento no mundo deixaram de ser invisíveis. O que permanece é a invisibilidade quanto a algumas práticas que ocorrem na velhice, como o cuidado ou os cuidados, levando-se em conta a multiplicidade desse conceito. No caso específico de MARTHA70_anf11, o cuidado (ou cuidados) aparece(m), vez por outra, como responsabilidade coletiva, mas é no centro da família que ele se estabelece, pois a idosa se mantém como principal responsável por cuidar, não encontrando alternativa para a

situação, segundo sua narrativa. De acordo com a literatura disponível, essa realidade é compartilhada por muitas pessoas idosas que veem suas obrigações para com suas famílias e seus recursos como estando à disposição da prole (BROWN, 2010).

Na América Latina são inúmeras as pesquisas, principalmente no âmbito das ciências sociais, que reforçam a afirmação de que as mulheres permanecem sendo as principais cuidadoras dos grupos etários que não são totalmente autônomos (FAUR, 2014; IZQUIERDO, 2004; PALOMO, 2008; SOLER, 2013; entre outros). Os estudos também mostram que diferentes gerações de mulheres constroem uma rede de apoio mútuo para dar conta das necessidades de cuidado, realidade que vem se acentuando diante da crise mundial e da tendência neoliberal dos novos governos (LONGHI, 2019, p. 150).

Venho destacando nestas duas últimas seções relatos da interlocutora que nos remetem ao cuidado com a saúde física, mental e espiritual em relação a si mesma e aos seus netos. Também, o cuidado coletivo se faz presente, uma vez que MARTHA70_anf11 recebe apoio das irmãs da igreja, tanto para dar conta dos afazeres domésticos, quanto no que se refere ao recebimento esporádico de cestas básicas, o que exemplifica “uma trama dinâmica de trocas”⁴⁸ (LONGHI, 2018). Além desse apoio vindo da igreja, a anfitriã já chegou a ser alcançada por ações de uma ONG que atua no bairro e que é liderada por outras anfitriãs da pesquisa, as quais demonstraram grande preocupação com a sociedade como um todo, mas principalmente com o que a comunidade esteve vivenciando durante todo o período de isolamento dos bairros.

– Todos aqui em casa se cuidam. Meus filhos se preocupam comigo e isso mostra o carinho que eles têm, eu me preocupo com eles e vamos sempre conversando sobre nossa rotina. Apesar de que eu me sinto muito vigiada, mas eu faço de tudo pra seguir todas as regras, porque eu sei que o perigo é grande. Deus me livre de passar por uma situação dessa enfrentada pelo pessoal das comunidades que apoiamos. Se eu pudesse, evitaria que eles passassem por isso, que o mundo inteiro passasse por isso tudo. Na TV, as notícias são muito ruins, “são tóxicas”, como disse o Ministro da Saúde... prevalecem as notícias ruins, e eu tentando deixar as coisas mais leves, porque senão começo a pensar nessas pessoas que estão com fome, isso é muito ruim. Até na hora das refeições, eu me sinto incomodada (MAJU, 73 anos).

⁴⁸ A troca está presente na relação, pois MARTHA70_anf11 é voluntária na igreja que frequenta, auxiliando de todas as formas que pode sem receber nenhum tipo de remuneração, apenas algumas cestas básicas esporádicas. As mulheres evangélicas da congregação com quem MARTHA70_anf11 tem contato são as que se voluntariam a ir até sua casa para auxiliar nos serviços domésticos. Elas se cuidam entre si.

Identifiquei o cuidar ou cuidar-se como uma forte presença na vida da anfitriã MARTHA70_anf11. Era uma ação que estava imersa no seu dia-dia, nos vários ambientes que ela frequentava, abrangendo a todos/as e cada um/a. Neste caso, estava presente na preparação dos chás e medicamentos caseiros para sarar os netos, no zelo com a alimentação deles, com os curativos e a limpeza dos lençóis de cama que utilizavam e da própria casa onde habitavam. O cuidar passava também pelas orações proferidas com o objetivo de busca por auxílio Divino para a saúde de toda a família, para o seu bem-estar espiritual etc. Apesar de estarmos falando de atividades essenciais à manutenção da vida, fica marcada a questão de gênero (todas as pessoas envolvidas são mulheres) e da localidade (seio da família ou comunidade próxima), como mostram Moreno & Flores (2023).

O cuidado se desenvolve em condições de elevada desigualdade entre homens e mulheres, situação que se agrava na sociedade pós-moderna, uma vez que a crescente incorporação das mulheres no trabalho remunerado perturba os arranjos tradicionais de cuidado e contribui para o que tem sido chamado de *crise de cuidado* (CEPAL, 2014 *apud* MORENO & FLORES, 2023, p. 2).

Trago a dimensão do cuidado em seu caráter polissêmico, que por abranger “diferentes aspectos e ser relacional, tem levado muitas autoras a fazerem o uso do termo *care*, que comporta a complexidade e abrangência do termo ‘cuidado’ (GUIMARÃES; HIRATA; SUGITA, 2011; MOL, 2006)”, segundo Longhi (2019, p. 150). Às discussões destas autoras, acrescentam-se as de Tronto (2013, 2020). Vale destacar, ainda, o cuidado que MARTHA70_anf11 teve comigo, a pesquisadora – que era aconselhada sempre a não frequentar o bairro em que ela morava por conta de acontecimentos violentos; além de a anfitriã ter posto o meu nome no seu caderno de oração.

— Sou secretária na igreja e toda segunda estou lá com um caderno de pedidos de oração. É uma doação, eu faço de coração, não ganho nada pra isso. Deus é quem faz o mover dele por nós. Vou até colocar o teu nome [em referência ao nome da pesquisadora] no meu caderno de oração (MARTHA70_anf11).

Todas essas práticas conformam, a meu ver, a chamada “heterotopia de cuidado” (MOL [2008] ajuda a refletir inclusive sobre maneiras outras de cuidar, de organizar a vida, de pensar o cuidado a partir de vieses como educação e outros sistemas de produção). A partir da observação da vida desta interlocutora, consegui entender que o cuidar está em cada ato que nos propomos realizar, em cada lugar em que atuamos, pois trata-se afinal de “organização da prática” (MARTIN; SPINK; PEREIRA, 2018, p. 303).

O cuidar permeava as ações daquela mulher idosa que necessitava ser cuidada em alguns aspectos, mas que se posicionou como cuidadora de si e de outras pessoas. Em uma de nossas conversas, ela verbalizou: “Gostaria de ter alguém [companheiro] pra dormir de noite, porque a casa não tem essas seguranças todas. Mas, eu nem quero. Prefiro nem me envolver com ninguém, só se Deus reservar alguma coisa”. Apesar de MARTHA70_anf11 reconhecer que um parceiro traria mais segurança pela precariedade (FRANGELLA; RUI, 2018) da casa onde morava, ela reiterava que preferia não se envolver com mais ninguém. Ela sequer se imaginava sendo cuidada por um companheiro, preferindo ser cuidada por Deus, o que segundo ela “tem sido suficiente”. A interlocutora explicou que essa sua forma de pensar se devia ao seu histórico pessoal de envolvimento que a deixaram com um legado de filhos que não pode criar nem educar devidamente, em situação de pobreza extrema, sofrimento psicológico, físico e emocional. Não apareceu arrependimento em sua fala, apenas a constatação de que fez o que pode, e que até teve momentos de felicidade. Manter-se como chefe da família lhe trouxe muitos desafios e dificuldades enfim.

As famílias chefiadas por mulheres estão em situação estruturalmente mais precárias, mais dependentes de variações conjunturais, quando comparadas com situações das famílias pobres equivalentes no ciclo de vida familiar, que têm chefe masculino presente (BRITO, 2008, p. 44).

MARTHA70_anf11 assumiu a responsabilidade de zelar pela família ao longo da vida, mesmo sem ter as condições financeiras necessárias para tanto. Ela afirma que sendo evangélica e na idade em que se encontra, não pode mais “ficar por aí de amasso”. O seu relato é bastante pautado na sua religiosidade, como já identificado.

A anfitriã relatou certa feita, no ano de 2019: “Minha saúde, eu sempre digo que estou bem, mas é um modo de a gente prosperar para estar. Eu não sei o que é, mas o

meu pulmão com ar-condicionado, ventilador, eu não me sinto bem”. Para ela, nunca foi um problema falar de saúde e de doença, e esse assunto era algo bastante frequente em nossas conversas.

Da mesma forma que MARTHA70_anf11 e sua falecida nora, existem muitas mulheres que deixam de cuidar de si para cuidar dos outros, e então podemos dizer que elas (as mulheres) estão mais próximas dos serviços de saúde dos que os homens, mas nem sempre para cuidar de si. Essa constatação não se alinha totalmente à afirmação de Costa-Junior *et al* (2016, p. 104) de que “as mulheres são mais comprometidas com os cuidados de si: são mais claras e específicas ao falar de seus problemas de saúde, não têm dificuldades para demonstrar fragilidade e nem vergonha”, se comparadas aos homens. Não se trata, portanto, de uma regra geral, varia de caso a caso, a depender da conjuntura de vida de cada indivíduo.

Tanto para suas próprias consultas médicas (não tão frequentes) como para as das crianças, MARTHA70_anf11 afirmava fazer uso do serviço de saúde do bairro: “Aqui no bairro tem posto, e a médica passa remédio. Eu sempre vou lá e levo os meninos também. O menor tem uma hérnia de umbigo”. Ela procura o posto de saúde, mas o pai das crianças não faz o mesmo, nem para si, nem para as crianças, deixando essa tarefa a cargo da avó, atitude que perpassa a realidade e confirma “a menor utilização masculina dos serviços de atenção primária em saúde” (COSTA-JUNIOR *et al*, 2016, p. 109).

A pressão doméstica continuada sobre os idosos enquanto avós para que cuidem de seus netos tem sido discutida, não só em termos da importância de seus laços afetivos com seus netos mas também como cargas impostas a eles pelos filhos (BROWN, 2010, p. 258).

Miranda (2020), que estudou ‘profissionais cuidadores’ e ‘cuidadores não profissionais’ no México, desenvolveu um trabalho de referência sobre o (des)preparo e as redes de cuidado desenvolvidas para lidar com pacientes oncológicos. A autora constata, entre outros resultados, quão difícil é não estar preparado/a para exercer a função de cuidador/a. MARTHA70_anf11 exercia essa função, lidando com doenças crônicas suas e dos netos sem ter preparo para isso, e acabava por se queixar da idade e do cansaço, o que fazia com que ela aceitasse apoio e ajuda voluntária das “irmãs da igreja” – MARTHA70_anf11 não estava aposentada, não tinha trabalho fixo e realizava

atividades informais que ela denominava de “bicos”, tais como a venda de bombons e salgadinhos na janela de sua casa, além dos trabalhos esporádicos que ela realizava como costureira.

— Tem duas moças que vêm, me ajudam, mas são casadas, têm marido, e no final de semana elas têm que estar em casa também. Da segunda até a sexta, elas me ajudam com a casa, a lavagem de roupa. Pra mim, já é fundamental, porque a minha idade não combina muito com essa luta. Mas, eu digo pra mim mesma que eu tenho que ter paciência, ir levando devagarzinho mesmo, com Deus a gente vence, né? Tem hora que eu me deito, só Deus pra me acalmar, eu nem durmo. Eu deito, cochilo, e já levanto pra fazer as coisas. Dar remédio, dar os chás que eu faço com minhas plantas, preparar comida. É luta (MARTHA70_anf11).

No cenário descrito pela interlocutora, fica perceptível a delimitação de seu “espaço pessoal” (FRANGELLA & RUI, 2018, p. 24) dentro de seu próprio espaço de convivência na comunidade em que reside, onde “os corpos se orientam e se organizam, são reinscritos e se reinscrevem, são transformados e transformam” (*idem*, p. 30). Sua miserabilidade poderia ser minimizada se ela tivesse acesso a políticas públicas – estas existem e são boas, mas nem sempre são integralmente implementadas, como podemos observar. Encontramos na literatura (DUARTE & BERZINS, 2016; LONGHI, 2018; SCOTT, 2011) debates acerca do papel do estado que deixa uma lacuna em relação a essas políticas. No caso em pauta, a ineficácia na implementação de tais políticas era preenchida pela religião. Palavras de MARTHA70_anf11: “Quem cuida de mim é Deus”. Como admite Braga (2008),

[a]s demandas são muitas e os desafios também, o caminho é um só: cabe ao Estado e a sociedade reagir, planejar e, sobretudo, desenvolver políticas públicas consistentes, visando proporcionar a melhor qualidade de vida possível aos seus cidadãos, incluindo aí as pessoas que atinjam a terceira idade (BRAGA, 2008, p. 13).

A legislação que foi criada para proteger as famílias em situação de precariedade, evitando que elas se exponham a um maior número de adversidades, se fazia presente de forma precária no caso em pauta. Essa realidade é discutida por Moreno & Flores (2023) ao abordarem a questão do cuidado condicionado ao gênero e à classe.

A questão do cuidado é atravessada pela condição de gênero e de classe, dada a associação histórica que dele se fez com a representação do feminino, do auto-sacrifício, do afeto, do intuitivo e da reprodução da vida. Neste entendimento, cuidar é um dos mandatos de gênero mais fortes (MORENO & FLORES, 2023, p. 2).

Sem direito à aposentadoria por não ter como comprovar o tempo mínimo exigido de prestação de serviço, a anfitriã MARTHA70_anf11 se dividia entre as atividades da igreja, o cuidado com os netos e a máquina de costura, fonte de renda esporádica juntamente com a venda de bombons, como já mencionado. Recebia uma ajuda de bolsa família e tinha cartão alimentação no valor de 50 reais, e afirmava: “o que eu ganho só dá pra comer”. Apesar de viver em situação de precariedade, a idosa se declarava sem condições de buscar seus direitos.

– Eu não sei como vai ficar minha situação, eu pedi no INSS, falei e foi negado dois anos, em 2018 e 2019. E desde 2020, eu venho procurando. Disseram que tem uma pendência na prefeitura. Eu fui lá, peguei uns documentos e nada. Eu preciso que no CREAS resolvam pra eu receber uma ajuda. Fui lá pra ver se resolvem, mas meu caso não é violência física, agora “maus tratos de vida, eu tenho”. Eu procurei várias vezes a Secretaria de Ação Social, a assistente social falou comigo. Mas, nunca veio ninguém aqui. Só uma vez elas vieram aqui, quando as crianças chegaram, pessoal da prefeitura fez uma visita, umas perguntas pra saber quantas pessoas moram aqui, anotaram tudo e tchau. Eu sei que eu mesma posso entrar em contato pela internet e resolver, mas eu não sei muito. O pouco que sei é por conta do curso de informática que eu me matriculei na universidade, mas começou a pandemia e eu não tô mais no curso (MARTHA70_anf11).

A anfitriã mencionava a despesa que tinha com o problema de pele da neta, que era crônico: “A menina tem direito a um benefício LOA [*ipsi litteris*]. A gente gasta muito com creme pra pele dela, sabonete específico pro problema dela. Vou ver novamente com a assistente social se vai me encaminhar pra conseguir mais ajuda”. A idosa argumentava que apenas com o benefício que a criança recebia não tinha condições de comprar toda a medicação necessária, recorrendo ao auxílio de conhecidos e intencionando acessar outras políticas públicas. Porém, mais que dar remédios, era necessário que a pessoa que cuidasse da criança tivesse atenção constante às erupções, limpando-as com frequência, evitando que a menina se estressasse, porque “é um problema que ela vai ter que conviver”, afirma MARTHA70_anf11. O cuidado era

conduzido pela avó, mas também por uma prima da falecida mãe, quando as crianças iam visitá-la em Pernambuco. Segundo palavras da avó, a prima “não cuida com o mesmo zelo”, fazendo a doença evoluir.

Retorno aos estudos de Fleischer & Franch (2015) acerca das ‘doenças crônicas’, melhor dizendo “doenças compridas”. As autoras definem esse prolongamento do estado de doença da forma que segue.

Aflições que não podem ser curadas, mas sim controladas graças ao avanço da biotecnologia e da medicina. Por isso, elas se estabelecem na vida dos sujeitos como condições com as quais é preciso conviver por extensos períodos de tempo, nomeadamente desde o seu diagnóstico ou emergência até a morte, que pode advir, ou não, de complicações decorrentes dessa mesma doença (FRANCH, FLEISHER, 2015, p. 13).

Fleischer & Franch (2015) nos apresentam características, particularidades e complicações dessas enfermidades que acompanham os indivíduos ao longo de suas vidas. Nos estudos que nos apresentam, mesmo que tratem de doenças distintas da referenciada neste estudo, nos ajudam a entender a complexidade do cuidado com a pessoa adoecida por um longo período.

Tanto pela sua complexidade quanto pela sua duração, essas doenças exigem muitos cuidadores. Acionam-se, imediatamente, os circuitos domésticos, espera-se que vários da família possam somar nos cuidados diários do “adoecido”. Ainda assim, os estudos têm mostrado como as mulheres, consanguíneas e também afins, são as principais implicadas nessas rotinas (FLEISCHER & FRANCH, 2015, p. 21).

Circuitos domésticos, referenciados pelas autoras, aparecem no campo que eu pesquisei, e ajudam a problematizá-lo. Conforme Fleischer & Franch (2015, p. 19), “uma doença comprida implica que pensemos em um feixe de relações de longa duração que as pessoas adoecidas vão estabelecendo ao longo da vida”. Segundo as interlocuções de MARTHA70_anf11, eram frequentes as negociações entre os/as cuidadores/as envolvidos/as quanto às formas de tratamento e atenção que deveriam ser dispensados à criança, sua neta. Ainda segundo a interlocutora, as negociações eram sempre necessárias, pois não existia um consenso sobre a melhor e mais eficaz forma de cuidar.

Em resumo, as configurações do cuidado que identifiquei nesse caso são: o uso de produtos caseiros (chás e ervas) e industrializados (pomadas, polivitamínicos, vacinas etc.); a religiosidade (outorgando o cuidado e o zelo à Divindade ou a membros da igreja, em situações do dia a dia, inclusive ao interceder pela vida de pessoas conhecidas através de um caderno de orações); os serviços do posto médico (Centro de Referência da Assistência Social, CRAS) e do Centro de Referência Especializado de Assistência Social (CREAS), enquanto instituições que prestam auxílio no acesso às políticas públicas; os conselhos e as orações direcionadas especificamente à pesquisadora. Estes se configuram como exemplos de *care* identificados no campo.

Tendo em vista o que foi observado e narrado, posso afirmar que MARTHA70_anf11 acreditava que não precisava realmente ‘ser cuidada’, que tinha autonomia sobre sua vida (LONGHI, 2018), mas necessitava ‘ser amparada’ por não ter recursos para fazê-lo adequadamente sozinha. Cuidava de si na medida em que dispunha de tempo, ‘respirava’ e falava baixinho para não ser ouvida nas conversas com a pesquisadora. Parecendo somatizar suas angústias e apreensões, seus pulmões necessitavam de cuidados médicos (ela nem sabia exatamente o que tinha, mas como já mencionado, não conseguia se sentir bem em ambientes com ventilador ou ar-condicionado, como os das aulas de francês), e seus olhos também careciam de atenção. Enfim, todo o seu corpo falava.

– Aqui em casa, há uma necessidade grande, toda hora, todo instante, e eu tô grata a Deus. Nós não podemos ser mal-agraçados, não temos o direito de pedir nada, porque o maior sacrifício Jesus já fez naquela cruz. Eu não me sinto uma pessoa derrotada, porque existe um Deus. Eu vivo pela fé (MARTHA70_anf11).

Idosa fervorosa, resignada, humilde, trazia marcas no seu corpo, resultantes das precariedades que a atravessaram, assujeitada em uma moradia sem conforto, que necessitava de reforma. Faltavam-lhe recursos, convivia com as doenças crônicas dos netos e com as suas próprias enfermidades. Aquele corpo precário vivendo em espaço também precário encontrava-se “no limiar da exposição, da dor e da subtração” (FRANGELLA & RUI, 2018, p. 24). O que o futuro lhe reserva em termos de políticas públicas não se pode assegurar. Não recebia a assistência social desejada e se

encontrava invisibilizada, juntamente com toda aquela comunidade carente de saúde, atenção, respeito e tranquilidade.

Na conjuntura atual, no entanto, considerando o anunciado congelamento em investimentos públicos por vinte anos, muito dificilmente existirão verbas para ações preventivas ou aparatos de cuidado dirigidos para a terceira idade, o que nos leva a pensar que se acentuará a responsabilidade da família ou se ampliarão ofertas do mercado, reproduzindo na velhice a lógica das desigualdades sociais (LONGHI, 2018, p. 60).

Não se esgotam as reflexões, uma vez que o tema abordado abre margem para discussões mais pontuais sobre as categorias ‘gênero’, ‘geração’, ‘classe social’ e ‘raça’, que aqui não ampliei por pretender dar alguma visibilidade às políticas públicas e ao cuidado em si na análise. Entendo, porém, que tais categorias são prolongamentos desta pesquisa, e poderão ser examinadas como desdobramentos dela. Outro aspecto do trabalho de campo que me proponho a pensar, na próxima seção, é o fazer teatral do grupo em momentos distintos da pesquisa, tendo a pandemia como referencial.

4.3 O fazer teatral antes e depois da pandemia

Ao iniciar esta seção, pontuo que desejo finalizar esta tese com reflexões sobre o antes e o pós (ou quase pós) pandemia, sob a perspectiva de um dos recursos utilizados como aporte metodológico para estudar o grupo de idosos, o teatro. Entendo que “as artes cênicas influenciam as práticas sociais e individuais, no sentido de proporcionar condições para o empoderamento de sujeitos cujos papéis sociais são constantemente questionados” (LEIPNITZ *et alli*, 2022, p. 351-352). Assim sendo, é possível perceber o teatro como um expediente a partir do qual se possa incentivar a reflexão, promover a resistência e o empoderamento das pessoas da terceira idade, cujas práticas e narrativas estudamos.

Ao levar o fazer teatral para a sala de aula, a intenção era utilizá-lo enquanto recurso didático que permitiria que o alunado quebrasse barreiras no manuseio da língua francesa e utilizasse a oralidade com mais segurança. Não havia a intenção de trabalhar com este recurso a nível profissional, o que exigiria um estudo mais denso das práticas de atuação e interpretação que os profissionais da área precisam conhecer e desenvolver

para se tornarem artistas com registro (DRT)⁴⁹ no sindicato da classe, para então exercer função remunerada na área. Trabalhamos o teatro amador, o teatro formador de sujeitos em cena, superando possíveis dificuldades pessoais, tentando verificar o que dizem os idosos sobre o ‘estar em cena’, sobre se posicionar diante do público, sobre a interação e a sociabilidade do grupo.

– Fazendo comparação com as outras peças que nós atuamos, essa última foi diferente. Nas outras, nós tínhamos menos pessoas, e a de agora exigiu mais da gente, permitiu a gente melhorar mais com relação as nossas atuações passadas. Eu acho que essa foi mais profissional, profissional amador, claro. Nos entregamos mais, teve muita colaboração, todo mundo ajudou, todo mundo estava ali disposto a dar uma mão pra o outro. Foi assim como se nós fôssemos uma só família (SONIA66_anf6).

– Foi desafiante por ser inédito para mim, fiquei com receio de não performar bem e prejudicar o grupo. Pra minha surpresa, não me senti desconfortável, me senti bem à vontade, achei até prazeroso. É interessante demais, inclusive faço um paralelo com o carnaval, pois sempre gostei de me fantasiar naqueles bailes de clubes, e lá sempre vesti verdadeiramente o personagem que a fantasia impunha. Realmente é uma viagem de transformação sua para a personagem. Imagine para atores e atrizes que vivem isso toda uma vida (JOSEMIR, 64 anos).

No processo educacional, o teatro desempenha um papel importante, pois pode contribuir para o desenvolvimento de habilidades latentes ainda desconhecidas dos indivíduos que com ele se envolvem. Ao utilizar os ensinamentos e as pontuações de Boal (1980, 2002) estávamos seguindo Paulo Freire (1987; 2006), que inspirou o dramaturgo a partir de sua Pedagogia do Oprimido, cujas reflexões atestam que o processo de libertação do indivíduo nem acontece de forma solitária – uma vez que “ninguém liberta ninguém, ninguém se liberta sozinho: os homens se libertam em comunhão” (FREIRE, 1987, p. 52) –, nem de forma isolada – por entender que “não sou se você não é, não sou, sobretudo, se proíbo você de ser” (FREIRE, 2006, p. 100).

– Antes de fazer teatro com a turma do francês, eu já havia feito um Auto de Natal. Fiz também parte de uma peça que tratava da apresentação de um coral em que eu cantava em italiano. Foram minhas experiências com o palco. Quando aconteceu de surgir a possibilidade de voltar ao palco nas aulas de francês, eu me senti muito inseguro, não tinha facilidade de falar o idioma, e acabei escolhendo uma personagem que não tinha fala. Aos poucos, fui evoluindo nas peças. Nessa última apresentação, já consegui me divertir (CARLOS71_anf1).

⁴⁹ Trata-se do registro profissional e regulamentado emitido pela Delegacia Regional do Trabalho (DRT), hoje chamada de Superintendência Regional do Trabalho e Emprego (SRTE).

O anfitrião definitivamente passou por um processo, enfrentando sua timidez, a assumida dificuldade com o idioma, e se tornou uma das personagens centrais das últimas apresentações. Ainda pensando o processo de libertação do indivíduo, podemos apontar o teatro como passível de problematizar o preconceito etário, fator que influencia no aparecimento de transtornos como a tristeza profunda, a depressão e outras patologias entre os idosos, fenômenos constatados no campo. A solidão que alguns anfitriões confidenciaram experimentar era resultante do afastamento de familiares, de pessoas próximas, queridas, que por estarem envolvidas com seus próprios afazeres ou, por não terem interesse em compartilhar do dia a dia de seus parentes idosos, evitavam o contato e/ou só o mantinham esporadicamente (no período mais agudo de contágio por Covid-19, relatos dessa natureza se fizeram mais constantes, porém não estavam relacionados às queixas de solidão por abandono, e sim ao isolamento compulsório).

Fazer teatro nesse contexto é permitir que os sentimentos que são, em grande parte, influenciados pelos diversos prismas sociais, sejam sentidos, sejam ouvidos. O acolhimento que acontece durante a abordagem teatral também serve como dispositivo de cura (LEIPNITZ *et alli*, 2022, p. 369).

Enquanto processo educacional, é nesse ambiente que “o teatro pode ser uma arma de libertação, de transformação social e educativa” (BOAL, 1980, p. 28), por se estabelecer como “instrumento eficaz na compreensão e na busca de soluções para problemas sociais e interpessoais” (*idem*, p. 29). Como observado na pesquisa com os idosos do NIETI, as atividades teatrais permitiram que eles pudessem expressar seus sentimentos, suas angústias, que vencessem seus medos, suas inseguranças e sua timidez perante uma sociedade que venera a juventude. Ampliamos nosso entendimento a respeito com base na antropologia do teatro.

A compreensão e a percepção dos movimentos corporais congregam em si peculiaridades intimamente relacionadas ao processo de significação. Aqui, precisamos compreender esse processo integrante de uma profunda relação com a sua corporeidade. Poderíamos referir que é um saber próprio do corpo, de suas histórias, contextos e atravessamentos. Algo que influenciaria diretamente na expansão da reflexão sobre como se dão os processos de significação em outros contextos (RANGEL, VARGAS & BUSSOLETTI, 2016, p. 196).

Técnicas teatrais e construções cênicas grupais podem promover transformações a partir dos sentidos que são produzidos pelas expressões coletivas que fazem emergir sujeitos onde antes havia apenas indivíduos oprimidos pelo sistema, pela sociedade com seus rótulos. A prática teatral dos idosos na UFPB (que podemos identificar como uma universidade aberta para a terceira idade), proporcionou um sentimento de acolhida para o grupo 60+, como se uma espécie de portal se abrisse no interior de uma realidade na qual “culturalmente se propaga, que essa é uma idade em que se deveria dar uma refreada quanto às obras e ações”, como constata o anfitrião Joselino.

É preciso que a educação esteja – em seu conteúdo, em seus programas e em seus métodos – adaptada ao fim que se persegue: permitir ao homem chegar a ser sujeito, construir-se como pessoa, transformar o mundo, estabelecer com os outros homens relações de reciprocidade, fazer a cultura e a história (FREIRE, 2006, p. 45).

As vantagens da prática teatral são inúmeras em qualquer faixa etária, por ser adaptável, por se tratar de “um sistema de exercícios físicos, jogos estéticos, técnicas de imagens e improvisações especiais, que tem por objetivo resgatar, desenvolver e redimensionar essa vocação humana” (BOAL, 2002, p. 28-29). Vocação, sim, porque o teatro se fez presente na vida do ser humano antes mesmo do aparecimento da linguagem, com a mímica que transmitia o pensamento, com a imitação dos trejeitos dos animais, com o uso de danças e de desenhos para narrar seus feitos (AIDAR, 1999). Da mesma forma, esse instrumento de construção de subjetividades que no curso de francês começou a ser utilizado como ferramenta no processo educacional (mas que pode ser utilizado também por pessoas idosas e cumprir seu papel no resgate da autoestima, como assinalam os anfitriões desta pesquisa) permitiu dar voz para que os atores e atrizes narrassem como perceberam os desafios que se lhes apresentaram naquele momento de suas vidas. Suas narrativas ampliam nosso conhecimento sobre esse público em específico.

– Se costuma dizer que essa [terceira idade] é uma idade em que se daria um tempo... Mas é o contrário, às vezes, tudo acontece e você fica deslumbrado, como eu fiquei com o teatro. E você vê que o mundo prossegue, ele continua em todas as épocas da vida. Você é quem faz acontecer (JOSELINO, 63 anos).

– Pra mim, não significa nada ser terceira idade. É muito interessante falar uma coisa dessas, mas na minha cabeça isso ainda não aconteceu. Eu faço tudo o que eu quero. Eu vou à praia, eu vou praticar minhas atividades

físicas, eu viajo, eu faço o que eu quero, vou pra onde quero, sem depender de pessoas, tanto é que eu tenho uma grande família, mas não sei se você já percebeu, nas peças dificilmente aparece alguém da minha família pra poder me prestigiar, me acompanhar, ver o que estou fazendo, é como se nas minhas atuações eu fosse uma pessoa sozinha, sem família. E eu amo fazer essas peças, então faço por prazer (SONIA66_anf6).

– Quando você abrir curso de teatro em português no NIETI, eu quero participar. Vai ser bom pra melhorar minha dicção, vencer minha timidez, me trabalhar mesmo (CARLOS71_anf1).

Estes relatos mostram que existem projetos de vida a curto prazo após os 60, e indicam movimento, atividade, coisas diferentes do que se propaga sobre a velhice. Nessa reflexão antropológica sobre teatro, gerações, construção de subjetividades vê-se claramente o entrelaçamento entre diálogos de corpos, mentes, afetos. Na próxima seção, trataremos das possibilidades com pessoas 60+ em cena, a partir de suas verbalizações e imagens.

4.3.1 Teatro e velhice: possibilidades com a terceira idade em cena

Nesta seção, continuo discutindo a atividade teatral também enquanto recurso pedagógico (difícil não o fazer), mas principalmente como instrumento na construção de relações sociais e afetivas na terceira idade, a partir do grupo de alunos do francês do NIETI nos anos de 2019 e 2023. Refletir sobre esse panorama nos ajuda a entender as complexidades e as demandas da pessoa idosa por uma ressignificação em torno do que é ser terceira idade no cenário atual – a partir da relação corpo, técnica e teatro. Concordamos com Groisman (2015, p. 31) quando o autor constata que “para se tornar parte de uma população de pessoas idosas, se requer que essa pessoa seja absorvida por um discurso específico de diferenciação”, ao passo que para ser velho, basta envelhecer.

Nesse sentido, as atividades teatrais nos moldes utilizados com aquela turma do francês foram fundamentadas na Educação Libertadora (FREIRE, 1987) na tentativa de colaborar com o processo de construção da consciência crítica dos participantes. Acreditamos, em concordância com Freire (2000, p. 85), que “onde quer que haja mulheres e homens há sempre o que fazer, há sempre o que ensinar, há sempre o que aprender”. Além do mais, o ambiente escolar é reconhecido como um território que afeta subjetividades e influencia a construção e solidificação de identidades. Pedagogos, arte-educadores, psicólogos etc. vêm cada vez mais utilizando o fazer teatral em suas variadas formas.

Por outro lado, o teatro como ferramenta metodológica permite discutir como as pessoas atendidas pelo Núcleo articulam seus projetos de vida com o estudo de um novo idioma e com as artes cênicas, observando-se os sentidos que atribuem às suas ações, às suas escolhas e ao espaço utilizado e por elas ressignificado. Servem como motivações para a discussão, os seguintes pontos: a necessidade de se refletir sobre o público estudado, em um espaço ainda inexplorado pela ciência antropológica dentro da UFPB, o NIETI, suprimindo uma lacuna; a constatação de que os indivíduos idosos, alvos da pesquisa, buscam se afirmar, se individualizar e se construir a partir da atuação teatral em língua estrangeira; e ainda o indiscutível interesse do grupo pelo aprendizado de um novo idioma, a partir das mais variadas tecnologias, levando a reflexões sobre as construções de si na terceira idade.

A reflexão crítica sobre a realidade conduz a problematizações acerca da estrutura formativa social, buscando romper com os processos de alienações que oprimem indivíduos, conduzindo-os à libertação das correntes opressoras e dos padrões da engrenagem capitalista. Essa libertação se dá mediante uma práxis pedagógica que parte da conscientização das pessoas sobre como são conduzidas pelo sistema dominante (LEIPNITZ *et alli*, 2022, p. 359-360).

Verifica-se, nesse contexto, a possibilidade de um trabalho que pensa o teatro como técnica poder dialogar com literaturas da antropologia, da sociologia, da educação e, ainda, da filosofia. Aponta-se, na qualidade de trabalhos que ajudam a pensar envelhecimento, corporeidade e terceira idade: Tsing (2019), em termos do que está relacionado com o ambiente e com o espaço construído e ressignificado; Miller (2013), nas discussões sobre cultura material principalmente; Boal (1980, 2002), na tentativa de se pensar o corpo e suas expressões em diálogo com o ambiente educacional contemplado por Freire (1987, 2000, 2006); e Foucault (2013), com reflexões sobre corpo, técnica e tecnologia. Estas foram leituras que fiz na tentativa de ampliar meus conhecimentos sobre um tema que pesquiso pela primeira vez, como já mencionei.

Como ponto para reflexões, trago a interação intergeracional nas ações do NIETI. Acredita-se que a interação entre gerações seja edificante, e seus benefícios costumam aparecer nos relatos de todos os envolvidos, que reconhecem (e apoiam) a presença de pessoas jovens nas apresentações (ver Figuras 12 e 13) como “um incentivo ao aprendizado e uma fonte de renovação das energias”, segundo narra a anfitriã Eliane, e segundo aponta o anfitrião CARLOS71_anf1.

– Essa coisa de mesclar os jovens com idosos no palco dá legal, dá um samba muito bom, não sai fora do ritmo, não desafina. As meninas jovens dão uma veracidade às cenas. Se divertem, trazem uma energia, parece que nasceram pra isso, sabe? (CARLOS71_anf1).

Figura 12 – Jovens e idosos em cena – 2019.



Fonte: Arquivo pessoal.

Figura 13 – Jovens e idosos em cena – 2023.



Fonte: Arquivo pessoal.

Dentro dessa linha de raciocínio, Oliveira (1999, p. 277 *apud* FERRIGNO, 2003, p.147) nos esclarece que “a co-educação de gerações supõe da parte dos que estão envolvidos, uma predisposição para aceitar as peculiaridades que a diversidade de tempos imprime na formação de cada qual.” Constata-se que a interação mencionada motivou as pessoas idosas a se esforçarem ainda mais no aprendizado do idioma e em

suas performances artísticas, nas quais havia trocas e apoios constantes entre todo o elenco (ver Figura 14).

Figura 14- Interação entre jovens e idosos no camarim.



Fonte: Arquivo pessoal.

Ao final da apresentação, os/as artistas posaram para a foto oficial (ver Figura 15). Como de costume, iam se agrupando, trocando ideias ao final da peça. Explicando melhor: após o último ato, a plateia aplaude e o alunado se dispersa, cada qual vai trocar ideias com as pessoas com quem acabou de contracenar. Às vezes, se buscam para pedir desculpas por ter ‘atropelado’ a fala do colega (“Desculpa, eu não esperei você terminar a frase e já fui dizendo a minha, foi mal” – MICHEL, aluno jovem), ou para informar que ‘esperou a deixa’ e a colega não deu, porque estava pouco concentrada na cena (“Eu fui junto com todo mundo, não sabia o que fazer na hora, aí segui vocês” – MARTHA70_anf11), dentre outras situações. Foi possível identificar demonstrações de amizade, solidariedade, sentido de equipe, mostrando que havia uma troca entre os jovens e as pessoas com “juventude acumulada”.

Figura 15 – Foto oficial da peça *Le Noël de Gari*.



Fonte: Arquivo pessoal.

O teatro teve um efeito notável entre os participantes do grupo idoso, e que todos foram unânimes em aprovar a experiência conjunta com a “turma dos jovens”. Observem-se algumas colocações.

- Juntar a turma dos jovens com os idosos foi ótimo. Uma experiência gratificante (SONIA66_anf6).
- Se tivesse jovens na turma, seria até melhor. Quando eu tô em casa estudando, minha neta de dez anos é uma medonha, já vai no Google, diz que minha pronúncia tá errada. É uma troca (JOSELITA, 76 anos).
- Esse teatro é o que tem de especial no curso. Tô me descobrindo e quero continuar me apresentando. Ainda mais com a turma de gente jovem, amei (MARTHA70_anf11).
- Foi o primeiro palco que eu subi pra representar não eu, Joselino, e sim o gato mágico. Eu sempre quis fazer mudanças, trazer alegria pras pessoas, e nada melhor do que o mágico. O espanto, o sorriso. Adorei tudo, faria de novo (JOSELINO, 63 anos).

O uso de esquetes teatrais como recurso pedagógico para ensino do francês ensejou que a turma de idosos experienciasse novas descobertas, superasse a timidez, se permitisse uma exposição ainda desconhecida, ricos momentos de troca com pessoas de várias faixas etárias (de 15 a 83 anos de idade). Dada a importância que a participação em peças teatrais teve para o grupo em foco, entendi ser importante apresentar um breve debate sobre este recurso enquanto ferramenta que possibilita uma discussão sobre

subjetividades. ‘Realização pessoal’ foi um dos termos frequentemente usados nos encontros que sucederam as apresentações. Partindo, então, para o fechamento deste trabalho, tenho a impressão de que não tem como fechá-lo em definitivo, porque as coisas vão se abrindo, permitindo novas reflexões, e a vida vai continuando, os encontros vão acontecendo. Em algum momento, é preciso deixar ir e encerrar a análise, sabendo que não é o fim, é só uma breve pausa.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

*Outrora nossos olhos refletiam, inteiros,
Nos seus dois espelhos, a luz.
Agora estão vazios, baços e negros.
É a esse estado que o tempo conduz*
(BEAUVOIR, 1976)

Ao iniciar a pesquisa de doutorado, no ano de 2019, eu me sentia muito empolgada com a perspectiva de estudar o processo de envelhecimento das pessoas com quem comecei a interagir nas aulas de francês do NIETI-UEPB. Aquela empolgação passou por altos e baixos ao longo dos anos do curso de doutorado, uma relação de amor e ódio se instalou, não por conta do relacionamento em si, mas das intempéries que alcançaram o campo, trazendo muitas dificuldades para as investigações, e por conta de perdas em vários pontos do trajeto – com o afastamento de muitos e a partida definitiva de uma interlocutora, inclusive. Ao longo dos primeiros meses, já foram surgindo questionamentos que, tempos depois, se transformaram em perguntas e serviram de norte para as investigações subsequentes, lembrando que muitas outras foram surgindo ao longo do estudo que tem como recorte conhecer o processo de envelhecimento da pessoa idosa que frequenta uma instituição federal de ensino, a qual lhe oferece educação continuada em projetos de extensão.

Comecei tentando entender como se dava o processo de envelhecimento daquelas pessoas que frequentavam vários cursos do NIETI. Como pudemos perceber nos relatos extraídos do diário de campo, muitas delas nos mostraram que passaram da vida adulta para a terceira idade sem perceber a passagem. Era apenas vida que continuava, e a grande maioria se mantinha, basicamente, no mesmo ritmo dos anos anteriores, não se percebendo idosas nem pensando em finitude – se encaixam, ou se aproximam, do conceito que os estudiosos classificam como “*ageless*”, ou são pertencentes à “*geração ageless*” (GOLDENBERG, 2011).

Houve quem mencionasse as doenças graves (como o câncer) e a própria pandemia de Covid-19 como um demarcador da entrada na chamada velhice, pelo alerta de outras pessoas de seu entorno, que as lembravam a todo instante que pessoas 60+ precisavam se isolar. Não havia como ir de encontro às alegações. Aquele era um marco definitivo da chegada da velhice.

Mesmo assim, para aquelas pessoas, a vida continuou e, já respondendo outra pergunta de pesquisa, continuaram estruturando seu cotidiano para a construção e a realização de antigos e novos projetos de vida quando recuperassem a saúde ou quando a pandemia passasse. Adiaram a realização dos antigos sonhos, mas não desistiram de realizá-los, e muitos outros projetos foram sendo construídos. Suas narrativas e condutas mostraram que apesar de aposentadas de suas funções laborais, elas não haviam se aposentado de si mesmas (GOLDENBERG, 2021) e continuaram a produzir, sonhar e agir pensando o futuro, nem sempre a curto prazo.

A fase de isolamento atingiu o campo quando entrávamos no segundo ano da pesquisa e pudemos verificar que as estratégias desenvolvidas pelos interlocutores (que chamei de anfitriões) no enfrentamento aos desafios impostos pelo isolamento social foram, essencialmente, seguir as orientações dos órgãos mundiais e nacionais de saúde. Porém, nem todos aqueles anfitriões seguiam à risca as orientações, criando estratégias, encontrando formas de se socializar e de realizar pequenos passeios no entorno de suas residências tomando as devidas precauções. Observamos que os cuidados foram priorizados, em relação a si mesmos e aos familiares que os acompanhavam. A vida e a saúde estavam em primeiro lugar. Naquele período, a turma do francês destacou que as aulas *online* foram uma válvula de escape para minimizar os efeitos da solidão e do distanciamento de pessoas queridas, de familiares etc. Para alguns, as aulas foram o único contato com o mundo lá fora que era tão ameaçador como jamais se havia testemunhado.

Os impactos causados pela pandemia em seus cotidianos e na construção de seus projetos de vida (já entrando em outra pergunta de pesquisa) foram inúmeros, e para algumas daquelas pessoas, vêm se prolongando. As perdas pessoais, tão próximas, sem a possibilidade de vivenciar o luto, marcaram a vida de várias anfitriãs que abandonaram as aulas, a pesquisa e o contato com o grupo. Tentaram se recuperar, fizeram várias tentativas nos dois anos finais da pesquisa, e não conseguiram superar a dor, nem reconstruir suas vidas. Continuavam no processo. Entretanto, concordando com Duarte (2017, p. 107), “apesar de algumas limitações que surgiram no decorrer de suas vivências, novas rotinas vão sendo criadas e reelaboradas no dia a dia”, e acreditamos na capacidade do ser humano de se reconstruir e retomar os rumos de suas vidas em meio às adversidades.

Outra pergunta que buscamos responder mencionava a visão que anfitriões e anfitriões tinham da instituição federal em que estavam estudando. Em sua maioria, se sentiam gratas/os e orgulhosas/os por estarem voltando à universidade, ou mesmo frequentando-a pela primeira vez. Vários deles são ex-alunos e/ou ex-professores-pesquisadores da UFPB, e nutrem um profundo carinho por tudo o que construíram a partir dos cursos que fizeram na instituição e que os colocaram no mercado de trabalho, colaborando para que alcançassem uma terceira idade tranquila economicamente. Os capitais financeiro e cultural conquistados os posicionam no que verificamos ser uma terceira idade com privilégios, com disponibilidade para estar ali estudando um idioma estrangeiro, se preparando para conhecer países francófonos ao redor do mundo, ampliando suas redes de contato e de apoio em outros países. Esta foi a realidade verificada na vida de mais da metade da turma que colaborou com a pesquisa.

O NIETI e a UFPB apareceram como centrais na construção de projetos individuais e coletivos, e o curso de francês mostrou ter um diferencial que afetou o grupo e estimulou a criação de outros projetos, o fazer teatral. Em sua quase totalidade, os anfitriões se disseram motivados a continuar frequentando o curso (e, obviamente, participando da pesquisa) por conta do que experimentaram com as apresentações de peças ao final dos semestres. Não consideraram um processo fácil, mas não desejavam se afastar do palco, por entenderem que aquele era um espaço único de projeção pessoal, de superação dos medos e inseguranças, de trocas com a plateia e de aprendizagem para a vida. Lembremos que para Boal (2002), o teatro é uma “vocação humana”, isso eles puderam vivenciar e, após as apresentações realizadas, verbalizavam a satisfação que sentiam. Ademais, “todas as artes contribuem para a maior de todas as artes: a arte de viver” (BERTOLD BRECHT)⁵⁰.

Ao responder outra pergunta de pesquisa, refletimos sobre a ‘visão de idoso’ ou a ‘perspectiva de velhice’ presente nas propostas criadas na UFPB para a terceira idade. Elegemos três projetos (NIETI, LAGEFON E IPE) frequentados por interlocutores para nos ajudar a entender o que motiva a universidade a pensar e a produzir ações para pessoas 60+. Encontramos aproximações entre o NIETI e a LAGEFON, tanto nas propostas que as fundaram, quanto nas atividades que elaboravam conjuntamente, contemplando pessoas atendidas por ambas as iniciativas. O IPE, sendo a proposta que, entre as três, nasceu por último na instituição ainda não implementou tudo o que consta

⁵⁰ Disponível em: <<https://www.pensador.com/frase/MTY2NjU3NA/>>. Acesso em: 27 mai. 2024.

em seu plano inicial, buscando parcerias locais, nacionais e internacionais para colocar em prática o seu planejamento. Bastante afastada das outras duas propostas, o IPE direciona suas ações para o alunado do CCS que será preparado para atender as pessoas 60+, embora já implemente ações que migraram do NIETI para o Instituto, no eterno jogo político que ronda o Núcleo desde sua criação no ano de 1992.

Reconhecemos nas três propostas, de toda forma, a abertura do espaço universitário para que as pessoas da terceira idade possam ampliar seus horizontes, se socializar, exercer sua liberdade nesse momento do curso da vida, em que têm disponibilidade e oportunidade para fazê-lo. Verificamos que todos os envolvidos são beneficiados em algum aspecto, e comprovamos que as propostas de uma universidade que se abre para a terceira idade se constituem como instrumentos de construção de planos para o futuro e de melhora na qualidade de vida para muitas daquelas pessoas que, sem aqueles espaços, poderiam estar experienciando outro tipo de velhice, ou no mínimo, tendo mais dificuldade para encontrar vagas em propostas semelhantes na grande João Pessoa.

Lembramos que a categoria que norteou o estudo foi ‘projeto de vida’, mas outras precisaram ser estudadas a partir do que o próprio campo mostrou. Todas ajudaram a ampliar nosso entendimento desse momento do curso da vida do ser humano, a exemplo de geração, idade, terceira idade, velhice(s), velho, idoso, envelhecimento ativo, autonomia, juventude, acumuladores de juventude, tempo (tempo social), tempo para si e cuidado. Cada uma destas categorias contribuiu para que se alcançasse o objetivo principal e fundador deste estudo que foi investigar e compreender o processo de envelhecimento de pessoas 60+ que frequentavam os cursos do NIETI, a partir de seus cotidianos e projetos de vida. Destaco a categoria “acumuladores de juventude”, uma autodenominação de um dos idosos que beira a categoria ‘ancião’ – ao longo dos anos de contato com o campo, o número de pessoas 80+ foi crescendo no grupo. Neste ano de 2024, mais outras três ou quatro alcançarão este universo etário.

Neste trabalho, precisei apresentar algumas reflexões sobre o direito de cuidar e de ser cuidado. Segundo Moreno e Flores (2023), reconhecer esses direitos é a chave para fazer com que eles sejam reconhecidos, principalmente porque, ao posicioná-los como direito, se reconhece sua natureza de reciprocidade, e com isto, o exercício do mesmo em condições de igualdade de gênero. Porém, o cuidado foi debatido por ter aparecido no campo, sem que se desejasse trazê-lo inicialmente como um ponto forte da

pesquisa. Reconheço, no entanto, que para trabalhos em saúde com foco na velhice seria fundamental ter um conhecimento profundo sobre as diferentes experiências do cuidar e do ser cuidado entre homens e mulheres, pensando-se o envelhecimento para além do biológico, entendendo o papel da sociedade na construção e na perpetuação de desigualdades de gênero. Em consequência, lembrando que a mulher vive mais que o homem e existe em maior número na sociedade, este conhecimento auxiliaria na construção de políticas públicas que pensem o cuidado e o envelhecimento, o que não é o mote deste estudo, que apenas tangenciou a categoria ‘cuidado’.

As produções sobre o tema ‘envelhecimento humano’ se avolumam a cada dia e ampliam o entendimento sobre o curso da vida. Grande parte da produção acadêmica a nível de mestrado e doutorado que encontrei em sítios da internet sobre o tema do envelhecimento foi realizada por estudantes que ainda não alcançaram a faixa dos 50 anos de idade cronológica, ou seja, raríssimos, praticamente nenhum trabalho de tese desenvolvido por pesquisadores que estivessem na terceira idade. Nessa faixa, podem ser encontrados pesquisadores em pós-doutoramento, mas raramente ainda cumprindo um mestrado ou doutorado.

A idade da pesquisadora parece ter sido, contudo, um elemento interessante para a obtenção dos dados, porém não foi feito um estudo a respeito para que se possa trazer afirmações nesse sentido. Podemos, de toda forma, problematizar: se por um lado, estar posicionada na mesma faixa etária dos interlocutores proporciona que a pesquisadora se identifique ou reconheça mais facilmente alguns diálogos ou posicionamentos do que se fosse uma pesquisadora mais jovem, por outro lado, também pode, de repente, ser mais difícil lidar com algumas vivências que podem lhe atingir diretamente.

Quanto aos recursos metodológicos utilizados, aqueles considerados tradicionais na coleta de dados etnográficos foram usados com mais frequência, desde a entrevista semiestruturada à observação participante. Contudo, foram os programas para acesso remoto que permitiram a continuidade da pesquisa, mesmo que a ritmo bastante lento, no período de isolamento social mais intenso por conta do contágio pelo coronavírus. O uso dos programas permitiu uma interessante reflexão sobre o tipo de pesquisa que se realiza quando os interlocutores e a pesquisadora se encontram em lugares geograficamente diversos e podem lançar mão dos recursos tecnológicos para a comunicação. A partir do ano de 2020, a virtualidade se tornou uma presença constante em pesquisas de diversas áreas, não sendo diferente nas ciências sociais.

Pensando a prática teatral enquanto recurso metodológico, ressalto que ao iniciar a pesquisa, nem imaginava e não era objetivo explorá-la, por esta não fazer parte das atividades oferecidas pelo NIETI e por não aparecer enquanto interesse do grupo de idosos que o Núcleo atende. O que seria inicialmente uma ferramenta didática para o ensino da língua francesa, mostrou-se uma rica oportunidade de alcançar o grupo sobre outro prisma. O impacto dessa ferramenta foi entendido como sendo um ponto importante para reflexão, e ele foi apresentado enquanto recurso metodológico na etnografia realizada. Foram trazidas ainda reflexões acerca desse instrumento enquanto afetação sobre o grupo e sobre o Núcleo, pensando sua abrangência. Tal afetação não poderia ser ignorada, pois foi um divisor de águas para as vivências do grupo dentro das propostas do NIETI, segundo pudemos constatar nos relatos apresentados.

A partir mais precisamente das teorizações de Boal (1980, 2002) e Grotowski (1971), pensamos a atividade teatral com o grupo, almejando refletir e problematizar a realidade dos sujeitos, protagonistas de suas vidas – o teatro se apresentou como instrumento que contribui com o processo reflexivo da condição de sujeito, assim como das opressões impostas pelo sistema capitalista. Nos momentos posteriores ao ensaio de cada cena, o grupo refletia sobre protagonismo, abrindo questionamentos acerca do que foi encenado e da importância de sujeitos e sujeitas que iam sendo construídos a cada performance. Ferramentas como o teatro são acessíveis a pessoas de qualquer idade, classe e segmento social, e configuram-se como pedagogias educacionais e de vida. Um estudo entre classes sociais, pensando o trabalho de Boal (1980, 2002), aparece como passível de levantar interessantes problematizações, somando-se ao estudo presente, o que pode vir a ser implementado como desdobramento desta pesquisa com o público atendido pelo NIETI.

Portanto, para o futuro, pois o trabalho com o grupo não se encerra com o fechamento da tese, o desejo é inserir o Teatro-Fórum de Boal (2002) como ferramenta de ensino-aprendizagem no curso de francês, em que o ‘curinga’ vem como peça-chave para a execução das ações. É ele quem explica ao público a cena a ser apresentada e a proposta ali inserida, e convida os espectadores a subirem no palco para realizar possíveis modificações no ato cênico. O objetivo será, apoiando-nos em Desgranges (2006, p. 70), “ajudar o espectador a se transformar em protagonista da ação dramática, para que, em seguida, utilize em sua vida as ações que ensaiou na cena”. Entendemos se tratar de um desafio que necessitará de estudo e treino para ser realizado pelo grupo da

terceira idade. De toda forma, o fazer teatral mostrou ser um importante instrumento de reflexão sobre a construção de subjetividades, pois contou com o engajamento de cada pessoa envolvida, desde professores, a colaboradores e anfitriões. Ao final das apresentações, muitas eram as críticas positivas, construtivas e altamente motivadoras que surgiam, mas o diferencial foi a percepção dos anfitriões de que aquelas vivências se tornaram um referencial em suas trajetórias de vida.

Na busca por tentar compreender o processo de envelhecimento da população pesquisada, direcionei meu olhar para as individualidades, as subjetividades dos anfitriões e anfitriãs, como também para a sociabilidade, as trocas e as construções do grupo. No desenvolver do estudo, entendi que as experiências do envelhecer são heterogêneas – entendi que não existe uma velhice homogênea e que o envelhecimento ativo propagado aos quatro ventos deixa de lado importante fatia da população idosa que não consegue se beneficiar de políticas públicas criadas para este fim. O envelhecer passa então a ser entendido como um processo que gira em torno da pessoa 60+, mas que envolve seus familiares, a sociedade em geral, o governo, e poderia estar no centro do interesse das outras gerações por ser o futuro provável. Nos confrontamos, então, com a ideia de construção social dos ciclos da vida (DEBERT, 2010, p. 52), a partir das teorias acessadas.

O apagamento das fronteiras que separavam juventude, vida adulta e velhice e das normas que indicavam o comportamento apropriado aos grupos de idade é, segundo Moody (1993), o reflexo de uma sociedade pós-fordista, marcada pela informatização da economia, pela desmassificação dos mercados de consumo, da política, da mídia e da cultura, e pela fluidez e multiplicidade de estilos de vida, frutos de uma economia baseada mais no consumo do que na produtividade (DEBERT, 2010, p.60-61).

Verificamos que as construções sociais não são aleatórias e servem a interesses diversos, sobremaneira, aos interesses econômicos de consumo. Reconhecemos que a distribuição de renda do país não acontece de maneira equânime, com uma parcela minoritária da população concentrando a riqueza e com uma parcela majoritária dependente de políticas públicas que as alcancem. Estes são fatos. A pesquisadora Mirian Goldenberg (2013, 2016, 2021) nos mostra uma velhice que não é o padrão do nosso país (representada por pessoas de classes mais favorecidas economicamente), mas sim, uma variação, uma entre tantas velhices. A velhice que eu encontrei em campo se

aproxima bastante da que ela discute, e por isso me ancorei muitas vezes em suas proposições para pensar o meu campo – uma velhice com privilégios em muitos aspectos. Busquei a colaboração de Beauvoir (1976) para minha compreensão dos estudos sobre envelhecimento, pelo fato de as contribuições da escritora darem visibilidade a esse momento da vida. Pela pluralidade da categoria ‘velhice’, foi necessário trazer uma discussão de bela velhice (GOLDENBERG, 2013, 2016, 2021) e mostrar um ‘metaverso’ dentro do já conhecido e debatido envelhecimento humano.

O que se entende então como ‘privilégio’ ao nos aproximarmos do fechamento deste estudo? Seria poder vivenciar a velhice de forma plena, com liberdade, construindo projetos para o futuro, acreditando que esse futuro existe, apesar de a cronologia apontar para uma contagem regressiva. Até mesmo isso apressa e fortalece a busca por aquilo que ainda não se pode viver, uma busca por liberdade, felicidade e plenitude, como estudar francês após os 70 ou 80 ou 90 anos de idade. Esta tese não tem, contudo, a ambição de tentar responder a todas as questões que envolvem o envelhecer, mesmo que fossem apenas as diretamente relacionadas ao grupo estudado. Até porque o tema é dinâmico e se atualiza rapidamente. De toda forma, foi possível conhecer um pouco mais esse universo particular de um grupo privilegiado que se permitiu investigar e gerar conhecimento científico para o estudo sobre as idades.

Para mim, enquanto pesquisadora, as descobertas foram transcendentais, por ser meu primeiro trabalho envolvendo velhice(s) e envelhecimento enquanto processos sociais e históricos. Problematizei termos que jamais imaginei que estivessem envolvidos em construções políticas, também do campo da saúde, que há tantos anos arbitra o conhecimento sobre as idades. Permiti que esse novo campo que eu ia descobrindo causasse estranhamento, pois entendo que há riqueza nesse olhar que eu denominaria de *naïve*, me deslumbrando com cada descoberta e aprendizado, por mais doloroso que pudesse ser. Chegando ao final desse empreendimento antropológico, verifico que a categoria ‘idoso’ foi a mais utilizada pelos interlocutores para sua autodesignação, levando-me a entender que segundo eles, o idoso é uma pessoa de mais idade, que passou dos 60, mas que não se vê numa rota descendente na vida.

Cheguei a várias conclusões que vou trazendo, paulatinamente, mas uma inquietação me perseguiu durante todo o percurso deste trabalho, a pressão. Refiro-me à pressão que põem ou que a própria pesquisadora impõe sobre os seus ombros ao desenvolver sua pesquisa, por vê-la como algo individualizado e personalizado. Assim

como aconteceu com o trabalho de Malinowsky ([1922]1976), que é personagem icônico na antropologia e especialista sobre a população que estudou, também a pesquisadora que escreve esta tese tenderá a ser vista como especialista no tema investigado junto a uma determinada sociedade, e será avaliada por isso. Essa pressão só alivia um pouco quando se entende que a subjetividade faz toda a diferença sobre as análises dos resultados, e que não existe um certo nem um errado, apenas um ângulo de visão orientado por teorias também impregnadas de subjetividades e ideologias.

Uma das conclusões a que cheguei na construção desta tese (e que eu desconhecia ou não percebia até desenvolvê-la) foi que existe vida após os 60. E mais, que pode existir vida de qualidade, e isso advém de um número considerável de possibilidades e variáveis coletivas e pessoais. Como várias interlocutoras marcaram em suas falas, “tudo é vida” e, enquanto estão vivas, elas apostam em seus futuros vivendo intensamente cada dia, de uma forma que denota as condições favoráveis para gozar de um envelhecimento tranquilo e feliz, mesmo em meio às adversidades habituais da vida e às situações próprias da idade. Afinal, como lembrado pelo anfitrião Joselino, “o mundo prossegue, ele continua girando em todas as épocas da vida”.

Outra conclusão a que cheguei foi de que aprender um novo idioma na terceira idade representa não só uma oportunidade de manter o cérebro ativo, como ainda ocupa o tempo livre após a aposentadoria. Duas perspectivas mereceram destaque nas interlocuções: a oportunidade de estudar uma língua com que se identificam, uma vez que na juventude precisaram trabalhar e se dedicar ao estudo de uma profissão (dando preferência ao idioma inglês); e a realização de um sonho, de poder viajar para o exterior e se comunicar no idioma estrangeiro.

Ressalto que os idosos do NIETI representam um pequeno universo, um grupo com privilégios e podemos encontrar diversas outras abordagens investigativas para esse mesmo perfil de grupo, a depender do objetivo de outros pesquisadores. Destaca-se, no entanto, a facilidade que aquele grupo teve no acesso às ferramentas utilizadas no processo de aprendizagem e da pesquisa por se tratar majoritariamente de pessoas de classe média. Esta mesma realidade poderá não ser tão facilmente encontrada em um grupo formado por pessoas idosas de classes menos favorecidas “para o qual seria necessário demandar a criação de uma política pública com foco na inclusão digital como uma estratégia metodológica educacional” (ANDRADE, DETMERING & ARAÚJO, 2019, p. 208). Nesse outro extremo, há casos em que, ao se aposentar com

salário-mínimo, a pessoa não tem condições de viajar para fora do país. Isso, porém, não a impede de aprender um idioma estrangeiro, de voltar a estudar, de frequentar a universidade, de iniciar novas relações etc. Como vimos no caso da anfitriã fora da curva nesta pesquisa, apesar das dificuldades financeiras e de saúde, ela também criava projetos para o futuro e frequentava o curso presencial de língua francesa de igual para igual com o restante da turma.

Um ponto a destacar é que as pessoas desejavam se manter como uma turma única de francês, por ali serem construídos elos fortes e sólidos a cada dia, se constituindo como uma ‘família’. Esse pertencimento que iam construindo dava sentido às suas existências, a depressão não ocupava mais o centro das atenções nas vidas de alguns, e os planos para o futuro se multiplicavam. Tudo era construído a partir de negociações em conjunto, oportunizando realizar atividades antes impossibilitadas pela rotina de trabalho, pelo cuidado com a casa e com a prole, ou pela busca por estabilidade financeira e profissional. A partir dos vínculos que firmavam, passavam a considerar o espaço universitário como sua ‘segunda casa’. Quando mencionavam que lá era como se fosse ‘minha segunda casa’, era como se quisessem abarcar a ideia de aceitação, de acolhimento, não apenas de quantidade de tempo em contato com aquele espaço. Eles realmente se sentiam em casa, e verbalizavam isso com frequência.

Outro ponto a destacar é que, para a maioria daquelas pessoas, a velhice só existe na cabeça de quem a vê. São pessoas que apesar de aposentadas (ou talvez, até mesmo por esse motivo), estão ali buscando sentido para suas vidas e preenchendo seus dias com atividades as mais variadas. Elas reconhecem, entretanto, que muitos são os problemas que chegam com o avanço da idade, os quais podem ser contornados, desde que a saúde não esteja severamente comprometida. Daí, o conceito de ‘melhor idade’ presente em alguns diálogos e atitudes que compartilhei em campo. Essa se configuraria, então, como a melhor idade para viver e descobrir coisas novas, conhecer pessoas e lugares, aprender idiomas e ampliar o sentido da vida. Inúmeras vezes, apareceram narrativas em que afirmavam estar vivendo o melhor momento de suas vidas, pois podiam viajar, conhecer novas pessoas, estudar, e até aprender uma nova profissão. Demonstravam e verbalizavam a alegria em participar do curso de língua francesa, que consideravam “um achado”. Muito me orgulho de relatos que reconhecem meu esforço em ensinar um idioma estrangeiro a partir de uma didática direcionada

àquele público em específico, e não poderia deixar de mencionar o fato por eu ter desempenhado vários papéis em campo, inclusive o de professora.

As pessoas com quem trabalhei nesta pesquisa não percebiam a terceira idade como velhice, mas como uma etapa da vida em que podem ser e fazer o que quiserem, por já terem adquirido esse direito. Apenas a cronologia em suas vidas serve de alerta para questões próprias da idade. A família e algumas outras instituições, o mundo afinal, dirigem-se a elas de uma maneira muito específica, lembrando a todo o momento que são (estão) velhas ou limitadas, ou mesmo incapacitadas para determinadas questões, o que se sobressaiu nos anos de maior contágio pelo coronavírus. Desse posicionamento do grupo, destaco o preconceito velado em relação à velhice, no sentido de que eles próprios a veem como um momento negativo, desprovido de vida ou de atividade. Parecem querer mostrar que a velhice é o fim, e não se veem nesse lugar.

Um terceiro ponto a destacar é o papel do capital. Este costuma ser um forte balizador da ação humana – algo como, segregar para vender mais, uma vez que a sociedade é desmembrada em vários segmentos etários distintos, com necessidades específicas, inclusive de consumo. É sabido que capital e poder balizam os comportamentos e reforçam os estereótipos, e este seria um tema para um artigo em separado, que poderá ser desenvolvido no futuro. Na verdade, como evidenciado pelas anfitriãs e anfitriões, chegar a este momento da vida representa um início cheio de percalços e novidades, em que são alcançados por um universo de consumo criado especificamente para eles, pensando no seu poder de compra e de escolha.

O foco da reflexão que apresentei foi o ponto de vista de pessoas que, às vezes, se sentiam empurradas para um lugar que não lhes pertencia, ou ao qual não queriam pertencer. Uma das decisões que tomei ao realizar este trabalho, e gostaria de mencionar antes de caminhar para o encerramento do texto, foi o de mencionar os verdadeiros nomes dos interlocutores, os anfitriões e anfitriãs da pesquisa. Problematicizei esta questão ética por entender a sua relevância para a antropologia, pois necessário se faz reconhecer que

temos uma idéia muito mais precisa do que nossos informantes do caráter, usos e conseqüências de nossos artefatos disciplinares (livros e artigos). Assim, que decida pelo anonimato ou não (e há argumentos para ambos lados), a responsabilidade última está com o autor da pesquisa (FONSECA, 2008, p. 50).

Por esse motivo, sinto-me totalmente responsável pela produção textual aqui apresentada. Aos interlocutores, agradeço a colaboração que visa ampliar os estudos sobre as idades e o curso da vida.

Em suma, toda essa discussão em torno de idade, assim como acontece com gênero e raça, por exemplo, desemboca em construções sociais. Tão importante quanto avaliar as políticas públicas e as diretrizes traçadas para as vidas das pessoas acima dos 60 anos é ouvir o que elas têm a dizer sobre esse momento de suas vidas (como se percebem, como percebem o mundo, como percebem que o mundo as trata), e foi isso que tentamos fazer com nosso estudo com alunos do NIETI-UFPB. Por exemplo, a maneira como a minha avó enfrentou a terceira idade em nada se assemelha à maneira como minhas alunas do francês a enfrentam hoje em dia. Seus relatos são únicos, pessoais, individuais, podem se alterar com o passar do tempo e, sem sombra de dúvidas, não são os únicos nem definitivos, nos provocando a elaborar novas reflexões em busca de novos avanços num diálogo constante sobre envelhecimento sob o olhar atento da antropologia e demais ciências sociais, confirmando a heterogeneidade do processo de envelhecer – principalmente, se partirmos da perspectiva de gênero.

O envelhecimento populacional é afetado por inúmeras variáveis, tanto biológicas como sociais, entre as quais a situação de gênero se destaca com particular destaque. O gênero ganha relevância a partir da chamada feminização da velhice, termo que se refere ao predomínio das mulheres nos gráficos populacionais, dadas as mortes mais precoces dos homens; mas também, e principalmente, porque se reconhece que os problemas sociais que enquadram o fenômeno desta transição afetam particularmente as mulheres (MORENO & FLORES. 2023, p. 2).

Por fim, não estão esgotadas as possibilidades acerca de toda a problemática levantada no início da pesquisa. O tema do envelhecimento já é amplamente conhecido e debatido, e a contribuição deste estudo vem no sentido de fornecer uma nova perspectiva sobre velhice a partir da população estudada e sobre a qual não existem outros estudos acadêmicos nesse sentido no âmbito das ciências sociais com estudos sobre projetos de vida na terceira idade. Os testemunhos compartilhados (por representantes da, ou por quem parece pertencer à, ‘geração *ageless*’) são importantes por ajudar na construção de conhecimento, e por permitir conhecer i) os caminhos que veem traçando para alcançar a (beleza da) velhice; ii) outras potencialidades para o

envelhecimento e a velhice na atualidade; e quão extenso é o universo etário da população considerada velha (categoria que comporta mais de três décadas).

Apesar se serem únicos, os testemunhos compartilhados estão inseridos numa dinâmica social. Aqueles são idosos ‘possíveis’, considerando classe social, gênero, raça e contexto histórico. Por exemplo, gerações anteriores à que foi pesquisada fizeram outras velhices, devido as suas características pessoais, mas, essencialmente, em razão do momento histórico-político-social que viveram.

REFERÊNCIAS

- AIDAR, Laura. A história do teatro. *Toda Matéria* [site]. Unesp. 1999. Disponível em: <<https://www.todamateria.com.br/historia-do-teatro/>>. Acesso em: 18 jan. 2024.
- ALMEIDA, A. V. et al. *Perfil das mulheres idosas cuidadoras e os fatores associados à relação de cuidado*. PUC – Rio de Janeiro. O Social em Questão - Ano XXII - nº 43 - Jan a Abr/2019.
- ALMEIDA, Lediane de Pinho Bailon et al. *Características sociais e demográficas de idosos cuidadores e motivos para cuidar da pessoa idosa em domicílio*. Revista Mineira de Enfermagem, MG. 2018.
- ALMEIDA, T.; LOURENÇO, M. L. Reflexões: conceitos, estereótipos e mitos acerca da velhice. *RBCEH*, Passo Fundo, v. 6, n. 2, 2009.
- AMARAL, Ana Karênina de F. J. do; RÊGO, Flávia Luiza C. do; DALLEPIAGGE, Carmem Silvia L.; ANDRADE, Wagner Teobaldo L. de. *LAGEFON e NIETI: comunicação e inclusão social na terceira idade*. DEPARTAMENTO DE FONOAUDIOLOGIA, UFPB. João Pessoa/ PB, 2021.
- ANDRADE, Ítalo R. de C.; DETMERING, Edilza M. M.; ARAÚJO, Allyson C. de. Corporeidade, tecnologias digitais e envelhecimento: ressignificações da terceira idade no processo educacional. *Revista Temas em Educação*. RTE-UFPB (set.-dez.), v. 28, n. 3, 2019.
- ANDRADE, Márcia Andréa Rodrigues. *PESSOAS IDOSAS VIVENDO COM HIV EM GOIÁS: um estudo de gênero, sexualidade e subjetividade*. Orientador: Profa. Dra. Eliane Gonçalves. Tese (Doutorado) - Universidade Federal de Goiás, Faculdade de Ciências Sociais (FCS), Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Goiânia, 2017.
- ANDRÉ, Marli Eliza Dalmazio Afonso de. *Etnografia da prática escolar*. Campinas, SP: Papirus, p.15-26. 2013.
- ASSIS, M.G.; DIAS, R..C.; NECHA, R.M. A universidade para a terceira idade na construção da cidadania da pessoa idosa. In: ALCÂNTARA, A.O.; CAMARANO, A.A.; GIACOMIN. K.C. *Política nacional do idoso: velhas e novas questões*. Rio de Janeiro: Ipea; 2016.
- BAUMAN, Zygmunt. *Identidade: entrevista a Benedetto Vecchi*. Trad. Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005.
- BEAUVOIR, S. *A velhice: realidade incômoda*. (2a ed.). DIFEL, São Paulo. [1976,1990].
- BENEDETTI, Jean. *Stanislavski. A biography*. NY: Routledge, 1988.
- BIRMAN, J. Terceira Idade, Subjetivação e Biopolítica. In: *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, Rio de Janeiro, 22 (4): 1267 – 1282, 2015.
- BOAL, Augusto. *O arco-íris do desejo: o método Boal de teatro e terapia*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.
- BOAL, Augusto. *Teatro do oprimido e outras poéticas políticas*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. 1980.
- BOI TEMPO. *Cultura Inútil: Sobre velhos e velhice*. Publicado em: 30/06/2015. Disponível em: <<https://blogdaboitempo.com.br/2015/06/30/cultura-inutil-sobre-velhos-e-velhice/>>. Acesso em: 24 set. 2023.
- BORGES, Paula Lutiene de Castro; BRETAS, Rose Procópio; AZEVEDO, Silvana Fernandes; BARBOSA, Juliana Magalhães Machado. *Perfil dos idosos frequentadores de grupos de convivência em Belo Horizonte*, Minas Gerais, Brasil. Cadernos de Saúde Pública, n. 24, v.12, p. 2798-2808, 2008.
- BOSI, E. *Memória e Sociedade: Lembranças de Velhos*. 3a ed. São Paulo, Companhia das Letras, 1979.
- BOURDIEU, Pierre. A “JUVENTUDE” É APENAS UMA PALAVRA. Entrevista com Pierre Bourdieu. Extraído de: BOURDIEU, Pierre. 1983. *Questões de sociologia*. Rio de Janeiro: Marco Zero. P. 112-121.
- BOURDIEU, Pierre. L'illusion biographique. In: *Actes de la recherche en sciences sociales*. Vol. 62-63, juin 1986. L'illusion biographique. pp. 69-72.

BRAGA, Sonia Faria Mendes *et al.* *As Políticas Públicas para os Idosos no Brasil: A Cidadania no Envelhecimento*. ANDAP. Salvador, BA. 2008.

BRASIL. *Estatuto do Idoso*. Casa Civil da Presidência da República. Subchefia para Assuntos Jurídicos. LEI No 10.741, DE 1º DE OUTUBRO DE 2003.

BRASIL. *Estatuto da Pessoa Idosa*. Lei nº 14.423 de 2022. Disponível em: <<https://www.planalto.gov.br>>. Acesso em: 28 nov. 2022.

BRITO, F. Mulher chefe de família: Um estudo de gênero sobre a família monoparental feminina. In: *Revista Urutáqua – Revista Acadêmica Multidisciplinar*. ISSN: 1519.6178. 2008.

BRITTO DA MOTTA, A. *A consciência e o despertar de uma sociedade envelhecida*: visão sócio-antropológica do envelhecimento. (Apresentação de Trabalho/Congresso). 1999.

BRITTO DA MOTTA. VIÚVAS: o mistério da ausência. *Estud. interdiscip. envelhec.*, Porto Alegre, v. 7, p. 7-24, 2005.

BRITTO DA MOTTA, A. A atualidade do conceito de gerações na pesquisa sobre o envelhecimento. *Revista Sociedade e Estado* - Volume 25 Número 2 Maio / Agosto 2010.

BROWN, Diana. A OBRIGAÇÃO DE CUIDAR: MULHERES IDOSAS EM UMA COMUNIDADE DE FLORIANÓPOLIS. In: MALUF, Sônia Weidner e TORNQUIST, Carmen Susana (organização). *Gênero, saúde e aflição*: abordagens antropológicas. Florianópolis, Santa Catarina: Letras Contemporâneas, p. 215-271. 2010.

BUCKINGHAM, D. Cultura Digital, Educação Midiática e o Lugar da Escolarização. *Educação e Realidade*, Porto Alegre, v. 35, n.3, 2010.

BUTLER, Judith. *Vida Precária*. Contemporânea, n. 1, p. 1 3-33, jan.-jun., 2011.

CACHIONI, Meire. Universidade da Terceira Idade: das origens à experiência brasileira. In: NERI, Anita Liberalesso; DEBERT, Guita Grin. *Velhice e Sociedade*. Campinas, SP: Papirus, 1999. p. 113-140.

CACHIONI, Meire. *Quem educa os idosos: um estudo sobre os professores de universidades da Terceira Idade*. Campinas, Sp: Alínea, 2003.

CAMARANO, A. A. *Envelhecimento da população brasileira: uma contribuição demográfica*. Rio de Janeiro: IPEA, 2002.

CAMARANO, Ana Amélia; BARBOSA, Pamela. Instituições de Longa Permanência para Idosos no Brasil: do que se está falando? In: ALCÂNTARA, Alexandre de Oliveira; CAMARANO, Ana Amélia; GIACOMIN, Karla Cristina (Org.). *Política Nacional do Idoso: velhas e novas questões*. Rio de Janeiro: IPEA, 2016.

CAMARANO, Ana Amélia; KANSO, Solange; MELLO, Juliana leitão e. Como vive o idoso brasileiro? In: CAMARANO, Ana Amélia; KANSO, Solange; MELLO, Juliana leitão e. *Os novos idosos brasileiros: muito além dos 60?* Rio de Janeiro: IPEA, 2004.

CAMPELO, C. R. *Cal(e)idoscorpos*: um estudo semiótico do corpo e seus códigos. São Paulo: Annablume, 1996.

CARDIM, N.; SANTOS, S. R. M. S. *A arte de ensinar no ciberespaço*. 2014. Disponível em: <<https://www.redalyc.org/journal/5606/560658991004/560658991004.pdf>>. Acesso em: 21 dez. 2023.

CARDOSO DE OLIVEIRA, Roberto. *O Trabalho do Antropólogo*. Brasília/ São Paulo: Paralelo Quinze/Unesp, 1998.

CARNEIRO, Rosamaria; FLEISCHER, Soraya. *Em Brasília, mas em Recife*: atravessamentos tecnometodológicos em saúde, gênero e maternidades numa pesquisa sobre as repercussões da epidemia do vírus Zika. *Saúde e Sociedade*, vol. 29, núm. 2, e180600, 2020.

CERRI, Chiara. Dependencia y autonomía: una aproximación antropológica desde el cuidado de los mayores. *Athena Digital*, v. 15, n. 2, p. 111-140, 2015.

CHARMAZ, Kathy; MILLIGAN, Melinda J. Grief. In: STETS, Jan E.; TURNER, Jonathan (eds.) *The handbook of the sociology of emotions*. New York: Springer, 2006.

COSTA, Artur Pereira Q.; DETMERING, Edilza M. M. Valorização Social dos Percursos da Vida em Tempos de Alta Retórica do Idadismo. *Revista Discente Ofícios de Clio*, Pelotas, vol. 6, nº 10 | janeiro – junho de 2021.

COSTA, M. V.; ANDRADE, P. D. *Na produtiva confluência entre educação e comunicação, as pedagogias culturais contemporâneas*. Perspectiva. Florianópolis, v. 33, n. 2, 2015.

COSTA-JUNIOR, Florência M. *et al.* *Gênero e cuidados em saúde: concepções de profissionais que atuam no contexto ambulatorial e hospitalar*. Sexualidad, Salud y Sociedad - Revista Latinoamericana, n. 23, p. 97-117, ago. 2016. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/1984-6487.sess.2016.23.04.a>>. Acesso em: 30 mar. 2021.

D'ALENCAR, Raimunda Silva. *Ações educativas para idosos nas universidades*. Mesa redonda. 06 out., 2016. VI Congresso Latin American Research Network On Ageing (LARNA). Universidade Estadual de Ponta Grossa. 4-7 out., 2016.

DAMÁSIO, Ana Clara Sousa (DAN-UnB). “*Nem precisa ler o que tá escrito, mas olha as fotos de mãe aí!*”: notas etnográficas sobre devolução em campo e família. 33ª REUNIÃO BRASILEIRA DE ANTROPOLOGIA. 28/agosto a 03/setembro 2022. Evento online. GT68: Reflexões e práticas sobre a restituição de dados da pesquisa antropológica. Coordenação Jaqueline Ferreira (IESC/UFRJ), Soraya Fleischer (UnB). 2022.

DANTAS, M.; OLIVEIRA JÚNIOR, P.; MARQUES, D.; VIANA, M. *Os benefícios da inclusão digital na terceira idade - relato de experiência*. Campina Grande-PB: UEPB, 2014.

DARDENGO, Cassia Figueiredo Rossi; MAFRA, Simone Caldas Tavares. Os conceitos de velhice e envelhecimento ao longo do tempo: contradição ou adaptação? *Revista de Ciências Humanas*, vol. 18, n. 2, jul./dez. 2018.

DAYRELL, J. *Projeto de vida e escola: a instituição escolar desconsidera o jovem por trás do aluno*. Onda Jovem, 1(1), 34-37. 2005.

DEBERT, Guita G., Família, Classe Social e Etnicidade: Um balanço da bibliografia sobre experiência de envelhecimento. In: *BIB – Boletim Informativo e Bibliográfico de Ciências Sociais*, ANPOCS, nº 33, 1992.

DEBERT, Guita G. A invenção da terceira idade e a rearticulação de formas de consumo e demandas políticas. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*. São Paulo. 1994.

DEBERT, Guita G. *A invenção da velhice: socialização e reprivatização do envelhecimento*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, FAPESP, 1999.

DEBERT, Guita G. *Velhice e sociedade*. Campinas: Papirus, 1999.

DEBERT, Guita G. *A Reinvenção da Velhice: socialização e processos de reprivatização do envelhecimento*. São Paulo: Fapesp, 1999. 272p.

DEBERT, Guita. G. *A cultura adulta e juventude como valor*. XXVIII Encontro Anual da ANPOCS. Caxambu, Hotel Glória, 26 a 30 de out./2004.

DEBERT, Guita. G. A DISSOLUÇÃO DA VIDA ADULTA E A JUVENTUDE COMO VALOR. *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, ano 16, n. 34, p. 49-70, jul./dez. 2010

DEBERT, Guita G. *Trabalho e Gênero: Controvérsias*, Dossiê. São Paulo: Tempo social. 2014.

DNA-Conteúdo digital. Disponível em: <<https://dnaconteudo.com/treinamento-e-desenvolvimento/programas-educacao-continuada>>. Acesso em: 28 fev. 2022.

DUARTE, Franciely Fernandes. “*QUANDO CHEGA A IDADE*”: EXPERIÊNCIAS DE ENVELHECIMENTO NA COMUNIDADE NOSSA SENHORA DA GUIA, LUCENA/PB. Dissertação apresentada ao Programa Pós-Graduação em Sociologia – Universidade Federal da Paraíba. Orientada por Prof.ª Dr.ª Ednalva Maciel Neves. PB – 2017.

DUARTE, Yeda Aparecida de Oliveira; BERZINS, Marília Anselmo Viana da Silva; Giacomini, Karla Cristina. *POLÍTICA NACIONAL DO IDOSO: AS LACUNAS DA LEI E A QUESTÃO DOS CUIDADORES*. São Paulo. 2016. Disponível em: <<http://repositorio.ipea.gov.br>>. Acesso em: 20 jul. 2021.

- DUBET, François. “A formação dos indivíduos: a Desinstitucionalização”. *Revista Contemporaneidade e Educação*, ano 3, v. 3. Pp. 27-33, 1998.
- ELTZ, G.D., ARTIGAS, N.R., PINZ, D.M., MAGALHÃES, C.R. Panorama Atual das Universidades Abertas à Terceira Idade no Brasil. *Revista Kairós Gerontologia*, 17(4), pp.83-94. ISSN 1516-2567. ISSNe 2176-901X. São Paulo (SP), Brasil: FACHS/NEPE/PEPGG/PUC-SP. 2014.
- FAVRET-SAADA, Jeanne 1990 “Être Affecté”. In: Gradhiva: Revue d’Histoire et d’Archives de l’Anthropologie, 8. pp. 3-9. Tradução de Paula Siqueira e Tânia Stolze Lima. *Cadernos de Campo* n. 13: 155-11, [1990]2005.
- FEIXA, Carles. Antropología de las edades. In: PRAT & MARTÍNEZ (orgs.). *Ensayos de Antropología Cultural*. Homenaje a Claudio Esteva-Fabregat. Barcelona, Ariel, 1996.
- FERRIGNO, J.C. *Co-educação entre gerações*. Petrópolis (RJ): Vozes, 2003.
- FLEISCHER, Soraya; FRANCH, Mônica. UMA DOR QUE NÃO PASSA: Aportes teórico-metodológicos de uma Antropologia das doenças compridas. *POLÍTICA & TRABALHO*. Revista de Ciências Sociais, nº 42, p. 13-28. Janeiro/Junho de 2015.
- FONSECA, Claudia. *O anonimato e o texto antropológico: dilemas éticos e políticos da etnografia ‘em casa’*. In: Teoria e Cultura, v. 2, n. 1, p. 39-53, 2008.
- FOUCAULT, M. *Dits et écrits*. Paris: Gallimard, Vol. IV, pp. 783-813, Trad. Karla Neves e Wanderson Flor do Nascimento. 1994.
- FOUCAULT, M. *O corpo utópico, as heterotopias*. São Paulo: N-1 Edições, 2013.
- FRANCH, Mônica. De Tempos em Tempos: Reflexões sobre a Categoria Tempo nos Estudos sobre Juventudes. *Revista TOMO*, São Cristóvão, Sergipe, Brasil, n. 32, p. 99-128, jan./jun. ISSN: 1517-4549. 2018.
- FRANGELLA, S.; RUI, T. *CORPOS PRECÁRIOS: apontamentos para a relação entre corpo e cidade*. REVISTA DE CIÊNCIAS SOCIAIS - POLÍTICA & TRABALHO, 1 (47), 23-38. 2018. Disponível em: <<https://doi.org/10.22478/ufpb.1517-5901.2017v1n47.36734>>. Acesso em: 30 mar. 2021.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia do Oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia da indignação: cartas pedagógicas a outros escritos*. São Paulo: UNESP, 2000.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia da esperança*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2006.
- FREITAS, M. C.; QUEIROZ, T. A.; DE SOUSA, J. A. V. *O significado da velhice e da experiência de envelhecer para os idosos*. *Revista da Escola de Enfermagem da USP*, 44(2), 407-412. 2010.
- FREUD, Sigmund. Nossa atitude para com a morte. Reflexões para os tempos de guerra e morte. Trad. J. Salomão. In: FREUD, Sigmund. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, v. 14, (1915) 1996.
- GOLDANI, Ana Maria. *Desafios do “preconceito etário” no Brasil*. Educ. Soc., Campinas, v. 31, n. 111, p. 411-434, abr.-jun. 2010.
- GOLDENBERG, Mirian. Corpo, envelhecimento e felicidade na cultura brasileira. *Revista Contemporânea*, Ed. 18, Vol. 9, n. 2. 2011.
- GOLDENBERG, Mirian. *Mulheres e envelhecimento na cultura brasileira*. In: Caderno Espaço Feminino, Uberlândia – MG, 25(2):46-56, 2012. ISSN: 19813082. Instituto de Estudos de Saúde Suplementar. Envelhecimento populacional e os desafios para o sistema de saúde brasileiro. São Paulo, 2013. ISBN: 978-85-66752-00-7.
- GOLDENBERG, Mirian. *A bela velhice*. Rio de Janeiro: Record; 2013.
- GOLDENBERG, Mirian. (Org.). *Velho é lindo!* Rio de Janeiro, RJ: Editora Civilização Brasileira. 2016.
- GOLDENBERG, Mirian. *Lutar contra a velhofobia é lutar pela nossa própria velhice*. Entrevista à Revista Pública - Agência de Jornalismo Investigativo. 2020. Disponível em: <<https://apublica.org/2020/06/mirian-goldenberg-lutar-contr-a-velhofobia-e-lutar-pela-nossa-propria-velhice/>>. Acesso em: 15 set. 2021.

- GOLDENBERG, Mirian. *A invenção de uma bela velhice: projetos de vida e a busca da felicidade*. 1ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2021.
- GROISMAN, Daniel. *Asilos de velhos: passado e presente*. Estudos Interdisciplinares sobre o Envelhecimento, Porto Alegre, v.2, p.67-87, 1999.
- GROISMAN, Daniel. *O cuidado enquanto trabalho: envelhecimento, dependência e políticas para o bem estar no Brasil*. Rio de Janeiro, 2015. Tese (Doutorado em Serviço Social) - Escola de Serviço Social, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2015.
- GROTOWSKI, Jerzy. *Em busca de um teatro pobre*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1971.
- GUEDES, Eduardo Rosa. *A EPISTEME REFLEXIVA APLICADA AO TEMPO SOCIAL: OBSERVAÇÃO DA INTERAÇÃO ENTRE TEORIA SOCIOLÓGICA, TECNOLOGIA E MUDANÇA NO TEMPO SOCIAL*. Tese de Doutorado apresentada ao Programa de PósGraduação em Sociologia do Instituto de Filosofia, Sociologia e Política da Universidade Federal de Pelotas-RS. Orientador: Prof. Dr. Léo Peixoto Rodrigues. 2023.
- GUILLEMARD, Anne-Marie. *La politique d'intégration de la vieillesse*. Paris, EHESS, 1976.
- HALL, Stuart. *Identidades culturais na pósmodernidade*. Rio de Janeiro: DP & A, 1997.
- HAREVEN, Tamara. Changing images of aging and the social construction of the life course. In: Featherstone, Mike; Wernick, Andrew (Org.). *Images of aging: cultural representations of later life*. London Routledge. p.119-135. 1995.
- HAREVEN, Tamara. Novas imagens do envelhecimento e a construção social do curso da vida. *Cadernos PAGU*, 13, pp. 11-36, 1999.
- HENNING, C. E. *Tiozões, paizões, tias e cacuras: envelhecimento, meia idade, velhice e homoerotismo masculino na cidade de São Paulo*. 422 fls. Tese (Doutorado em Antropologia Social). Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP. 2014.
- HENNING, CARLOS EDUARDO; FERREIRA, D.; SCARTEZINI, G. C. B. F. Estudantes e servidores de Universidades Federais com 60 anos de idade ou mais. Pesquisas sobre reconfigurações no curso da vida. *Revista Longeviver*, v. Ano V, p. 36-43, 2023.
- HINE, C. *Virtual ethnography*. Londres: Sage. 2000.
- HIRATA, H. *Subjetividade e sexualidade no trabalho de cuidado*. Cadernos Pagu, Campinas, SP, n. 46, p. 151-163, 2016.
- IBGE. *Atlas do censo demográfico 2010*. Livro ISBN: 9788524042812. 2013.
- INSTITUTO PARAIBANO DO ENVELHECIMENTO (IPE). *RELATÓRIO 2019-2020*. UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA. João Pessoa-PB, 2020.
- JORNAL DA PARAÍBA. *Envelhecer: entenda os vários significados da velhice*. Disponível em: <<https://jornaldaparaiba.com.br/saude/envelhecer-entenda-os-varios-significados-da-velhice/>>, publicado em 15/09/2023. Acesso em: 19 de set. de 2023.
- KATZ, Steven. Imagining the life-span: from premodern miracles to postmodern fantasies. In: Featherstone, Mike; Wernick, Andrew (Org.). *Images of aging: cultural representations of later life*. London: Routledge. p.61-79.1995.
- KNAUTH, Daniela Riva; MEINERZ, Nádia Elisa. Reflexões acerca da devolução dos dados na pesquisa antropológica sobre saúde. *Revista Ciência & Saúde Coletiva*, 20(9):2659-2666, 2015.
- KOZINETTS, Robert V. Cap. 3. *Researching Online: Methods*. SAGE Publications, London, pp. 41-57. 2010.
- KROHLING PERUZZO, Cicilia M. Pressupostos epistemológicos e metodológicos da pesquisa participativa: da observação participante à pesquisa-ação. *Estudios sobre las Culturas Contemporáneas*, vol. XXIII, 3, 2017. Universidad de Colima, México. Disponible en: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=31652406009>.
- LEÃO, G.; DAYRELL, J. T.; DOS REIS, J. B. *Juventude, projetos de vida e ensino médio*. Educação & Sociedade, v. 32, n. 117, p. 1067-1084, 2011.

- LECCARDI, Carmen. Por um novo significado do futuro mudança social, jovens e tempo; *Tempo Social, revista de sociologia da USP*, v. 17, n. 2. 2005.
- LEIPNITZ, Luciane *et alli*. A intervenção teatral e a construção de subjetividades no espaço escolar. *PragMATIZES Revista Latino-Americana de Estudos em Cultura*, Niterói/RJ, Ano 12 n. 22, p. 351-372, mar. 2022.
- LINS DE BARROS, Myriam M. *Autoridade e Afeto: avós e netos na família brasileira*. Rio de Janeiro: Vozes. 1997.
- LINS DE BARROS, Myriam M. Trajetória dos estudos de velhice no brasil. *Sociologia, Problemas e Práticas*, n.º 52, 2006.
- LINS DE BARROS, Myriam M. Tempo de vida, tempo de festas. *Revista Feminismos*. Vol.6, N.2, Mai. – Ago. 2018.
- LONGHI, Marcia Reis. Dependência, autonomia, cuidado e velhice: considerações sob o prisma das políticas públicas. In: CASTRO, Rosana; ENGEL, Cíntia; MARTINS, Raysa (orgs.). *Antropologia, saúde e contextos de crise*. Brasília: Sobrescrita, 2018b.
- LONGHI, Marcia Reis. OS DILEMAS DE RUTH: CONEXÕES ENTRE SAÚDE, FAMÍLIA E CUIDADOS. *Revista Mundaú*, 2019, n.6, p. 145-158.
- MALINOWSKI, B. *Argonautas do Pacífico Ocidental*. São Paulo: Abril Cultural, [1922]1976.
- MARGULIS, M.; URRESTI, M. La juventud es más que una palabra. In: ARIOVICH, L. et al. *La juventud es más que una palabra: ensayos sobre cultura y juventud*. Buenos Aires: Biblos, 1996.
- MARIANO, Silvana A.; MACÊDO, Márcia dos S. Desigualdades e interseccionalidades: deslindando a complexa trama das hierarquias e agenciamentos. Dossiê - DESIGUALDADES E INTERSECCIONALIDADES. *Mediações*, Londrina, V. 20 N. 2, p. 11-26, Jul./Dez. 2015.
- MARTIN, Denise; SPINK, Mary Jane; PEREIRA, Pedro Paulo Gomes. Corpos múltiplos, ontologias políticas e a lógica do cuidado: uma entrevista com Annemarie Mol. *COMUNICAÇÃO SAÚDE EDUCAÇÃO* 2018; 22(64):295-305.
- MARTÍN-PALOMO, María Teresa. *Autonomía, dependencia y vulnerabilidad en la construcción de la ciudadanía*. Universidad Carlos III de Madrid. Abendua. 2010.
- MAUSS, Marcel. *As técnicas do corpo*. In: Sociologia e Antropologia. São Paulo: Cosac & Naify, pp.399-422. [1934] 2003.
- MAUSS, Marcel. *Ensaio sobre a dádiva*. São Paulo, Cosac e Naify. [1950]2003.
- MAUSS, Marcel. *Sociologia e antropologia*. São Paulo, Cosac e Naify. 2003.
- MCLUHAN, M. *Os meios de comunicação como extensões do homem*. São Paulo: Cultrix, 1964.
- MESQUITA, Paula. *Envelhecimento feminino: Estilo de vida, afetividade e sexualidade aos 60*. 2014. 189f. Tese (Doutorado em sociologia) - Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2014.
- MESEDER, Suely Aldir. A pesquisadora encarnada: uma trajetória decolonial na construção do saber científico blasfêmico. In: *Pensamento feminista hoje: perspectivas decoloniais / organização e apresentação Heloisa Buarque de Hollanda*. 1. ed. - Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2020.
- MILLER, Daniel. *Trecos, troços e coisas: estudos antropológicos sobre a cultura material*. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.
- MIRANDA, Rosario Garcia. *Movilización del conocimiento en el binomio cuidadores no profesionales-pacientes oncológicos en México*. Tesis de Doctorado en Antropología Social, Doutoramento no Centro de Investigaciones y Estudios Superiores en Antropología Social. San Cristóbal de Las Casas, CIESAS, Sureste, 2020.
- MOL, Annemarie. *The logic of care. Health and the problem of patient choice*. London, New York: Routledge, 2008.
- MORENO, Rosa Jazmín González; FLORES, Yesica Yolanda Rangel. Vivências sobre el cuidado en la vejez, análisis desde la gerontología crítica feminista. *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis-SC, 2023.

MORIN, Edgar. *Cultura de massas do século XX: o espírito do tempo II: necrose*. Rio de Janeiro: Editora Forense Universitária, 2006.

MÜLLER, Elaine. *A IDADE DO OLHAR* Implicações da condição etária do/a pesquisador/a de juventudes. 30º ENCONTRO ANUAL DA ANPOCS, ST05 – Juventude: sexualidade, gênero e reprodução. 2006.

MÜLLER, Elaine. *“A transição é a vida inteira”*: uma etnografia sobre os sentidos e a assunção da adultez. Tese (doutorado). Universidade Federal de Pernambuco. CFCH. Antropologia, 2008.

MÜLLER, Elaine. *Repensando a problemática da transição à adultez*: Contribuições para uma Antropologia das Idades. Política & Trabalho, Revista de Ciências Sociais, n. 31, Setembro de 2009.

MÜLLER, Elaine. O CONCEITO DE TRANSIÇÃO E O CURSO DA VIDA CONTEMPORÂNEO. *Revista Feminismos*, vol.1, N.3. NEIM-UFBA. Set/Dez 2013.

NOWOTNY, Helga. *Le temps à soi. Genèse et structuration d'un sentiment du temps*. Paris: Éditions de la Maison des sciences de l'homme, 1992.

NOWOTNY, Helga. *Tempo privato*. Origine e struttura del concetto di tempo. G. Panzieri (Traduttore). Bologna. Editore : Il Mulino. 1993.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS. *Plano de ação internacional contra o envelhecimento, 2002/Organização das Nações Unidas*; tradução de Arlene Santos. — Brasília: Secretaria Especial dos Direitos Humanos, 2003. — 49 p. : 21 cm. – (Série Institucional em Direitos Humanos; v. 1).

PACHECO, J.L. As universidades abertas à terceira idade como espaço de convivência entre gerações. In: SIMSON, O.R.M.V.; NERI, A.L.; CACHIONI, M. (orgs.) *As múltiplas faces da velhice no Brasil*. Campinas: Alínea, 2003.

PALMA, L.T.S. *Educação permanente e qualidade de vida*: indicativos para uma velhice bem-sucedida. Passo Fundo (RS): UPF. 2000.

PEIRANO, M. *Etnografia ou a teoria vivida*. Revista Ponto Urbe, São Paulo, v. 2, n. 2, p. 1-10, 2008.

PEIXOTO, C. E. Entre o estigma e a compaixão e os termos classificatórios: velho, velhote, idoso, terceira idade... In: LINS DE BARROS, M. (orgs.). *Velhice ou terceira idade?* Estudos antropológicos sobre identidade, memória e política. Rio de Janeiro: Editora FGV, 1998.

PERALVA, Angelina Teixeira e SPOSITO, Marília Pontes. Quando o sociólogo quer saber o que é ser professor. [Entrevista com François Dubet]. *Revista Brasileira de Educação*. São Paulo: Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo. 1997.

PEREIRA, Alexandre Barbosa. *Quando o antropólogo quer saber o que é ser professor, uma descrição tensa*. In: 26ª Reunião Brasileira de Antropologia, 2008, Porto Seguro. Desigualdade na diversidade, v. 1. p. 1-14. 2008.

PREUCEL, Robert W. *Archaeological semiotics*. Blackwell Publishing. Oxford. 313pp. 2006.

RANGEL, R. P., VARGAS, V. S., & BUSSOLETTI, D. M. Antropologia teatral como metodologia para o ensino de teatro em escola regular. *Revista Trama Interdisciplinar*. 2016. Disponível em: <<https://editorarevistas.mackenzie.br/index.php/tint/article/view/8726>>. Acesso em: 16 jun. 2024.

ROCHA, C.; ECKERT, A. L. ETNOGRAFIA: SABERES E PRÁTICA. In: PINTO, Céli Regina Jardim; GUAZZELLI, César Augusto Barcellos. *Ciências Humanas: pesquisa e método*. Porto Alegre: Editora da Universidade UFRGS, 2008.

SANTANA, Lisiane Lima de. *NEGRAS, VELHAS PESSOAS IDOSAS, EXPERIENTES E ESTUDANTES*: um estudo antropológico das vivências e resistências na Universidade Aberta à Terceira Idade no Brasil. Dissertação – Universidade Federal de Goiás-Goiânia, 2023.

SANTOS, Jozicleide B. dos; SANTOS JUNIOR, Francisco R. dos; PEREIRA, Vagna Cristina L. da S.; LIMEIRA, Lawrencita M. *Perfil de idosos matriculados em cursos promovidos pelo NIETI/UFPA*. VI CONGRESSO INTERNACIONAL DE ENVELHECIMENTO HUMANO. Campina Grande-PB, 2019.

SANTOS, Walkyria Chagas da Silva. A mulher negra brasileira. *Revista África e Africanidades* – Ano 2 - n. 5 - Maio. 2009 - ISSN 1983-2354

- SANTOS, WILKA B. dos. *ENCONTROS E DESPEDIDAS: O “envelhecimento ativo” a partir das práticas de mulheres idosas em João Pessoa*. Tese apresentada ao programa de Pós-Graduação em Sociologia da UFPB. Orientadora: Mônica Franch. 2021.
- SCHECHNER, Richard. Pontos de contato entre o pensamento antropológico e teatral. Tradução: ANA LETÍCIA DE FIORI. *Cadernos de campo*, São Paulo, n. 20, p. 1-360, 2011.
- SCHLEDER DE BORBA, L. O impacto cognitivo do bilinguismo no envelhecimento e a aquisição de segunda língua por aprendizes idosos. *Signo*, 45(82), 112-123. 2020.
- SCHUCH, Patrice; VÍCTORA, Ceres; SIQUEIRA, Monalisa D. Cuidado e controle na gestão da velhice em tempos de Covid-19. *DILEMAS: Revista de Estudos de Conflito e Controle Social* – Rio de Janeiro – Reflexões na Pandemia 2020 – pp. 1-14. 2020.
- SCORSOLINI-COMIN, Fábio. O CAMPO MINADO: RECOMENDAÇÕES ÉTICO-METODOLÓGICAS PARA A PESQUISA EM ETNOPSICOLOGIA. VÍNCULO - *Revista do NESME* – V. 17 no. 2. 2020.
- SCOTT, P. *Famílias brasileiras: poderes, desigualdades e solidariedades*. Recife: UFPE – Imprensa Universitária, 2011.
- SENNETT, Richard. *A corrosão do caráter – consequências pessoais do trabalho no novo capitalismo*. 16ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2015 [formato eletrônico].
- SILVA, Flora Moritz da; ROCHA, Rudimar Antunes da. *Como funcionam as universidades da terceira idade no Brasil?* XIX COLÓQUIO INTERNACIONAL DE GESTÃO UNIVERSITÁRIA. Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis. 2019.
- SILVA, Kátia R. *SENHORES (AS) DE SI? VELHICE, POLÍTICAS PÚBLICAS E PARTICIPAÇÃO ENTRE IDOSOS INSERIDOS EM GRUPOS E ASSOCIAÇÕES*. Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia, CCHLA-UFPB. Orientada pela Profª. Dr.ª Mônica Lourdes Franch Gutiérrez. UFPB. 2017.
- SILVA, Luna R. F. “Autonomia, imperativo à atividade e “máscara da idade”: prerrogativas do envelhecimento contemporâneo?”. Rio de Janeiro, *Psicologia & Sociedade*; 21 (1): 128-134, 2009.
- SIQUEIRA, Monalisa D. de. *“Vivendo bem até mais que 100”: envelhecimento, saúde e políticas públicas para idosos no Brasil*. Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Orientadora: Profª Drª Ceres Gomes Victora. Porto Alegre, 2014.
- SOARES, Cristiane L. R. *ENTRE VIVER PARA SI E VIVER PARA OS OUTROS: ENVELHECIMENTO FEMININO E INDIVIDUALIZAÇÃO*. Tese apresentada ao programa de pós-graduação em Sociologia – Universidade Federal da Paraíba. Orientada por Profª Dr.ª Tereza Correia da Nóbrega Queiroz. PB – 2013.
- SOARES, Bernardo Luiz Antunes; DETMERING, Edilza Maria Medeiros; MACHADO, Bruna Leite; RÊGO, Flávia Luiza Costa do. O ENSINO DE LÍNGUA FRANCESA PARA A TERCEIRA IDADE: DESAFIOS E DESCOBERTAS. In: FRAGA, Katia Ferreira; KOFFMANN, Rossana Souto Lima; SANTOS, Nyeberth Emanuel Pereira dos (orgs) *ENSINO DO FRANCÊS COMO LÍNGUA ESTRANGEIRA: uma contribuição da APFPB*. 1ª ed / Uberlândia–MG: Editora Projétium, 2022.
- STEPANSKY, D. Velhice, imaginário e cidadania. In: VILLAÇA, F. G., KOSOVSKY, E. (Orgs.). *Que corpo é esse?*, Rio de Janeiro: Mauad, 2012, p. 155-170.
- SUASSUNA, Daniella de S. B. *TERESA AQUINO: HISTÓRIAS E MEMÓRIAS DO DEBATE EDUCACIONAL DA GERONTOLOGIA NA PARAÍBA (1991-2005)*. Dissertação apresentada para defesa do Curso de Mestrado em Educação do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal da Paraíba. JOÃO PESSOA – PB. 2009.
- TESSER, Charles D. Medicalização social (I): sucesso do epistemicídio moderno na saúde. *Revista Interfaces, Comunic, Saúde, Educ*, v.9, n.18, p.61-76, jan/jun 2006.
- TORNQUIST, Carmen S. Vicissitudes da subjetividade. In: BONETTI, Alinne; FLEISCHER, Soraya (Orgs.). *Entre saias justas e jogos de cintura*. Florianópolis: Ed. Mulheres; Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2007.

TRINDADE, L.; GICO, V. Tecnologias da Informação, Terceira Idade e Educação. In: *XXXII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação*, Curitiba: INTERCOM, 2009.

TRONTO, Joan. ASSISTÊNCIA DEMOCRÁTICA E DEMOCRACIAS ASSISTENCIAIS. *Sociedade e Estado*, Brasília, v. 22, n. 2, p. 285-308, maio/ago. 2007.

TRONTO, Joan. *Caring Democracy*. New York University Press: New York. 2013.

TRONTO, Joan. *¿Riesgo o cuidado?* 1ª ed. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Fundación Medifé Edita, 2020. Libro digital, EPUB (Horizontes del cuidado / 4). Tradução: Agustina Blanco. Título original *Le risque ou le care ?* ©2020.

TSING, Anna. *Viver nas ruínas: paisagens multiespécies no Antropoceno*. Brasília: IEB Mil Folhas, 2019.

VARGAS, Milton. *Para uma filosofia da tecnologia*. São Paulo: Alfa - Omega, 1994.

VELHO, Gilberto. *Projeto e metamorfose: antropologia das sociedades complexas* Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. [1994], 2003.

VELHO, Gilberto. *Individualismo e cultura*. 7. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

VELHO, Gilberto. *Subjetividade e sociedade: uma experiência de geração* (4a ed.). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. 2006.

VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. *A Inconstância da Alma Selvagem e outros ensaios de antropologia*. São Paulo: Cosac & Naif, 2002.

WACQUANT, L. *Corpo e Alma – Notas Etnográficas de um Aprendiz de Boxe*. Rio de Janeiro: Relume Dumará. 294 pp. 2002.

REFERÊNCIA ELETRÔNICA

Beatriz Labate e Pedro Cesarino, «Mito, Antropologia e Teatro: Entrevista com o Antropólogo Pedro Cesarino», Ponto Urbe [Online], 7 | 2010, posto online no dia 31 dezembro 2010, consultado o 12 junho 2024. URL: <http://journals.openedition.org/pontourbe/1663>; DOI: <https://doi.org/10.4000/pontourbe.1663>

A N E X O 1 – Formulário de inscrição do NIETI.

 UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA PRÓ-REITORIA DE EXTENSÃO COORDENAÇÃO DE PROGRAMAS DE AÇÃO COMUNITÁRIA	 PROEX PRÓ-REITORIA DE EXTENSÃO/UFPB
---	---

NÚCLEO INTERGRADO DE ESTUDOS E PESQUISA DA TERCEIRA IDADE

Ficha de Inscrição

Nome Completo:

Sexo: masculino () Feminino () Como prefere denominar:

Data de nascimento: ____/____/____

Estado Civil:

Escolaridade:

Profissão:

Endereço completo:

Fone para contato:

Email:

RG:

CPF:

Atividade pretendida no ano de 2021:

- | | |
|--------------------------|---|
| 1. Curso de Informática | () Turma 1 às 15h () Turma 2 às 16h () 6ª. feira |
| 1. Curso de Francês | () Turma Única 5a. feira 14h. |
| 2. Oficina de Fotografia | () Turma Única 4ª. feira 9h. |

João Pessoa, de 2021.

Assinatura do Aluno (a)